

Laura Sagnier, coord.

Alex Morell, coord.

Marta Mesa

Gloria Yanguas

Raúl Morcillo

Beatrice Baumberger

Susana Torres

Emilio Torres

Este estudo é pioneiro tanto pela amplitude do *target* que representa (2,7 milhões de mulheres entre os 18 e os 64 anos), como pela diversidade das temáticas investigadas: as características, os hábitos e as atitudes perante a vida, a relação com a pessoa parceira, os filhos e as filhas, o trabalho pago, o trabalho não pago, a família de origem, as pessoas amigas, a situação económica, o assédio moral no trabalho, o assédio sexual, a violência doméstica e de género, etc.

Com base nos resultados decorrentes de um abrangente inquérito, procedeu-se a uma análise sustentada sobre as *frentes* que as mulheres têm na vida, o seu ciclo de vida e as dificuldades de conciliação sentidas pelas mulheres activas no mercado de trabalho. Com este estudo, a Fundação e a PRM esperam contribuir para fomentar uma reflexão crítica e construtiva sobre os papéis desempenhados pelas mulheres e pelos homens na sociedade portuguesa.



# As mulheres em Portugal, hoje

Quem são, o que pensam  
e o que sentem



# **As mulheres em Portugal, hoje: quem são, o que pensam e como se sentem**

Laura Sagnier e Alex Morell, coordenação



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1, 7.º piso  
1099-081 Lisboa  
Telf: 21 001 58 00  
ffms@ffms.pt

Director de publicações: António Araújo  
Título: As mulheres em Portugal, hoje: quem são, o que pensam e como se sentem

Coordenação: Laura Sagnier e Alex Morell  
Consultoras da PRM: Marta Mesa e Beatrice Baumberger  
Analistas da PRM: Raúl Morcillo e Emilio Torres  
Equipa de produção da PRM: Susana Torres e Gloria Yanguas  
Consultoras Científicas: Heloísa Perista e Sara Falcão Casaca

Revisão de texto: João Ferreira  
Design: Inês Sena  
Paginação: Guidesign

© Fundação Francisco Manuel dos Santos e os autores  
Fevereiro de 2019

ISBN: 978-989-8943-72-9

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade dos autores e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. Os autores desta publicação não adoptaram o novo Acordo Ortográfico. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada ao autor e ao editor.

# Índice

**Introdução** 5

## **Parte 1**

**Mulheres consideradas na investigação** 7

## **Parte 2**

**Temáticas investigadas e o que foi inferido a partir delas** 11

## **Parte 3**

**Principais conclusões** 15

## **Parte 4**

**Resultados da investigação** 37

### **Capítulo 1**

**Principais resultados sobre quem são as mulheres, os seus hábitos e formas de ser e atitudes perante a vida** 38

### **Capítulo 2**

**Principais resultados sobre a pessoa parceira** 82

### **Capítulo 3**

**Principais resultados sobre os/as filhos/as** 126

### **Capítulo 4**

**Principais resultados sobre o trabalho pago** 164

### **Capítulo 5**

**Principais resultados sobre o trabalho não pago** 204

### **Capítulo 6**

**Principais resultados sobre a família de origem, pessoas amigas, contexto e circunstâncias pessoais** 252

### **Capítulo 7**

**Principais resultados sobre as frentes que há na vida das mulheres** 276

### **Capítulo 8**

**Principais resultados sobre o ciclo de vida das mulheres** 288

### **Capítulo 9**

**Principais resultados sobre a conciliação do trabalho pago com a vida pessoal/familiar** 302

### **Capítulo 10**

**Principais resultados sobre até que ponto as mulheres se sentem felizes** 326

### **Capítulo 11**

**Principais resultados sobre as “situações de vida” identificadas entre as mulheres** 360

# Introdução

Neste livro resumem-se os principais resultados da investigação “quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres em Portugal” bem como as conclusões a que chegou a equipa multidisciplinar que nela participou.

A Fundação Francisco Manuel dos Santos teve a ideia de levar a cabo esta investigação quando chegou às suas mãos um exemplar do estudo que, com o mesmo propósito, Laura Sagnier acabava de realizar em Espanha, com a ajuda de uma equipa da consultora PRM Market Intelligence.

Tendo em conta a profundidade e a relevância dos resultados obtidos na investigação sobre as mulheres que residem em Espanha, a Fundação Francisco Manuel dos Santos considerou que perceber qual é a situação das mulheres em Portugal estava totalmente alinhado com o seu objectivo primordial de promover e aprofundar o conhecimento da realidade portuguesa, procurando contribuir para o desenvolvimento da sociedade e para o reforço dos direitos dos cidadãos e, neste caso particular, dos direitos das mulheres.

Em Espanha, Laura Sagnier, que por questões de saúde teve de deixar a direcção da PRM e atravessar

um período sabático, pensou que podia aproveitar esta fase da sua vida para obter uma base de dados fiável e documentada sobre o que pensam e sentem as mulheres, a qual permitisse às suas irmãs e amigas, bem como a si própria, fazer um debate com as filhas confrontando assim a opinião das mães com a de um conjunto mais amplo de mulheres.

A autora do estudo pensou que se os resultados das investigações que, durante os 25 anos em que integrou a equipa da PRM, tinham servido aos Clientes para tomar as decisões mais relevantes acerca dos respectivos negócios, certamente que um estudo sobre a vida das mulheres poderia ser muito útil às suas duas filhas, naquela altura adolescentes, bem como às jovens do seu círculo de relações mais próximo.

Para fazer a investigação em Portugal, e para assegurar que fossem consideradas todas as especificidades da sociedade portuguesa, juntaram-se à equipa de consultores e analistas da PRM, liderada por Laura Sagnier, na fase de concepção e de interpretação dos resultados, não só membros da Fundação Francisco Manuel dos Santos como também especialistas em estudos sobre mulheres e género de Portugal: Sara Falcão Casaca do ISEG e Heloísa Perista do CESIS.

A investigação “quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres em Portugal” é pioneira tanto pela **amplitude do target que representa** (perto de 2,7 milhões de mulheres com mais de 18 anos) como pela **diversidade das temáticas investigadas** (os traços de personalidade e atitude perante a vida, a pessoa parceira, os filhos e as filhas, o trabalho pago, o trabalho não pago, a família de origem, as pessoas amigas, a situação económica, o assédio no trabalho, a violência doméstica e de género, etc.) e pela **profundidade das metodologias de análise utilizadas**.

Com esta investigação, a Fundação Francisco Manuel dos Santos e a consultora PRM esperam contribuir para gerar um **debate construtivo** e uma **reflexão crítica sobre o papel das mulheres e dos homens na nossa sociedade**.

Estamos convencidos de que **só melhorando o contexto mental de todos os agentes envolvidos** (no âmbito empresarial, político e também no privado), **conseguiremos construir uma sociedade mais igualitária, e, portanto, mais justa**.

O acesso gratuito ao estudo completo é possível em [ffms.pt](http://ffms.pt).

## **Parte 1**

# **Mulheres consideradas na investigação**

Nesta investigação foram consideradas as mulheres que residem em Portugal e que, tendo entre 18 e 64 anos, utilizam a Internet de forma regular. Conforme dados do INE, das mulheres com idades entre 18 e 64 anos que residem em Portugal, 81% são utilizadoras regulares da Internet. Por conseguinte, esta investigação representa 81% das mulheres dos 18 aos 64 anos que residem em Portugal, isto é, quase 2,7 milhões de mulheres.

Na fase de concepção desta investigação decidiu-se deixar fora do âmbito deste estudo as mulheres de 17 anos ou menos, por se considerar que até aos 18 anos os principais responsáveis pelas decisões relevantes da sua vida serem a mãe, o pai ou ambos.

No que diz respeito ao limite superior de idade, decidiu-se estabelecê-lo em 64 anos, porque a utilização da Internet é actualmente muito reduzida entre as mulheres com 65 anos ou mais.

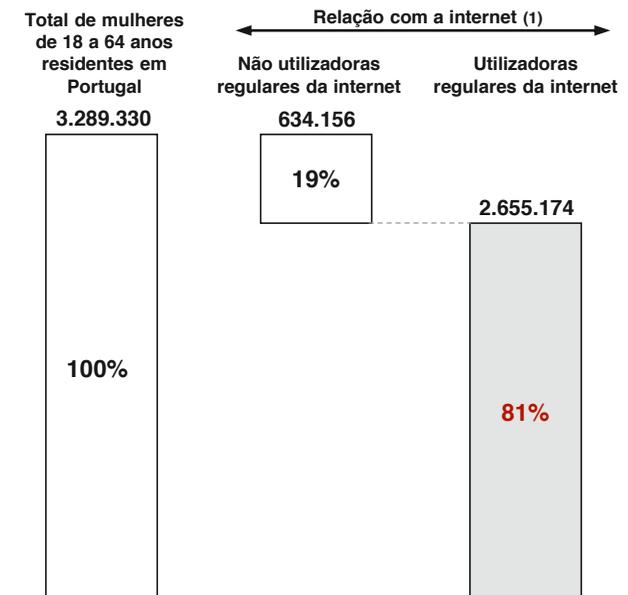
Outra decisão tomada na fase de concepção da investigação, considerando que alguns dos assuntos a tratar eram muito íntimos, foi a de efectuar as entrevistas pela Internet, para maximizar o grau de sinceridade das mulheres quando respondessem.

Desta forma, utilizando a metodologia CAWI<sup>1</sup>, foram entrevistadas 2428 mulheres<sup>2</sup>. A duração da pesquisa dependeu da situação vital de cada mulher. Por exemplo, as estudantes que ainda vivem em casa

dos pais demoraram cerca de 20 minutos a responder enquanto as mulheres com companheiro/a, filhos ou filhas e trabalho pago necessitaram de cerca de uma hora.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de Maio de 2018.

#### MULHERES CONSIDERADAS NA INVESTIGAÇÃO



<sup>1</sup> CAWI: Computer-Assisted Web Interviewing.

<sup>2</sup> A amostra foi distribuída de forma não proporcional por 5 faixas etárias e por uma combinação das áreas NUTS II e NUTS III, portanto, antes de iniciar as análises, ponderou-se a proporção real que cada combinação de idade e área geográfica tem conforme os dados do INE.

Fonte: INE – (Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias 2017). / Dados obtidos em [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt). Estimativas da equipa da PRM.

## **Parte 2**

**Temáticas investigadas  
e o que foi inferido  
a partir delas**

Na pesquisa, as mulheres começaram por responder a questões sobre quem são e que hábitos têm relativamente a cinco «facetas» da sua vida: 1) ela própria, 2) a pessoa parceira, 3) os filhos e as filhas, 4) o trabalho pago e 5) o trabalho não pago. Pediu-se que respondessem também a questões relacionadas com a família de origem (mãe, pai, irmãos/ãs, etc.), pessoas amigas, contexto e circunstâncias pessoais.

Com base nas respostas dadas pelas mulheres relativamente a todas estas «facetas», e utilizando as técnicas de análise estatística pertinentes, classificou-se e estudou-se em profundidade as mulheres sob três pontos de vista: 1) um relacionado com as *frentes* que cada mulher tem na vida, 2) outro relacionado com o ciclo de vida das mulheres, consoante a idade e 3) o relacionado com as dificuldades de conciliação que as mulheres que estão activas no mercado de trabalho enfrentam.

Noutro bloco de perguntas pretendeu-se averiguar até que ponto as mulheres se sentem felizes com cada uma das «facetas» da sua vida e também com a sua felicidade global. A partir das respostas a este bloco de perguntas, por meio de técnicas de análise multivariadas, identificou-se qual a “faceta” da vida que mais influencia o facto de as mulheres se sentirem felizes ou infelizes.

Por último, baseando-nos em todas as informações recolhidas na pesquisa, a qual também inclui a percepção de felicidade, classificou-se e estudou-se em profundidade as mulheres de outro ponto de vista: quantas “situações de vida” diferentes estão a viver os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa.

- Temáticas sobre as quais se perguntou às inquiridas
- O que foi inferido a partir das temáticas investigadas



## **Parte 3**

### **Principais conclusões**

## O que é que aprendemos sobre quem são as mulheres, que hábitos têm e quais as formas de ser e atitudes perante a vida?

As mulheres costumam achar que as pessoas devem cumprir as regras, mesmo quando ninguém está a ver; costumam gostar muito de crianças e ser críticas e exigentes com elas próprias. Das dezoito questões relacionadas com formas de ser e atitudes perante a vida que se consideraram na investigação, estas três são as que suscitaram um maior consenso entre as mulheres. Nas quinze restantes, as opiniões são bastante mais diversas.

As formas de ser e atitudes perante a vida têm pouca relação com a idade. Identificaram-se cinco tipos conforme as formas de ser e atitudes perante a vida das mulheres. Dos cinco tipos identificados, dois são os mais recorrentes: o relativo às que foram chamadas como «Conservadoras» e o das «Seguras-Intolerantes». Os seguintes tipos mais recorrentes são os das mulheres que se denominaram «Reservadas» e «Liberais». O grupo mais reduzido é o das «Seguras-Tolerantes». O único tipo cuja proporção oscila com a idade das mulheres é o das «Liberais» (parece que ao longo dos anos as mulheres se vão tornando pouco a pouco menos liberais).

Actualmente, uma esmagadora maioria de «filhas» tem um nível de escolaridade superior ao da mãe. Enquanto entre as mães das quase 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, quase três quartos deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico, entre as «filhas» esta situação é muito menos habitual (acontece só com uma em cada quatro). Hoje em dia, o mais habitual é que as mulheres tenham passado pela universidade ou que tenham deixado de estudar, com 17 ou 18 anos, ao concluir o ensino secundário ou pós-secundário.

As mulheres católicas estão a diminuir a favor das ateias e agnósticas. Entre as mulheres com mais de 27 anos, as que se declararam católicas (sejam ou não praticantes) situam-se perto dos 75% enquanto entre as mais jovens, a proporção reduz-se em mais de dez pontos, situando-se em 63%. De facto, entre as mais jovens, as ateias e agnósticas são quase uma em cada três.



O tabaco e o álcool têm níveis de presença muito diferentes. Enquanto menos de um terço se declararam fumadoras, quase todas referiram ser consumidoras de bebidas alcoólicas. Contudo, a proporção das consumidoras habituais de tabaco e de álcool é similar: 22% declararam que costumam fumar mais de 20 cigarros por semana e 21% referiram que pelo menos uma vez por semana costumam beber dois ou mais tipos de bebidas alcoólicas.

A prática de alguma actividade física ou desporto é habitual entre as mulheres. Mais de metade declararam praticar algum desporto ou alguma actividade física pelo menos uma vez por semana. As que nunca praticam desporto ou actividade física situam-se em menos de duas em cada dez.

De acordo com o índice de massa corporal que relaciona o peso com a altura, 43% têm excesso de peso. Entre elas, as que se podem considerar obesas são 15%. A situação é muito mais favorável entre as jovens.

A imensa maioria das mulheres declara que se sente demasiado cansada, sempre ou quase sempre, o que é lógico se considerarmos o pouco tempo de que muitas mulheres dispõem para si próprias nos dias úteis/de segunda a sexta-feira.

Uma em cada dez mulheres declara tomar diariamente medicamentos para a ansiedade, para os distúrbios do sono ou antidepressivos. As que nunca tomaram antidepressivos são 57% e as que nunca tomaram medicamentos para a ansiedade ou para os distúrbios do sono são ainda menos: 44%.

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 38 a 81.

## O que é que aprendemos sobre a pessoa parceira?

Ter companheiro é o mais habitual (71%). Entre as mulheres que têm companheiro, a situação mais frequente é viver com ele (56%). As mulheres que declararam ter companheira, vivam ou não juntas, são apenas 2%. As que não têm pessoa parceira são pouco mais de uma em cada quatro.

A pessoa parceira é a «faceta» da vida das mulheres que mais capacidade tem de influenciar que uma mulher se sinta feliz ou infeliz com a sua vida. As mulheres que acertaram com a pessoa com quem partilham a vida costumam sentir-se felizes não só com o companheiro ou companheira, mas também com a vida em geral, enquanto as que se sentem infelizes com a pessoa parceira costumam também sentir-se infelizes com a sua vida em geral. Por outro lado, ter um companheiro ou companheira com quem a mulher se sente infeliz afecta de forma muito mais negativa as restantes «facetadas» da sua vida do que não ter pessoa parceira. Portanto, não está apenas confirmado como, além disso, está quantificado que: mais vale só que mal-acompanhada.

Nas relações mulher-homem, os quatro aspectos com maior capacidade de gerar mulheres que se sintam muito felizes com o companheiro são: que ele participe de forma activa «nas tarefas domésticas», que ele «a oiça», que ele «lhe dedique tempo» e que ele seja «carinhoso e atencioso». No extremo oposto, os três aspectos que têm mais capacidade de gerar mulheres infelizes com o companheiro são: «infidelidade», «falta de generosidade» e «relações sexuais pouco satisfatórias». E há um aspecto, «carinhoso e atencioso», que tem capacidade de influenciar tanto de forma positiva, quando o companheiro o é muito, como de forma negativa, quando o companheiro não o é nada.

Na felicidade com o companheiro, para a maioria das mulheres é mais importante a frequência com que ela consegue chegar ao orgasmo que a frequência com que costumam ter relações sexuais. Por outro lado, muitas mulheres parecem sentir-se igualmente felizes com o companheiro se a frequência com que têm relações sexuais é de uma ou de duas vezes por semana.



Os/as filhos/as são um potencial agente desgastante das relações de casal. A presença de filhos/as na vida do casal, sejam dele, dela ou dos dois, retira quase um ponto à felicidade média das mulheres com o homem com quem vivem.

Entre as mulheres que têm companheiro, conclui-se que: 7% encontram-se numa relação com a qual não só não se sentem felizes como da qual se arrependem (todos os dias pensam em terminar a relação); 20% sentem-se “enganadas” com a sua relação de casal (a maioria chegou a pensar em terminar a relação mas decidiu não o fazer apesar de não se sentir feliz), e as 73% restantes foram denominadas como as “realizadas” (a maioria sente-se feliz ou muito feliz com a sua relação de casal).

Entre as mulheres que vivem com um homem, há muita relação entre o grau de realização da mulher com a relação de casal e a forma como ambos partilham as responsabilidades familiares: se ela e ele partilham de forma equilibrada o trabalho não pago e os gastos que afectam o casal, a probabilidade de que a mulher se sinta “realizada” na sua relação de casal aumenta.

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 82 a 125 e 348 a 359.

## O que é que aprendemos sobre os filhos e as filhas?

Nem todas as mulheres querem ser mães: 53% têm filhos ou filhas, 1% estão grávidas pela primeira vez, 27% têm intenção de o ser, 10% quiseram ter filhos ou filhas, mas consideram que já não têm idade para isso, e 9% manifestam que nunca quiseram ter descendência. Entre as mulheres que ainda estão em idade fértil, as que não querem ser mães são quase as mesmas que entre aquelas que já não o estão: 9% entre as que têm de 18 a 49 anos relativamente a 11% entre as de 50 a 64 anos.

As mulheres que não têm filhos ou filhas, mas pretendem tê-los mais para a frente, são optimistas relativamente a quantos/as terão (83% querem ter mais que um). Este número ideal de filhos ou filhas que gostariam de ter situa-se acima da realidade dos que tiveram as que já foram mães (52% tiveram mais que um). As mulheres que ainda não foram mães consideram que a idade ideal para o ser é, em média, aos 29 anos.

Educar os filhos/as não foi uma tarefa fácil para 38% das mães: metade delas declara que algum dos filhos ou filhas foi difícil de criar e a outra metade considera que educá-los foi mais difícil do que elas tinham imaginado apesar de nenhum ter sido especialmente complicado de criar. As mães para quem a educação dos filhos ou filhas foi tal como imaginavam ou foi mais fácil representam 62%.

Ter filhos ou filhas não é nenhuma garantia para a mulher se sentir feliz com a sua vida. Entre as mulheres que foram mães, os filhos ou filhas são a «faceta» da vida que ocupa a primeira posição no seu *ranking* de felicidade. No entanto, a felicidade que experimentam com a maternidade está muito pouco relacionada com quão felizes se sentem nos restantes aspectos da vida. Por conseguinte, os filhos ou filhas têm pouca influência para as mulheres se sentirem felizes ou infelizes com a sua vida em geral.



Para 18% das mulheres que tiveram filhos ou filhas, a maternidade não foi o que esperavam: 5% declararam que com as informações que têm hoje não os teriam tido (foram chamadas de «mães arrependidas») e 13% manifestaram que com as informações que têm hoje voltariam a ter filhos ou filhas, apesar de não se sentirem felizes por serem mães (foram definidas como «mães não realizadas»). Assim, as «mães realizadas» representam um valor de 82%.

Os principais potenciadores de ser uma «mãe arrependida» ou uma «mãe não realizada» são três: ter uma atitude perante a maternidade e as crianças em geral do tipo das mulheres que se definiram como

«Pouco orientadas para a maternidade»; ter enfrentado sozinha ou quase a educação e o cuidado dos/das filhos/as por tê-los tido no contexto de uma relação fracassada ou no seio de uma família monoparental e, por último, ter tido algum filho ou filha que tenha sido difícil de criar ou educar.

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 126 a 163 e 348 a 359.

## O que é que aprendemos sobre o trabalho pago?

Ter trabalho pago é o mais habitual entre as mulheres que residem em Portugal: 71% das mulheres objecto deste estudo estão activas no mercado de trabalho. Relativamente a este, as restantes distribuem-se da seguinte maneira: 10% estão desempregadas e activamente à procura de emprego, 10% já trabalharam mas agora não estão à procura de emprego, 7% estão ainda a estudar e um valor escassíssimo delas (2%) nunca tiveram trabalho pago.

O nível de escolaridade é fundamental para determinar a situação das mulheres no mercado de trabalho. Entre as mulheres que têm um nível de escolaridade mais alto, minimiza-se o número das que estão desempregadas e activamente à procura de emprego e também se reduz o “abandono” do mercado de trabalho e, entre as que estão activas no mercado de trabalho, maximiza-se o nível de rendimentos mensais.

Em geral, as mulheres demonstram pouco entusiasmo pelo trabalho que têm pago. Das que estão activas no mercado de trabalho, para mais de um terço (36%) o trabalho pago parece não lhes

proporcionar mais do que dinheiro, dado que manifestaram que se não precisassem de dinheiro para viver, não trabalhariam. No extremo oposto, as que demonstraram entusiasmo pelo trabalho pago são quase um quarto (23%) dado que afirmam que trabalhariam mesmo que não precisassem de dinheiro para viver. O entusiasmo pelo trabalho pago é crescente com o nível de escolaridade da mulher: entre as que têm um mestrado ou doutoramento chegam a ser 30%, que é exactamente o dobro do que acontece entre as que só têm o ensino básico.

O que as mulheres desejam no seu trabalho ideal vai evoluindo com a idade, em função de como evolui a sua vida pessoal ou familiar. A partir dos 28 anos, o facto de poder «conciliar bem o trabalho pago com a vida pessoal ou familiar» torna-se a questão mais relevante para uma esmagadora maioria das mulheres. A partir do momento em que fazem 50 anos, esta questão perde relevância, passando a ocupar a quarta posição no *ranking* de prioridade.

Segundo o tipo de trabalho pago que as mulheres têm, as que se sentem mais felizes são: as «proprietárias de algum negócio/empresa», as «directoras/chefes de departamento/conselho de administração» e as «trabalhadoras independentes qualificadas». Em geral, há uma elevadíssima relação entre as facilidades que se têm para conciliar o trabalho pago com a vida pessoal/familiar e o grau de felicidade com o trabalho pago. As únicas excepções são: as «proprietárias de algum negócio/empresa» e as «directoras/chefes de departamento/conselho de administração» que se sentem felizes com o trabalho apesar das dificuldades que têm para o conciliar com a vida familiar.

Em todos os níveis de rendimentos mensais, as mulheres sentem-se mais felizes com o trabalho pago se conseguirem «compatibilizá-lo bem com a vida pessoal/familiar». Também em todos os níveis de rendimentos mensais, as mulheres que conseguem compatibilizar bem o trabalho pago com a vida pessoal/familiar sentem-se mais felizes com o trabalho pago do que as dos níveis de rendimentos superiores que têm dificuldades para compatibilizá-los bem.

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 164 a 203.

## O que é que aprendemos sobre o trabalho não pago e sobre como as mulheres partilham com o companheiro as responsabilidades familiares?

A grande maioria das mulheres tem de fazer face às tarefas domésticas. O trabalho que deriva das tarefas domésticas é uma questão que está ligada ao facto de residir na própria casa. De facto, mais de três quartos das mulheres encontram-se nesta situação (73% vivem na própria casa e 3% num apartamento de estudantes ou com pessoas amigas).

As mulheres destinam mais de metade do tempo que estão em casa acordadas a fazer o trabalho não pago que resulta da higiene e manutenção da casa onde vivem e do cuidado e educação dos filhos/as, se é que os têm. Esta proporção mantém-se quase igual quer a mulher esteja activa no mercado de trabalho (57%, em média) quer não tenha trabalho pago (52%, em média).

Quando uma mulher tem algum filho/a pequeno/a, fica praticamente sem tempo para ela. Das que têm algum filho com 5 anos ou menos, do tempo que estão em casa acordadas, dedicam 46% ao/à filho/a, 35% às tarefas domésticas, e 1% ao cuidado de netos/as ou pessoas dependentes, donde se infere que o conjunto do trabalho não pago requer 82% do tempo que elas estão em casa acordadas. Nesta situação, o tempo para si próprias fica reduzido a menos de uma hora por dia (em média: 54 minutos).

A ajuda externa remunerada com que contam é muito reduzida. Menos de dois em cada dez casais (15%) tem algum tipo de ajuda remunerada para efectuar as tarefas domésticas. Entre eles, os que têm ajuda a tempo inteiro são só 2%. Entre os que têm ajuda, esta realiza, em média, menos de um quarto das tarefas domésticas e, portanto, sobra para a mulher, ou para ela e o companheiro, se é que o têm, os mais de três quartos restantes.

Na execução das tarefas domésticas, as mulheres suportam mais do triplo de trabalho que o companheiro. A mulher efectua, em média, 74% das tarefas domésticas, enquanto o homem com quem vive efectua, em média, 23%. Os 3% restantes são feitos pela ajuda externa remunerada. Os casais que se podem considerar «simétricos» na distribuição destas tarefas são menos de um terço (30%). Nos restantes mais de dois terços, elas fazem mais ou muito mais do que o companheiro. Entre os casais em que a mulher tem trabalho pago, os «casais simétricos» apenas aumentam três pontos, situando-se em 33%.

No cuidado e educação dos/das filhos/as, as mulheres também suportam mais do triplo de trabalho que o pai. A mulher ocupa-se, em média, de 73% das tarefas relativas ao cuidado e educação dos/das filhos/as e o pai de 21%. Dos 6% restantes ocupam-se os familiares ou a ajuda remunerada. Os casais com filhos/as que se podem



considerar «equilibrados» no que diz respeito ao cuidado dos/das filhos/as são mais de um terço (35%). Entre os casais em que a mulher tem trabalho pago, os «casais simétricos» no que diz respeito ao cuidado dos/das filhos/as aumentam quase dez pontos, situando-se em 43%. Ambas as situações são um pouco mais favoráveis do que no que diz respeito às tarefas domésticas.

Ao ritmo que, na última geração, evoluiu a contribuição do homem para a execução das tarefas domésticas, faltam entre cinco e seis gerações para que se igualem as posições da mulher e do homem nos casais em que ambos trabalham fora de casa. Nos casais mais jovens em que a mulher tem entre 18 e 40 anos, o homem suporta uma carga ligeiramente superior à que suportam os que têm uma mulher com mais de 40 anos (26%, em média, os primeiros, e 22% os segundos). No entanto, no que diz respeito à contribuição do pai para o cuidado e a educação dos/das filhos/as, não houve nenhuma evolução na última geração.

As mulheres que não vivem em casal ou que não têm filhos/as, são optimistas relativamente ao peso que imaginam que sobre elas recairá dos trabalhos não pagos da casa e dos/das filhos/as se o compararmos com a realidade com que se estão a enfrentar as que vivem com o companheiro ou têm filhos/as, tanto quanto à ajuda que pensam que terão como no que diz respeito a como imaginam que

seria a distribuição destas tarefas com o companheiro. No entanto, a distribuição que elas imaginam não é sequer uma situação de equilíbrio: pensam que elas farão, em média, 63% das tarefas domésticas e 61% das tarefas relativas ao cuidado e educação dos/das filhos/as. Portanto, para começar, estão a assumir que elas farão quase o dobro do companheiro.

A situação de desequilíbrio entre os dois membros do casal piora ainda mais se se considerar a outra parte integrante das responsabilidades familiares: as despesas da família. Acontece que muitas mulheres assumiram um papel activo na contribuição para as despesas familiares enquanto a maioria dos homens continua a manter um papel muito passivo no que se relaciona com as tarefas não pagas da casa e dos/das filhos/as. Entre os casais em que a mulher é activa no mercado de trabalho, aqueles nos quais o contributo da mulher é igual ou maior do que o dele são 98% em termos de horas de trabalho não pago e 73% em termos das despesas familiares. No entanto, aqueles casais nos quais o contributo do homem é igual ou maior do que o dela, são apenas 27% no que diz respeito às horas de trabalho não pago e 81% se tivermos em conta as despesas familiares.

Para aprofundar estas conclusões, vejam-se páginas 204 a 251.

## O que é que aprendemos sobre as frentes?

Definiu-se como frente as «facetas» da vida das mulheres que, sendo *a priori* opcionais, implicam, não só um conjunto de efeitos emocionais derivados das relações interpessoais como também que a mulher passará, automaticamente, a dispor de menos tempo para ela e para os seus passatempos. As três frentes consideradas são: a «frente do trabalho pago», a «frente da vida em casal» e a «frente dos/das filhos/as». Apesar de, conforme esta definição, as tarefas não pagas que derivam do facto de viverem na própria casa não se considerarem como uma quarta frente, elas estão implícitas em duas das três frentes consideradas, visto que praticamente todas as mulheres que vivem com o/a companheiro/a ou têm filhos/as residem nas suas casas.

No que diz respeito às frentes, a situação mais comum é a das mulheres que incluem na sua vida as três. Mais do que uma em cada quatro mulheres (27%) abarca em simultâneo o trabalho pago, a vida em casal e os/as filhos/as. As que têm «duas frentes» na vida são 38%, sendo que, entre elas, o mais habitual é o par formado pela «frente trabalho pago» e «frente vida em casal». As que têm uma única frente são 23% e, entre elas, o mais comum é terem só a «frente trabalho pago». As restantes 12% são mulheres que não têm nenhuma frente na vida.

Cada nova frente que se acrescenta à vida implica uma diminuição do tempo que a mulher dispõe para ela. A «frente trabalho pago» exige cerca de 7 horas e meia por dia, nos dias úteis. O tempo que se dedica à «frente filhos/as» depende fundamentalmente da idade que eles têm: enquanto são pequenos, em casa, exigem cerca de 3 horas por dia, que se vão reduzindo à medida que vão ficando mais velhos. Por último, a «frente vida em casal», exige um determinado número de horas por dia para efectuar as tarefas domésticas da casa onde vivem, que dependem muito das outras frentes que a mulher tem: as que lhes dedicam menos tempo, em média menos de 2 horas por dia, são as que têm o par de frentes «trabalho pago» e «filhos/as» e as que lhes dedicam mais são as que têm o par de frentes «vida em casal» e «filhos/as», em média, quase 5 horas por dia.

Para as mulheres com as frentes «trabalho pago» e «filhos/as» na sua vida, o facto de viverem em casal ou sozinhas não as liberta de uma única hora de trabalho por dia. De facto, sucede o contrário: as que



têm, além disso, a «frente vida em casal», trabalham, em média 13 horas e 24 minutos relativamente às 13 horas de trabalho por dia que têm as que não vivem em casal. Nestas duas situações, nos dias úteis, as mulheres trabalham à volta de 8 horas por dia mais do que quando estavam na situação de «nenhuma frente» e, portanto, sobra-lhes, durante o tempo em que estão acordadas, à volta de 2 horas por dia para si próprias.

Com a chegada de filhos/as ao casal, a colaboração do homem nas tarefas domésticas reduz-se tanto se a mulher tem trabalho pago como se não o tem e, além disso, a sua colaboração com o filho/a costuma estar a anos-luz do que ela tinha imaginado que seria. Por conseguinte, é lógico que a avaliação que muitas mulheres fazem do companheiro depois da chegada do/a primogénito/a seja inferior a como o avaliavam antes de ter filhos/as.

Entre as mulheres que estão activas no mercado de trabalho, o facto de o casal ter filhos/as afecta muito mais o dia-a-dia das mães que o dos pais. Com a chegada de filhos/as, as mulheres passam a necessitar de destinar às tarefas familiares (tarefas domésticas, trabalhos de cuidado e compras/recados) quase duas horas mais, em média, por dia, que antes de os terem. No entanto, os homens aumentam o seu tempo de dedicação em menos de uma hora por dia (42 minutos, em média). Por conseguinte, as mães costumam absorver 78% das novas tarefas familiares que derivam do facto de terem tido um/a filho/a enquanto os pais se limitam a assumir as 22% restantes.

Acumular frentes não é nenhuma garantia de que a felicidade das mulheres com a vida no seu conjunto esteja a aumentar.

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 276 a 287.

## O que é que aprendemos sobre o ciclo da vida adulta das mulheres?

A partir da maioridade há três momentos que serão fundamentais na vida das mulheres: o dos 28 anos, o dos 35 anos e o dos 50 anos. À volta destes três momentos da vida, o que as mulheres pensam e sentem relativamente às várias «facetas» que afectam a sua vida é muito possível que sofra alguma evolução.

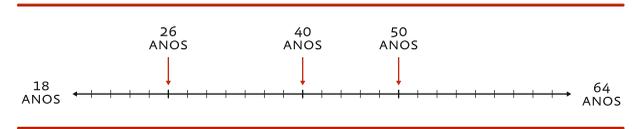
Na primeira fase do ciclo de vida adulta, em que a mulher tem entre 18 e 27 anos, as mulheres defrontam-se com uma única frente ou com nenhuma das três. Com estas idades, a única ocupação de muitas mulheres centra-se única e exclusivamente nos estudos e, portanto, dispõem de muito tempo para si próprias.

Na segunda fase do ciclo de vida adulta, entre os 28 e os 34 anos, o mais habitual é terem acrescentado uma ou duas frentes. As mais comuns a estas idades são a «frente trabalho pago» e a «frente vida em casal». Só duas em cada dez têm as três frentes na sua vida. Esta é a faixa de idade em que as mulheres se sentem, em geral, mais felizes com a sua vida e com as diferentes «facetas» que a integram.

Os anos que decorrem entre os 35 e os 49 definem a fase do ciclo de vida mais complicada, dado que 40% têm na vida as três frentes. Nesta fase do ciclo de vida as mulheres sentem-se menos felizes que na fase anterior com todas as «facetas» da sua vida, com uma única excepção: o pai.

Nesta faixa entre os 35 e os 49 anos, as mulheres não só enfrentam o período mais complexo no que diz respeito à acumulação de frentes como, além disso, a maioria das frentes já não está na fase inicial: quase metade está no trabalho pago há mais de 10 anos, dois terços estão há mais de 10 anos com o companheiro/a com quem vivem e os filhos/as deixaram para trás a fase de criança e aproximam-se da adolescência.

A partir dos 50 anos, algumas mulheres simplificam a vida pondo algum «travão» ou «deixando absolutamente» o que foi o trabalho pago até esse momento ou então o companheiro com quem viveram até essa altura. Nestas idades, a felicidade com algumas «facetas» da sua vida é recuperada relativamente à fase do ciclo de vida anterior.



No que se refere ao momento vital em que é costume acrescentar cada frente: a primeira é a «frente trabalho pago» (as mulheres entraram no mercado de trabalho aos 20 anos, em média); segue-se a «frente vida em casal» (saíram de casa dos pais com 23 anos, em média) e a terceira é a «frente dos/das filhos/as» (foram mães aos 27 anos, em média).

No que respeita à sequência de incorporação de frentes, o ciclo de vida das mulheres que têm um nível de estudos elevado é muito diferente do que o apresentado por aquelas que têm um nível de estudos inferior. O ciclo de vida das mulheres mais instruídas costuma começar com a «frente trabalho pago». Mais para diante, muitas acrescentam a «frente vida em casal» e numa terceira fase, se decidem ser mães, abrem-se duas possibilidades: manter as três

frentes ou desligar-se do companheiro e passar a fazer parte da tipologia «trabalho pago e filhos/as». Entre as menos instruídas, a principal diferença radica no facto de que a situação «frente trabalho pago» está bastante ausente ou é precária e, portanto, muitas mulheres com poucos estudos passam directamente da situação de «nenhuma frente» à de «só vida em casal». Quando são mães, também se abrem duas opções: ou manter as duas, a «frente vida em casal» e a «frente filhos/as» ou deixar o companheiro e passar à tipologia «só filhos/as».

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 288 a 301.

## O que é que aprendemos sobre a conciliação?

Nem todas as mulheres que estão activas no mercado de trabalho enfrentam as mesmas dificuldades para conciliar o trabalho pago e a vida pessoal/familiar. Para avaliar o grau de dificuldade de conciliação, identificaram-se cinco níveis em função do tempo exigido pelos compromissos adquiridos na vida privada. O nível 1 inclui aquelas mulheres que continuam a viver em casa dos pais e, portanto, a sua vida privada praticamente não exige horas de trabalho não pago e, por conseguinte, a conciliação é simples. O nível 2 inclui aquelas que vivem sozinhas na própria casa e, portanto, a vida privada já lhes exige algumas horas de trabalho não pago, mas a conciliação continua a ser simples. O nível 3 inclui as que vivem com o companheiro/a e, portanto, a sua vida privada exige-lhes algumas horas mais de trabalho não pago e a conciliação deixa de ser simples para passar a ser possível. O nível 4 inclui as que têm filhos/as que já são todos maiores. Neste nível, a conciliação volta a ser possível. O nível 5 inclui aquelas mulheres que têm algum filho/a menor e, portanto, a sua vida privada exige-lhes muitas horas de trabalho não pago e, por conseguinte, a conciliação torna-se muito complexa.

Durante os anos em que as mulheres se encontram no nível 5, que é o que afecta uma maior percentagem das que estão activas no mercado de trabalho (39%), as mulheres quase duplicam o tempo de trabalho previsto, dado que, em média, destinam 7 horas e 18 minutos por dia

ao trabalho pago e 6 horas e 12 minutos por dia aos trabalhos não pagos da casa e dos/das filhos/as. Por conseguinte, neste nível ocorre um *gap* negativo de 4 horas e meia por dia entre as mais de 13 horas que destinam ao trabalho e o tempo que as mulheres têm para si próprias, uma média de 9 horas, das quais quase 7 horas estão a dormir.

A situação de desequilíbrio permanente e sustentado que muitas mulheres enfrentam, ano após ano, diariamente, entre as horas que trabalham (sejam ou não pagas) e as horas que dispõem para si próprias, sobretudo enquanto algum/a dos/das filhos/as é pequeno/a, acaba por significar que quase um terço das mulheres com experiência de trabalho (31%), sobrepõe, nalguma altura da sua vida, a vida familiar à vida laboral. De 31% das mulheres que, em conjunto, sobrepueram a vida familiar à laboral, 84% colocaram algum tipo de «travão» e 16% «abandonaram» totalmente o mercado de trabalho. Entre os «travões» que as mulheres puseram ao trabalho pago identificaram-se dois tipos: o tipo 1 é o daquelas que tiveram sempre a mesma dedicação ao trabalho, mas que no passado recusaram alguma oferta mais exigente; e o tipo 2 é o das que agora têm um trabalho pago com uma dedicação inferior relativamente ao passado, porque nalguma altura puseram um «travão» por motivos pessoais. A idade com a que as mulheres tomam cada uma destas decisões não é a mesma: a decisão de «abandonar» o mercado de trabalho é a que



foi tomada mais tarde (com 40 anos, em média); a do «travão tipo 2» foi tomada com 38 anos, em média, e a do «travão tipo 1» a que foi tomada antes (com 29 anos, em média).

O que mais influencia as mulheres para sobreporem a família ao trabalho pago é o número de filhos/as: esta sobreposição é mais evidente entre as mulheres que tiveram mais de 2 filhos/as (entre as quais são 42%) e menos frequente entre as que não têm filhos/as (entre as quais se reduz para 29%). Além disso, o peso relativo do «abandono» relativamente ao «travão» vai aumentando: entre as que não têm filhos/as é 7% e dispara para 38% entre as que têm mais de 2 filhos/as.

O nível de escolaridade das mulheres contribui para reduzir a proporção das que «abandonam» o mercado de trabalho para sobrepor a família ao trabalho.

Neste cenário, é surpreendente ver que os dois conselhos avaliados na investigação relativamente à “conciliação” ocupam uma posição

muito fraca tanto em termos de grau de conhecimento como de até que ponto os valorizam. Em termos de valorização, as que acharam que “Se o trabalho é muito importante para ti e decides ter filhos/as, organiza a tua vida familiar e a tua casa de forma coerente antes de os/as ter” é muito bom conselho são apenas uma em cada quatro. E representam um terço daquelas que consideraram ser um muito bom conselho: “Lembra-te que as supermulheres não existem. Não é possível ser a mãe perfeita, a esposa perfeita, a amante perfeita, a filha perfeita e, ainda, conseguir o trabalho dos teus sonhos. Decide aquilo a que vais dar prioridade e sê coerente”.

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 302 a 325.

## O que é que aprendemos sobre até que ponto as mulheres se sentem felizes com cada uma das «facetas» da sua vida e o que é que influencia mais a sua felicidade global?

O limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida situa-se em 8. Chegámos a esta conclusão visto que, entre as mulheres cuja vida está de acordo com as suas expectativas, a felicidade com a vida é de 8, em média, na escala de 0 a 10 utilizada, em que 10 equivale a sentirem-se muito felizes com a vida e 0 a não se sentirem nada felizes com a vida.

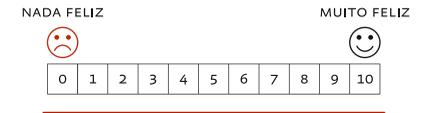
Quase metade das mulheres sentem-se felizes ou muito felizes com a vida (47%) apesar de muitas reconhecerem que não satisfizeram as expectativas que criaram sobre como seria a sua vida. No entanto, uma em cada três mulheres sente-se infeliz com a vida (33%).

As relações interpessoais são as «facetas» da vida que proporcionam maior felicidade às mulheres. Entre as quinze «facetas» da sua vida que foram avaliadas, há seis com as quais a maioria das mulheres se sente feliz, cinco com as quais se sente quase feliz e quatro com as quais a maioria das mulheres se sente infeliz. As «facetas» com as quais as mulheres se sentem, em geral, felizes, por ordem de maior a menor nível de felicidade são: os/as filhos/as, os/as netos/as, os amigos, as amigas, o/a companheiro/a, e a mãe. Aquelas com as quais as mulheres se sentem, em geral, quase felizes são: as/os irmãs/irmãos, o pai, a saúde, o sogro e a sogra. Aquelas em que o mais habitual é que as mulheres não se sintam felizes são: o tempo de que

dispõem para si e para os seus passatempos, os/as filhos/as que o/a companheiro/a tem de relacionamentos anteriores, o trabalho pago e o aspecto físico.

A idade tem uma clara influência sobre a felicidade das mulheres. O período mais complicado é o que decorre entre os 35 e os 49 anos. Das «facetas» da vida das mulheres consideradas, as que costumam ser sensíveis à idade são oito: sendo que as que sofrem uma influência negativa com a idade (cinco) são quase o dobro das que a sofrem positiva (três). As cinco «facetas» em que o decurso dos anos costuma implicar uma diminuição da felicidade das mulheres são: “o/a companheiro/a”, a “mãe”, “os/as irmãos/ãs”, “as amigas” e “a sogra”. As três «facetas» que com o tempo costumam melhorar quanto à felicidade percebida são: “o trabalho pago”, “o tempo de que dispõe para si e para os seus passatempos” e “o aspecto físico”.

A sensação de felicidade das mulheres também é influenciada pelo nível de escolaridade. Apesar de este não parecer contribuir muito para o aumento do número de mulheres que se sentem muito



felizes com a vida, no entanto, contribui para a redução das que se sentem infelizes com a vida. As «facetas» da vida das mulheres que costumam ser sensíveis ao nível de escolaridade são cinco, das quais, contrariamente ao que acontece com a idade, todas o são em sentido positivo. Estas «facetas» em que as mulheres com mais estudos se sentem, em média, um pouco mais felizes do que as menos instruídas são: “o aspecto físico”, “a saúde”, “o/a companheiro/a”, “o trabalho pago” e “a sogra”.

Das três frentes que as mulheres podem decidir juntar ou não à vida, “o/a companheiro/a” é a que tem a máxima capacidade de influenciar, positiva ou negativamente, a sua felicidade com a vida no seu conjunto. De todas as «facetas» e de todos os critérios que se utilizaram para classificar as mulheres nesta investigação, são três as que têm a maior capacidade de influenciar a felicidade das mulheres com a vida: 1) o companheiro/a com quem decidiram partilhar a vida ou

que decidiram não ter, 2) o seu aspecto físico e bem-estar e 3) as relações que mantêm com a «família de origem» (a mãe, o pai e os irmãos ou as irmãs). Num segundo nível, também têm alguma capacidade de influenciar na felicidade das mulheres com a vida: o «trabalho pago», se «alguma vez passaram por alguma situação de assédio no trabalho ou de violência doméstica e de género» e «as dificuldades que têm para fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês».

Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 326 a 359.

## O que é que aprendemos sobre quantas «situações de vida» foram identificadas entre as 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa?

Dos parâmetros que foi possível dimensionar nesta investigação pode-se concluir que a vida das mulheres está muito determinada por dois deles: a idade e o nível de escolaridade. A idade está por sua vez muito relacionada com as frentes que as mulheres vão acrescentando à vida, e o nível de escolaridade está relacionado, por um lado, com as dificuldades que declararam ter para fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês e, por outro, com a forma de ser e a atitude perante a vida. A forma de ser e a atitude perante a vida são fundamentais, sobretudo relativamente à forma como conseguem encarar as «três frentes» em simultâneo, a partir do momento em que têm filhos/as.

A combinação de todos os parâmetros que caracterizam e determinam a vida das mulheres deu lugar a oito situações de vida:

«Tudo pela frente». São 9%. Esta situação foi chamada assim porque integra as mulheres mais jovens cuja vida está ainda por construir no que diz respeito às decisões-chave. Idade média: 23 anos.

«Tu e eu podemos». É uma das situações mais recorrentes: 16%. Esta situação foi assim denominada porque as mulheres que a compõem, além de terem trabalho pago, o que lhes confere independência económica, estão quase todas a viver com o companheiro. Idade média: 32 anos.

«Eu posso». São 12%. Esta situação foi assim designada porque as mulheres que a compõem costumam ter na vida só a «frente trabalho pago», o que lhes confere independência económica. Idade média: 34 anos.

«Resignadas». São 11%. Esta situação inclui mulheres cuja vida está muito marcada pela frustração de não conseguir um trabalho pago, apesar de ainda terem tempo pela frente para remediá-lo. Idade média: 39 anos.



«Em luta». São 13%. Uma situação na qual a grande maioria das mulheres que a integram têm na vida as três frentes e encontram-se em sérias dificuldades para conseguir lidar com as três ao mesmo tempo. Idade média: 40 anos.

«Tudo sob controlo». É a situação mais recorrente: 18%. Esta situação foi chamada assim porque a grande maioria das mulheres que a compõem têm na sua vida as três frentes e conseguem lidar com elas sem grandes dificuldades. Idade média: 41 anos.

«Realizadas». São 11%. Esta situação inclui mulheres que, tendo ultrapassado as duas primeiras fases do seu ciclo de vida, se sentem felizes ou muito felizes com a vida que construíram. Idade média: 55 anos.

«Esgotadas». São 10%. Esta situação inclui mulheres muito marcadas pelo facto de que não só não conseguiram satisfazer as suas expectativas relativamente à vida, como também a maioria tem pouco tempo para o remediar. Idade média: 57 anos.

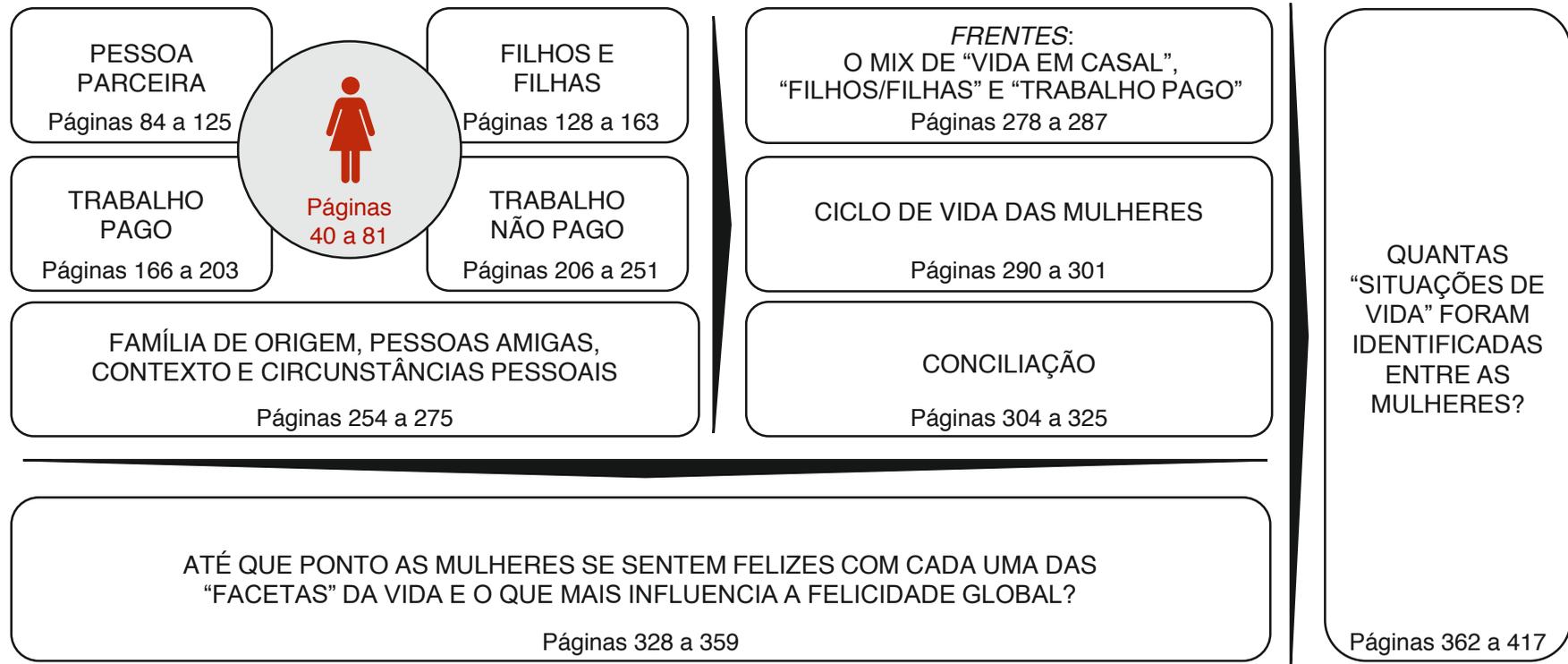
Para aprofundar estas conclusões, ver páginas de 360 a 417.

**Parte 4**  
**Resultados**  
**da investigação**

## **Capítulo 1**

### **Principais resultados sobre quem são as mulheres, os seus hábitos e formas de ser e atitudes perante a vida**

Nas páginas 40 à 81 especificaram-se os principais resultados obtidos no que diz respeito a onde vivem, que religião praticam, que nível de escolaridade têm, quais são os seus hábitos e formas de ser e atitudes perante a vida.



QUEM SÃO E QUE HÁBITOS TÊM?  
FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA

Página 40  
Página 68

## **Idade, religião e orientação sexual**

A idade média dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa é de 40 anos.

No que diz respeito à religião, quase três quartos (74%) declararam-se católicas, e a grande maioria destas manifestaram que não são praticantes, o que reduz a 17% as católicas praticantes. Actualmente, a proporção de mulheres que se declararam ateias ou agnósticas, em conjunto, é ligeiramente superior à das católicas praticantes. As 7% restantes manifestaram que são crentes de outras religiões.

No que se refere à orientação sexual, as mulheres que se declararam homossexuais ou bissexuais são uma minoria (3% e 1%, respectivamente).

 O mais habitual

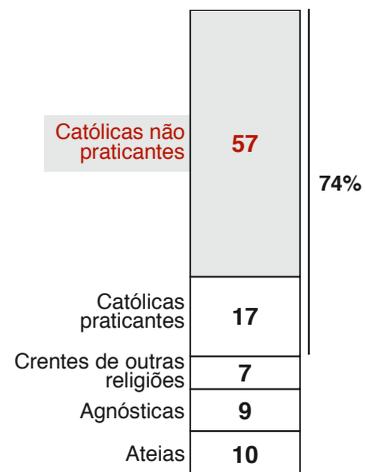
### IDADE

% de mulheres por categoria



### RELIGIÃO

% de mulheres por categoria



### ORIENTAÇÃO SEXUAL

% de mulheres por categoria



### **País de nascimento e onde residem**

Dos 2,7 milhões de mulheres representadas nesta investigação, quase nove em cada dez (88%) nasceram em Portugal.

O mais habitual é que vivam nas suas casas (73%) e que residam na mesma cidade/localidade que a sua família (68%).

No que diz respeito à zona geográfica de residência, os 2,7 milhões de mulheres distribuem-se da mesma forma que a população: as duas regiões mais recorrentes são a Área Metropolitana de Lisboa (onde residem 27% das mulheres) e a Região Centro (com 21%).

■ O mais habitual

### PAÍS DE NASCIMENTO

% de mulheres por categoria



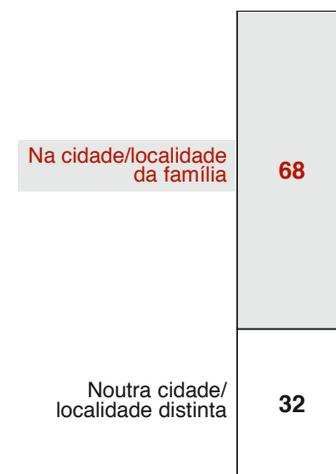
### DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

% de mulheres por categoria



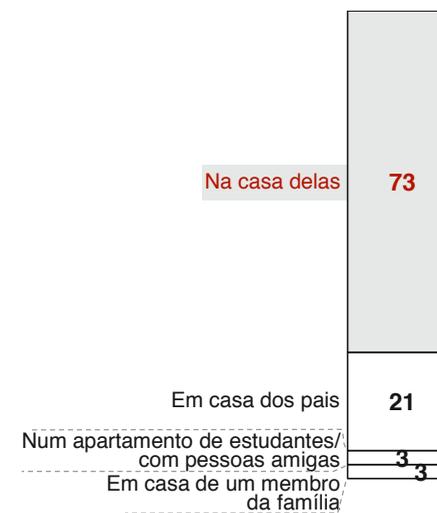
### RESIDEM NA MESMA CIDADE/ LOCALIDADE QUE A FAMÍLIA

% de mulheres por categoria



### ONDE VIVEM

% de mulheres por categoria



### **Idade com que saem de casa dos pais**

As mulheres que já saíram de casa dos pais (73%) fizeram-no sobretudo entre os 18 e os 27 anos. Em média, saíram de casa dos pais com 23 anos.

Quase um terço (30%) das mulheres que estão a viver em casa dos pais declararam que não têm intenções de sair. Em média, estas mulheres têm 37 anos.

As que têm intenções de sair de casa dos pais, que hoje se concentram na faixa etária dos 18 aos 27 anos, esperam sair com 28 anos, em média, apesar de considerarem que a idade ideal para o fazer é aos 25 anos.

O mais habitual

**Mulheres que vivem na casa delas (73%=100%)**

**IDADE COM QUE SAÍRAM DE CASA DOS PAIS**

% de mulheres por categoria



Idade média saíram de casa dos pais **23 anos**

**INTENÇÃO DE SAIR DE CASA DOS PAIS**

% de mulheres por categoria

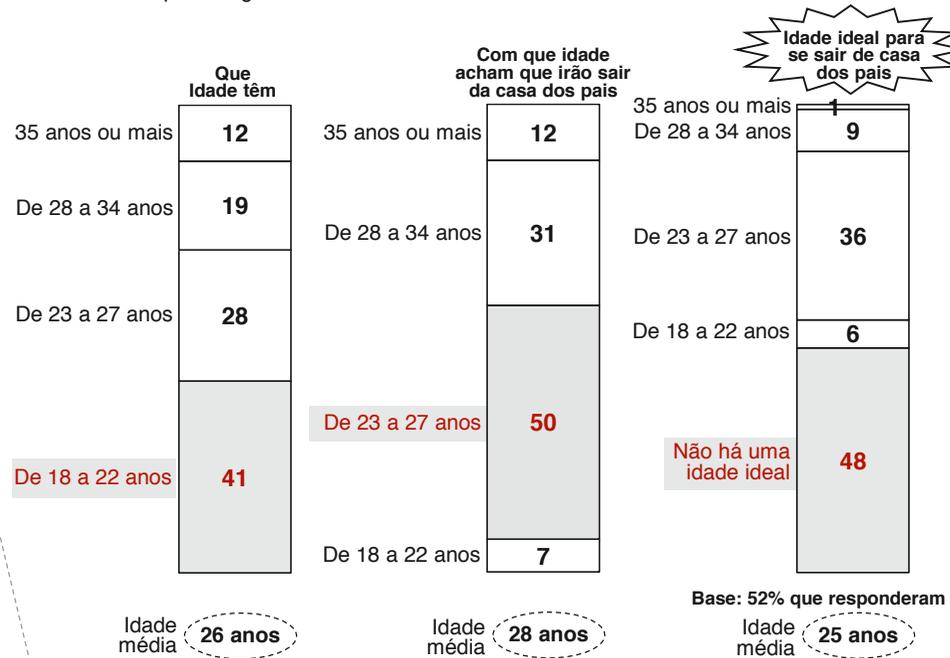


**Mulheres que vivem em casa dos pais (21%=100%)**

Base: Têm intenção de sair da casa dos pais (70%=100%)

**QUE IDADE TÊM E EXPECTATIVAS QUANTO À IDADE DE SAÍREM DE CASA DOS PAIS**

% de mulheres por categoria



## Nível de escolaridade

Hoje em dia, é tão habitual passar pela universidade (39% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, fizeram algum tipo de bacharelato ou licenciatura) como deixar de estudar aos 17 ou 18 anos, depois de concluir o ensino secundário ou pós-secundário (sucede em 38% dos casos).

As que continuaram a estudar após se graduarem na universidade são à volta de uma em cada dez (9%).

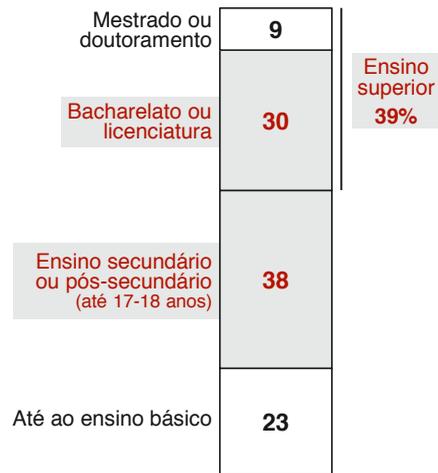
Entre as mulheres com ensino superior, as três áreas mais comuns são: «Direito, Ciências Sociais e Serviços», «Economia, Gestão e Contabilidade» e «Humanidades, Secretariado e Tradução».

Os tipos de cursos mais frequentes entre as mulheres com ensino secundário ou pós-secundário são dois: os «Cursos profissionais» e os «Cursos científico-humanísticos».

O mais habitual

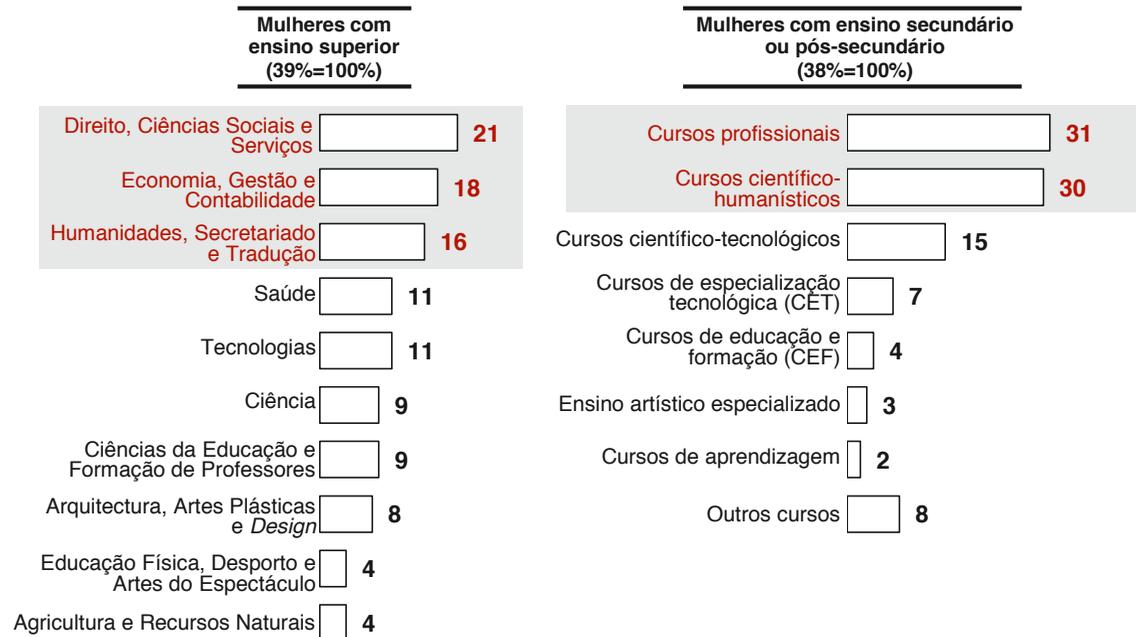
**NÍVEL DE ESCOLARIDADE**

% de mulheres por categoria



**TIPO DE CURSO / ÁREAS QUE ESTUDARAM / ESTÃO A ESTUDAR (1)**

% de mulheres por categoria



(1) Recolhe a totalidade dos tipos de curso/áreas que as mulheres estudaram/estão a estudar, pelo que a soma pode ser superior a 100%.

### **Nível de escolaridade da nova geração de mulheres relativamente à anterior**

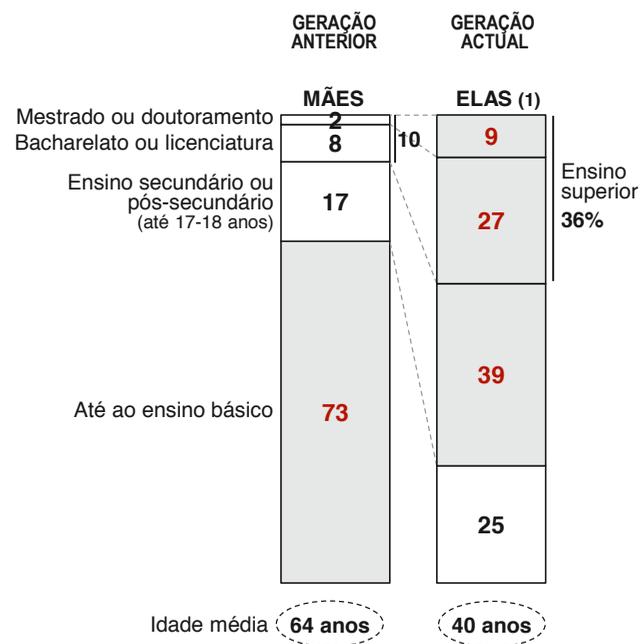
Quando comparamos o nível de estudos da actual geração de mulheres com o das suas mães, podemos concluir que, actualmente, uma esmagadora maioria de “filhas” tem um nível de escolaridade que é superior ao das respectivas mães (84%).

Quase três quartos (73%) das mães das mulheres que já concluíram os estudos deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico. Por seu turno, esta situação reduziu-se apenas a um quarto, entre as filhas.

Principais diferenças entre gerações

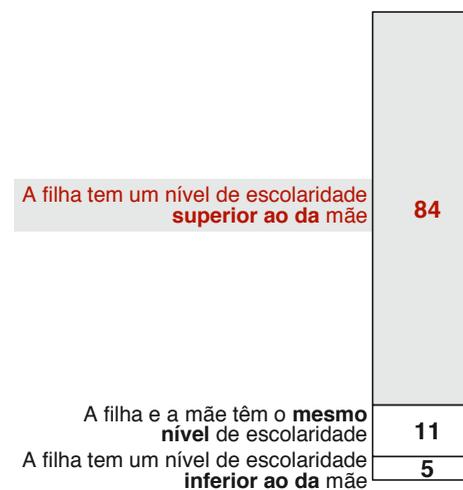
### NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MULHER E DA MÃE

% de mulheres por categoria



### GRAU DE COINCIDÊNCIA COM A MÃE EM RELAÇÃO AO NÍVEL DE ESCOLARIDADE (2)

% de mulheres por categoria



- (1) Nesta análise não foram incluídas 7% de mulheres que ainda estão a estudar.  
 (2) Nesta análise não foram incluídas 5% de mulheres que não querem ou não podem falar das mães.

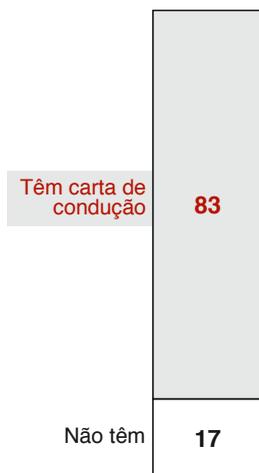
### **Frequência com que conduzem e número de carros que têm**

Ter carta de condução é o mais habitual: a grande maioria das mulheres tem-na, o que coloca as que não têm carta de condução em menos de duas em cada dez mulheres (17%). Entre as que a têm, o mais habitual é conduzir todos ou quase todos os dias. A exceção são as mulheres que, tendo carta de condução, não conduzem nunca ou conduzem menos de uma vez por semana (são apenas 12%).

Quase todas as mulheres (91%) têm carro. O mais habitual é ter um ou dois carros.

■ O mais habitual

**TÊM CARTA DE CONDUÇÃO**  
% de mulheres por categoria



Base: Têm carta de condução (83%=100%)

**FREQUÊNCIA COM QUE CONDUZEM**  
% de mulheres por categoria



**TÊM CARRO**  
% de mulheres por categoria



Base: Têm carro (91%=100%)

**NÚMERO DE CARROS QUE TÊM**  
% de mulheres por categoria



N.º médio de carros que têm em casa **1,7**

### **Altura, Peso e Índice de Massa Corporal**

No que diz respeito à altura, o mais habitual é medirem entre 1,56 e 1,65 metros (é o caso de 56% das mulheres objecto deste estudo).

A altura média das mulheres é de 1,63 metros.

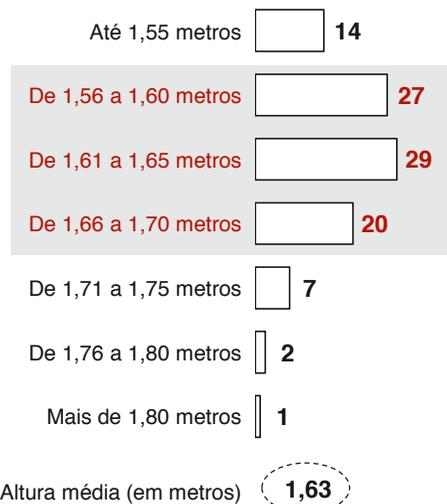
No que se refere ao peso, quase dois terços das mulheres declararam pesar entre 50 e 70 kg. O peso médio das mulheres situa-se em 67 kg.

O índice que relaciona ambos os indicadores, o IMC (Índice de Massa Corporal), mostra que 43% dos 2,7 milhões de mulheres objecto desta investigação têm algum tipo de excesso de peso. Entre elas, 15% situam-se na faixa considerada de obesidade.

O mais habitual

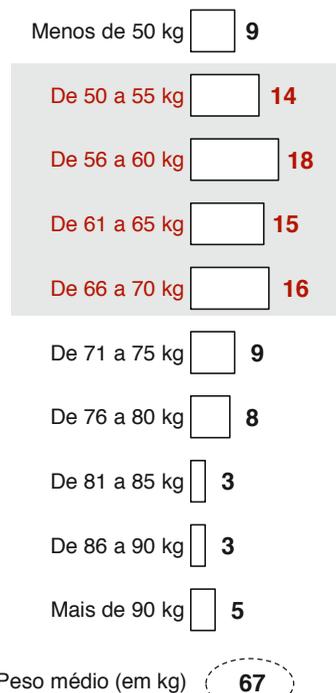
### ALTURA

% de mulheres por categoria



### PESO

% de mulheres por categoria



### ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC) (1)

% de mulheres por categoria



(1)  $\text{Peso (em kg)} / \text{Altura}^2 \text{ (em metros)}$ .

### **Como distribuem as 24 horas do dia e até que ponto são “caseiras”?**

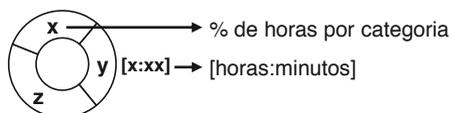
As mulheres passam quase um terço da sua vida a dormir e pouco mais de dois terços acordadas. Nos dias de descanso/no fim-de-semana, as mulheres conseguem dormir quase mais uma hora por dia do que nos dias úteis/de segunda a sexta-feira (8 horas relativamente a pouco mais de 7 horas).

O tempo que as mulheres passam acordadas em casa e fora de casa distribui-se de maneira diferente nos dias da semana: nos dias úteis o mais habitual é que as mulheres passem mais tempo fora de casa do que em casa (42% relativamente a 28%), enquanto nos dias de descanso, a situação inverte-se e passam quase o dobro do tempo em casa do que fora de casa.

De acordo com o tempo que nos dias de descanso/no fim-de-semana as mulheres passam acordadas em casa, identificaram-se quatro tipos de mulheres. O mais habitual é o das “muito caseiras” que costumam passar em casa quase todo o tempo que estão acordadas e o grupo menos habitual é o oposto, o das “nada caseiras” que passam em casa menos de metade do tempo que estão acordadas (35% e 14%, respectivamente).

Principais diferenças

### DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS DO DIA



#### NOS DIAS ÚTEIS



#### NOS DIAS DE DESCANSO / NO FIM-DE-SEMANA



O mais habitual

### TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO O TEMPO QUE COSTUMAM PASSAR EM CASA ACORDADAS NOS DIAS DE DESCANSO

% de mulheres por categoria

		N.º médio de horas/dia que estão acordadas em casa nos dias de descanso
<b>MUITO CASEIRAS</b> (Nos dias de descanso, passam em casa entre 76% e 100% do tempo que estão acordadas)	35	[13:36]
<b>CASEIRAS</b> (Nos dias de descanso, passam em casa entre 51% e 75% do tempo que estão acordadas)	26	[10:30]
<b>POUCO CASEIRAS</b> (Nos dias de descanso, passam em casa 50% do tempo que estão acordadas)	25	[8:00]
<b>NADA CASEIRAS</b> (Nos dias de descanso, passam em casa menos de 50% do tempo que estão acordadas)	14	[4:48]

### **Tempo de que dispõem para si próprias nos dias úteis**

O mais habitual entre as mulheres é dispor de uma ou duas horas por dia para si próprias em casa (para a higiene pessoal, ver televisão, ouvir música, ler, etc.) e de uma ou duas horas por dia fora de casa (para ir ao cabeleireiro, ao cinema, fazer desporto, encontrar-se com pessoas amigas, etc.). Em média, por dia, as mulheres dispõem para si próprias de pouco mais de 4 horas: em casa, 2 horas e 24 minutos e, fora de casa, de 1 hora e 42 minutos.

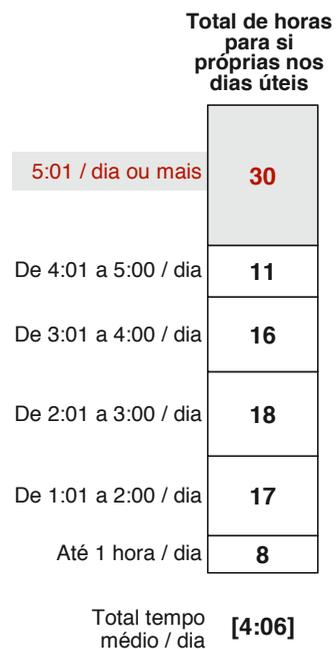
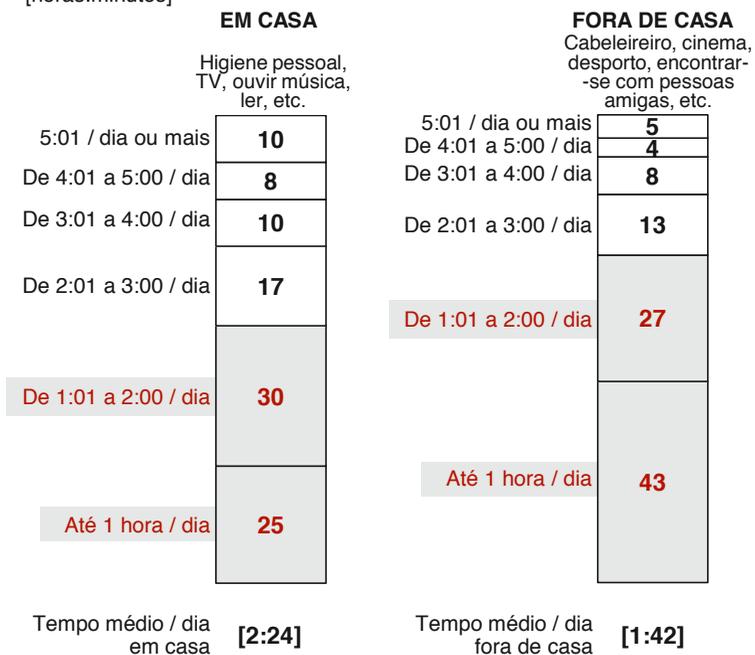
Quando lhes perguntamos com que frequência se sentem demasiado cansadas, a grande maioria das mulheres (71%), declara que o está sempre ou quase sempre. Estas mulheres têm menos tempo para si próprias: a média situa-se mais perto das 3 horas por dia.

■ O mais habitual

### HORAS PARA SI PRÓPRIAS NOS DIAS ÚTEIS

% de mulheres por categoria

[x:xx] → [horas:minutos]



### FREQUÊNCIA COM QUE SE SENTEM DEMASIADO CANSADAS

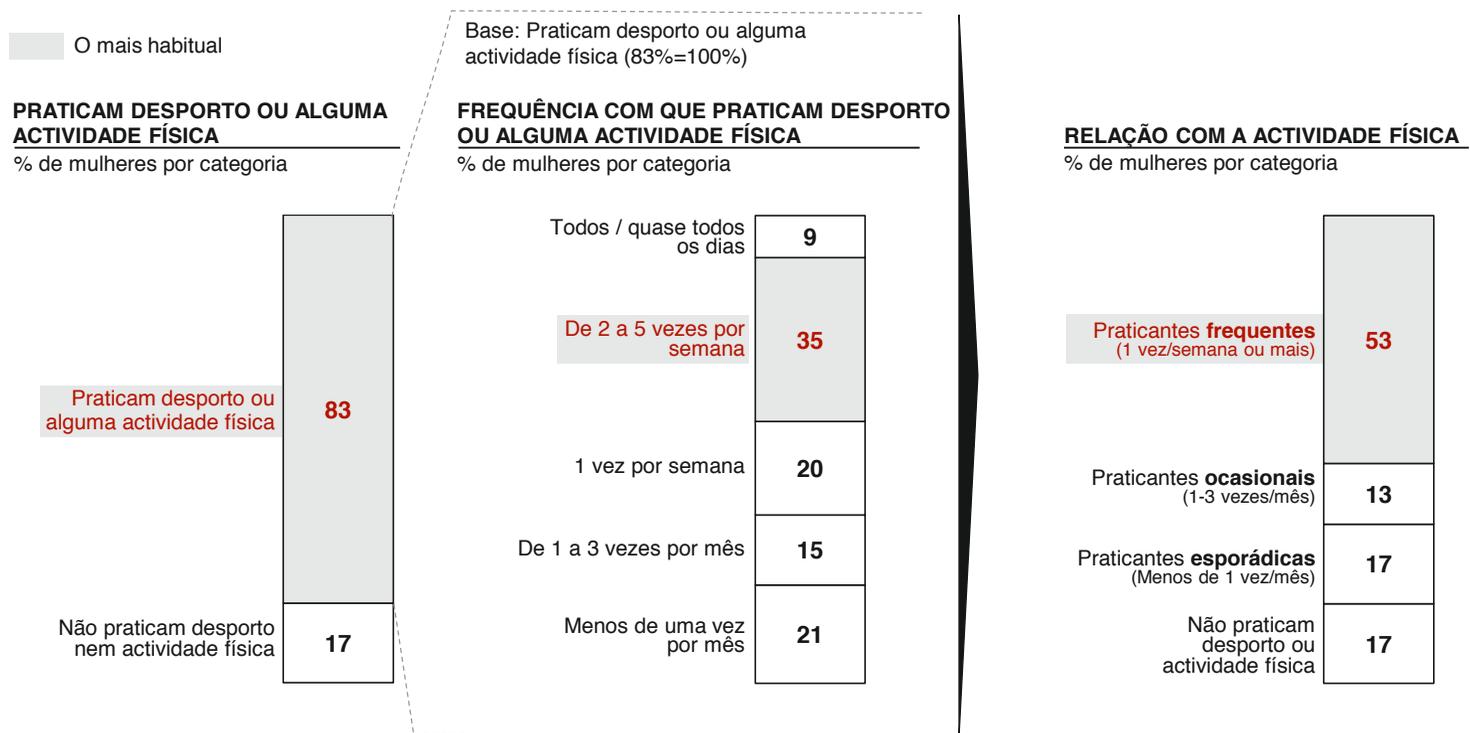
% de mulheres por categoria



### **Relação com a actividade física**

O desporto ou a actividade física são uma prática habitual entre as mulheres: mais de metade (53%) dos 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa declararam praticar algum desporto ou alguma actividade física de forma frequente, ou seja, uma vez por semana ou mais.

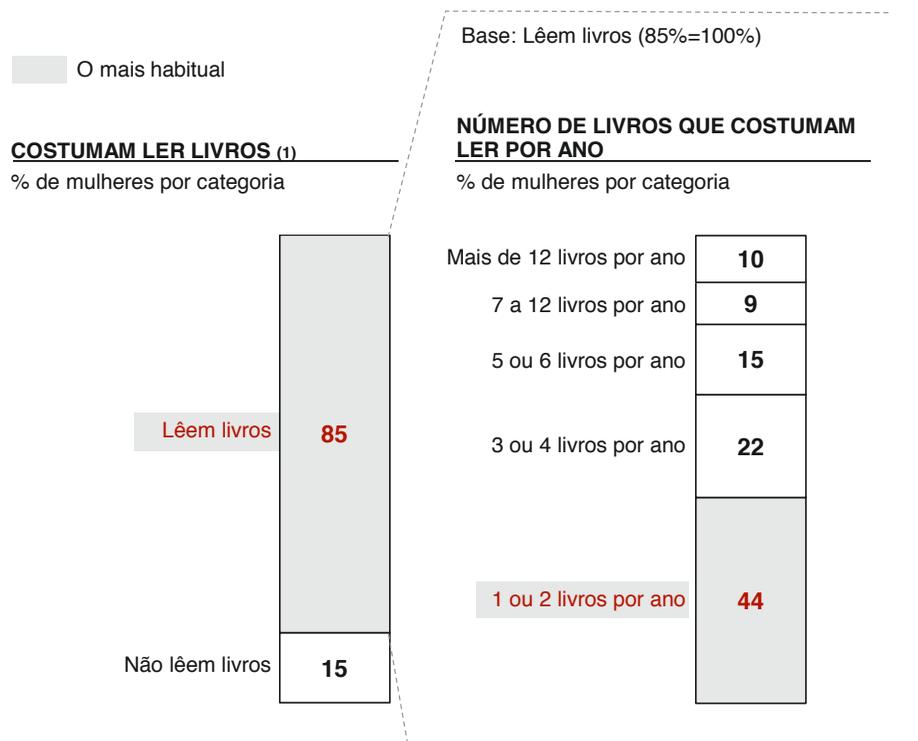
No extremo oposto, as que não costumam praticar nenhum desporto nem actividade física são menos de duas em cada dez (17%).



## Relação com a leitura

Quase todas as mulheres que este estudo representa declararam que costumam ler livros, fora do âmbito do trabalho ou dos estudos, o que coloca as não leitoras em apenas 15%.

Entre as leitoras, o mais habitual é ler um ou dois livros por ano. Estas foram chamadas de «leitoras ligeiras» e são mais de um terço (37%). As restantes foram denominadas como «leitoras médias» (lêem entre três e seis livros por ano), que são 32%, e «grandes leitoras» (lêem mais de seis livros por ano) que são 16%.



**RELAÇÃO COM A LEITURA**

% de mulheres por categoria

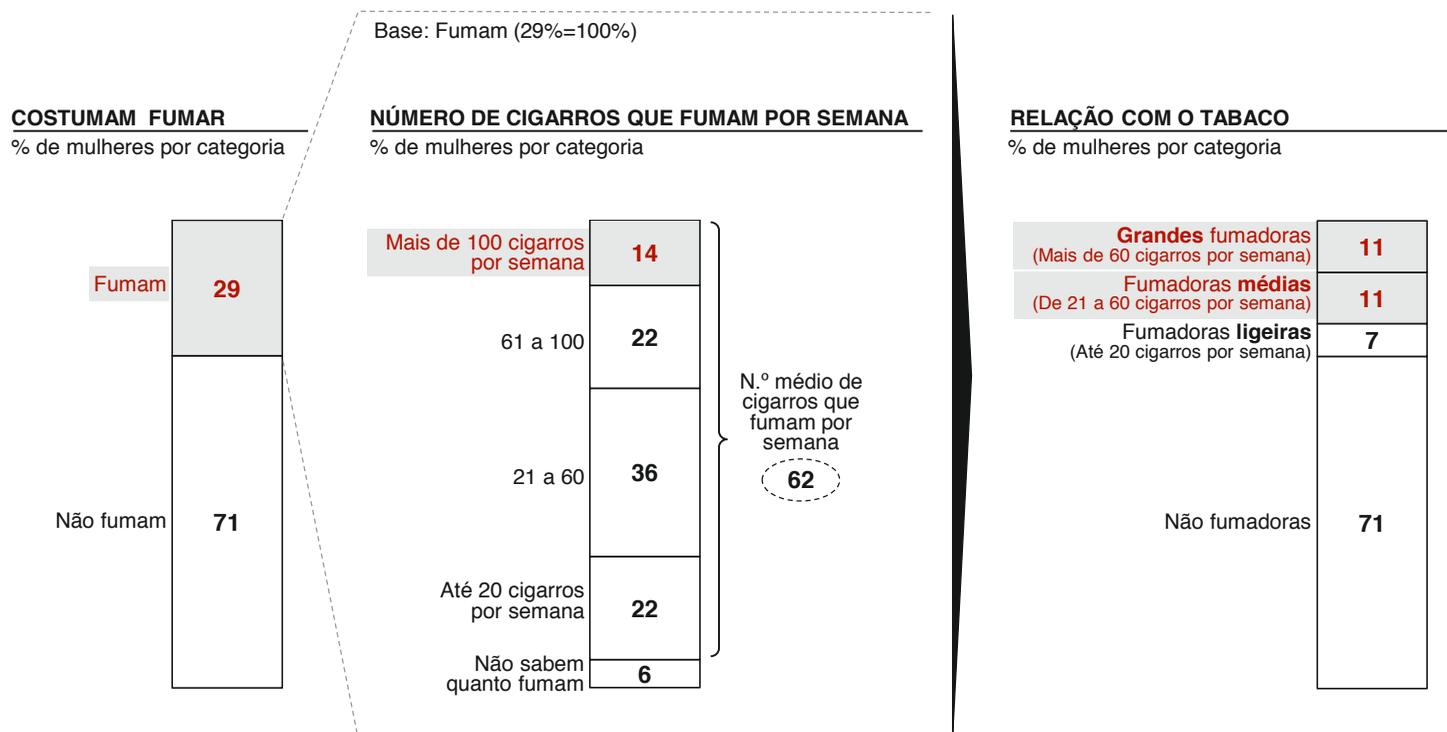


(1) Pediu-se que não fossem considerados os livros que costumam ler no âmbito do trabalho ou dos estudos.

## Relação com o tabaco

A grande maioria dos 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa não é fumadora (71%). Declararam-se fumadoras menos de um terço das mulheres (29%).

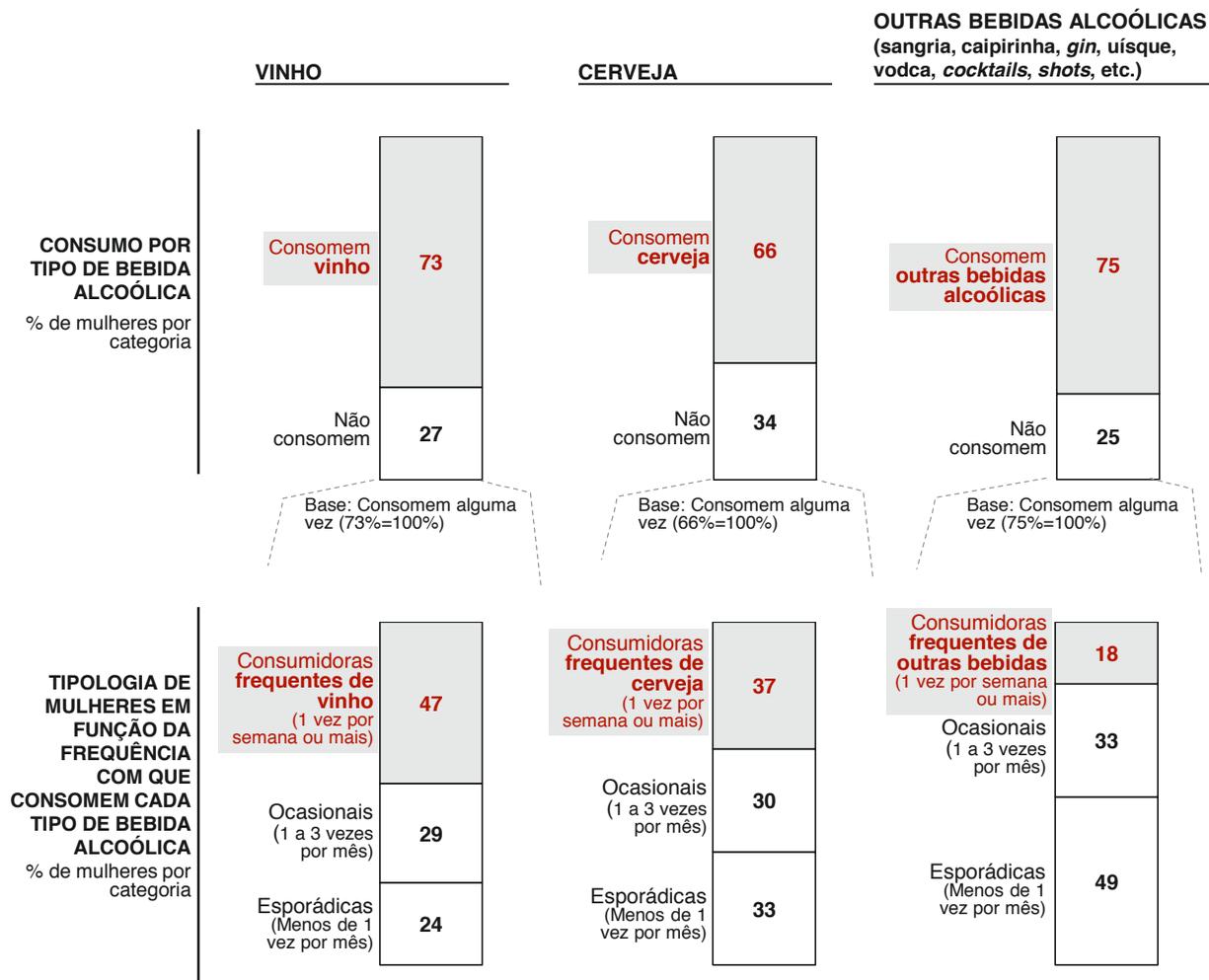
Entre as fumadoras, identificaram-se três tipos: as «grandes fumadoras» (fumam mais de 60 cigarros por semana) são 11%; as «fumadoras médias» (fumam entre 21 e 60 cigarros por semana) são também 11% e as «fumadoras ligeiras», (fumam até 20 cigarros por semana) que são as menos habituais, 7%.



## Relação com as bebidas alcoólicas

As não consumidoras de bebidas alcoólicas são a minoria: apenas 14% dos 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa declararam que nunca consomem vinho, nem cerveja, nem outras bebidas alcoólicas como sangria, caipirinha, *gin*, uísque, vodca, *cocktails* ou *shots*.

Entre as consumidoras de bebidas alcoólicas, identificaram-se quatro tipos que têm proporções muito parecidas: as mais *heavy* «*consomem de forma frequente 2 ou mais tipos de bebidas alcoólicas*» (21%); as «*consumidoras frequentes de um único tipo de bebida alcoólica*» (22%); as «*consumidoras de 3 ou mais tipos de bebidas alcoólicas mas nenhum deles de forma frequente*» (20%), e as consumidoras mais *light*, que «*consomem 1 ou 2 tipos de bebidas alcoólicas mas nenhum deles de forma frequente*» (23%).



% de mulheres por categoria

		CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS			
		3 ou mais tipos	2 tipos	1 tipo	Nenhum
CONSUMO FREQUENTE DE DIFERENTES TIPOS DE BEBIDAS ALCOÓLICAS	Todos os tipos	8			
	2 tipos	11	2		
	1 tipo	14	6	2	
	Nenhum	20	13	10	14

#### RELAÇÃO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS

% de mulheres por categoria

Consumidoras frequentes de 2 ou mais tipos de bebidas alcoólicas	21
Consumidoras frequentes de 1 tipo de bebida alcoólica	22
Consumidoras de 3 ou mais tipos de bebidas alcoólicas mas nenhum de forma frequente	20
Consumidoras de 1 ou 2 tipos de bebidas alcoólicas mas nenhum de forma frequente	23
Não consumidoras de bebidas alcoólicas	14

### Relação com dois tipos de medicamentos

Entre os 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, os «medicamentos para a ansiedade ou para os distúrbios do sono» são bastante mais habituais que os «antidepressivos».

As que nunca na vida tomaram «medicamentos para a ansiedade ou para os distúrbios do sono» são menos de metade (44%). As restantes dividem-se em duas partes, as que agora não costumam tomar, mas que no passado já tomaram (23%) e as que estão a tomar na actualidade (33%). Entre estas últimas, as que os tomam de forma frequente, isto é, uma vez por semana ou mais, são 22%.

As que nunca na vida tomaram «antidepressivos» são bastante mais: 57%. As restantes dividem-se entre as que agora não costumam tomar mas no passado já tomaram (25%), e as que estão a tomar na actualidade (18%). Entre estas últimas, as que os tomam de forma frequente, isto é, uma vez por semana ou mais, são 15%.

**FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TOMAR ...**

**MEDICAMENTOS PARA A ANSIEDADE OU PARA OS DISTÚRBIOS DO SONO**

% de mulheres por categoria

Todos / quase todos os dias	<input type="checkbox"/>	13	<b>Frequentes</b> 22%
4 ou 5 vezes por semana	<input type="checkbox"/>	3	
2 ou 3 vezes por semana	<input type="checkbox"/>	3	
1 vez por semana	<input type="checkbox"/>	3	
3 vezes por mês	<input type="checkbox"/>	2	
2 vezes por mês	<input type="checkbox"/>	1	
1 vez por mês	<input type="checkbox"/>	2	
Menos de 1 vez por mês	<input type="checkbox"/>	6	
Agora não costumam tomar, mas no passado já tomaram	<input type="checkbox"/>	23	
Nunca na vida tomaram	<input type="checkbox"/>	44	

**ANTIDEPRESSIVOS**

% de mulheres por categoria

Todos / quase todos os dias	<input type="checkbox"/>	11	<b>Frequentes</b> 15%
4 ou 5 vezes por semana	<input type="checkbox"/>	1	
2 ou 3 vezes por semana	<input type="checkbox"/>	1	
1 vez por semana	<input type="checkbox"/>	2	
3 vezes por mês	<input type="checkbox"/>	1	
2 vezes por mês	<input type="checkbox"/>	0	
1 vez por mês	<input type="checkbox"/>	1	
Menos de 1 vez por mês	<input type="checkbox"/>	1	
Agora não costumam tomar, mas no passado já tomaram	<input type="checkbox"/>	25	
Nunca na vida tomaram	<input type="checkbox"/>	57	

### **Ranking de concordância com formas de ser e atitudes perante a vida**

Das 18 questões relacionadas com formas de ser e atitudes perante a vida que foram consideradas na investigação, a que mais consenso suscitou entre o conjunto dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa é “Acho que as pessoas devem cumprir as regras, mesmo quando ninguém está a ver”. A larga maioria das mulheres está de acordo com esta afirmação, com diferentes intensidades: 46% totalmente de acordo, 33% bastante de acordo e 14% com algum acordo. Por conseguinte, são apenas 7% as mulheres que não estão de acordo.

Com um nível de acordo muito parecido, quase todas as mulheres se identificaram com a afirmação: “Gosto muito de crianças” e com “Costumo ser muito crítica e exigente comigo mesma”.

No extremo oposto, as questões que, das 18 avaliadas, geraram um menor consenso, o que indica uma grande diversidade de formas de ser e atitudes perante a vida, são as questões relacionadas com as reuniões sociais, com os sonhos eróticos, com as tendências de moda e a renovação do guarda-roupa, e com viver no presente pensando ou não noutros momentos.

**PERCENTAGEM DE MULHERES POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA UMA DAS 18 QUESTÕES CONSIDERADAS NA INVESTIGAÇÃO**

	Escala utilizada:						Concordo muito + totalmente
	Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente	
Acho que as pessoas devem cumprir as regras, mesmo quando ninguém está a ver	11	5	14	33	46		79%
Gosto muito de crianças	22	4	15	29	48		77%
Costumo ser muito crítica e exigente comigo mesma	12	6	23	35	33		68%
Mesmo quando discordo de alguém, faço tudo o que for possível para compreender essa pessoa	11	7	32	35	24		59%
Tento não chamar a atenção para mim	22	10	28	29	29		58%
Seria incapaz de perdoar uma infidelidade do meu marido/companheiro/a	5	5	13	20	23	34	57%
Sou uma pessoa muito organizada	2	4	11	26	30	27	57%
Tento que a minha alimentação seja saudável e equilibrada	13	8	33	33	22		55%
Consego quase sempre atingir os objectivos que me proponho alcançar	12	9	34	39	15		54%
Não permito que os pequenos inconvenientes da vida me desanimem	1	5	14	29	29	22	51%
Não entendo o sexo sem amor	6	8	15	21	23	27	50%
Tenho espírito aventureiro	2	5	13	33	27	20	47%
Sou muito respeitadora dos costumes e das crenças tradicionais	4	7	15	33	25	16	41%
Nos meus tempos livres, prefiro estar com pessoas amigas do que sozinha	4	4	20	34	23	15	38%
Vivo no presente sem pensar demasiado nem no passado nem no futuro	7	12	23	29	19	10	29%
Procuro estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o meu guarda-roupa	8	8	19	37	17	11	28%
Gosto de ter sonhos eróticos	10	11	17	36	17	9	26%
Em reuniões sociais, costumo sentir-me insegura	12	13	20	32	15	8	23%

### **Processo de obtenção da tipologia de mulheres segundo formas de ser e atitudes perante a vida**

Para obter uma macrotipologia de mulheres que permita representar bem os diferentes tipos de mulheres que existem consoante a sua forma de ser e a atitude perante a vida, consideraram-se de forma conjunta as 18 questões incluídas na investigação, após a atribuição de um valor numérico a cada uma das seis opções de respostas disponíveis na escala utilizada. Se a resposta foi “concordo totalmente”, o valor atribuído foi de 1000 pontos, se a resposta foi “concordo muito”, o valor atribuído foi de 600 e se a opção escolhida foi “concordo um pouco”, o valor atribuído foi de 300. No caso das três opções de respostas no sentido de “discordo”, os pontos atribuídos foram os mesmos, mas negativos.

Utilizando o método de análise “*Cluster* não Hierárquico”, com centros de gravidade livres, segundo a opinião das mulheres nas 18 questões consideradas, efectuou-se um processo de segmentação das mulheres em que se analisou o resultado da solução com dois tipos,

o resultado da solução com três tipos... E assim sucessivamente até à solução com sete tipos. Em cada solução, o objectivo pretendido foi que as mulheres que pertencem a um determinado tipo fossem o mais possível semelhantes entre si e, no entanto, o mais possível diferentes em relação às mulheres que pertencem aos outros tipos, no que diz respeito única e exclusivamente às 18 questões de formas de ser e atitudes perante a vida consideradas.

Com base nos resultados de cada uma das soluções de segmentação obtidas, a equipa que participou na investigação considerou que a solução com 5 tipos é a mais adequada.

**DADOS DE BASE: INTENSIDADE DE ACORDO MÉDIA  
CALCULADA PARA AS 18 QUESTÕES DAS FORMAS DE SER  
E ATITUDES PERANTE A VIDA**

Escala utilizada:

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
-1000	-600	-300	300	600	1000

	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 17	Questão 18
Mulher 1	300	600	-300	300	600
Mulher 2	300	-300	1000	300	300
Mulher 3	-600	-1000	600	600	300
.	.	.	.	.	.
.	.	.	.	.	.
.	.	.	.	.	.
.	.	.	.	.	.
.	.	.	.	.	.
Mulher 2.428	1000	600	300	600	-1000

A mulher 3 discorda totalmente com a questão 2 e concorda muito com a questão 3

**PROCESSO DE ANÁLISE**

**Análise cluster**  
(não hierárquico) com centros de gravidade livres segundo a opinião das mulheres nas 18 questões consideradas na investigação no que respeita às formas de ser e atitudes perante a vida

**RESULTADO: TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA**

% de mulheres por categoria

<b>100% das mulheres</b>
--------------------------

Segmentação em 2 Tipos

Tipo 1/2 (46%)	Tipo 2/2 (54%)
-------------------	-------------------

Segmentação em 3 Tipos

Tipo 1/3 (34%)	Tipo 2/3 (33%)	Tipo 3/3 (33%)
-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 4 Tipos

Tipo 1/4 (24%)	Tipo 2/4 (23%)	Tipo 3/4 (25%)	Tipo 4/4 (28%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 5 Tipos

Tipo 1/5 (19%)	Tipo 2/5 (24%)	Tipo 3/5 (24%)	Tipo 4/5 (15%)	Tipo 5/5 (18%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 6 Tipos

Tipo 1/6 (15%)	Tipo 2/6 (16%)	Tipo 3/6 (15%)	Tipo 4/6 (17%)	Tipo 5/6 (23%)	Tipo 6/6 (14%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 7 Tipos

Tipo 1/7 (14%)	Tipo 2/7 (14%)	Tipo 3/7 (15%)	Tipo 4/7 (13%)	Tipo 5/7 (21%)	Tipo 6/7 (13%)	Tipo 7/7 (10%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

### **Funções diferenciadoras que definem os cinco tipos de mulheres identificados segundo formas de ser e atitudes perante a vida**

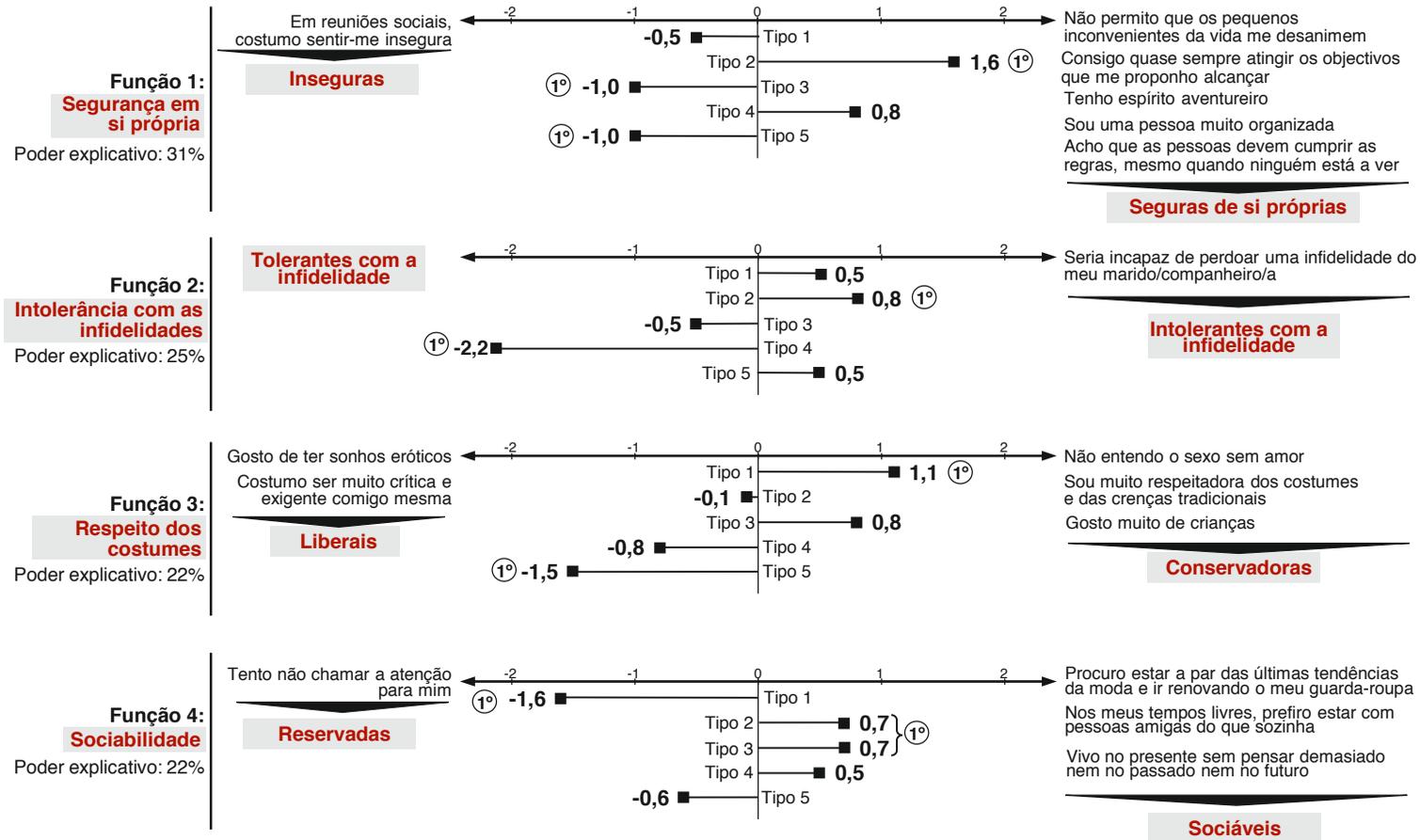
Tendo por objectivo ajudar a entender o que é que caracteriza e o que é que diferencia cada um dos cinco tipos identificados de mulheres, efectuou-se uma análise discriminante. No gráfico, especificam-se as quatro funções discriminantes resultantes da referida análise bem como a posição que cada um dos 5 tipos ocupa em cada função.

- A função 1, que tem uma capacidade explicativa de quase um terço das diferenças entre tipos (31%), foi denominada como a dimensão da “Segurança em si própria”. Esta função explica muito bem as diferenças entre o Tipo 2, (o mais extremo na parte direita, que corresponde às “seguras de si próprias”) e os tipos 3 e 5 (os mais extremos na parte esquerda, que corresponde às “inseguras”).
- A função 2, que tem uma capacidade explicativa de um quarto (25%) das diferenças entre tipos, foi chamada como a dimensão da “Intolerância para com as infidelidades”. Esta função explica muito bem as diferenças entre o Tipo 4, (o mais extremo na parte esquerda, que corresponde às “tolerantes para com a infidelidade”) e os restantes tipos, sobretudo o tipo 2, que corresponde às “intolerantes para com a infidelidade”).

- A função 3, que tem uma capacidade explicativa de 22%, foi designada como a dimensão do “Respeito pelos costumes”. Esta função explica muito bem as diferenças entre o Tipo 5, (o mais extremo na parte esquerda, que corresponde às “liberais”) e os tipos 1 e 3, que correspondem às “conservadoras”).
- A função 4, que tem uma capacidade explicativa igual à da anterior função, foi chamada como a dimensão da “Sociabilidade”. Esta função explica muito bem as diferenças entre o Tipo 1, (o mais extremo na parte esquerda, que corresponde às “reservadas”) e os tipos 2 e 3 (os mais extremos na parte direita, que corresponde às “sociáveis”).

**POSIÇÃO QUE CADA UM DOS 5 TIPOS IDENTIFICADOS OCUPA EM CADA FUNÇÃO DISCRIMINANTE (1)**

① Indica o tipo ou tipos de formas de ser e atitudes perante a vida que, em cada extremo de cada uma das quatro funções discriminantes identificadas, se diferencia mais dos restantes tipos.



■ O mais habitual

**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA (2)**

% de mulheres por categoria

Tipo 1 "Reservadas"	19
Tipo 2 "Seguras-Intolerantes"	24
Tipo 3 "Conservadoras"	24
Tipo 4 "Seguras-Tolerantes"	15
Tipo 5 "Liberais"	18

(1) Funções obtidas através da Análise discriminante com base na opinião das mulheres nas 18 questões relativas a formas de ser e atitudes perante a vida.  
(2) Tipologia obtida através da Análise cluster (não hierárquico) com centros de gravidade livres.

### **Cinco tipos de mulheres segundo formas de ser e atitudes perante a vida: quantas são e o que as caracteriza?**

No gráfico especifica-se, para cada um dos cinco tipos de mulheres identificadas, tanto a sua proporção, isto é, quantas mulheres compõem cada tipo, como o valor médio da intensidade de acordo com cada uma das 18 questões incluídas na investigação relativamente às formas de ser e atitudes perante a vida.

Entre os cinco tipos identificados, os mais recorrentes são dois: o das “Seguras-Intolerantes” e o das “Conservadoras”. O tipo mais reduzido é o das “Seguras-Tolerantes”.

- As “Seguras-Intolerantes” (Tipo 2) diferenciam-se dos restantes tipos fundamentalmente nas questões relacionadas com a segurança em si próprias dado que é neste tipo de mulheres que se alcança o máximo nível de acordo com as oito questões que definem a segurança em si próprias: são as mais exigentes e organizadas, quase sempre conseguem o que se propõem e não permitem que os pequenos inconvenientes da vida as desanimem. O que as diferencia do tipo 4, é que se declararam incapazes de perdoar uma infidelidade do marido ou companheiro/a, de onde deriva serem chamadas “Intolerantes”.
- As “Seguras-Tolerantes” (Tipo 4) são muito semelhantes às do tipo 2 no que diz respeito às questões relacionadas com a segurança em si próprias. A principal diferença relativamente àquelas, é que estas declararam-se capazes de perdoar uma infidelidade do marido ou companheiro/a, talvez porque entendem o sexo sem amor.
- As “Liberais” (tipo 5) diferenciam-se das restantes basicamente pela sua atitude quanto à dimensão relacionada com os costumes: são as que mais entendem o sexo sem amor, as que mais gostam de ter sonhos eróticos, as menos respeitadoras dos costumes e das crenças tradicionais e também as que menos gostam de crianças. No entanto, são das mais críticas e exigentes consigo próprias. São as menos preocupadas em terem uma alimentação saudável e equilibrada.
- O que mais diferencia as que foram designadas como “Conservadoras” (tipo 3) das restantes é a sua atitude quanto ao respeito pelos costumes, sendo opostas às “Liberais”: não entendem o sexo sem amor, não gostam de ter sonhos eróticos, gostam muito de crianças e são, além disso, as mais respeitadoras dos costumes e das crenças tradicionais. São as menos críticas e exigentes consigo próprias e as que mais vivem o presente sem pensar demasiado no passado ou no futuro. São as mais sociáveis e as que mais se preocupam com a sua aparência.
- As “Reservadas” (tipo 1) diferenciam-se das restantes basicamente pela sua atitude quanto à sociabilidade: são as que mais tentam não chamar a atenção, as menos sociáveis e as menos preocupadas com as últimas tendências de moda e em renovar o guarda-roupa.

Escala utilizada:

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
-1000	-600	-300	300	600	1000

Pontos atribuídos a cada opção de resposta:

- Tipos em que as mulheres estão mais de acordo com essa questão
- Tipos em que as mulheres estão menos de acordo com essa questão

**INTENSIDADE DE ACORDO MÉDIA COM CADA QUESTÃO**

Questões relacionadas com...		Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5
...Segurança em si própria (2)	Em reuniões sociais, costumo sentir-me insegura	333	-620	228	-204	429
	Não permito que os pequenos inconvenientes da vida me desanimem	293	636	323	553	124
	Consigo quase sempre atingir os objectivos que me proponho alcançar	331	627	335	534	350
	Tenho espírito aventureiro	93	659	229	516	331
	Sou uma pessoa muito organizada	472	620	302	553	374
	Acho que as pessoas devem cumprir as regras, mesmo quando ninguém está a ver	751	773	549	660	569
	Mesmo quando discordo de alguém, faço tudo o que for possível para compreender essa pessoa	510	598	440	583	413
...Intolerância com as infidelidades	Tento que a minha alimentação seja saudável e equilibrada	382	559	454	521	349
	Seria incapaz de perdoar uma infidelidade do meu marido/companheiro/a	535	718	414	-400	638
...Respeito dos costumes	Não entendo o sexo sem amor	715	320	585	-120	-119
	Gosto de ter sonhos eróticos	-397	47	150	317	367
	Sou muito respeitadora dos costumes e das crenças tradicionais	380	296	427	228	-5
	Gosto muito de crianças	757	702	676	699	441
...Sociabilidade	Costumo ser muito crítica e exigente comigo mesma	531	684	384	602	686
	Procuro estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o meu guarda-roupa	-241	273	322	181	40
	Tento não chamar a atenção para mim	776	338	367	411	581
	Nos meus tempos livres, prefiro estar com pessoas amigas do que sozinha	34	399	447	288	74
	Vivo no presente sem pensar demasiado nem no passado nem no futuro	-45	186	285	261	-282

■ O mais habitual

**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA (1)**

% de mulheres por categoria

Tipo 1 "Reservadas"	19
Tipo 2 "Seguras-Intolerantes"	24
Tipo 3 "Conservadoras"	24
Tipo 4 "Seguras-Tolerantes"	15
Tipo 5 "Liberais"	18

(1) Tipologia obtida através da Análise *cluster* (não hierárquico) com centros de gravidade livres.  
(2) Agrupações identificadas através da Análise discriminante entre a tipologia de mulheres obtidas.

### **Até que ponto concordam com os conselhos avaliados?**

Dos sete conselhos avaliados, os dois que têm mais adeptas entre os 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa são: “Não acumules erros: se a tua relação não está bem, não tentes ter um filho/a para resolver o problema”, que foi considerado um conselho muito bom por quase dois terços das mulheres (61%); e “Nunca deixes de ter vida própria: dedica sempre algum tempo àquilo que realmente gostas de fazer”, que foi considerado um conselho muito bom por mais de metade (52%).

**PERCENTAGEM DE MULHERES POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA CONSELHO**

	Muito bom conselho	Bom conselho	Mau conselho	Saldo de concordância (Muito bom conselho – Mau conselho)
Não acumules erros: se a tua relação não está bem, não tentes ter um filho/uma filha para resolver o problema	61	36	3	58
Nunca deixes de ter vida própria: dedica sempre “algum tempo” àquilo que realmente gostas de fazer	52	46	2	50
Nunca dêes a tua relação de casal como “garantida”: tenta esforçar-te todos os dias como fazias no início	45	51	4	41
Antes de dar um passo decisivo com o teu companheiro, fala com ele dos assuntos que para ti são relevantes. Não assumas que concordará contigo quando chegar a altura	39	57	4	35
Se tens filhos/as, lembra-te que o pai existia antes deles/delas. Cuida também dele	32	59	9	23
Lembra-te que as supermulheres não existem. Não é possível ser a mãe perfeita, esposa perfeita, amante perfeita, filha perfeita e, ainda, conseguir o trabalho dos teus sonhos. Decide aquilo a que vais dar prioridade e sê coerente	33	54	13	20
Se o teu trabalho é muito importante para ti e decides ter filhos/as, organiza a tua vida familiar e a tua casa de forma coerente antes de os/as ter	24	68	8	16

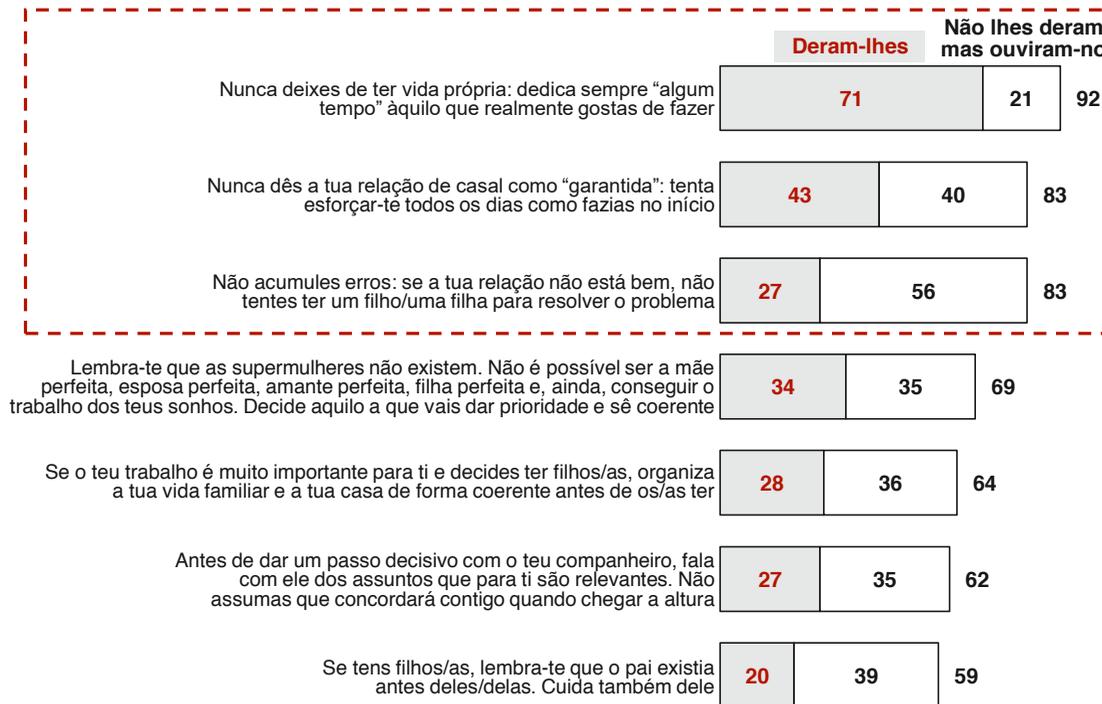
### **Grau de conhecimento dos conselhos avaliados**

Dos sete conselhos avaliados, o que mais mulheres referiram ter-lhes sido dado alguma vez é: “Nunca deixes de ter vida própria: dedica sempre algum tempo àquilo que realmente gostas de fazer”, que foi dado à grande maioria das mulheres (71%). Se a estas somarmos os 21% das mulheres que o ouviram apesar de não lho terem dado, vemos que este conselho é conhecido por praticamente todas as mulheres, 92%.

Outros dois conselhos que também são muito conhecidos, não tanto por lhos terem dado mas porque os ouviram alguma vez são: “Nunca dê a tua relação como garantida: tenta esforçar-te todos os dias como fazias no início” e “Não acumules erros: se a tua relação não está bem, não tentes ter um filho/a para resolver o problema”, que são conhecidos por 83% dos 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa.

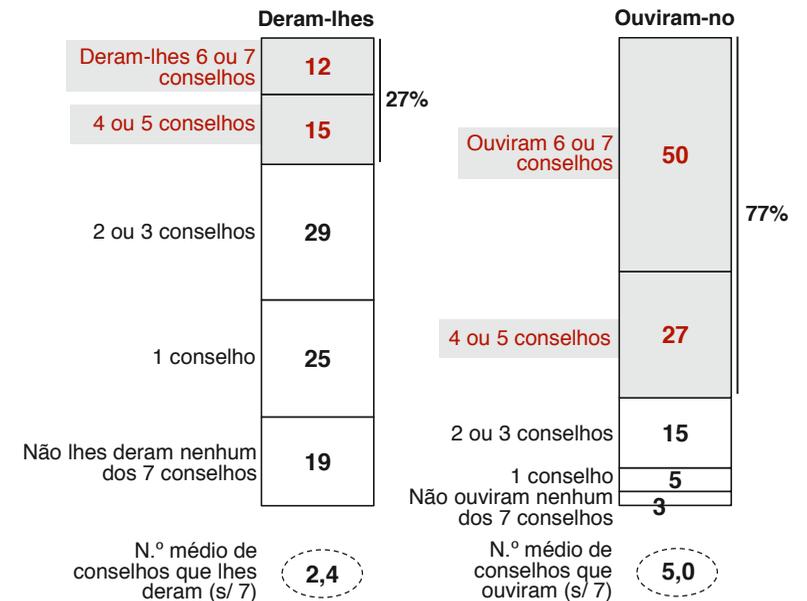
### DERAM-LHES CADA CONSELHO OU OUVIRAM-NO

% de mulheres por categoria



### GRAU DE CONHECIMENTO DOS CONSELHOS AVALIADOS

% de mulheres por categoria



### **Até que ponto apreendem e valorizam conselhos sobre a vida?**

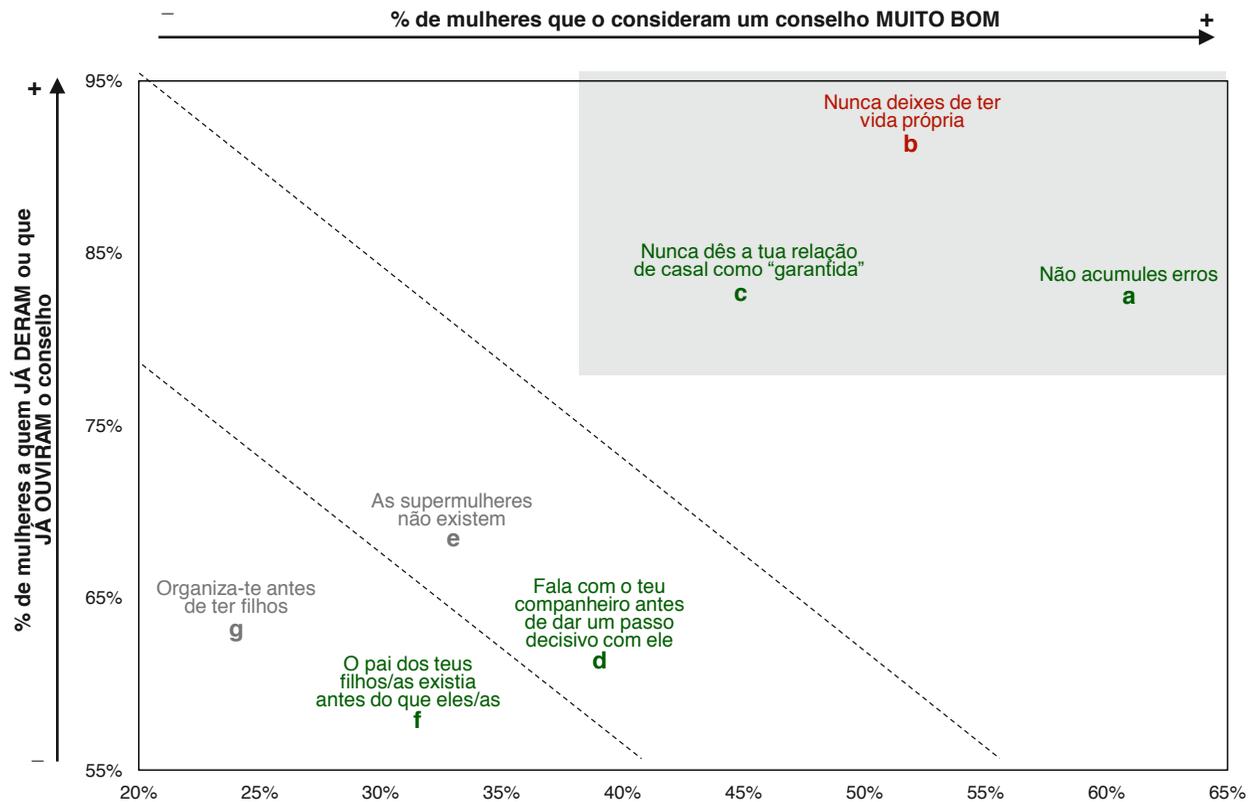
Entre os 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, observa-se uma relação muito clara entre o nível de conhecimento do conselho e a percepção de que é um conselho muito bom: quanto mais conhecimento, mais percepção têm de que é um muito bom conselho.

Por conseguinte, os três conselhos mais valorizados coincidem com os três mais conhecidos pelas mulheres, quer porque lhes deram quer porque os ouviram.

É surpreendente ver que os dois conselhos avaliados relativamente à “conciliação” do trabalho pago com a vida pessoal/familiar ocupam uma posição muito mais fraca do que a dos relativos à vida própria ou à pessoa parceira.

Conselhos mais populares

**MATRIZ DE CONHECIMENTO E OPINIÃO DOS CONSELHOS AVALIADOS**



**CONSELHOS AVALIADOS:**

- Relativos à conciliação
- Relativos à pessoa parceira
- Relativos à sua própria vida

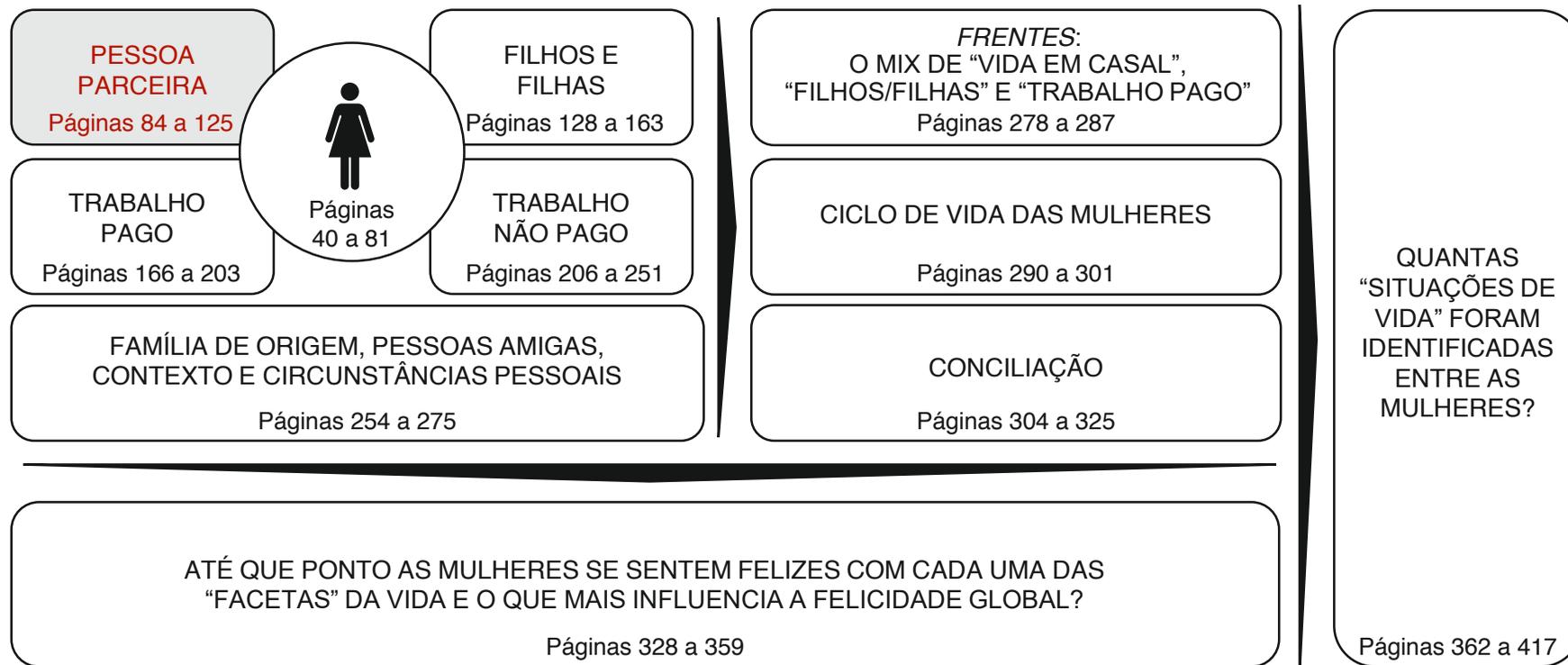
- a:** Não acumules erros: se a tua relação não está bem, não tentes ter um filho/uma filha para resolver o problema.
- b:** Nunca deixes de ter vida própria: dedica sempre "algum tempo" àquilo que realmente gostas de fazer.
- c:** Nunca dês a tua relação de casal como "garantida": tenta esforçar-te todos os dias como fazias no início.
- d:** Antes de dar um passo decisivo com o teu companheiro, fala com ele dos assuntos que para ti são relevantes. Não assumas que concordará contigo quando chegar a altura.
- e:** Lembra-te que as supermulheres não existem. Não é possível ser a mãe perfeita, esposa perfeita, amante perfeita, filha perfeita e, ainda, conseguir o trabalho dos teus sonhos. Decide aquilo a que vais dar prioridade e sê coerente.
- f:** Se tens filhos/as, lembra-te que o pai existia antes deles/delas. Cuida também dele.
- g:** Se o teu trabalho é muito importante para ti e decides ter filhos/as, organiza a tua vida familiar e a tua casa de forma coerente antes de os/as ter.

## **Capítulo 2**

### **Principais resultados sobre a pessoa parceira**

Nas páginas da 84 à 125 especificam-se os principais resultados obtidos relativamente à pessoa parceira.

A informação que a seguir se expõe faz referência a: relação com a pessoa parceira, opinião sobre as relações homem-mulher, quem é a pessoa parceira, quais são os hábitos do casal e como se sentem as mulheres relativamente à pessoa parceira.



RELAÇÃO COM A PESSOA PARCEIRA E OPINIÃO DAS MULHERES SOBRE AS RELAÇÕES HOMEM-MULHER  
QUEM É A PESSOA PARCEIRA E QUAIS SÃO OS HÁBITOS DO CASAL?  
COMO SE SENTEM AS MULHERES EM RELAÇÃO À PESSOA PARCEIRA?  
O QUE INFERIMOS SOBRE AS RELAÇÕES HOMEM-MULHER

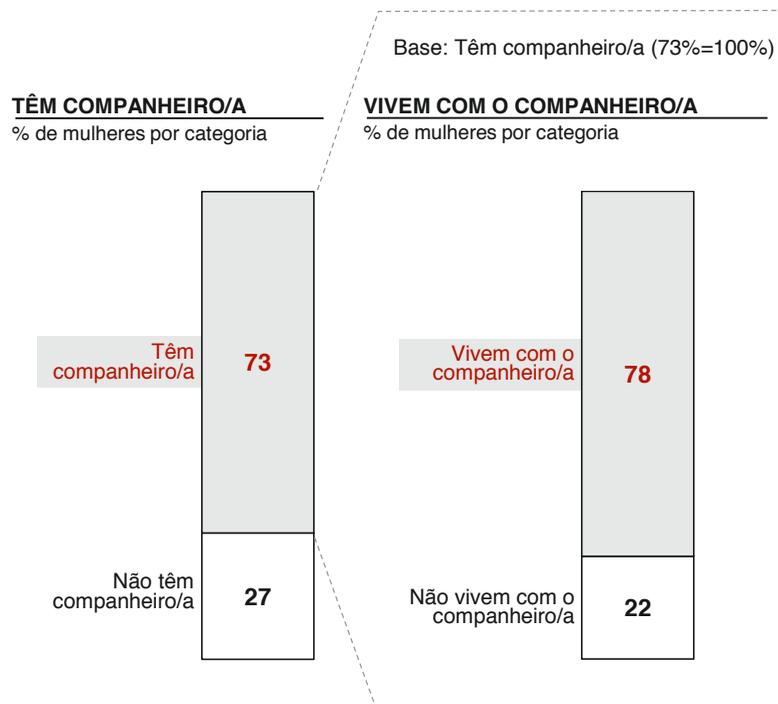
Página 84  
Página 92  
Página 106  
Página 114

### **Tipologia de mulheres segundo a situação de casal**

A grande maioria (73%) declarou ter companheiro ou companheira. Entre as mulheres com companheiro ou companheira, a larga maioria (78%), vive com ele ou com ela.

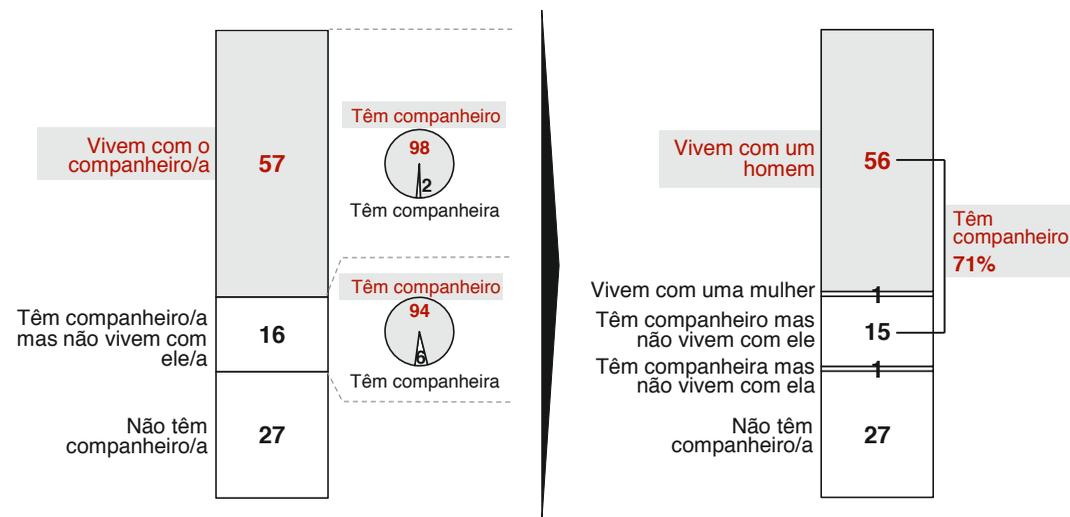
Se fizermos uma classificação considerando de forma conjunta ambos os critérios, vemos que: 57% das mulheres vivem com o companheiro ou companheira, 16% têm um companheiro ou companheira com quem não vivem e as restantes 27% não têm companheiro nem companheira. Se desdobrarmos em dois as que vivem com o companheiro ou companheira, conforme o sexo, vemos que 56% das mulheres vivem com um homem e 1% com outra mulher.

■ O mais habitual



**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DE CASAL**

% de mulheres por categoria

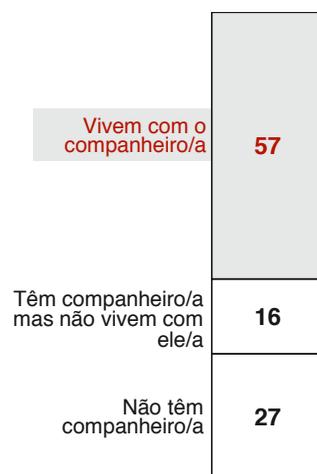


### **Síntese da experiência de vida em casal**

Se fizermos uma classificação considerando de forma conjunta a actual situação de relacionamento das mulheres e o número de companheiros/as com que viveram no passado, vemos que o mais habitual (36%) é “estar a viver com o primeiro companheiro/a”, o seguinte mais frequente é “estar a viver com um companheiro/a que não é a primeira experiência em casal” (21%) ou “nunca ter vivido com alguém” (19%). As duas situações menos comuns são: “ter vivido no passado com alguém, e agora viver sozinha” (14%) e “viver sozinha tendo vivido com mais de um/a companheiro/a no passado” (10%).

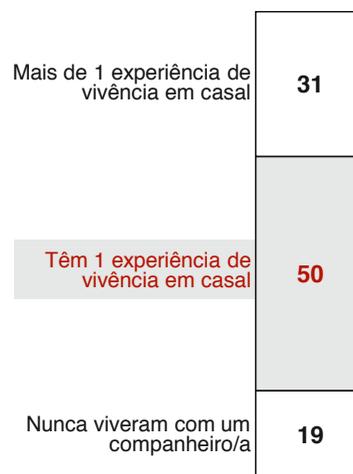
### TIPO DE MULHER EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DE CASAL ACTUAL

% de mulheres por categoria



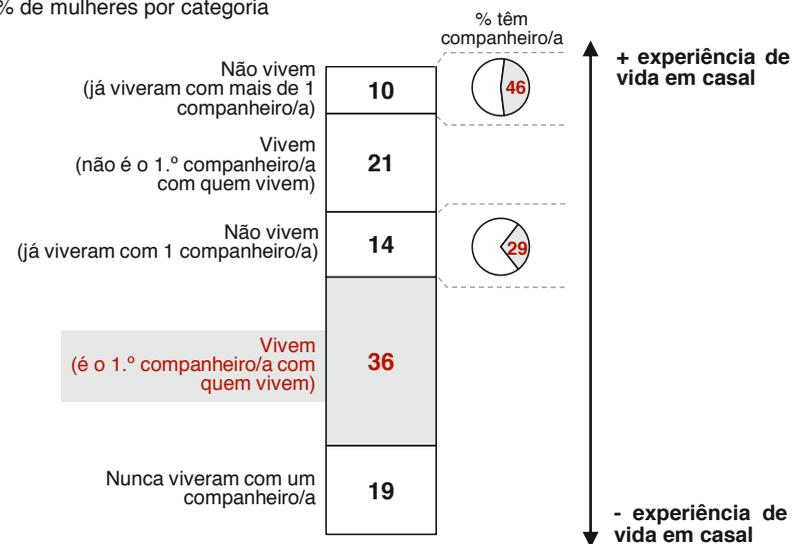
### NÚMERO DE COMPANHEIROS/AS COM QUEM VIVERAM

% de mulheres por categoria



### SÍNTESE DA EXPERIÊNCIA DE VIDA EM CASAL

% de mulheres por categoria



### **Número de experiências de vida em casal, quando e porque é que acabou a última relação entre as mulheres que viveram com alguém no passado**

Entre as mulheres que já viveram com alguém no passado, mas hoje não têm companheiro nem companheira, que são 14%, o mais habitual é ter tido uma única experiência de convivência em casal no passado, e estar há mais de dois anos sem viver com ninguém.

A principal causa na origem da separação é que a relação foi-se apagando pouco a pouco/houve distância entre eles (é a causa referida por 44%). A causa seguinte na origem da separação é a violência doméstica e de género, nalguma das suas variantes, que afectou 26% das separações. Em terceiro lugar, a infidelidade do companheiro: 20% declararam que o companheiro conheceu outra pessoa.

### NÚMERO DE CASAMENTOS/ PESSOAS COM QUEM VIVEU

% de mulheres por categoria

Viveram com 3 ou mais companheiros/as	12
Viveram com 2 companheiros/as	29
Viveram com 1 companheiro/a	59

N.º médio de casamentos /  
pessoas com quem viveu

1,6

### HÁ QUANTO TEMPO NÃO VIVE COM NINGUÉM

% de mulheres por categoria

Mais de 10 anos	18
Entre 5 e 10 anos	23
Entre 2 e 5 anos	23
Entre 1 e 2 anos	13
Entre 6 meses e 1 ano	11
Menos de 6 meses	12

### CAUSAS NA ORIGEM DA SEPARAÇÃO (1)

% de mulheres por categoria

A relação foi-se apagando pouco a pouco / distância	44	
O companheiro conheceu outra pessoa	20	
As discussões eram constantes	17	
Meteu-se em drogas, álcool, jogo, etc./ problema psicológico	12	
Menosprezo ou humilhação em privado	10	Violência doméstica e de género 26%
Sobrecontrolo	9	
Ficava com o dinheiro todo e eu ficava sem nada / roubou-me	9	
Agressões ou tentativas de agressão contra si	7	
Tentativa de a impedir de estar/contactar com pessoas amigas/da sua família	7	
Ameaças de maus-tratos físicos contra si	6	
Intimidação (gritando, partindo coisas, etc.)	6	
Menosprezo ou humilhação à frente de outras pessoas	5	
Chantagem psicológica	5	
Eu não me dava bem com o meu sogro/a, com os/as filhos/as do meu companheiro/a, com a/o Ex do meu companheiro/a, etc.	4	
Diferenças culturais e/ou religiosas	4	
Tinham relações sexuais só quando ele queria	2	
Forçá-la ou tentativa de forçá-la a ter relações sexuais não desejadas	2	
Ela conheceu outra pessoa	1	

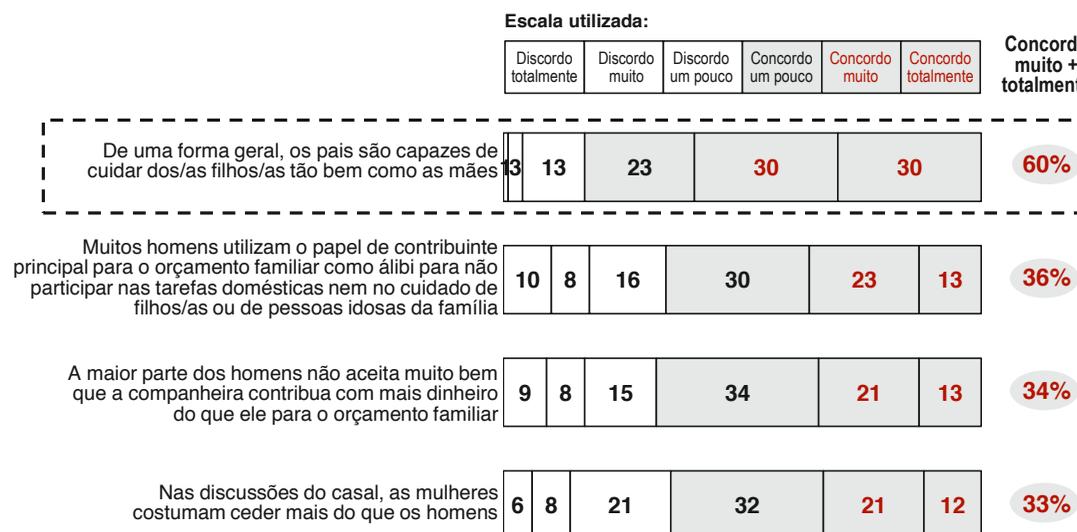
(1) Causas seleccionadas pelas entrevistadas de uma lista sugerida de opções. Podiam referir-se várias, pelo que a soma pode ser superior a 100%.

### **Grau de concordância com afirmações acerca das relações mulher-homem, entre as mulheres que já viveram com algum homem**

A grande maioria (83%) das mulheres que tem experiência em viver com um homem está de acordo em que “de uma forma geral, os pais são capazes de cuidar dos/as filhos/as tão bem como as mães”. Se se tiver em conta o grau de concordância com esta afirmação e se se calcular a intensidade de concordância, numa escala de 0 a 1000 pontos onde 0 equivaleria a “discordo totalmente” e 1000 equivaleria a “concordo totalmente”, o resultado médio é de 476 pontos, isto é, próximo do “concordo muito”. Entre as mulheres que nunca viveram com um homem, o resultado é um pouco mais favorável, situando-se em média em 510 pontos.

As mulheres também estão maioritariamente de acordo com as outras três afirmações avaliadas acerca das relações mulher-homem. As que não estão de acordo situam-se à volta de um terço.

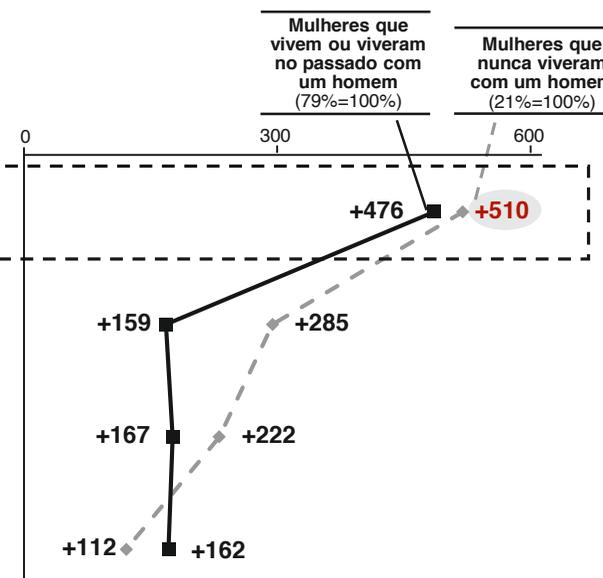
**PERCENTAGEM DE MULHERES POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO**



**Atribuição de pontos:**

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
-1000	-600	-300	300	600	1000

**INTENSIDADE DE CONCORDÂNCIA MÉDIA CALCULADA PARA CADA AFIRMAÇÃO**



### **Homogeneidade do casal em idade, escolaridade, ocupação e horário de trabalho**

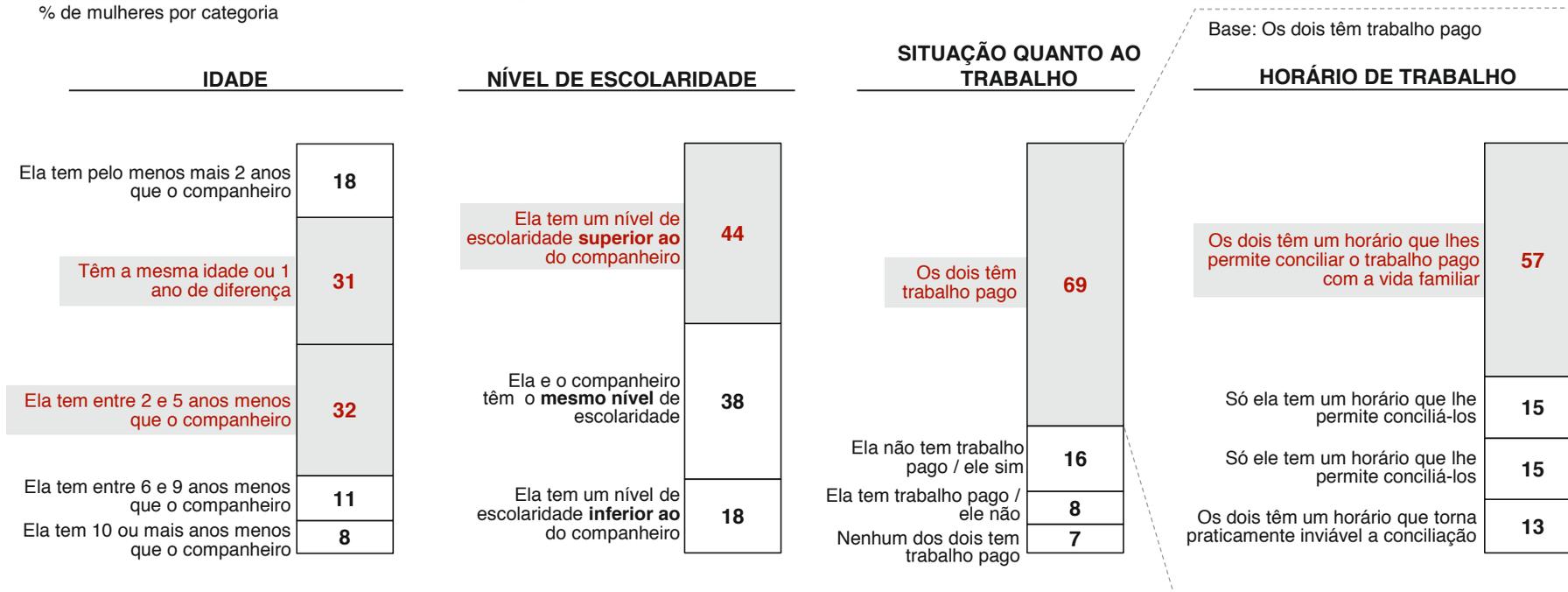
Entre os casais constituídos por mulheres que vivem com um homem, (56%), o mais habitual é:

- Em questão de idade: que os dois membros do casal tenham a mesma idade ou que ela seja entre 2 e 5 anos mais jovem que o companheiro.
- Na escolaridade: que ela tenha um nível de escolaridade superior ao do companheiro ou, num segundo nível, que ela e o companheiro tenham o mesmo nível de escolaridade.
- Na ocupação: que os dois tenham trabalho pago. No entanto, em 16% dos casais, ela não está activa no mercado de trabalho enquanto o companheiro está (o dobro das que se encontram na situação inversa).
- No horário de trabalho: entre os casais em que ambos têm trabalho pago, o mais comum é que os dois tenham um horário que lhes permite compatibilizar bem o trabalho pago com a vida familiar. Os restantes casais dividem-se em partes quase iguais entre as outras três situações que são possíveis.
- Em definitivo, são 9% os casais em que tanto ela como ele têm sérias dificuldades para conciliar as respectivas vidas laborais com as pessoais (resulta de se calcular quanto são os 13% de casais em que os dois têm um horário que torna praticamente inviável a conciliação sobre o total dos casais em que uma mulher vive com um homem).

■ O mais habitual

**HOMOGENEIDADE COM O COMPANHEIRO EM RELAÇÃO A...**

% de mulheres por categoria



### **Evolução da homogeneidade do casal numa geração**

Na geração que decorreu entre as mães e os pais das mulheres que esta investigação representa, os casais evoluíram:

- Em termos de idade: enquanto nos casais constituídos pelo pai e pela mãe das mulheres entrevistadas não havia muitas mulheres que fossem mais velhas que o marido, nos casais actuais esta proporção quase duplicou, passando de 10% para 18%.
- Em termos de escolaridade: enquanto nos casais constituídos pelo pai e pela mãe das entrevistadas a percentagem de mulheres que tinham um nível inferior de estudos ao do companheiro era 31%, nos casais actuais estas reduziram-se treze pontos percentuais, situando-se em 18%.
- Em termos de ocupação: hoje em dia são quase inexistentes os casais em que pelo menos algum dos membros do casal não tem experiência no mercado de trabalho, tendo passado de 25% para os actuais 2%.

Principais diferenças entre gerações

### ASSIMETRIA DA IDADE ENTRE ELA E ELE

% de mulheres por categoria

	GERAÇÃO ANTERIOR	GERAÇÃO ACTUAL
	Mães vs. pais das entrevistadas	Mulheres entrevistadas vs. companheiros
Ela tem pelo menos mais 2 anos que o companheiro	10	18
Têm a mesma idade ou 1 ano de diferença	30	31
Ela tem entre 2 e 5 anos menos que o companheiro	42	32
Ela tem entre 6 e 9 anos menos que o companheiro	13	11
Ela tem 10 ou mais anos menos que o companheiro	5	8

### ASSIMETRIA DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE ENTRE ELA E ELE

% de mulheres por categoria

	GERAÇÃO ANTERIOR	GERAÇÃO ACTUAL
	Mães vs. pais das entrevistadas	Mulheres entrevistadas vs. companheiros
Ela tem um nível de escolaridade superior ao do companheiro	23	44
Ela e o companheiro têm o mesmo nível de escolaridade	46	38
Ela tem um nível de escolaridade inferior ao do companheiro	31	18

### EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO

% de mulheres por categoria

	GERAÇÃO ANTERIOR	GERAÇÃO ACTUAL
	Mães vs. pais das entrevistadas	Mulheres entrevistadas vs. companheiros
Os dois têm experiência no mercado de trabalho	75	98
Pelo menos algum dos membros do casal não tem experiência no mercado de trabalho	25	2

### Início da relação e complexidade do casal

Entre os casais constituídos por mulheres que vivem com um homem, que são 56% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a forma mais habitual de se conhecerem é serem apresentados por pessoas amigas comuns.

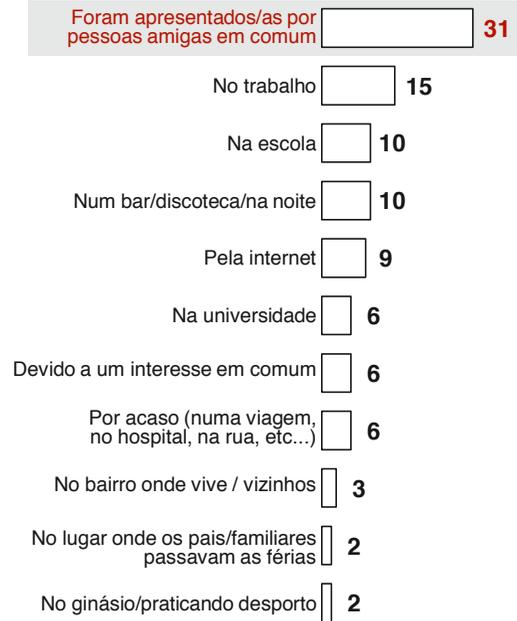
As que, com base nos resultados, se considerou terem uma relação que *a priori* pode ser mais complexa que a média dos casais são:

- Os casais que já ultrapassaram os primeiros cinco anos de convivência, que são a imensa maioria dos casais.
- Aqueles que têm algum/a filho/a que não é dos dois membros do casal, o que sucede em quase um em cada quatro casais (23%). Sendo que entre estes casais se identificaram dois tipos: o mais habitual, que sucede em 13% dos casos, são aqueles casais que não têm nenhum/a filho/a em comum e, portanto, os/as filhos/as são todos dele, todos/as dela, ou tanto ele como ela têm filhos/as de relações anteriores. Os restantes 10% são casais com algum/a filho/a em comum e também com algum/a que é de relações anteriores dela, dele ou tanto dele como dela.
- Os casais em que algum dos dois tem alguma experiência prévia de vida em casal mal-sucedida, o que ocorre em 43% dos casais. Sendo que entre estes, o mais habitual são aqueles em que tanto ele como ela têm experiências prévias: sucede em 26% dos casos.

O mais habitual

### COMO / ONDE SE CONHECERAM

% de mulheres por categoria



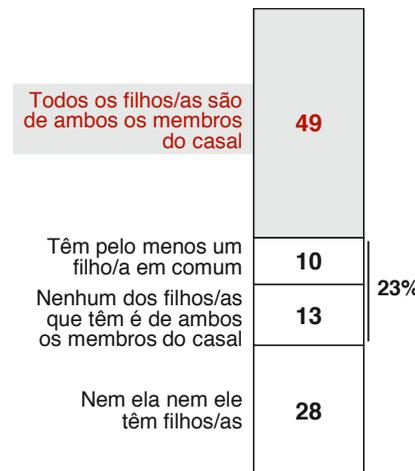
### DURAÇÃO DA RELAÇÃO

% de mulheres por categoria



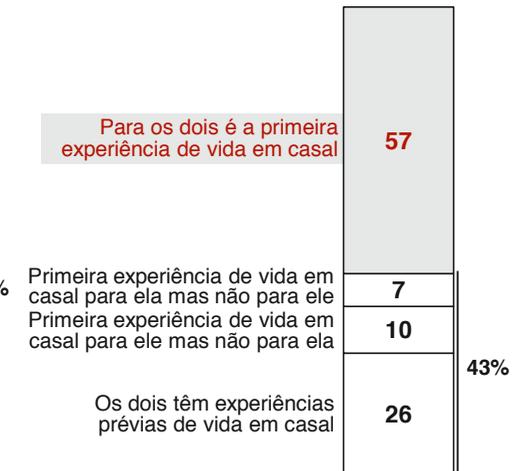
### QUANTOS CASAIS TÊM FILHOS/AS E DE QUEM SÃO

% de mulheres por categoria



### NÚMERO DE COMPANHEIROS/AS COM QUE VIVEU CADA MEMBRO DO CASAL

% de mulheres por categoria



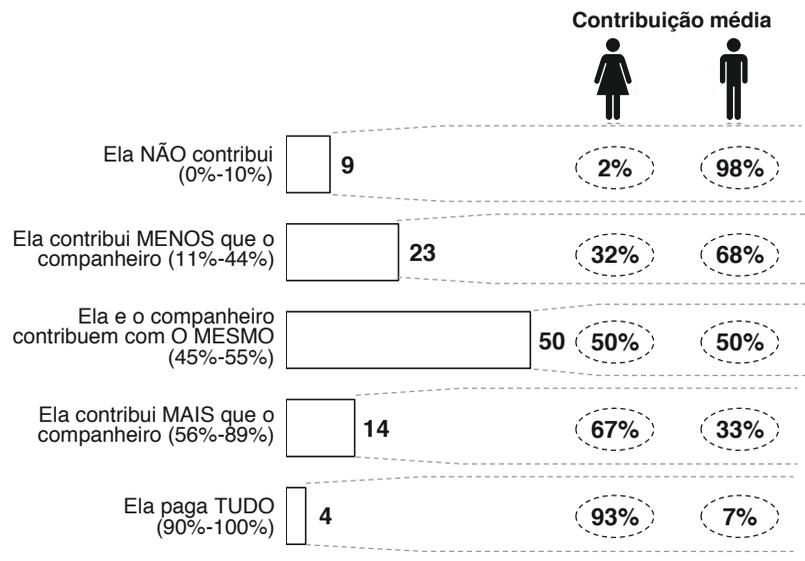
### **Quanto ganham e que parte das despesas da família paga cada um dos membros do casal**

Entre os casais constituídos por mulheres que vivem com um homem, que são 56% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, o mais habitual é que ela tenha menos rendimentos que ele (isto acontece em 46% dos casais mulher-homem). Aqueles em que sucede o oposto e ela ganha mais do que ele são bastante menos: 15%. Em menos de um terço dos casos (27%), eles e elas têm níveis de rendimentos semelhantes.

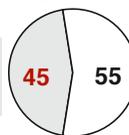
Apesar deste desequilíbrio em termos dos rendimentos que cada membro do casal tem, as mulheres são um suporte fundamental na economia familiar dado que em 50% dos casais ela e ele contribuem com o mesmo para as despesas da família e em 18% ela contribui com mais dinheiro do que ele. Em média, os homens pagam 55% das despesas da família.

### CONTRIBUIÇÃO ECONÓMICA DE CADA MEMBRO DO CASAL PARA AS DESPESAS DA FAMÍLIA

% de mulheres por categoria



As mulheres pagam, em média, 45% das despesas da família

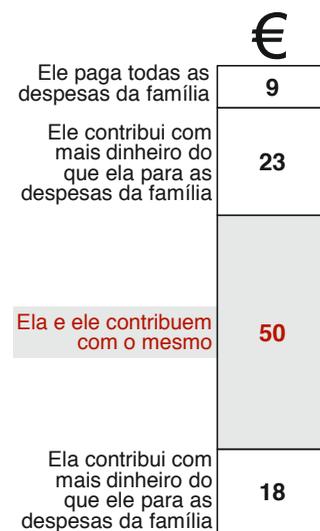


Os homens pagam, em média, 55% das despesas da família

■ O mais habitual

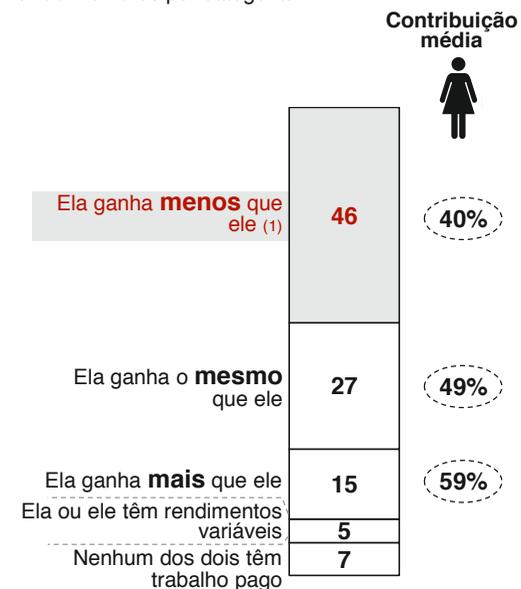
### EQUILÍBRIO NA CONTRIBUIÇÃO ECONÓMICA DE CADA MEMBRO DO CASAL PARA AS DESPESAS DA FAMÍLIA

% de mulheres por categoria



### COMPARAÇÃO ENTRE O QUE GANHA CADA UM DOS MEMBROS DO CASAL

% de mulheres por categoria



(1) Foram incluídas nesta categoria as mulheres que não têm rendimentos e os companheiros os têm.

## Frequência com que o casal desfruta sozinho de momentos de lazer

Nos três tipos de actividades de lazer consideradas, a frequência da sua realização a dois é inferior nos casais que vivem juntos relativamente aos que não vivem.

Nos casais em que a mulher e o homem vivem juntos, o que sucede com maior frequência é:

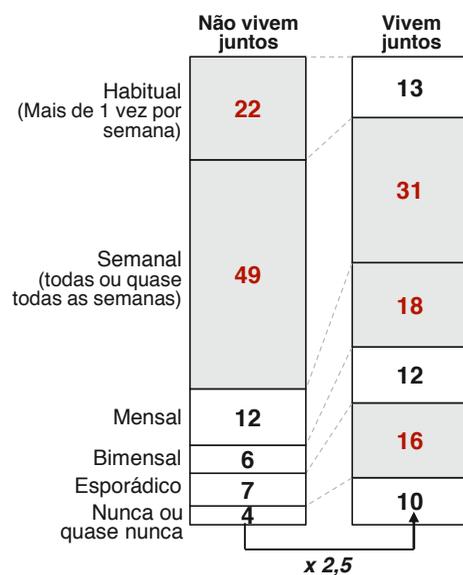
- Semanalmente vão *“tomar uma bebida, almoçar, jantar... a sós com o companheiro”*: 31% das mulheres declararam que costumam fazer alguma destas actividades todas ou quase todas as semanas. As que nunca o fazem são 10%.
- De forma esporádica, *“ir ao cinema, ao teatro ou a algum museu... a sós com o companheiro”*: 26% das mulheres manifestaram que costumam realizar alguma destas actividades menos de uma vez de dois em dois meses. As que nunca o fazem são 26%.
- Também de forma esporádica, *“fazer uma escapadinha ou alguma viagem os dois a sós”*: mais de metade das mulheres declararam que costumam fazê-lo de forma esporádica. As que nunca o fazem são 30% das mulheres que vivem com um homem.

 O mais habitual

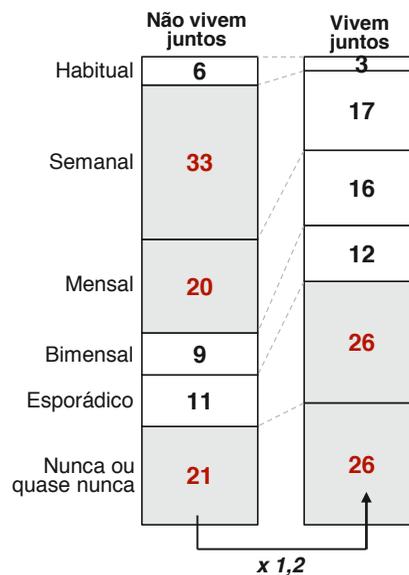
**FREQUÊNCIA COM A QUE AS MULHERES E O COMPANHEIRO, OS DOIS SOZINHOS...**

% de mulheres por categoria

**VÃO TOMAR UM COPO, ALMOÇAR, JANTAR, etc.**



**VÃO AO CINEMA, TEATRO, MUSEU, etc.**



**FAZEM UMA ESCAPADINHA / VIAGEM**



## Vida sexual com o companheiro

Entre as mulheres que têm companheiro, que são 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a vida sexual com o companheiro vê-se pouco afectada pelo facto de viverem juntos ou não. A principal diferença entre as duas situações radica no facto de que entre as que não vivem com o companheiro, aumenta a proporção das que não sabem ou não querem responder ao número de vezes que costumam atingir o orgasmo com o companheiro.

Entre as mulheres que vivem com o companheiro, o mais comum é ter relações sexuais com ele mais de duas vezes por semana (30%) seguido por tê-las duas vezes por semana (20%). No que diz respeito ao facto de atingir o orgasmo com o companheiro, o mais habitual, em proporções quase iguais, é que ela chegue ao orgasmo sempre (10 vezes em cada 10) ou quase sempre (8/9 vezes em cada 10).

Quando se criam tipos de casais consoante a vida sexual combinando a frequência das vezes que ela chega ao orgasmo, mal se observam diferenças entre as que não vivem juntas com o companheiro relativamente às que vivem.

■ O mais habitual

### FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TER RELAÇÕES SEXUAIS COM O COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria

	Não vivem juntos	Vivem juntos
Mais de 2 vezes / semana	32	30
2 vezes / semana	15	20
1 vez / semana	16	14
2-3 vezes / mês	10	11
1 vez / mês ou menos	7	7
Nunca / Quase nunca	4	3
Não sabem / Não respondem	16	15

### FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM ATINGIR O ORGASMO COM O COMPANHEIRO (1)

% de mulheres por categoria

	Não vivem juntos	Vivem juntos
Atingem o orgasmo sempre (10 vezes em cada 10)	23	25
Atingem o orgasmo quase sempre (8/9 vezes em cada 10)	21	23
6 ou 7 vezes	7	10
4 ou 5 vezes	8	9
De 0 a 3 vezes	11	10
Não sabem / Não respondem	30	23

FREQUÊNCIA COM QUE TÊM RELAÇÕES SEXUAIS COM O COMPANHEIRO

	>2 / sem.	2 / sem.	1 / sem.	2-3 / mês	1/mês ou menos	Nunca/ Quase nunca
Sexo 5 estrelas						
Sexo 3 estrelas						
Sexo 2 estrelas						
Sexo 1 estrela						
Sem sexo						

### TIPOLOGIA DE CASAIS SEGUNDO A VIDA SEXUAL

% de mulheres por categoria

	Não vivem juntos	Vivem juntos
Sexo 5 estrelas	22	25
Sexo 3 estrelas	29	31
Sexo 2 estrelas	6	7
Sexo 1 estrela	9	11
Sem sexo	4	3
Não sabem / Não respondem	30	23

(1) Às mulheres que não responderam à frequência com que costumam ter relações sexuais, não lhes foi perguntado o número de vezes que atingem o orgasmo.

### **Vida sexual com o companheiro segundo a duração da relação**

Entre as mulheres que têm companheiro, (71%), a vida sexual com o mesmo vê-se muito afectada pela duração da relação. Observa-se um claro efeito de desgaste.

À medida que vai aumentando a duração da relação:

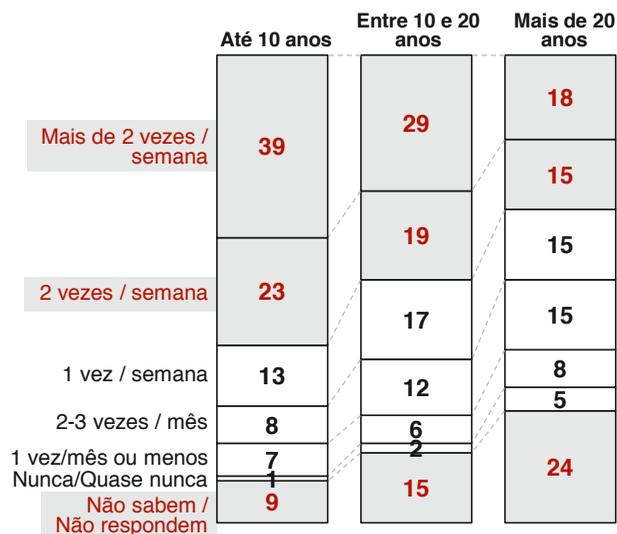
- Diminui a frequência com que têm relações sexuais com o companheiro e aumenta a proporção das que não sabem ou não querem responder com que frequência as têm.
- Diminui a proporção das mulheres que atingem o orgasmo com o companheiro sempre ou quase sempre, apesar de esta diminuição ser inferior à da frequência. Também aumenta a proporção das que não sabem ou não querem responder ao número de orgasmos que atingem.
- Por conseguinte, diminuem sobretudo os casais com sexo cinco estrelas e também os que têm sexo três estrelas passando de quase dois terços (64%) entre os casais com uma duração máxima de 10 anos, a 41% entre os casais com mais de 20 anos.

FREQUÊNCIA COM QUE TÊM RELAÇÕES SEXUAIS  
COM O COMPANHEIRO

	>2 / sem.	2 / sem.	1 / sem.	2-3 / mês	1/mês ou menos	Nunca/ Quase nunca
10	Sexo 5 estrelas					
8 ou 9		Sexo 3 estrelas				Sem sexo
6 ou 7						
4 ou 5		Sexo 2 estrelas		Sexo 1 estrela		
0 a 3						

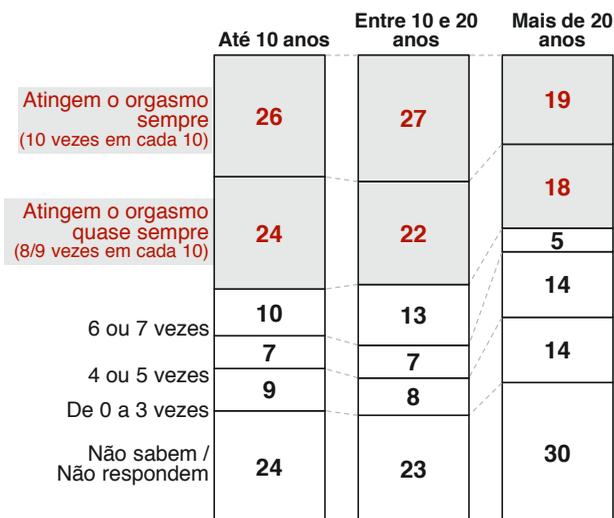
FREQUÊNCIA COM QUE TÊM RELAÇÕES SEXUAIS  
COM O COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria



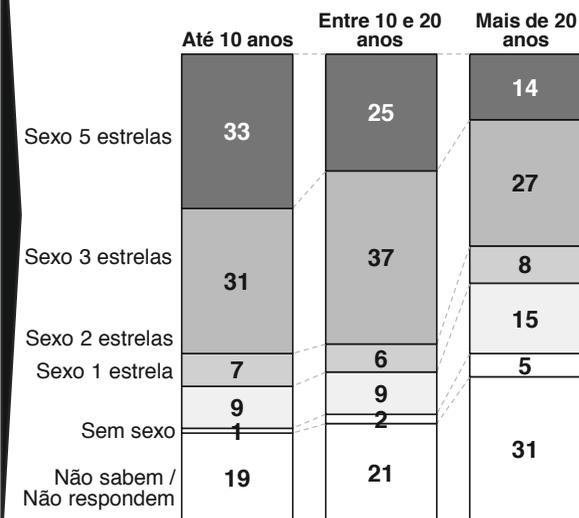
FREQUÊNCIA COM QUE ATINGEM O ORGASMO  
COM O COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria



TIPOLOGIA DE CASAIS SEGUNDO A VIDA SEXUAL

% de mulheres por categoria



### **Até que ponto se cumpriram as expectativas que tinham relativamente ao companheiro e qual o grau de felicidade com ele?**

Entre as mulheres que têm companheiro, que são 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, o mais comum é que o casal tenha ultrapassado as expectativas que a mulher tinha criado ao iniciar a relação (sucede em 39% dos casos). O caso seguinte mais comum são as mulheres que consideram que a sua relação de casal satisfaz as expectativas que elas tinham criado (29%). Aquelas que manifestaram que a relação de casal está abaixo do que tinham imaginado são menos, mas mesmo assim são pouco mais de duas em cada dez (22%). As restantes 10% disseram que não tinham criado nenhuma expectativa relativamente ao companheiro.

Quando analisamos a relação entre o nível percebido de satisfação das expectativas relativamente ao companheiro e a felicidade declarada pelas mulheres com ele, observamos que, como era de esperar, esta é muito clara. Num extremo, as mulheres que colocam a relação muito para além das suas expectativas declararam um nível de felicidade quase máximo com o companheiro: 9,5, em média, na escala de 0 a 10 utilizada, onde o 10 equivaleria a sentirem-se muito felizes. No entanto, as que consideram que a relação está muito abaixo das suas expectativas declararam níveis de felicidade de 3,3, em média.

Analisando a relação entre ambas as questões, podemos concluir que o limiar entre as mulheres felizes com o companheiro e as que se sentem infelizes situa-se em 8, dado que, entre aquelas cujas vidas em casal estão de acordo com as suas expectativas, a felicidade com o companheiro é, em média, de 8,5.

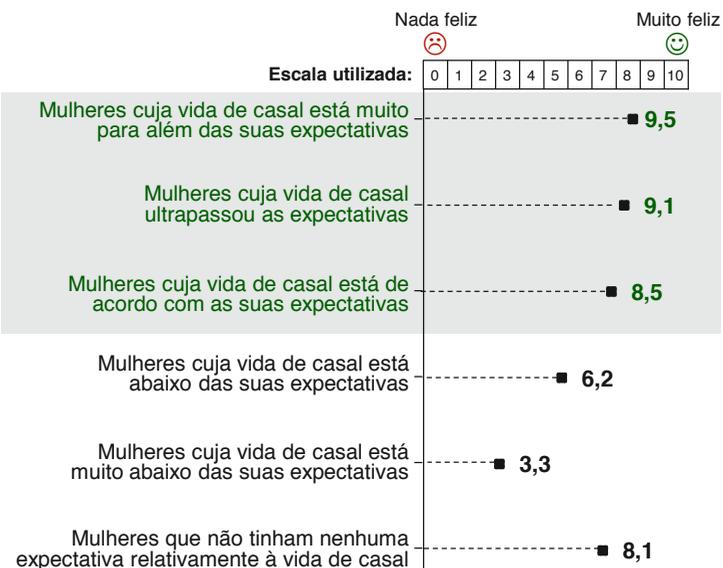
Considerando este limiar de felicidade, se classificarmos todas as mulheres em função de até que ponto declararam que se sentem felizes com o companheiro, podemos concluir que a grande maioria das mulheres, isto é, sete em cada dez, se sentem felizes ou muito felizes com o actual companheiro, um pouco mais que uma em cada dez (11%) sentem-se quase felizes e duas (20%) sentem-se infelizes com o companheiro.

### GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS COM O COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria



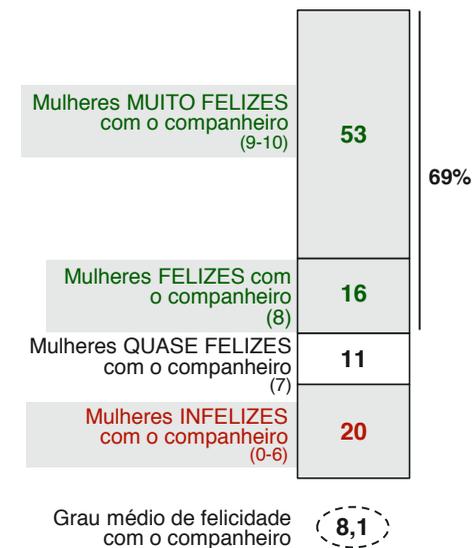
### FELICIDADE MÉDIA COM O COMPANHEIRO EM FUNÇÃO DO GRAU DE CUMPRIMENTO DE EXPECTATIVAS



Na escaleta considerada (0 a 10), o limiar da felicidade das mulheres situa-se em 8.

### ATÉ QUE PONTO SE SENTEM FELIZES COM O COMPANHEIRO?

% de mulheres por categoria



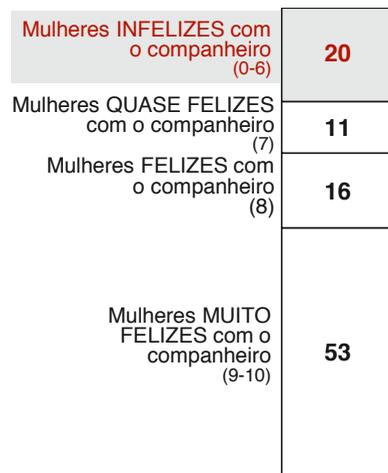
### **Até que ponto as mulheres se sentem realizadas com a relação de casal?**

Para medir o nível de realização com a relação de casal as mulheres foram inquiridas, para além do facto de até que ponto se sentem felizes com ele, sobre a seguinte questão: se soubessem o que sabem hoje, teriam o mesmo companheiro ou não? O resultado é que, entre as mulheres que têm companheiro, que são 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, 54% referiram que nunca lhes passou pela cabeça terminar a relação e 39% referiram que chegaram a pensar em terminar a relação, mas decidiram não o fazer.

Se fizermos uma classificação considerando de forma conjunta ambos os critérios, vemos que: a grande maioria das mulheres (73%) sente-se “Realizada” com a relação de casal, um quinto (20%) sente-se “Enganada” e as restantes 7% “Arrependem-se” da relação de casal. Estas últimas incluem as mulheres que pensam todos os dias em terminar a relação, independentemente de acreditarem ou não que o farão.

### ATÉ QUE PONTO SE SENTEM FELIZES COM O COMPANHEIRO

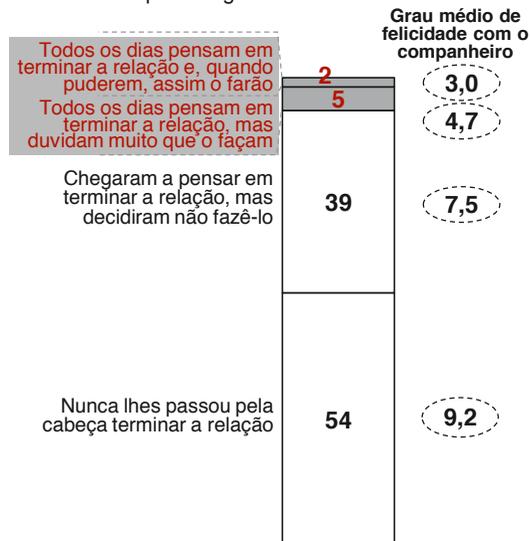
% de mulheres por categoria



Grau médio de felicidade com o companheiro **8,1**

### SABENDO O QUE SABE HOJE, TERIA O MESMO COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria

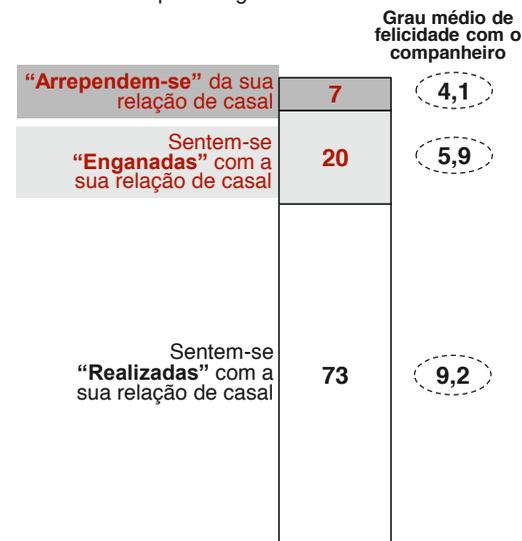


### ATÉ QUE PONTO SE SENTEM FELIZES COM O COMPANHEIRO

	Muito felizes	Felizes	Quase felizes	Infelizes
Todos os dias pensam nisso, quando puderem, assim o farão		"Arrependem-se"		
Todos os dias pensam nisso, mas duvidam muito que o façam				
Chegaram a pensar nisso, mas decidiram não fazê-lo			"Enganadas"	
Nunca lhes passou pela cabeça terminar a relação		"Realizadas"		

### GRAU DE REALIZAÇÃO COM A RELAÇÃO DE CASAL

% de mulheres por categoria



**Até que ponto as mulheres se sentem realizadas com a relação de casal, consoante se vivem ou não com o companheiro?**

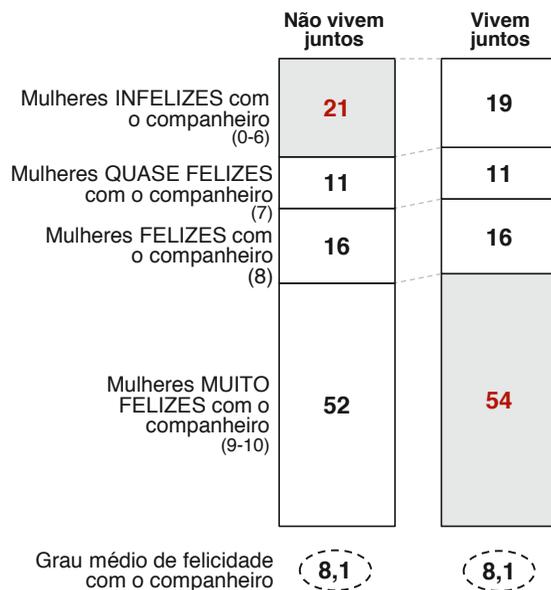
Nos três indicadores considerados relativamente ao nível de realização com a relação de casal, as mulheres que vivem com o companheiro sentem-se mais realizadas do que as que não vivem com o companheiro:

- Entre as que vivem com um companheiro, aumenta a proporção das que se sentem muito felizes com o companheiro (54% relativamente a 52%) em detrimento das que se sentem infelizes.
- Também aumenta a proporção das que “nunca lhes passou pela cabeça terminar a relação” (55% relativamente a 51%).
- Por conseguinte, aumenta também a proporção das que se sentem “Realizadas” com a relação de casal (74% relativamente a 71%), em detrimento das que se “Arrependem”.

Principais diferenças entre as que vivem e não vivem com o companheiro

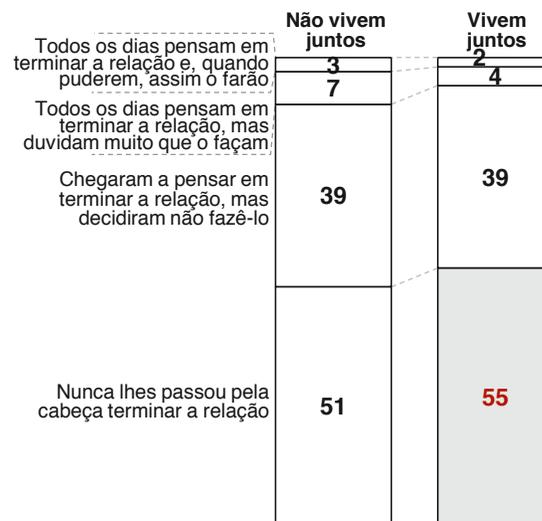
### ATÉ QUE PONTO SE SENTEM FELIZES COM O COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria



### SABENDO O QUE SABE HOJE, TERIA O MESMO COMPANHEIRO

% de mulheres por categoria



### GRAU DE REALIZAÇÃO COM A RELAÇÃO DE CASAL

% de mulheres por categoria

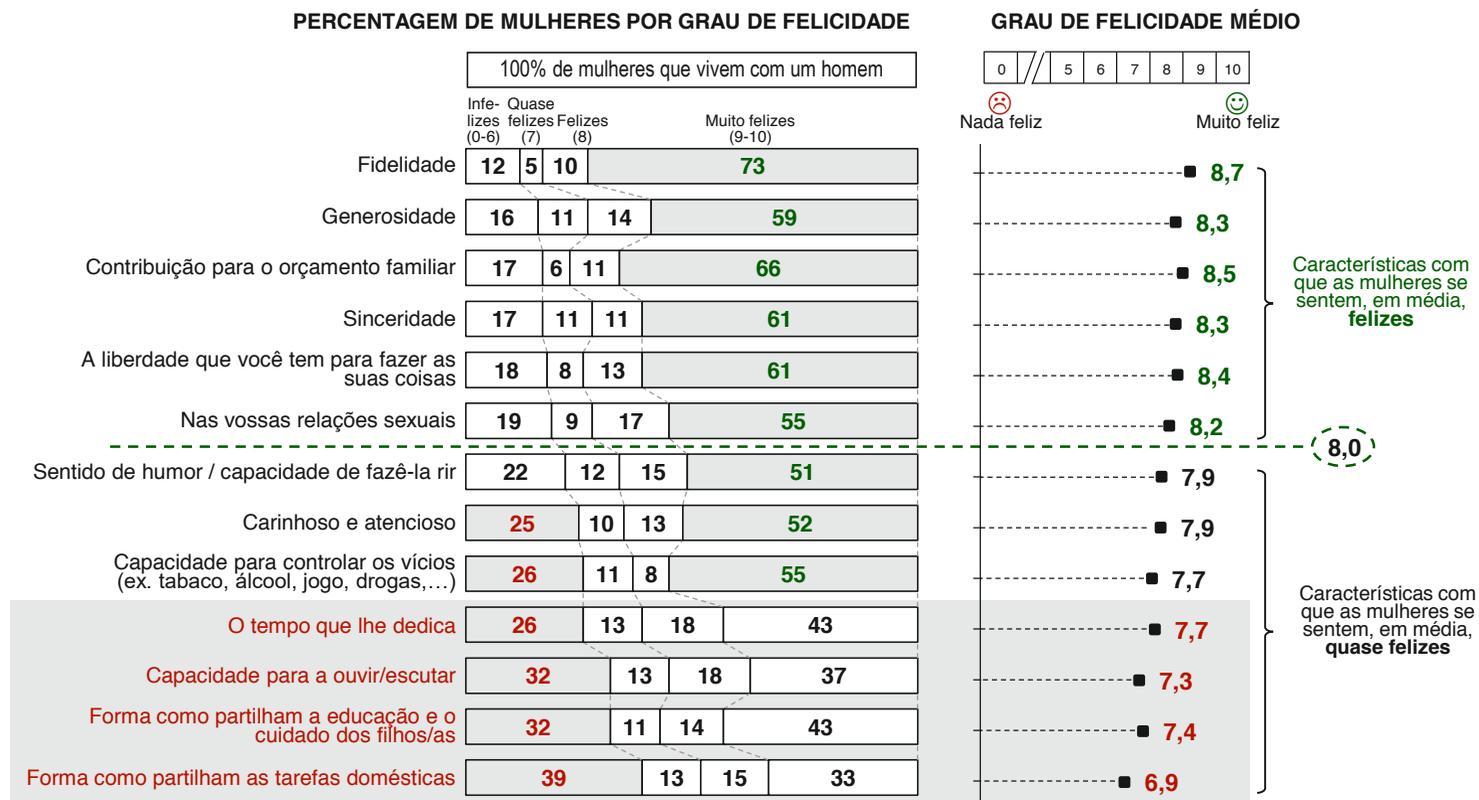


### **Síntese da avaliação que fizeram do homem com quem vivem e da relação entre ambos**

Das treze características avaliadas na relação de casal há seis com as quais as mulheres que vivem com um homem (56%) se sentem, em geral, felizes. São: 1) a fidelidade, 2) a generosidade, 3) a contribuição para o orçamento familiar, 4) quão sincero ela considera que ele é, 5) a liberdade que ela tem para fazer as suas coisas e 6) as relações sexuais no casal. Nestas seis características, metade das mulheres ou mais declararam que se sentem muito felizes e são menos de duas em cada dez as que manifestaram sentir-se infelizes. Nas seis, a felicidade média das mulheres com o companheiro situa-se acima de 8.

No extremo oposto, são quatro os aspectos nos quais em geral as mulheres que vivem com o companheiro se sentem menos felizes, os quais podem ser agrupados em dois tipos: a partilha das tarefas, por um lado (1) as tarefas domésticas e 2) a educação e o cuidado dos/as filhos/as), e a forma como ele a trata por outro (3) a capacidade para a ouvir/escutar e 4) o tempo que lhe dedica). Nestas quatro características, as mulheres que manifestaram sentir-se muito felizes com o companheiro são menos de metade; cerca de um terço delas declararam sentir-se infelizes.

**RANKING DAS CARACTERÍSTICAS AVALIADAS DO COMPANHEIRO EM FUNÇÃO DO GRAU DE FELICIDADE DAS MULHERES**



### **Síntese do grau de influência da duração da relação na felicidade das mulheres com o homem com quem vivem**

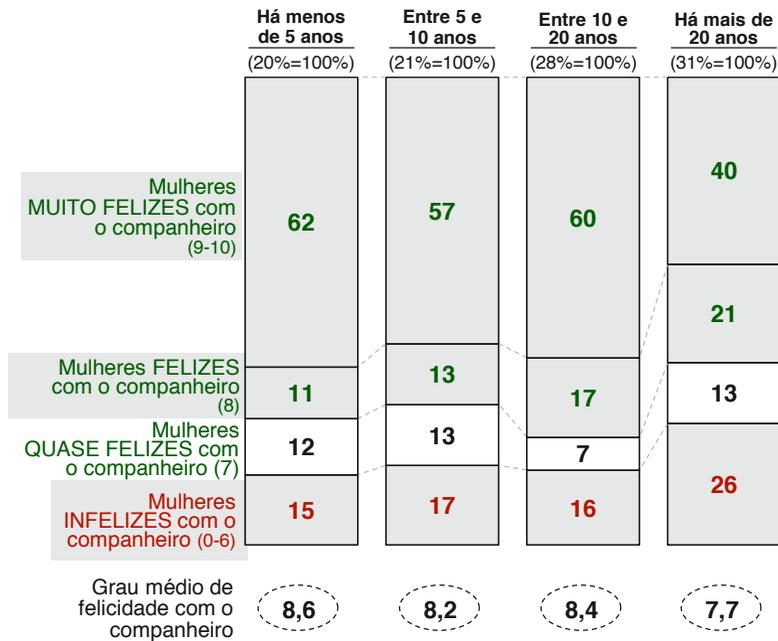
A felicidade das mulheres com o homem com quem vivem alcança o seu valor máximo nos primeiros cinco anos da relação. Nesta situação, 73% declaram que se sentem felizes ou muito felizes com o companheiro e a felicidade média situa-se no valor mais elevado: 8,6, em média. Decorridos os primeiros cinco anos, o número de mulheres que se sentem infelizes com o homem com quem vivem mantém-se estável, mas dispara entre as mulheres que estão há mais de 20 anos com o companheiro (26%).

Ao analisar a influência da passagem do tempo em cada uma das treze características do casal avaliadas observa-se que quase todas pioram, uma mantém-se estável (a liberdade que se tem para fazer as próprias coisas) e uma melhora (a capacidade para controlar os vícios).

Os aspectos que pioram mais com a duração da relação são quatro, os quais estão relacionados com o tratamento que a mulher considera que recebe do companheiro e também com a partilha das tarefas domésticas.

**ATÉ QUE PONTO DIZEM ESTAR FELIZES COM O HOMEM COM QUEM VIVEM**

% de mulheres por categoria



**A DURAÇÃO DA RELAÇÃO COM O HOMEM COM QUEM VIVEM AFECTA O GRAU DE FELICIDADE COM CADA CARACTERÍSTICA?**

Diferença na felicidade média das mulheres com cada característica entre as que têm uma relação mais curta e as que a têm mais longa (1)

Capacidade para controlar os vícios (ex. tabaco, álcool, jogo, drogas,...)	Melhora com o tempo de relação	+0,5
A liberdade que você tem para fazer as suas coisas	O tempo de relação não afecta	-0,2
Sinceridade	Piora com o tempo de relação	-0,3
Contribuição para o orçamento familiar	Piora com o tempo de relação	-0,4
Partilha do cuidado e da educação dos filhos/as	Piora com o tempo de relação	-0,5
Fidelidade	Piora com o tempo de relação	-0,5
Nas vossas relações sexuais	Piora com o tempo de relação	-0,7
Generosidade	Piora com o tempo de relação	-0,8
Capacidade para a ouvir/escutar	Piora com o tempo de relação	-0,9
Carinhoso e atencioso	Piora com o tempo de relação	-0,9
Partilha das tarefas domésticas	Piora com o tempo de relação	-0,9
O tempo que lhe dedica	Piora com o tempo de relação	-0,9
Sentido de humor / capacidade de fazê-la rir	Piora com o tempo de relação	-1,4

(1) Diferenças medidas numa escala de 0 a 10.

### **Características do companheiro que mais contribuem para a felicidade ou infelicidade conjugal das mulheres**

Entre os casais constituídos por mulheres que vivem com um homem, que são 56% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, as características do casal que mostraram ter mais capacidade para gerar mulheres que se sintam muito felizes com o companheiro são quatro:

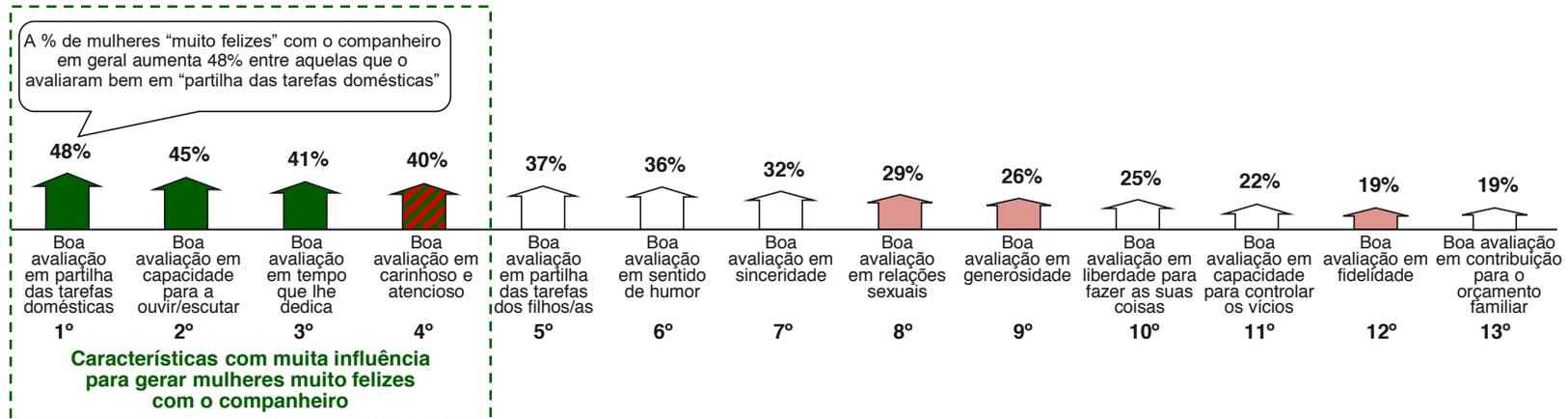
- Que ele contribua na partilha das tarefas domésticas como ela espera.
- Que ele tenha capacidade para a ouvir/escutar.
- Que lhe dedique o máximo de tempo possível.
- Que ele seja carinhoso e atencioso com ela.

No sentido oposto, as características do casal que mostraram ter mais capacidade para gerar mulheres que se sintam infelizes com o companheiro são igualmente quatro:

- Que ela saiba ou tenha a sensação de que ele lhe é infiel.
- Que ele não seja generoso.
- Que as relações sexuais entre eles não funcionem como ela desejaria.
- Que ele não seja carinhoso e atencioso com ela.

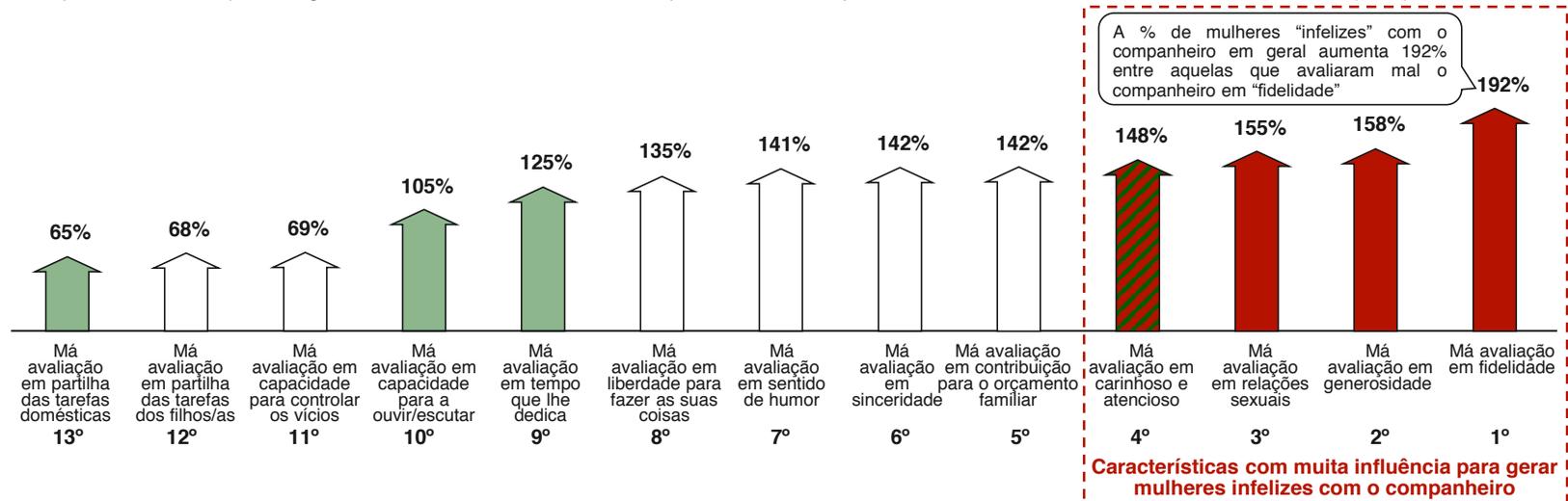
**RANKING DE CARACTERÍSTICAS DO COMPANHEIRO SEGUNDO A SUA CAPACIDADE DE TORNAR AS MULHERES MUITO FELIZES COM A RELAÇÃO DE CASAL**

Em quanto aumenta a percentagem de mulheres "muito felizes" com o companheiro entre as que se sentem felizes com ele nessa característica



**RANKING DE CARACTERÍSTICAS DO COMPANHEIRO SEGUNDO A SUA CAPACIDADE DE TORNAR AS MULHERES INFELIZES COM A RELAÇÃO DE CASAL**

Em quanto aumenta a percentagem de mulheres "infelizes" com o companheiro entre as que não se sentem felizes com ele nessa característica (0 a 7)



### **O que as mulheres que não têm companheiro/a valorizam na pessoa parceira ideal**

Entre as mulheres que hoje não têm companheiro/a mas que, no entanto, têm experiência de vida em casal (14%), os aspectos do casal que mostraram ser mais relevantes na pessoa parceira ideal são: a “sinceridade”, que tenha “sentido de humor/capacidade de fazê-la rir”, a “fidelidade” e que seja “carinhoso e atencioso”. A “fidelidade” coincide, com o que se referiu atrás, entre as mulheres que vivem com um homem, com o aspecto do casal que mais capacidade tem para gerar mulheres que se sentem infelizes com o companheiro, caso ele não lhe seja fiel. E que seja “carinhoso e atencioso” coincide, também com o que se referiu atrás, com o único traço do companheiro que demonstrou ter capacidade para gerar mulheres que tanto se sentem muito felizes com o homem com quem vivem, caso ele seja muito carinhoso e atencioso com ela, como infelizes se ela crê que ele não é carinhoso nem atencioso. Portanto, a experiência frustrada de vida em casal destas mulheres corrobora as avaliações que fizeram as que hoje estão a viver com um homem.

Das mulheres que não têm companheiro e nunca viveram com ninguém (11%), a pessoa parceira ideal que imaginam é praticamente igual à das que têm experiência de viver com um homem.

**Pessoa parceira  
IDEAL**

**EXPERIÊNCIA DE CASAL**

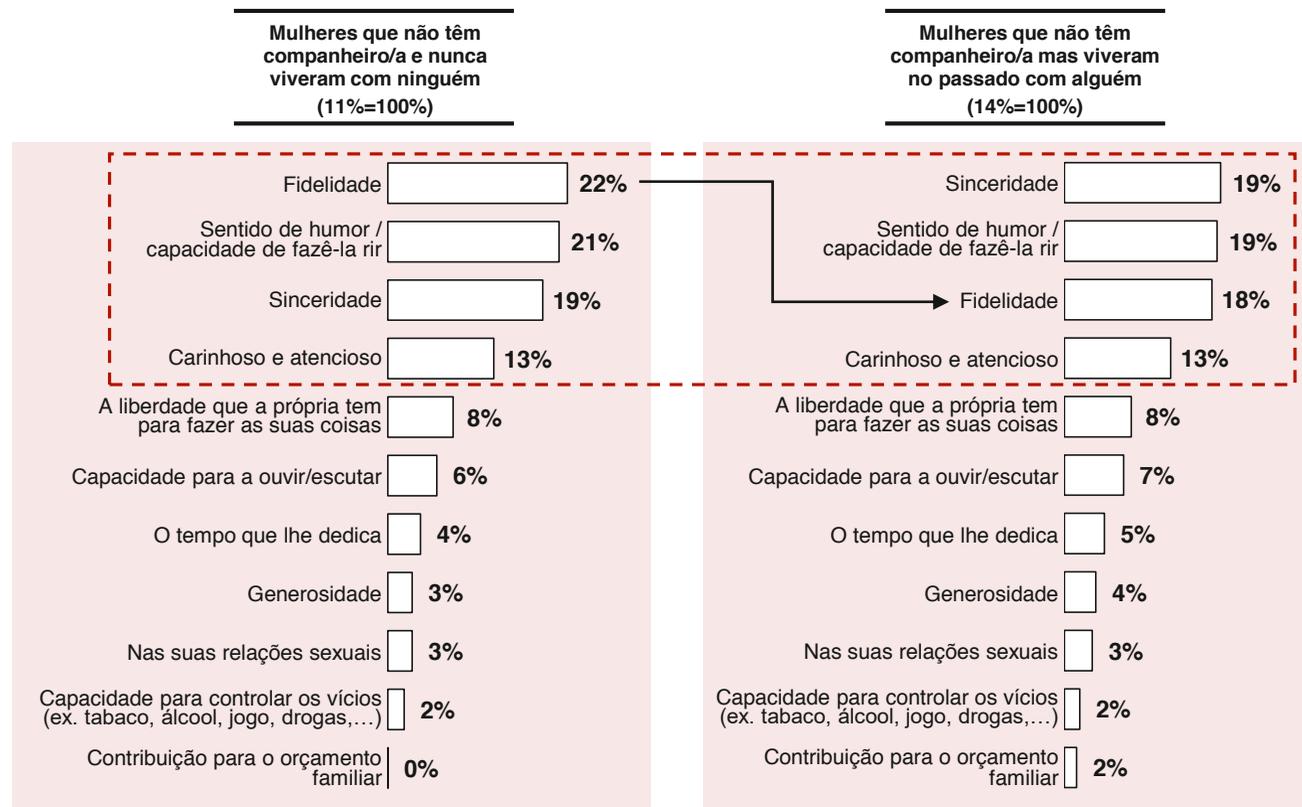
% de mulheres por categoria



Importância de 10% ou superior

**O QUE VALORIZAM NA PESSOA PARCEIRA IDEAL**

Importância de cada aspecto na pessoa parceira ideal



### **Frequência das relações sexuais e número de orgasmos que garantem a felicidade das mulheres**

Quando analisamos a relação que há entre a frequência com que o casal tem relações sexuais e a felicidade declarada pelas mulheres com as relações sexuais com o companheiro, observamos que, como era de esperar, essa relação é muito clara. Também o é a relação entre a felicidade com as relações sexuais com o companheiro e o número de vezes que ela atinge o orgasmo com ele.

Considerando estes resultados, podemos afirmar que as mulheres se sentem felizes nas relações sexuais com o companheiro:

- Quando têm relações sexuais com ele pelo menos uma vez por semana.
- Ela atinge o orgasmo pelo menos 7 em cada 10 vezes que têm relações.

**ATÉ QUE PONTO SE SENTEM FELIZES  
COM AS RELAÇÕES SEXUAIS COM O  
COMPANHEIRO**

% de mulheres por categoria



Grau médio de felicidade com as relações sexuais

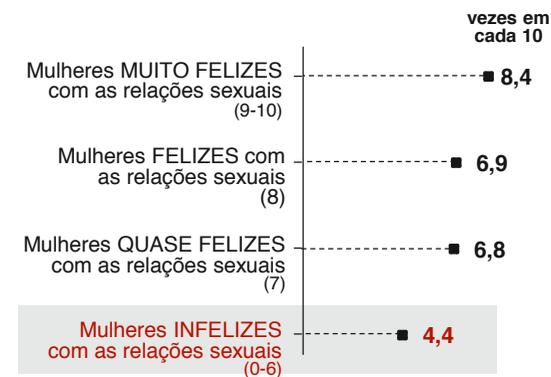
**8,2**

**NÚMERO MÉDIO DE VEZES POR SEMANA QUE TÊM  
RELAÇÕES SEXUAIS COM O COMPANHEIRO**



**As mulheres sentem-se felizes nas relações sexuais com o companheiro quando as têm pelo menos uma vez por semana.**

**NÚMERO MÉDIO DE VEZES EM CADA 10 QUE ELA  
ATINGE O ORGASMO COM O COMPANHEIRO**



**As mulheres sentem-se felizes nas relações sexuais com o companheiro quando elas atingem o orgasmo pelo menos 7 em cada 10 vezes.**

### **Tipos de casais em que se maximiza ou se minimiza a felicidade das mulheres com o homem com quem vivem, em função das características e dos hábitos do casal**

Recorremos ao método de análise multivariável denominado AID (Automatic Interaction Detector) para identificar em que tipos de casais se maximiza e em quais se minimiza a felicidade das mulheres com o homem com quem vivem, segundo as características e os hábitos do casal de que dispúnhamos na investigação.

Tendo em vista os resultados, a primeira conclusão a que podemos chegar é que os hábitos têm uma capacidade de influência superior à das características do casal:

- O que mais influencia para que as mulheres se sintam mais ou menos felizes com o companheiro é o número de vezes que ela costuma atingir o orgasmo. Influi tanto que a média da felicidade com o companheiro oscila 2,4 pontos entre os casais em que ela atinge sempre o orgasmo e aquelas em que ela apenas o atinge metade das vezes ou menos (em média, 9,0 relativamente a 6,6).
- Num segundo nível, o factor mais influente não é o mesmo nos três cenários identificados no nível anterior. Entre as mulheres que chegam sempre ao orgasmo ou, no extremo oposto, entre as que chegam muito poucas vezes, o factor seguinte que mais influi na felicidade com o companheiro é a frequência com que fazem alguma escapadinha/viagem sozinhos. E, entre as mulheres que chegam

ao orgasmo entre 6 e 9 vezes em cada 10, o que mais influi num segundo nível é a frequência com que costumam ter relações sexuais.

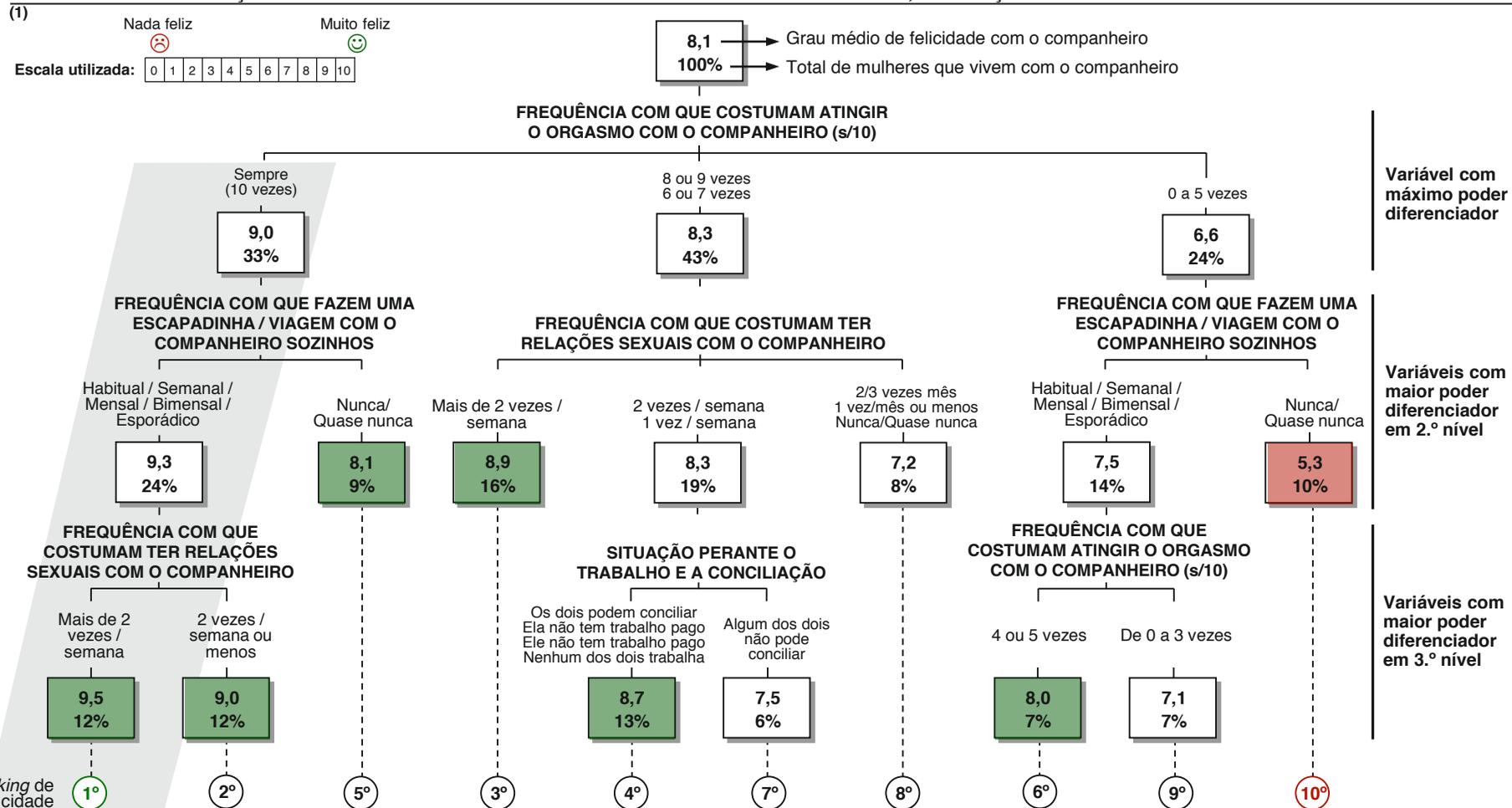
- Os factores mais influentes no terceiro nível são diferentes nos vários cenários identificados.

Da árvore de segmentação resultante desta análise também podemos concluir que:

- As mulheres que se sentem mais felizes com o homem com quem vivem são aquelas que costumam chegar ao orgasmo sempre que têm relações, costumam fazer escapadinhas/viagens de casal sozinhos e têm relações sexuais com o companheiro mais de 2 vezes por semana. São 12% das mulheres que vivem com um homem e a sua felicidade com o companheiro representa um valor de 9,5, em média.
- As menos felizes com o homem com quem vivem são aquelas que chegam ao orgasmo em metade ou menos das vezes em que têm relações, e nunca ou quase nunca fazem escapadinhas/viagens de casal sozinhos. São uma em cada dez das mulheres que vivem com um homem e a sua felicidade a com o homem com quem vivem representa um valor de 5,3, em média.

- Situações em que as mulheres se sentem felizes com o companheiro (pelo menos 8, que foi identificado como o limiar da felicidade das mulheres)
- Situações em que as mulheres se sentem infelizes com o companheiro (abaixo de 7, que foi identificado como o limiar da infelicidade das mulheres)

### ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DA FELICIDADE DAS MULHERES COM O HOMEM COM QUEM VIVEM, EM FUNÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS E DOS HÁBITOS DO CASAL



(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 inquéritos).

### **Tipos de casais em que se maximiza ou se minimiza a felicidade das mulheres com o homem com quem vivem, em função das características do casal**

Recorremos ao método de análise multivariável denominado AID (Automatic Interaction Detector) para identificar em que tipos de casais se maximiza e em quais se minimiza a felicidade das mulheres com o homem com quem vivem, quando só são consideradas as características do casal e não os hábitos que partilham.

Tendo em vista os resultados, podemos concluir que, entre todos os critérios de classificação relativos às características do casal de que dispúnhamos na investigação:

- O que tem mais influência para que as mulheres se sintam mais ou menos felizes com o homem com quem vivem é a duração da relação: ultrapassada a barreira dos 20 anos, a felicidade média das mulheres com o homem com quem vivem cai seis décimas, passando de estar acima do limiar de felicidade das mulheres para situar-se abaixo (em média, de 8,3 para 7,7).
- Os factores mais influentes tanto no segundo como no terceiro nível são diferentes nos vários cenários identificados. No entanto, há uma tónica comum em três deles: a homogeneidade do casal costuma potenciar a felicidade com o homem com quem vivem. Isto sucede em termos de idade, de nível de escolaridade e também na situação relativamente à conciliação no trabalho.

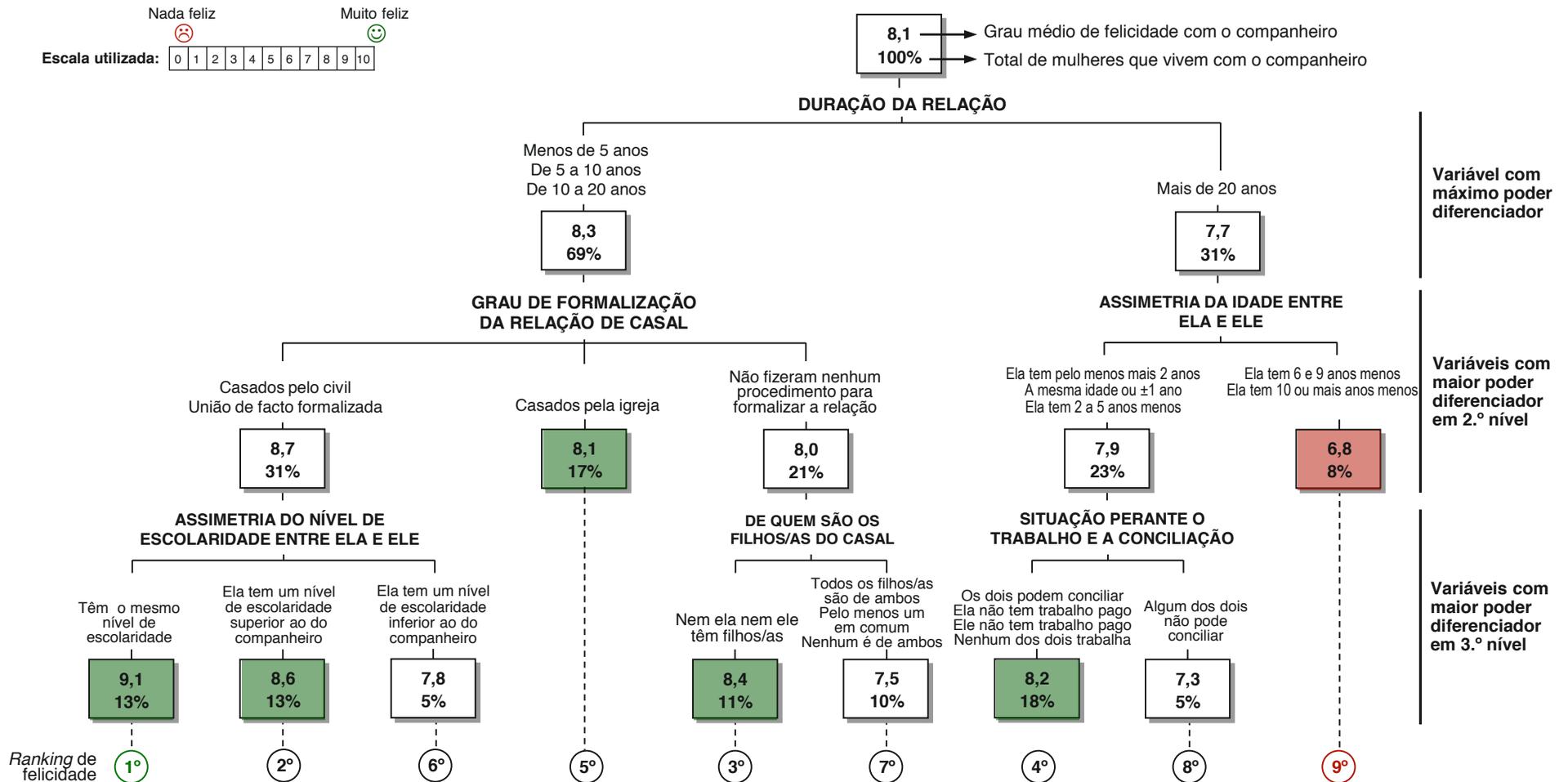
- Num segundo nível, o grau de formalização da relação de casal também influencia os casais cuja relação tem uma duração inferior a 20 anos: as casadas pelo registo civil ou em união de facto formalizada sentem-se mais felizes do que as casadas pela igreja. As menos felizes com o companheiro são as que não fizeram nenhum procedimento para formalizar a relação.
- Entre estas últimas, num terceiro nível, influem os/as filhos/as: se têm algum/a filho/a a cargo, seja de quem for, isso retira quase um ponto na felicidade da mulher com o homem com quem vive (em média 7,5 se há filhos/as relativamente a 8,4 se não os há).

Da árvore de segmentação resultante desta análise também podemos concluir que:

- As mulheres que se sentem mais felizes com o homem com quem vivem são as que estão há menos de 20 anos com ele, estão casadas pelo registo civil ou em união de facto formalizada e os dois têm o mesmo nível de escolaridade. São 13% das mulheres que vivem com um homem e sentem-se muito felizes com ele: 9,1 em média.
- Dos nove tipos de casais identificados, há cinco em que as mulheres se sentem felizes com o companheiro.
- As mulheres que se sentem menos felizes com o homem com quem vivem são as que estão com ele há mais de 20 anos, e ela é bastante mais jovem do que ele (6 anos ou mais). Encontram-se nesta situação 8% das mulheres que vivem com um homem e a sua felicidade com ele, em média, é de 6,8.

- Situações em que as mulheres se sentem felizes com o companheiro (pelo menos 8, que foi identificado como o limiar da felicidade das mulheres)
- Situações em que as mulheres se sentem infelizes com o companheiro (abaixo de 7, que foi identificado como o limiar da infelicidade das mulheres)

**ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DA FELICIDADE DAS MULHERES COM O HOMEM COM QUEM VIVEM, EM FUNÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO CASAL (1)**

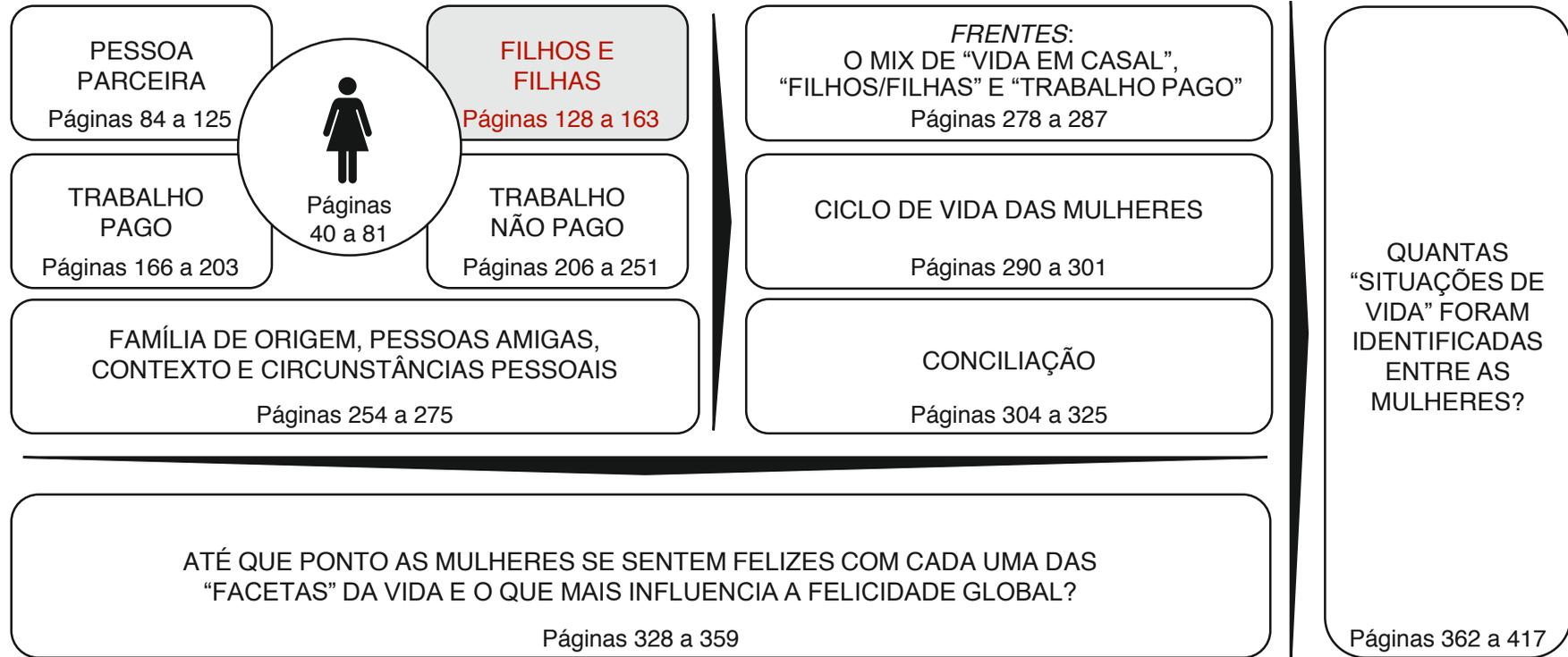


(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 inquéritos).

## **Capítulo 3**

### **Principais resultados sobre os/as filhos/as**

Nas páginas da 128 à 163, são apresentados os principais resultados obtidos relativamente aos/às filhos/as. A informação que se expõe a seguir faz referência a como são os/as filhos/as e como se sentem as mulheres relativamente à maternidade em geral e aos/às filhos/as em particular.



RELAÇÃO COM A MATERNIDADE E OPINIÃO DAS MULHERES SOBRE A MESMA  
 COMO SÃO OS FILHOS/AS E COMO FOI A SUA EDUCAÇÃO?  
 O QUE INFERIMOS SOBRE A MATERNIDADE E COMO SE SENTEM COM OS FILHOS/AS

Página 128  
 Página 136  
 Página 154

### **Quantas mulheres têm filhos/as e quantas têm intenção de os/as ter?**

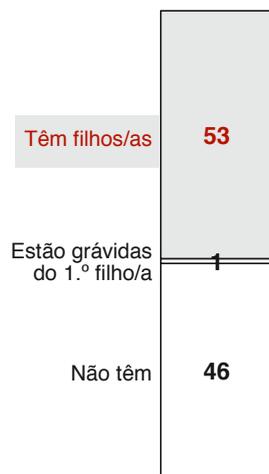
Foram mães pouco mais de metade (53%) dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa.

Entre as mulheres que não têm filhos/as, mais de metade (57%) manifestaram que pretendem tê-los, 23% disseram que gostariam de ter tido filhos/as mas que já não têm idade para tê-los e as restantes 20% são mulheres que declararam que nunca os quiseram ter.

Se classificarmos as mulheres considerando de forma conjunta tanto a relação presente com os/as filhos/as como a intenção futura das que não os têm vemos que: 53% das mulheres têm filhos/as, 1% estão grávidas do primeiro, 27% têm intenção de os ter, 10% quiseram tê-los mas já não têm idade e 9% são mulheres que manifestaram que a maternidade não é para elas.

Se se analisarem estes resultados entre as mulheres que ainda estão em idade fértil, pode-se concluir que a maternidade é tão relevante hoje como o foi entre as mulheres que já não estão em idade fértil.

**TÊM FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria



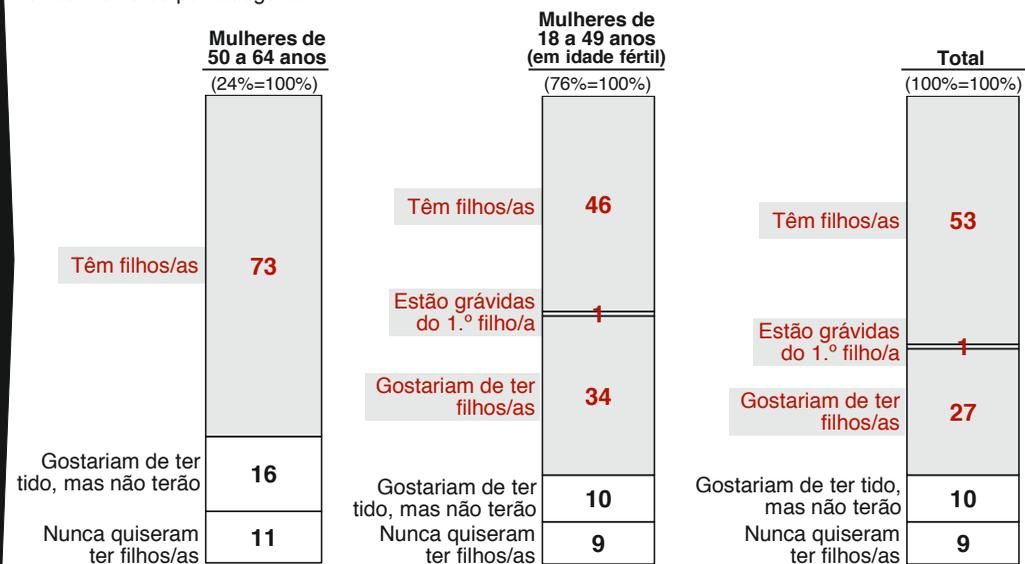
Base: Não têm filhos/as (46%=100%)

**INTENÇÃO DE TER FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria



**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO COM OS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

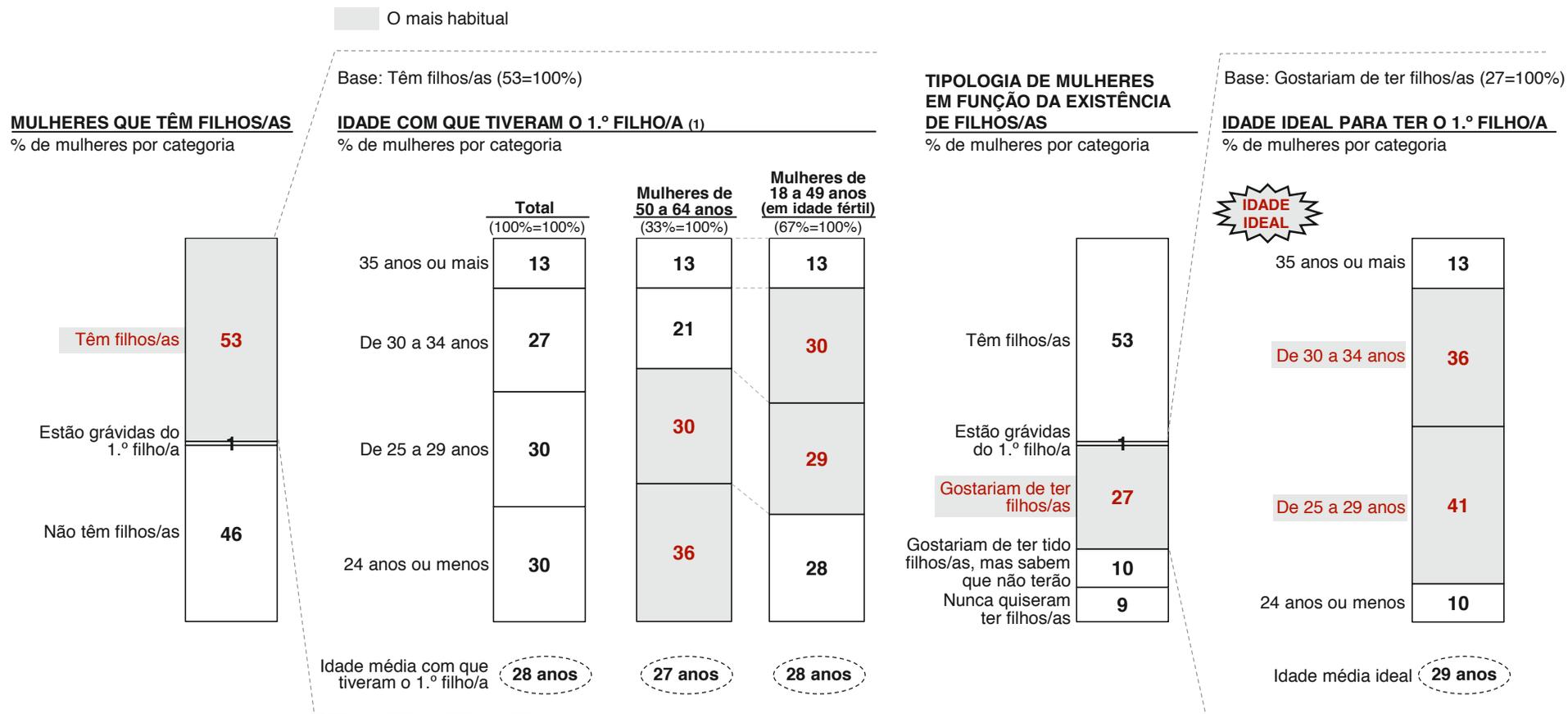


### **Idade em que têm filhos/as**

Entre as mulheres que já não estão em idade fértil, o mais habitual era ter o primeiro filho ou a primeira filha com menos de 30 anos. Mais de um terço (36%) tiveram-nos com menos de 25 anos. A idade média com que foram mães é aos 27 anos.

Entre as mulheres que ainda estão em idade fértil, dado que têm menos de 50 anos, o mais habitual é ter o primeiro filho ou a primeira filha entre os 25 e os 34 anos. As que os tiveram com menos de 25 anos reduzem-se em quase dez pontos (28%). A idade média com que foram mães é um ano mais tarde, aos 28.

Entre as que não têm filhos/as mas gostariam de os ter, não há praticamente nenhuma que declare que a idade ideal para ser mãe seja com menos de 25 anos. As que gostariam de os ter com mais de 34 anos são também uma minoria. Acham que a idade média ideal para ser mãe é aos 29 anos.



(1) A idade com que tiveram o 1.º filho/a foi computada como a diferença entre a idade da mãe e a idade do filho/a mais velho/a.

### **Em que cenários se imaginam a ter filhos/as?**

Entre as mulheres que gostariam de ter filhos/as (27%), quase duas em cada dez declararam que já o tentaram pelo menos uma vez.

Apesar de a grande maioria das mulheres que gostariam de ter filhos/as só se imaginarem a tê-los se chegada a altura terem um companheiro estável, quase um quinto (17%) estão abertas a tê-los mesmo sem companheiro/a estável, quando pensarem que chegou a altura.

Entre as mulheres que não descartam ter filhos/as embora quando pensarem que chegou a altura de tê-los não tiverem um relacionamento estável, mais de metade (55%) estariam dispostas a aceitar algum dador (um valor acima da hipótese de adoção).

**TIPOLOGIA DE MULHERES  
EM FUNÇÃO DA EXISTÊNCIA  
DE FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

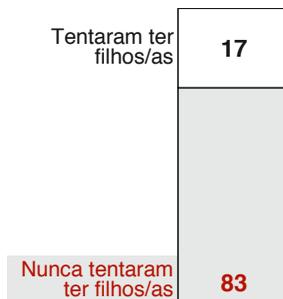


O mais habitual

Base: Gostariam de ter filhos/as (27%=100%)

**TENTARAM TER FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria



**EM QUE SITUAÇÃO DE CASAL  
SE IMAGINAM A TER FILHOS/AS**

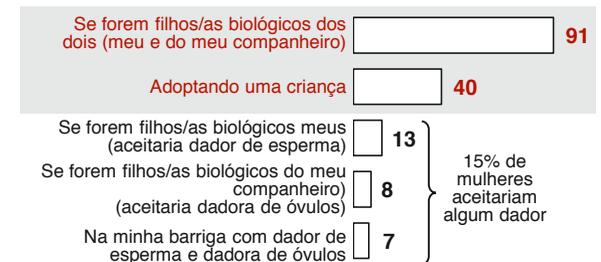
% de mulheres por categoria



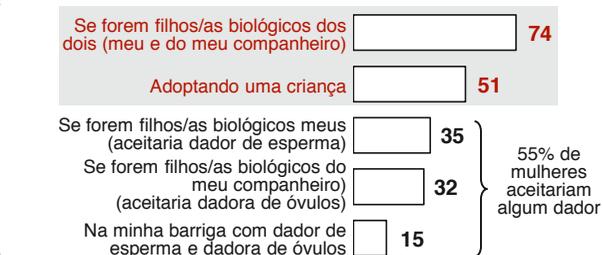
Base: Só se tiverem companheiro/a estável (83%=100%)

**SITUAÇÕES EM QUE SE IMAGINAM A TER FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria



Base: Mesmo sem companheiro/a estável, quando pense que chegou o momento (17%=100%)



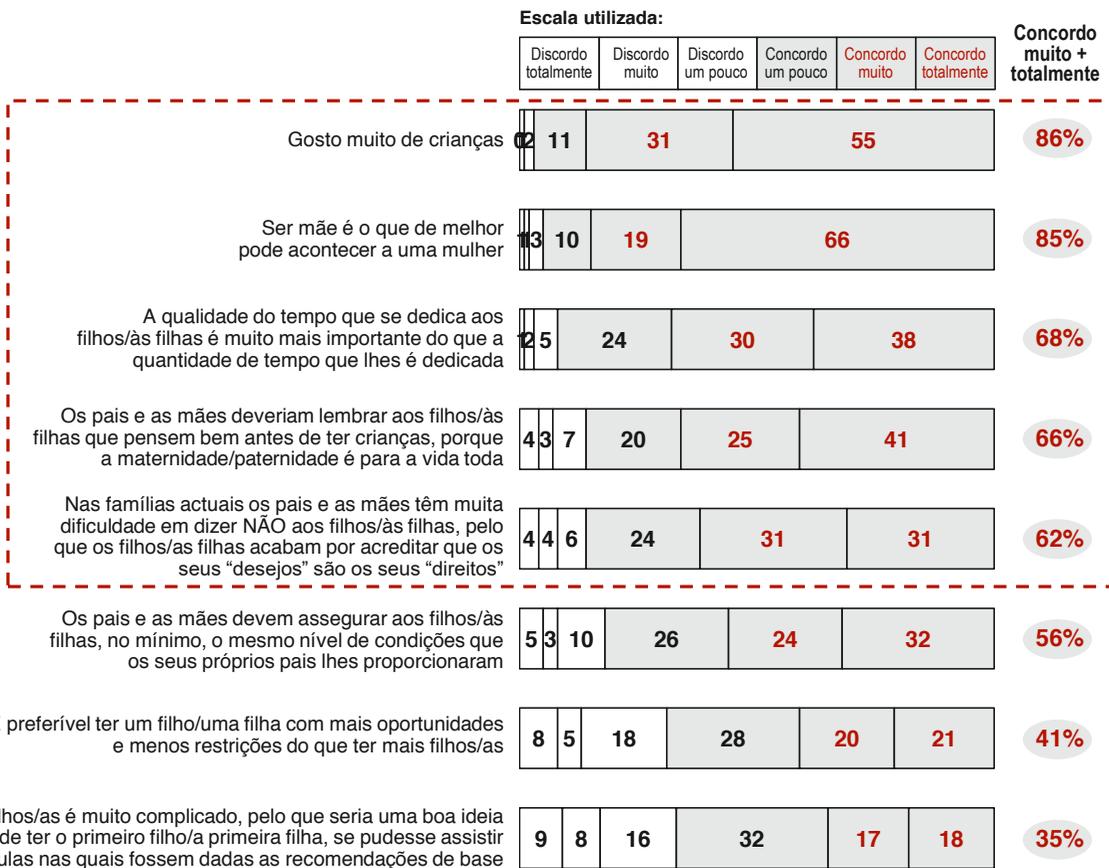
### **Grau de concordância com afirmações acerca da maternidade e de crianças em geral**

Quase todas as mulheres que tiveram filhos/as estão bastante de acordo em que “gostam muito de crianças” e que “ser mãe é o que pode acontecer de melhor a uma mulher”. Se se tiver em conta o grau de concordância com estas afirmações e se se calcular a intensidade de concordância, numa escala de 0 a 1000 pontos onde 0 equivaleria a “discordo totalmente” e 1000 equivaleria a “concordo totalmente”, o resultado médio é de 754 pontos na primeira e de 784 na segunda, isto é, ambas a meio entre “concordo muito” e “concordo totalmente”.

Entre as mulheres que não têm filhos/as, observa-se um menor consenso nas duas afirmações, sobretudo na relativa à maternidade, situando-se em média em 355 pontos, isto é, próximo do “concordo um pouco”.

Das 8 afirmações consideradas acerca da maternidade, em metade há um nível mais alto de acordo entre as que não têm filhos/as do que entre aquelas que os têm. Entre estas quatro afirmações, aquela em que se observa uma maior diferença é em: “É preferível ter um filho/uma filha com mais oportunidades e menos restrições do que ter mais filhos/as”.

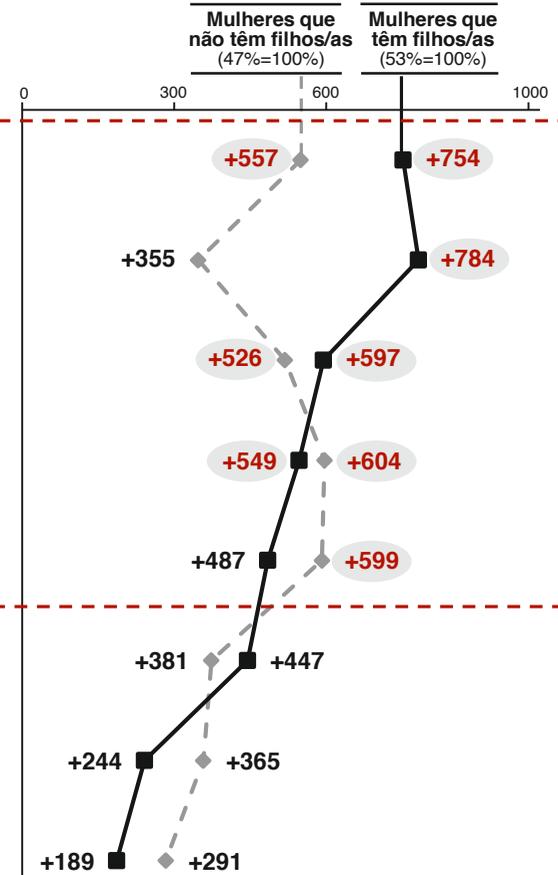
**PERCENTAGEM DE MULHERES POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO**



**Atribuição de pontos:**

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
-1000	-600	-300	300	600	1000

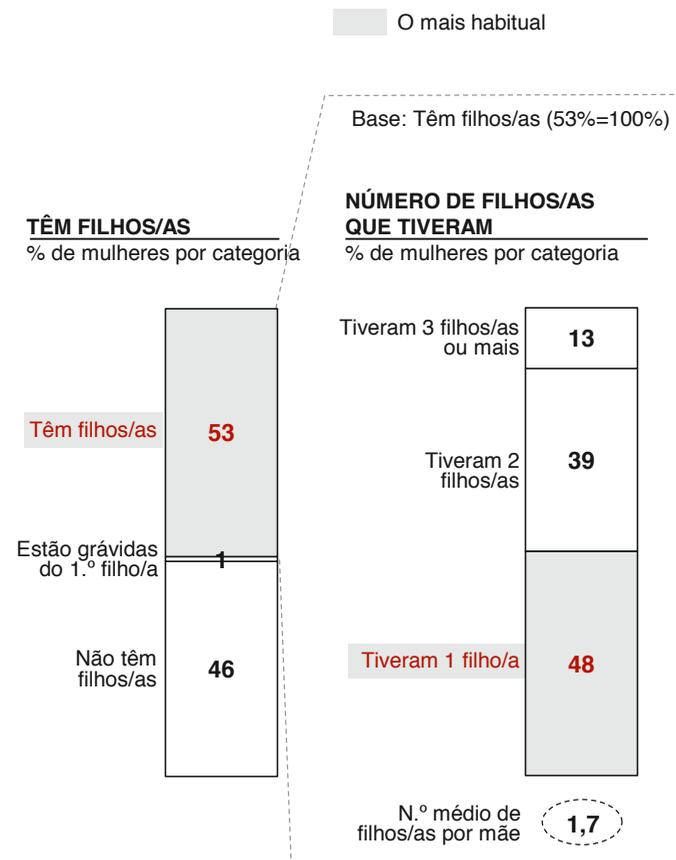
**INTENSIDADE DE CONCORDÂNCIA MÉDIA CALCULADA PARA CADA AFIRMAÇÃO**



### **Quantos filhos/as têm e quantos gostariam de ter?**

Entre as mulheres que têm filhos/as, 53% dos 2,7 milhões que esta investigação representa, o mais comum é ter um filho único ou uma filha única (48%) ou ter dois filhos/as (39%).

Entre as mulheres que não têm filhos/as, mas gostariam de tê-los (27%), o número ideal de filhos/as situa-se muito acima da realidade de filhos/as que tiveram as mães actuais: o mais comum é querer ter dois.



**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA EXISTÊNCIA DE FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria



Base: Gostariam de ter filhos/as (27%=100%)

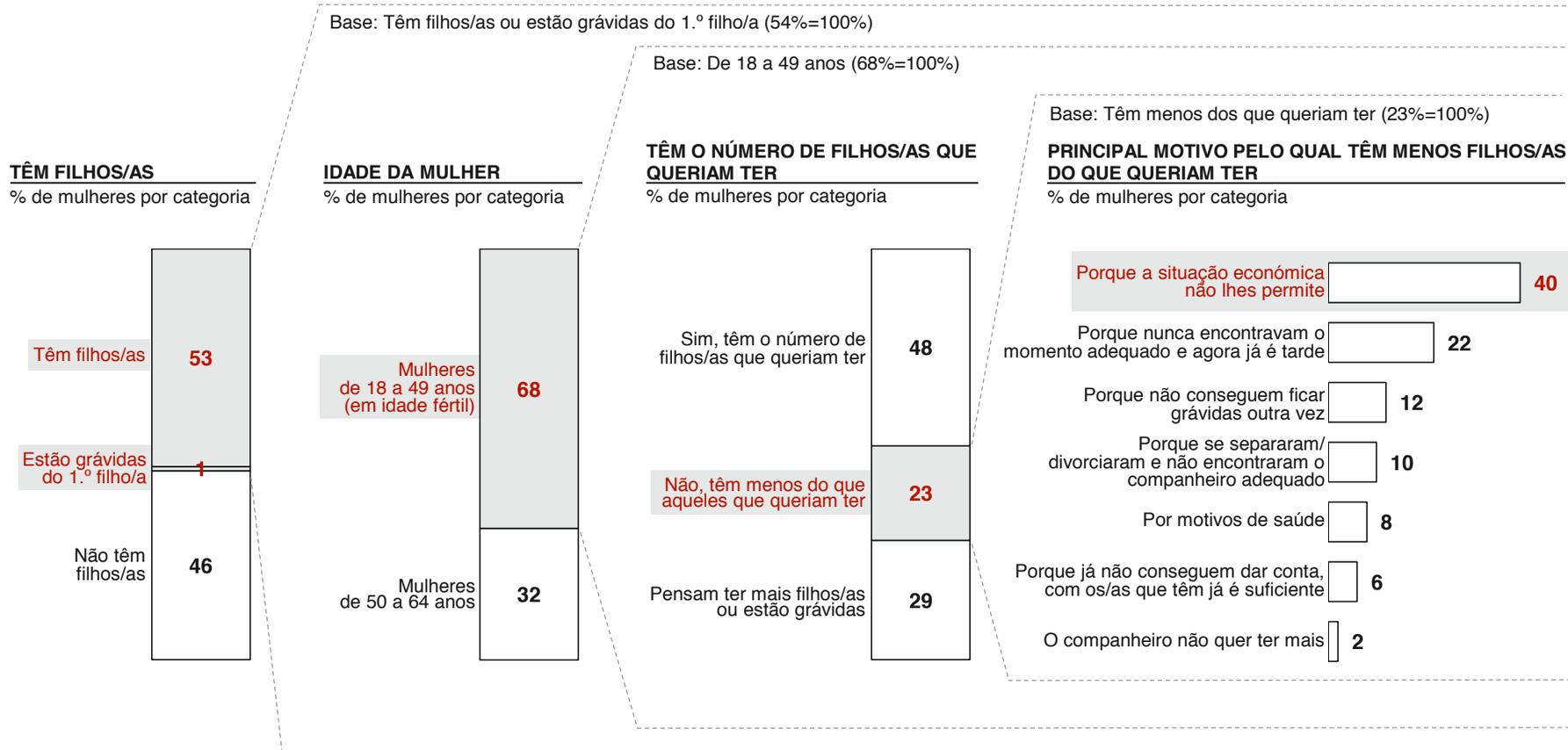
**NÚMERO DE FILHOS/AS QUE GOSTARIAM DE TER**  
% de mulheres por categoria



### **Motivos pelos quais as mulheres não têm o número de filhos/as que queriam ter**

Entre as mulheres que têm filhos/as e ainda estão em idade fértil, visto terem entre 18 e 49 anos, uma em cada quatro declararam que têm menos filhos/as do que queriam ter.

O principal motivo que elas referem para não ter tido o número de filhos/as que queriam é: “porque a situação económica não lhes permite” (40%). Em segundo lugar, e com quase metade de peso relativo (22%), referem que é “porque nunca encontravam o momento adequado e agora já é tarde”.



### **Sexo e idade dos/as filhos/as**

As mulheres que foram mães distribuem-se quase por igual no que respeita ao sexo dos/das filhos/as: as que só têm filhas (35%), as que só têm filhos (33%) e as que têm filhas e filhos (32%).

No que diz respeito à idade dos/das filhos/as, o mais habitual são as mulheres que têm algum/a filho/a entre 6 e 14 anos e nenhum/a com 5 anos ou menos (31%). As que se encontram nesta situação têm filhos/as que oscilam em média entre: o/a filho/a mais novo/a, 10 anos, e o filho/a mais velho/a, 17 anos.

A circunstância seguinte mais habitual são as mulheres que têm pelo menos algum/a filho/a com 5 anos ou menos (25%). Nesta situação, têm filhos/as que oscilam em média, entre: o/a mais novo/a, 2 anos, e o/a mais velho/a, 9 anos.

■ O mais habitual

**SEXO DOS FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria

Só têm filhas	<b>35</b>
Só têm filhos	<b>33</b>
Têm filhas e filhos	<b>32</b>

**IDADE DOS FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria

		Idade do filho/a mais novo (1)	Idade do filho/a mais velho
Pelo menos um filho/a tem 5 anos ou menos	<b>25</b>	2 anos	9 anos
Algun filho/a tem entre 6 e 14 anos e nenhum tem 5 anos ou menos	<b>31</b>	10 anos	17 anos
Algun filho/a tem entre 15 e 18 anos e nenhum tem 5 anos ou menos	<b>11</b>	16 anos	22 anos
Todos têm 19 anos ou mais e algum vive em casa	<b>16</b>	25 anos	31 anos
Todos têm 19 anos ou mais e nenhum vive em casa	<b>17</b>	27 anos	33 anos

(1) Inclui aos filhos/as únicos/as.

### **Filhos/as adotados/as e biológicos/as**

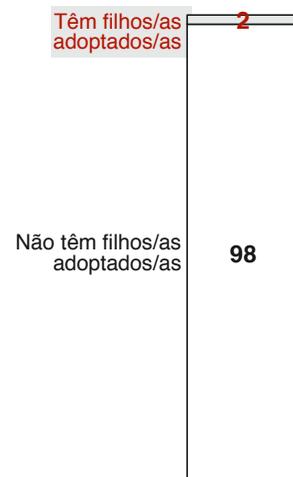
Entre as mulheres que têm filhos/as, 53% dos 2,7 milhões que esta investigação representa, apenas 2% adoptaram algum filho/a.

Por conseguinte, quase todas as mulheres que têm filhos/as, têm algum/a que é biológico/a (99%).

Entre elas, quase todas (94%) engravidaram de todos os/as filhos/as sem recurso a tratamentos.

No que diz respeito à amamentação, a grande maioria (83%) amamentaram todos os/as filhos/as. Entre as 12% que não amamentaram nenhum, praticamente todas declararam que foi porque não puderam.

**TÊM FILHOS/AS ADOPTADOS/AS**  
% de mulheres por categoria

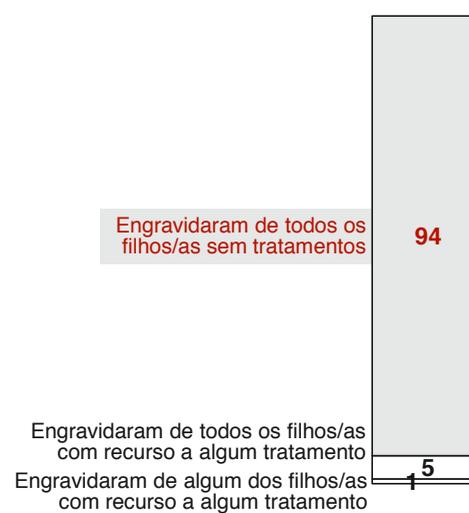


**TÊM FILHOS/AS BIOLÓGICOS/AS**  
% de mulheres por categoria

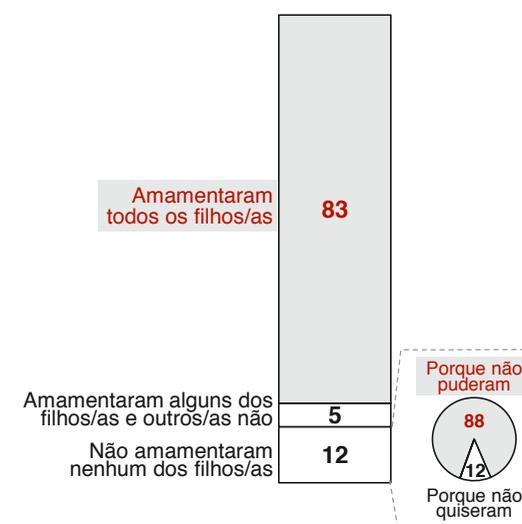


Base: Têm filhos/as biológicos/as (99%=100%)

**ENGRAVIDOU COM RECURSO A ALGUM TRATAMENTO DE FERTILIDADE**  
% de mulheres por categoria



**AMAMENTARAM OS FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria



### **Grau de complexidade na educação e cuidado dos/as filhos/as**

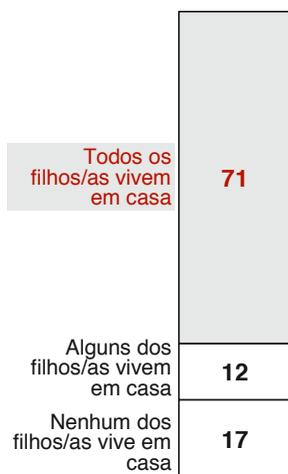
Entre as mulheres que foram mães, 53% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, as que com base nos resultados deste estudo se considerou que enfrentam uma situação que *a priori* pode ser mais complexa quanto ao cuidado e educação dos/das filhos/as são:

- Aquelas que têm todos os/as filhos/as a viver em casa delas, o que sucede em quase três em cada quatro (71%).
- As que se definiram como famílias recompostas, o que acontece em pouco mais de um terço (36%). Entre elas, o mais comum são as mulheres cujos filhos/as são todos de relacionamentos anteriores. O caso excepcional são as mulheres que têm filhos/as do companheiro actual e também de relacionamentos anteriores e ainda mais excepcional, as famílias monoparentais.
- As que notam que algum/a dos/das filhos/as não é feliz (7%).
- As que têm algum/a filho/a com algum tipo de doença crónica, incapacidade ou deficiência (10%).
- As que tiveram algum/a filho/a que está a ser ou foi difícil de criar (19%).

Situações mais complexas

**QUANTOS FILHOS/AS VIVEM EM CASA**

% de mulheres por categoria



**DE QUEM SÃO OS FILHOS/AS QUE TIVERAM**

% de mulheres por categoria



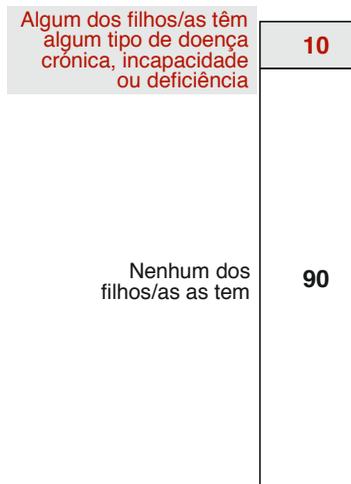
**PERCEÇÃO SOBRE A FELICIDADE DOS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria



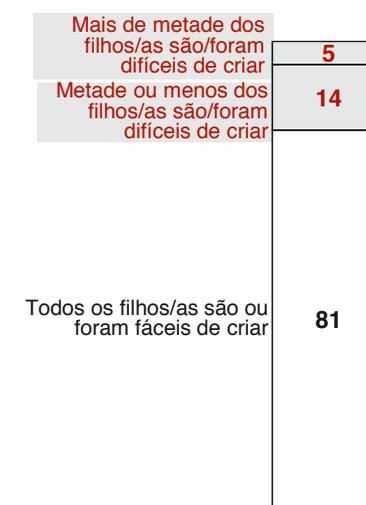
**TÊM ALGUM FILHO/A COM ALGUMA DOENÇA CRÓNICA, INCAPACIDADE OU DEFICIÊNCIA**

% de mulheres por categoria



**QUANTOS DOS FILHOS/AS FORAM DIFÍCEIS DE CRIAR**

% de mulheres por categoria



(1) A amostra disponível é de 47. A maioria destas mulheres, 79%, engravidaram sem recurso a tratamentos, 19% engravidaram com recurso a algum tratamento de fertilidade e 2% têm filhos/as adoptados/as.

### **Grau de dificuldade sentida no cuidado e educação dos/ as filhos/as**

Entre as mulheres que têm filhos/as, 53% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, não há consenso no que diz respeito ao cumprimento das expectativas na dificuldade que pressupôs educá-los ou criá-los. O grupo mais recorrente de mães representa 30%, que declararam que para elas esta tarefa foi mais difícil do que tinham imaginado. O resto divide-se em partes quase iguais entre as mães que consideram que educá-los ou criá-los está a ser/foi mais fácil do que imaginavam (28%) e as que acham que está a ser/foi como imaginavam (26%). As restantes 16% são mulheres que tiveram filhos/as mas que nunca pensaram muito sobre quão difícil ou fácil seria educá-los ou criá-los.

Como era de esperar, nesta percepção é muito determinante se a mulher tem algum filho/a que efectivamente tenha sido difícil de criar ou de educar: entre estas (19%) mães, as que declararam que educá-los ou criá-los foi mais difícil do que tinham imaginado aumenta para 55%.

Se classificarmos as mulheres considerando de forma conjunta tanto o grau de cumprimento das expectativas no cuidado e educação como as dificuldades reais experimentadas, vemos que: 62% são mães para quem a educação dos/as filhos/as foi como imaginavam ou mais fácil, para 19% foi mais difícil, apesar de todos terem sido fáceis de criar e as restantes 19% tiveram algum filho/a difícil de criar ou educar.

**CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

Educá-los ou criá-los está a ser/foi <b>mais difícil</b> do que imaginavam	<b>30</b>
Educá-los ou criá-los está a ser/foi <b>tão difícil</b> como imaginavam	<b>26</b>
Educá-los ou criá-los está a ser/foi <b>mais fácil</b> do que imaginavam	<b>28</b>
Não tinham <b>nenhuma expectativa</b>	<b>16</b>

**CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS EM FUNÇÃO DAS DIFICULDADES QUE ESTÃO A TER/ TIVERAM NO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

	Todos os filhos/as foram fáceis de criar (81%=100%)	Algum filho/a foi difícil de criar (19%=100%)
Educá-los ou criá-los está a ser/foi <b>mais difícil</b> do que imaginavam	<b>23</b>	<b>55</b>
Educá-los ou criá-los está a ser/foi <b>tão difícil</b> como imaginavam	<b>27</b>	
Educá-los ou criá-los está a ser/foi <b>mais fácil</b> do que imaginavam	<b>33</b>	<b>20</b>
Não tinham <b>nenhuma expectativa</b>	<b>17</b>	<b>11</b>
		<b>14</b>

**GRAU DE DIFICULDADE SENTIDA NO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

	% de mulheres	Grau médio de felicidade com os filhos/as
Algum filho/a difícil de criar	<b>19</b>	<b>8,9</b>
A educação dos filhos/as é <b>mais difícil</b> do que imaginavam apesar de todos terem sido fáceis de criar	<b>19</b>	<b>9,2</b>
A educação dos filhos/as é <b>como imaginavam</b> ou <b>mais fácil</b>	<b>62</b>	<b>9,6</b>

### **Frequência com que se informam acerca de assuntos ligados à criação e educação dos/das filhos/as**

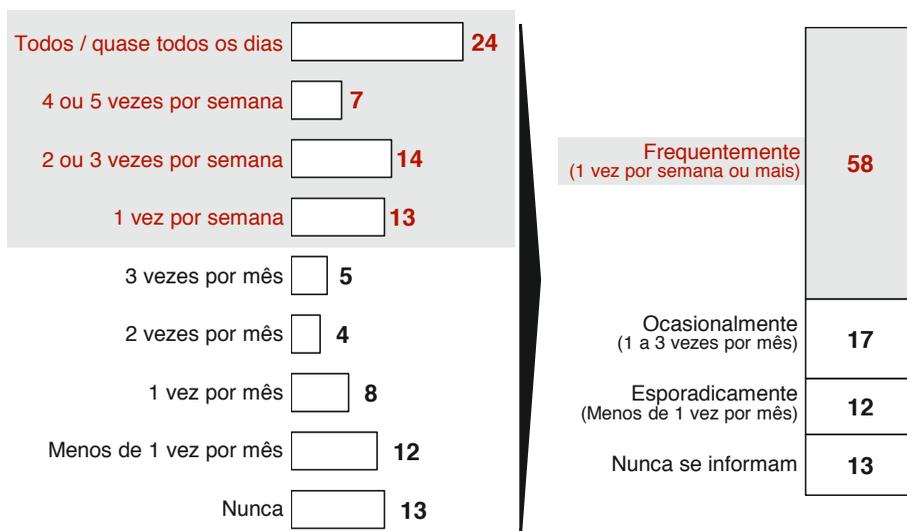
A maioria das mães (58%) informa-se ou informava-se quando os/as filhos/as eram pequenos pelo menos uma vez por semana acerca de assuntos ligados à criação e educação dos/as filhos/as. Entre elas, um quarto informa-se ou informava-se diariamente.

As mulheres com filhos/as que se informam com uma frequência superior são as que têm algum/a filho/a que foi difícil de criar e as que menos se informam são aquelas para quem a educação de todos os/as filhos/as foi tão fácil como imaginavam ou mais.

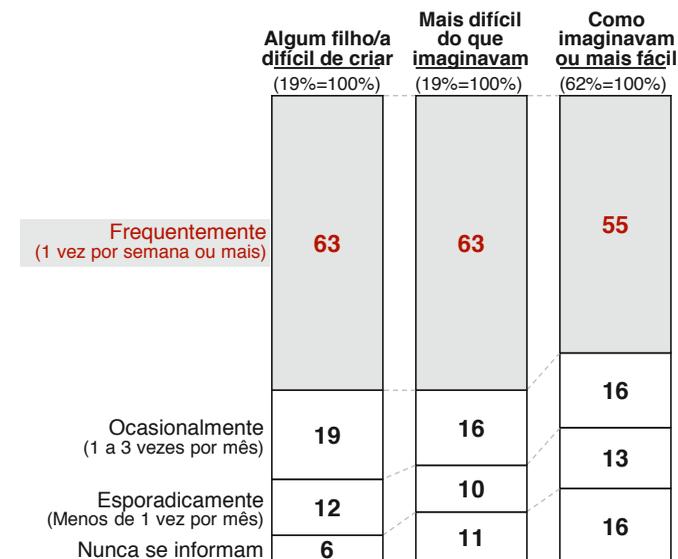
**FREQUÊNCIA COM QUE SE INFORMAM / INFORMAVAM ACERCA DE ASSUNTOS LIGADOS À CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

**NO TOTAL DAS MULHERES QUE TÊM FILHOS/AS**



**EM FUNÇÃO DO GRAU DE DIFICULDADE SENTIDA NO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**



**Que idade tinham os/as filhos/as quando os/as deixaram pela primeira vez no berçário/creche, no infantário ou na escola?**

O mais habitual é deixar os filhos/as pela primeira vez no berçário/creche com menos de 1 ano (fizeram-no em 38% dos casos) ou deixá-los pela primeira vez directamente na escola (fizeram-no em 34% dos casos). O menos habitual é deixá-los entre o primeiro ano e os 2 anos.

O que mais influencia é a situação laboral da mulher quando é mãe: a proporção das que deixaram os filhos/as pela primeira vez no berçário/creche com menos de 1 ano dispara entre as mulheres que tinham trabalho pago quando tiveram todos ou algum dos/das filhos/as.

A idade da mulher quando é mãe também influencia: entre as mães mais jovens, deixar os/as filhos/as pela primeira vez no berçário/creche com menos de 1 ano é mais habitual do que entre as mães que hoje têm 50 anos ou mais.

O nível de escolaridade da mulher quando é mãe influencia também a altura em que se deixam os/as filhos/as pela primeira vez na escola.

**QUE IDADE TINHAM OS FILHOS/AS QUANDO OS/AS DEIXARAM PELA PRIMEIRA VEZ NO BERÇÁRIO/CRECHE, NO INFANTÁRIO OU NA ESCOLA, EM FUNÇÃO DE ALGUNS CRITÉRIOS-CHAVE (1)**

% de mulheres por categoria



**EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO COM O TRABALHO PAGO QUANDO TIVERAM OS FILHOS/AS**

	Tinham trabalho pago quando tiveram todos os filhos/as (67%=100%)	Com alguns filhos/as tinham trabalho e com outros não (12%=100%)	Não tinham trabalho pago quando tiveram os filhos/as (21%=100%)
Deixaram os filhos/as com menos de 1 ano no berçário/creche/infantário	44	44	17
1 ou 2 anos	21	16	20
Deixaram os filhos/as com 3 ou mais anos na escola	30	39	57
Ainda não o/a deixaram	5	1	6

**EM FUNÇÃO DA IDADE DA MULHER QUANDO É MÃE**

	De 18 a 34 anos (16%=100%)	De 35 a 49 anos (51%=100%)	De 50 a 64 anos (33%=100%)
Deixaram os filhos/as com menos de 1 ano no berçário/creche/infantário	40	41	34
1 ou 2 anos	22	21	17
Deixaram os filhos/as com 3 ou mais anos na escola	19	34	49
Ainda não o/a deixaram	19	4	0

**EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MULHER QUANDO É MÃE**

	Até ao ensino básico (29%=100%)	Secundário ou pós-secundário (até 17/18) (42%=100%)	Bacharelato/licenciatura (23%=100%)	Mestrado ou doutoramento (6%=100%)
Deixaram os filhos/as com menos de 1 ano no berçário/creche/infantário	35	37	44	42
1 ou 2 anos	16	23	20	21
Deixaram os filhos/as com 3 ou mais anos na escola	46	35	31	26
Ainda não o/a deixaram	3	5	5	11

(1) Nas mães com mais de 1 filho/a considerou-se a idade do filho/a que deixaram primeiro no berçário/creche/infantário/escola.

## **Realização de cursos de preparação para o parto**

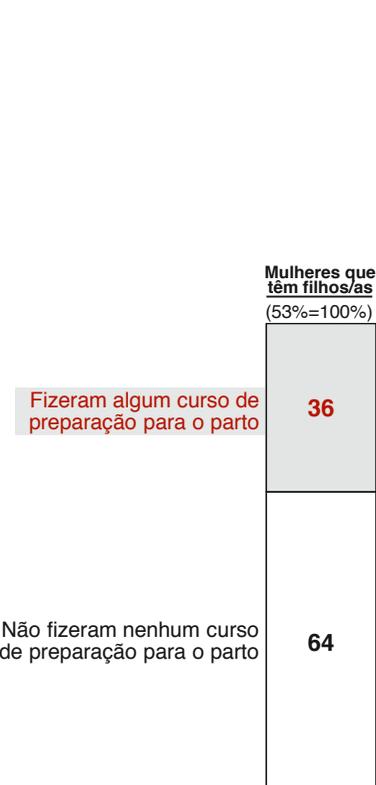
Entre as mulheres que têm filhos/as, o mais habitual é não fazer nenhum curso de preparação para o parto (64%).

A realização destes cursos está muito relacionada com várias questões:

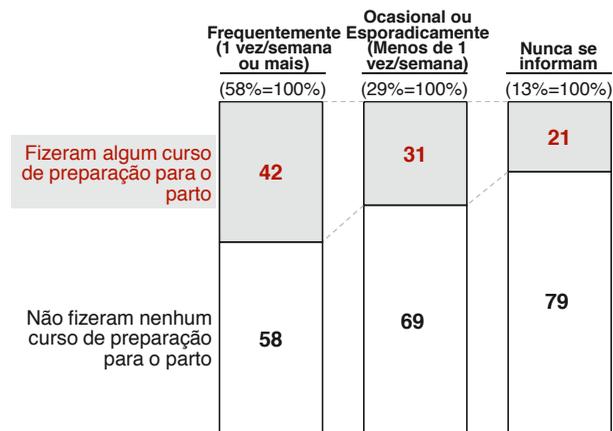
- O factor que mais influencia é o nível de escolaridade: entre as que têm um mestrado ou doutoramento, as que fizeram algum curso de preparação para o parto atingem o seu valor máximo, mais de metade (54%). No entanto, entre as que terminaram de estudar no ensino básico, reduzem-se a 24%.
- O segundo aspecto que mais influencia é a idade da mulher: entre as mães mais jovens, as que fizeram algum curso de preparação para o parto são 49% relativamente a 21% entre as que hoje têm 50 anos ou mais.
- Também influencia a frequência com que se informam acerca de assuntos ligados à criação e educação dos/das filhos/as: as que se informam mais frequentemente são também as que fizeram mais cursos de preparação para o parto.

**REALIZAÇÃO DE CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA O PARTO EM FUNÇÃO DE ALGUNS CRITÉRIOS-CHAVE**

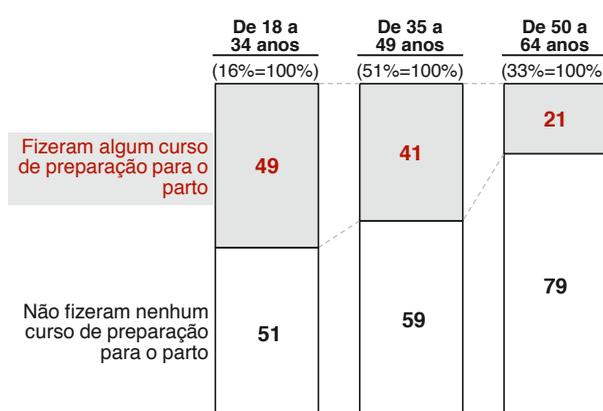
% de mulheres por categoria



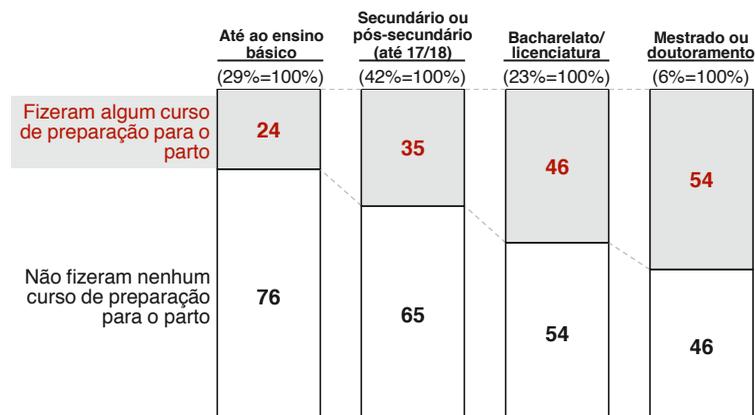
**EM FUNÇÃO DA FREQUÊNCIA COM QUE SE INFORMAM / INFORMAVAM  
ACERCA DE ASSUNTOS LIGADOS À CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**



**EM FUNÇÃO DA IDADE DA MÃE**



**EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE**



### **Grau de centralidade da maternidade**

Com base nas duas afirmações “Ser mãe é o que de melhor pode acontecer a uma mulher” e “Gosto muito de crianças”, que geram um maior consenso entre as mulheres, definiram-se três tipos de mulheres: as “Muito orientadas para a maternidade”, pois declararam estar totalmente de acordo com ambas (são pouco mais de um terço); as “Orientadas para a maternidade”, pois concordam muito ou totalmente com alguma das duas e pelo menos um pouco com a outra (é o tipo maior, com 44% das mulheres); e, por último, as “Pouco orientadas para a maternidade”, pois concordam pouco com as duas afirmações ou discordam de alguma delas (é o tipo mais reduzido, com 22% das mulheres).

Observa-se uma relação muito clara entre esta tipologia e a relação das mulheres com os/as filhos/as. Entre as que nunca quiseram ter filhos/as, as “Pouco orientadas para a maternidade” são dois terços enquanto, entre as que têm filhos/as, são apenas uma em cada dez.

**DEFINIÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DO GRAU DE CENTRALIDADE DA MATERNIDADE**

% de mulheres por categoria

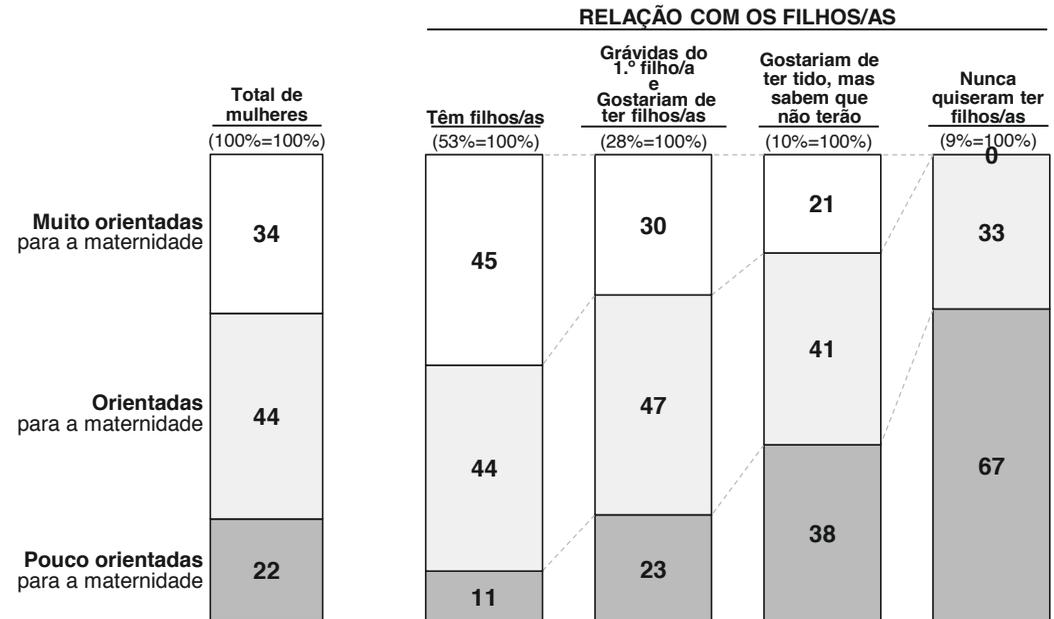
**“Ser mãe é o que de melhor pode acontecer a uma mulher”**

	Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
Discordo totalmente	1	0	0	0	1	0
Discordo muito	0	0	0	0	0	0
Discordo um pouco	0	1	1	1	0	1
Concordo um pouco	1	1	2	5	4	2
Concordo muito	1	1	2	6	9	12
Concordo totalmente	1	1	1	4	7	34

**“Gosto muito de crianças”**

**GRAU DE CENTRALIDADE DA MATERNIDADE**

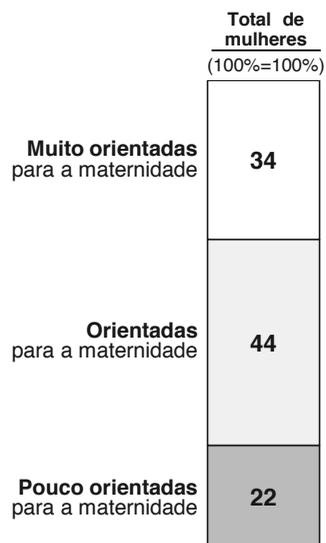
% de mulheres por categoria



### **Grau de centralidade da maternidade em função de alguns critérios-chave**

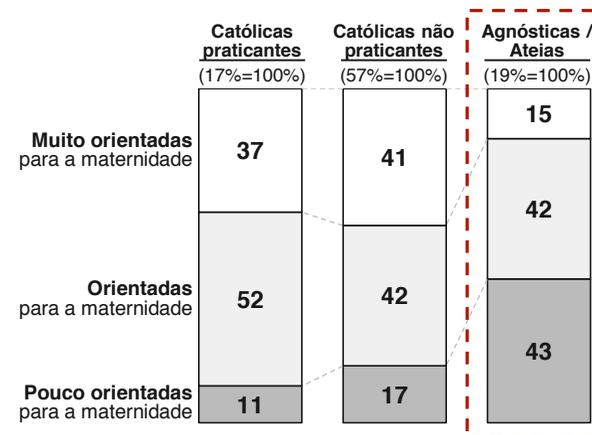
Observa-se uma relação muito clara entre a religião e os três tipos de mulheres identificados segundo a centralidade que a maternidade tem para elas. Entre as agnósticas/ateias, as mulheres que pertencem ao tipo das “Pouco orientadas para a maternidade” duplicam (são 43% relativamente a 22% entre o conjunto das mulheres).

Também se observa uma relação forte com o nível de escolaridade: a proporção das mulheres “Pouco orientadas para a maternidade” aumenta com o nível de escolaridade, em detrimento das “Muito orientadas para a maternidade”. Considerando este facto juntamente com o facto de as novas gerações de mulheres terem um nível de escolaridade superior ao das anteriores, é lógico observar como entre as mulheres mais jovens (entre 18 e 27 anos), há tantas “Pouco orientadas para a maternidade” como no extremo oposto das “Muito orientadas para a maternidade”.



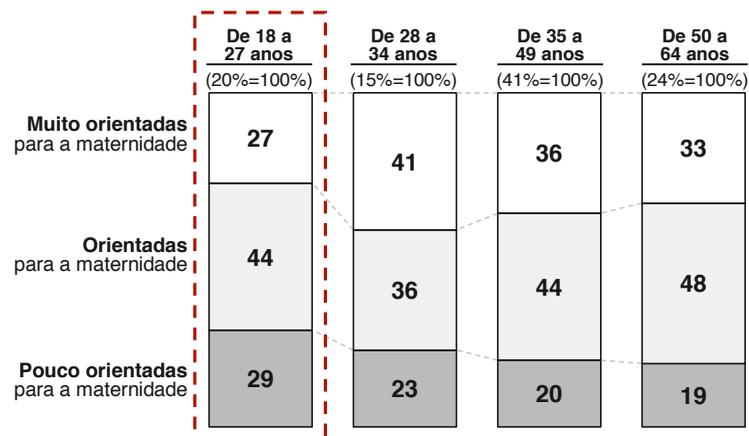
### EM FUNÇÃO DA RELIGIÃO

% de mulheres por categoria



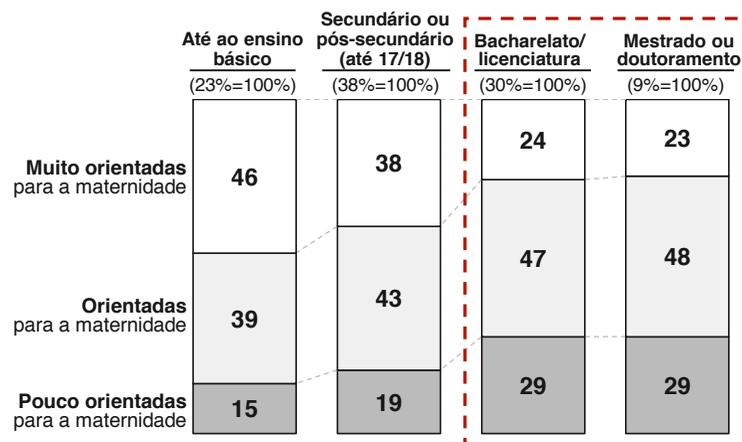
### EM FUNÇÃO DA IDADE

% de mulheres por categoria



### EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE

% de mulheres por categoria



### **Até que ponto se cumpriram as expectativas que tinham relativamente à maternidade e qual o grau de felicidade com os/as filhos/as?**

Entre as mulheres que têm filhos/as, 53% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, o mais comum é que as expectativas da mulher em relação à maternidade tenham sido ultrapassadas (sucede em 66% dos casos). O aspecto seguinte mais comum são as mulheres que consideraram que a experiência de ter filhos/as está de acordo com as suas expectativas (21%).

Aquelas que manifestaram que ter filhos/as está abaixo do que tinham imaginado são muito poucas, 3%. As restantes 10% disseram que não tinham nenhuma expectativa.

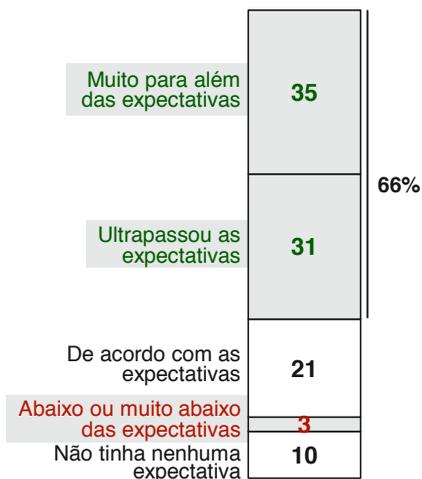
Quando analisamos a relação que há entre o nível percebido de cumprimento das expectativas e a felicidade declarada pelas mulheres com o facto de ter tido filhos/as, observamos que, como era expectável, é muito clara. Num extremo, as mulheres que colocam a experiência com a maternidade muito para além das suas expectativas declararam um nível de felicidade quase máximo com os filhos/as: 9,8 em média na escala de 0 a 10 utilizada, onde o 10 equivaleria a sentirem-se muito felizes. No entanto, as que consideraram que a experiência com a maternidade está abaixo ou muito abaixo das suas expectativas, declararam níveis de felicidade de 7,0 em média. Analisando a relação entre as duas questões, podemos

concluir que o limiar entre as mulheres felizes com os/as filhos/as e as que se sentem infelizes situa-se em 9, dado que, entre aquelas cuja experiência com a maternidade está de acordo com as expectativas, a felicidade com os filhos/as é, em média, de 8,9.

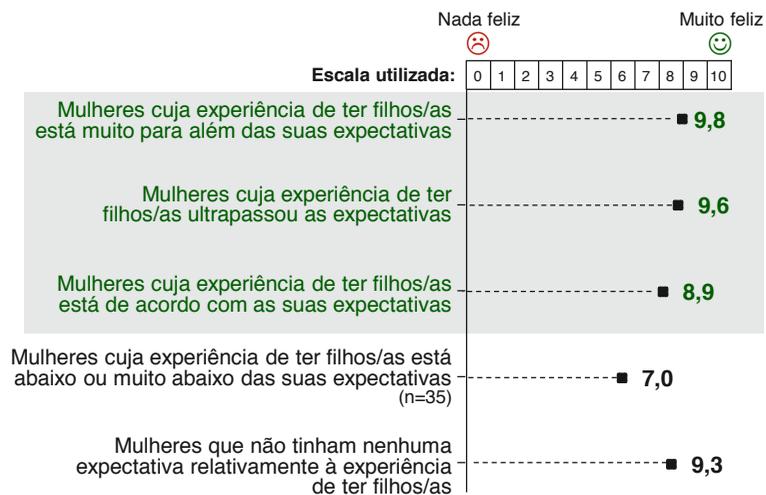
Considerando este limiar de felicidade, se classificarmos todas as mulheres em função de até que ponto declararam que se sentem felizes com os/as filhos/as, podemos concluir que quase todas as mães, isto é, nove em cada dez, se sentem muito felizes ou felizes com os filhos/as, 3% se sentem quase felizes e 5% se sentem infelizes com os filhos/as.

**A EXPERIÊNCIA DE TER FILHOS/AS  
CUMPRIU AS EXPECTATIVAS**

% de mulheres por categoria



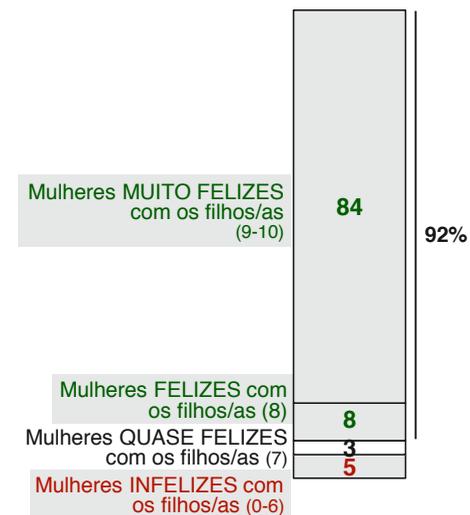
**FELICIDADE MÉDIA COM O FACTO DE TEREM TIDO FILHOS/AS  
EM FUNÇÃO DO GRAU DE CUMPRIMENTO DE EXPECTATIVAS**



**Na escala considerada (0 a 10), o limiar da felicidade das mulheres com os filhos/as situa-se em 9.**

**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO  
DO GRAU DE FELICIDADE COM O FACTO  
DE TEREM TIDO FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria



Grau médio de felicidade com os filhos/as

9,4

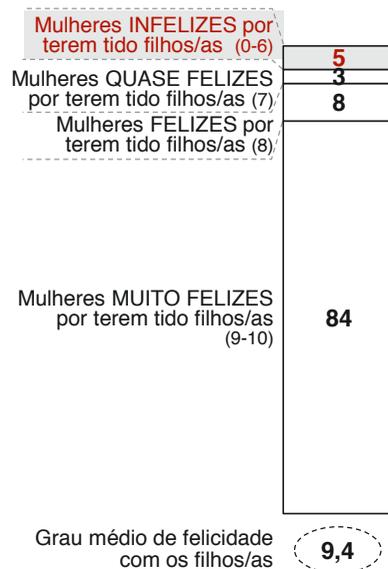
### **Quantas mães se sentem realizadas por terem tido filhos/as?**

Confrontadas com a pergunta de se teriam tido filhos/as com as informações que têm hoje, 5% das mulheres com filhos/as declararam que não, que com as informações que têm actualmente não os teriam tido. Designámos estas mães como “mães arrependidas”. Entre elas, a felicidade média com o facto de ter tido filhos/as situa-se, em média, em 7,5, isto é, não só abaixo do limiar de felicidade das mulheres mas quase dois pontos abaixo da felicidade média das que não se arrependem de terem sido mães.

Combinando a felicidade com o facto de ter tido filhos/as com o arrependimento por tê-los tido, classificámos as mães conforme o que denominámos grau de realização com a maternidade. O grupo mais recorrente é o das que chamámos “mães realizadas”, que abrange 82% das mães que voltariam a tê-los e que se sentem muito felizes por terem sido mães. O seguinte grupo mais recorrente é o das que denominámos “mães não realizadas” (13%) porque voltariam a ter filhos/as apesar de não se sentirem muito felizes por terem sido mães. O grupo mais reduzido é o das “mães arrependidas”. Juntando estes dois últimos grupos podemos concluir que as mulheres que não se sentem inteiramente realizadas com a maternidade e estão arrependidas ou simplesmente desiludidas são quase uma em cada cinco: 18% das que tiveram filhos/as.

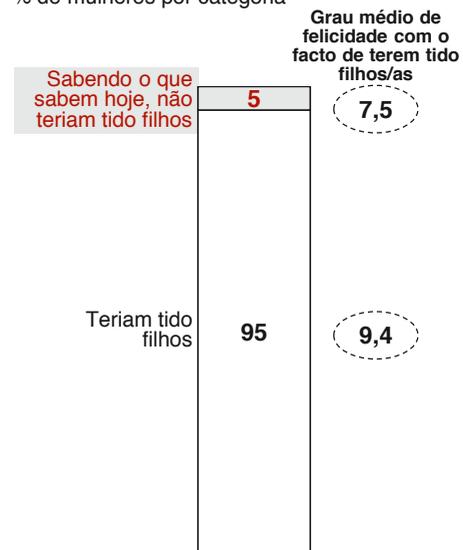
### ATÉ QUE PONTO SE SENTEM FELIZES COM O FACTO DE TEREM TIDO FILHOS/AS

% de mulheres por categoria



### SABENDO O QUE SABE HOJE, TERIAM TIDO FILHOS/AS

% de mulheres por categoria



### GRAU DE REALIZAÇÃO COM A MATERNIDADE

% de mulheres por categoria



### Tipos de mães em que se maximiza ou se minimiza o número de “arrepentidas” e “não realizadas”

Recorremos ao método de análise multivariável CHAID (Chi-Square Automatic Interaction Detector) para identificar em que situações se maximiza e em quais se minimiza a percentagem das mães que não se sentem realizadas com a maternidade (tanto as “arrepentidas” como as “não realizadas”).

Tendo em vista os resultados desta análise podemos concluir que, entre todas as variáveis de classificação das mulheres relativamente à maternidade das quais dispúnhamos na investigação:

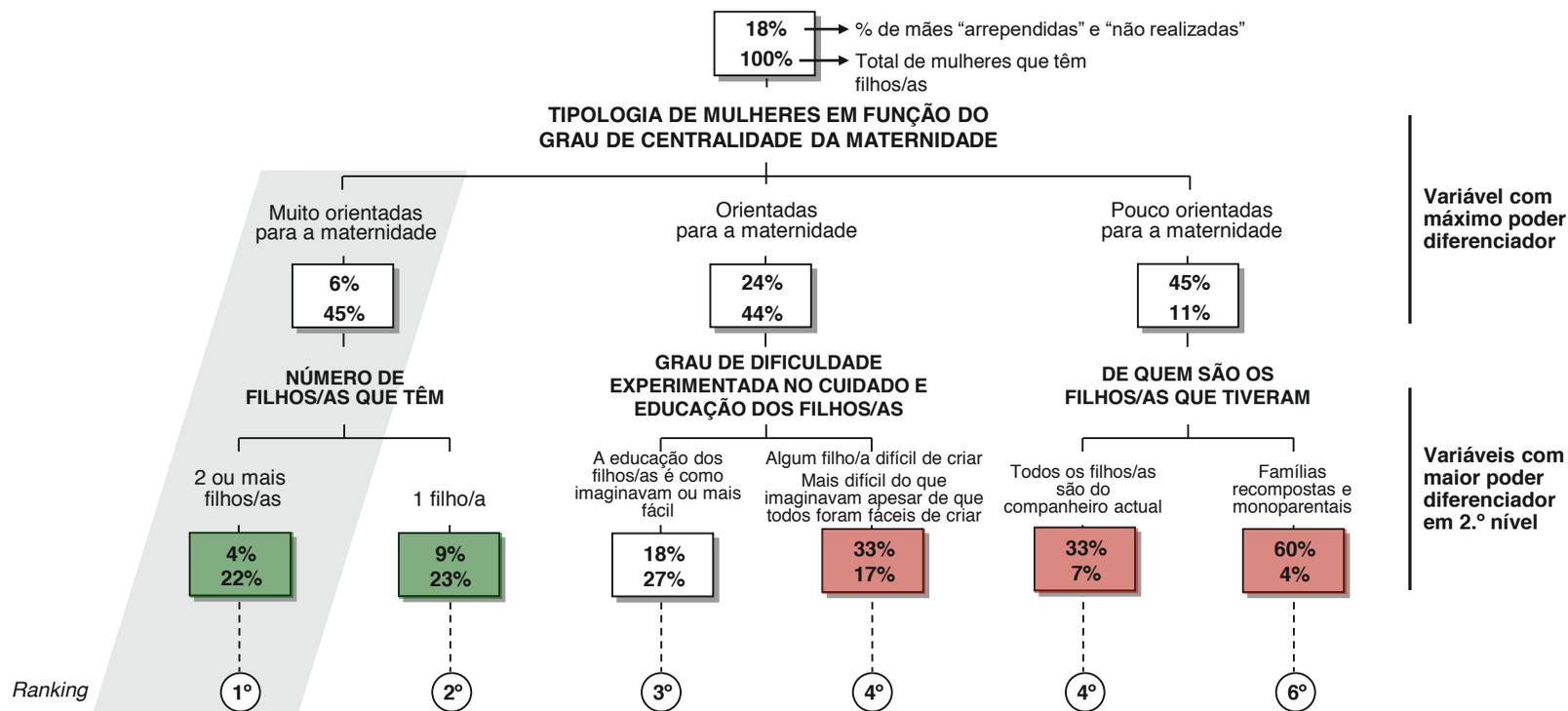
- O que mais influencia que não se sintam realizadas com a sua maternidade é o que pensam sobre a maternidade e as crianças em geral: entre as “pouco orientadas para a maternidade” a percentagem das que não se sentem realizadas com a sua maternidade é sete vezes superior ao grupo das “muito orientadas para a maternidade” (45% relativamente a 6%).
- Os factores mais influentes num segundo nível são diferentes nos três tipos de mães (Muito orientadas para a maternidade, Orientadas para a maternidade e Pouco orientadas para a maternidade).

Da árvore de segmentação resultante desta análise também podemos concluir que:

- Onde há mais mulheres que não se sentem realizadas com a maternidade é entre as “pouco orientadas para a maternidade” que fazem parte de uma família recomposta ou monoparental. São 4% das mulheres que foram mães e, entre elas, as que não se sentem realizadas com a maternidade dispara para 60%.
- No extremo oposto, onde há menos mulheres que não se sentem realizadas com a maternidade é entre as “muito orientadas para a maternidade” que têm dois ou mais filhos/as. São 22% das mulheres que foram mães e, entre elas, as que não se sentem realizadas com a maternidade são apenas 4%.

- Situações em que a percentagem de mães “arrepentidas” e “não realizadas” fica abaixo da média
- Situações em que a percentagem de mães “arrepentidas” e “não realizadas” fica acima da média

**ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DO GRAU DE REALIZAÇÃO COM A MATERNIDADE (1)**

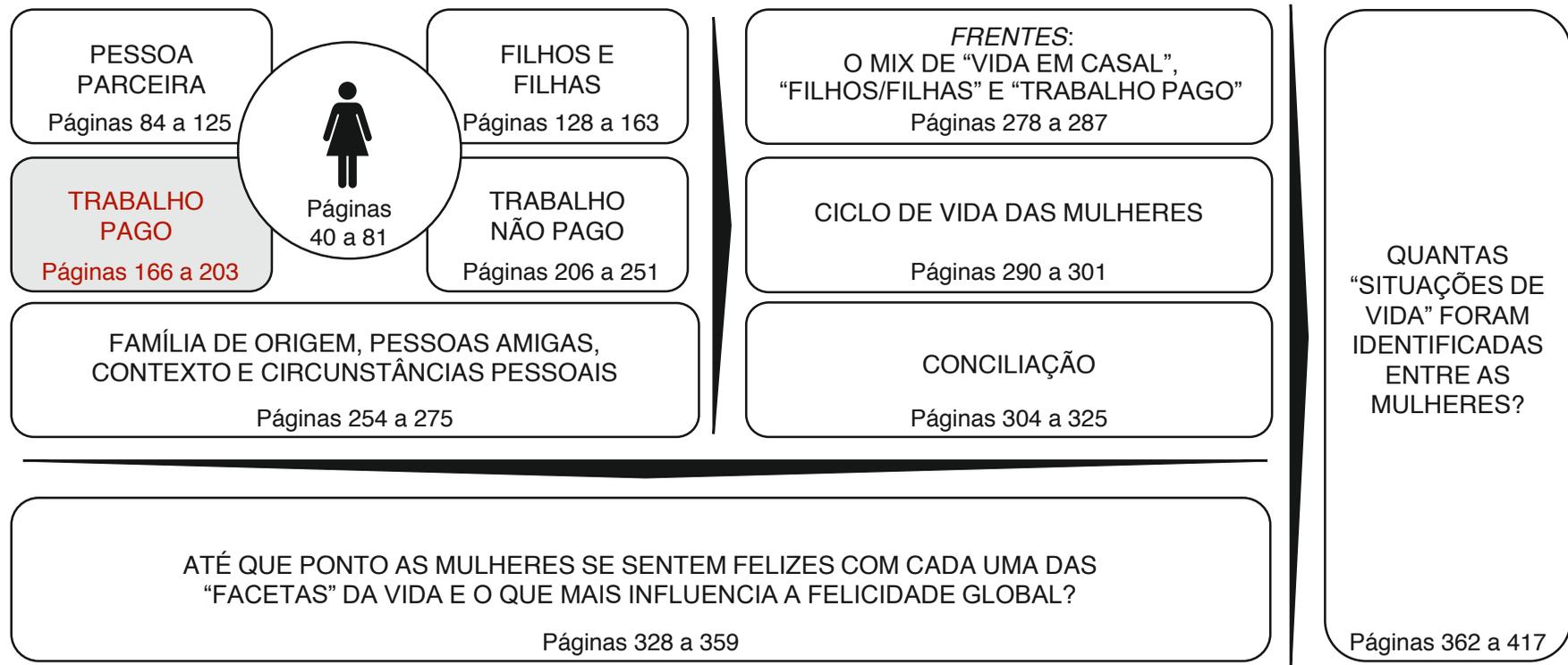


(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 inquéritos).

## **Capítulo 4**

### **Principais resultados sobre o trabalho pago**

Nas páginas da 166 à 203 apresentam-se os principais resultados que se obtiveram sobre as mulheres que têm trabalho pago entre os 2,7 milhões que esta investigação representa. A informação que se expõe a seguir faz referência à opinião que têm sobre a mulher e o mercado de trabalho, como é o trabalho pago e como se sentem em relação a ele.



RELAÇÃO COM O TRABALHO PAGO E OPINIÃO SOBRE A MULHER E O TRABALHO  
 COMO É O SEU TRABALHO PAGO?  
 COMO SE SENTEM EM RELAÇÃO AO TRABALHO PAGO?  
 O QUE INFERIMOS SOBRE AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

Página 166  
 Página 180  
 Página 192  
 Página 198

## **Situação de trabalho**

Dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a grande maioria (71%) tem trabalho pago.

Entre as que não têm trabalho pago, a maioria (69%) esteve alguma vez activa no mercado de trabalho.

Se classificarmos as mulheres considerando de forma conjunta tanto a relação presente com o trabalho pago como a que tiveram no passado, vemos que: 71% estão activas no mercado de trabalho, 10% estão desempregadas mas activamente à procura de emprego, 10% já trabalharam mas agora não estão à procura de emprego, 7% estão ainda a estudar e uma percentagem escassíssima de 2% nunca teve trabalho pago.

**RELAÇÃO PRESENTE  
COM O TRABALHO PAGO**

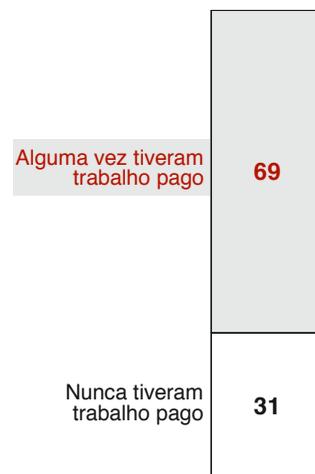
% de mulheres por categoria



Base: Não têm trabalho pago  
(29%=100%)

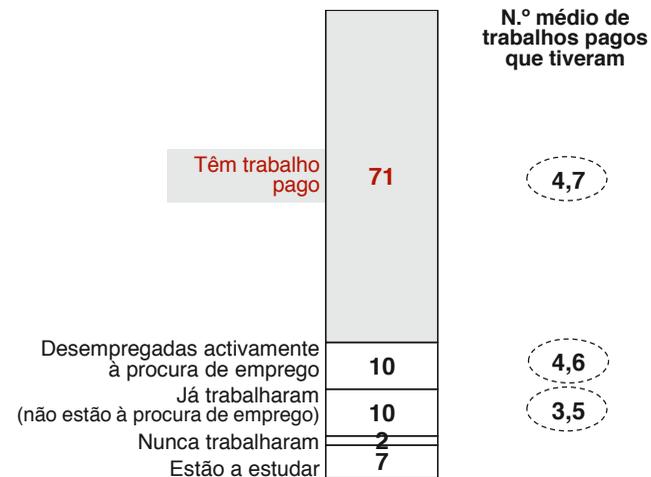
**RELAÇÃO PASSADA  
COM O TRABALHO PAGO**

% de mulheres por categoria



**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO  
DA SITUAÇÃO DE TRABALHO**

% de mulheres por categoria

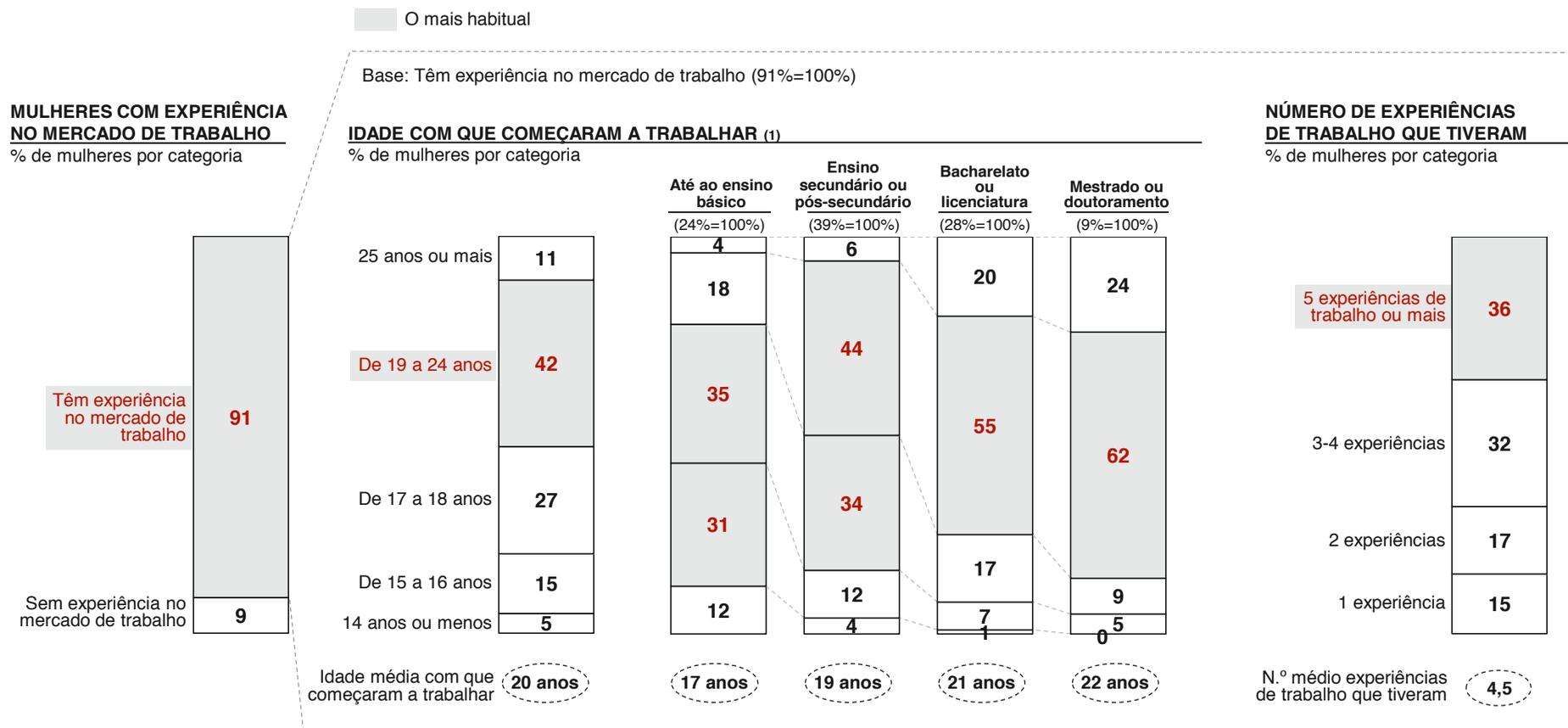


### **Idade com que começaram a trabalhar e número de experiências de trabalho**

Entre as mulheres que têm experiência no mercado de trabalho, o mais habitual é terem começado a trabalhar entre os 19 e os 24 anos. A idade média com que se incorporaram ao mercado de trabalho é aos 20 anos.

Há muita relação entre o nível de escolaridade e a idade com que as mulheres se incorporaram no mercado de trabalho: entre as que concluíram os estudos no ensino básico, as que começaram a trabalhar com 18 anos ou menos são a grande maioria (78%), enquanto, entre as que têm um mestrado ou doutoramento, as que começaram a trabalhar com 18 anos ou menos são apenas 14%.

No que diz respeito ao número de experiências de trabalho pago, o mais habitual é ter mais de quatro. Em média, as mulheres tiveram 4,5 experiências de trabalho.



(1) A pergunta exacta foi: "Lembra-se da idade com que começou a trabalhar?".

### **Grau de concordância com afirmações acerca da mulher e do mercado de trabalho**

Quase todas as mulheres com experiência no mercado de trabalho concordam com a afirmação “as mulheres têm dificuldades em progredir hierarquicamente porque a maioria das empresas é dirigida por homens e estes preferem promover outro homem”. Se se tiver em conta o grau de concordância com esta afirmação e se se calcular a intensidade de concordância, numa escala de 0 a 1000 pontos onde 0 equivaleria a “discordo totalmente” e 1000 equivaleria a “concordo totalmente”, o resultado médio é de 430 pontos, isto é, situa-se entre “concordo um pouco” e “concordo muito”.

Entre as mulheres com experiência no mercado de trabalho, 22% acham que “os/as filhos/as das mulheres que têm trabalho pago são pior cuidados/as que os/as filhos/as das mulheres que não estão activas no mercado de trabalho”.

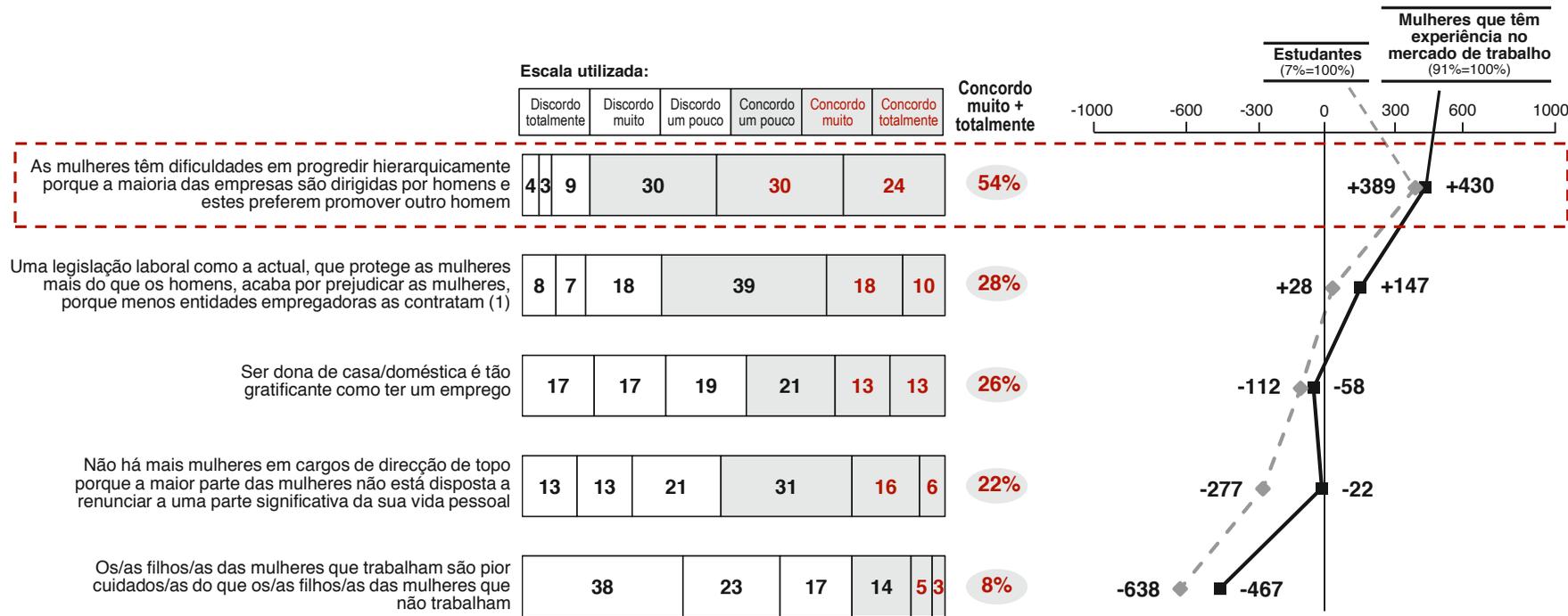
Nas cinco afirmações acerca da mulher e o mercado de trabalho consideradas, há um nível mais alto de acordo entre as mulheres com experiência no mercado de trabalho do que entre aquelas que ainda estão a estudar e não têm experiência de trabalho.

Atribuição de pontos:

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
-1000	-600	-300	300	600	1000

PERCENTAGEM DE MULHERES POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO

INTENSIDADE DE CONCORDÂNCIA MÉDIA CALCULADA PARA CADA AFIRMAÇÃO



(1) Por vias de políticas de parentalidade.

### **O que valorizam as mulheres que têm trabalho pago no “emprego ideal”**

Dos oito aspectos em que se pediu às mulheres que definissem o seu “emprego ideal”, o que surge em primeiro lugar é “que tenha um bom salário”: para 23% das mulheres que têm trabalho pago, esta questão é a mais importante no emprego. Quando, além de considerar o aspecto citado em primeiro lugar, tivermos em conta as alusões na segunda e na terceira posições, vemos que este continua a ser o aspecto mais referido em conjunto: foi citado nalguma das primeiras três posições por 71% das mulheres com trabalho pago.

Quando se tem em conta, não só quantas mulheres referiram cada aspecto mas também o *ranking* em que os mencionaram, e se se calcular, sobre a soma de todos os pontos obtidos, quanto cada aspecto contribui, vemos que os que são mais importantes para as mulheres no seu emprego ideal são, com percentagens semelhantes: “que tenha um bom salário” e “que lhe permita conciliar bem o trabalho pago com a vida em casal/família” (24% e 20%, respectivamente).

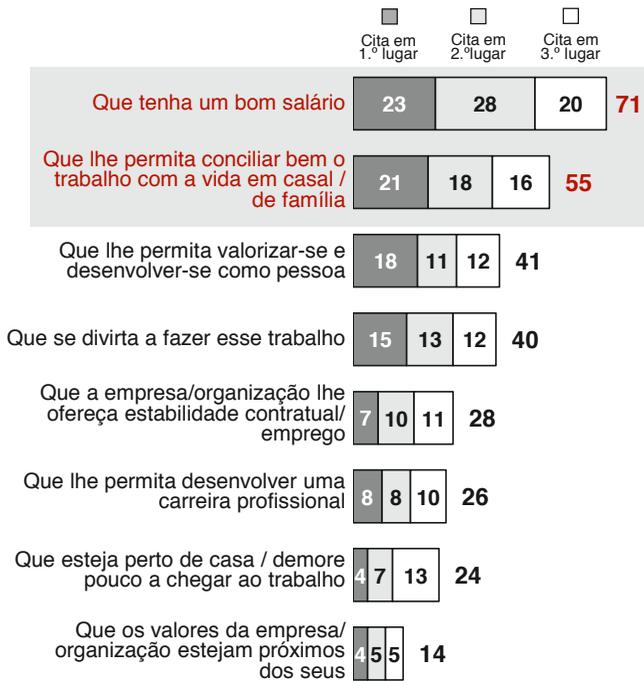
Num segundo nível, também as preocupa: “que lhe permita valorizar-se e desenvolver-se como pessoa” e “divertir-se ao fazer esse trabalho”.

Os outros quatro aspectos considerados são bastante menos importantes no emprego ideal”.



**RANKING DE RELEVÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS 7 ASPECTOS CONSIDERADOS**

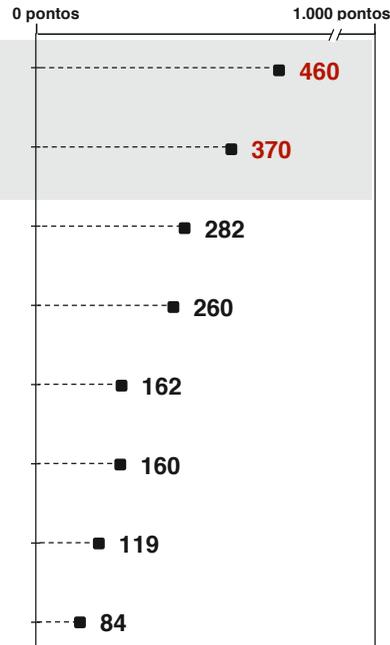
% de mulheres que cita cada aspecto em cada lugar



**PONTUAÇÃO MÉDIA CALCULADA PARA CADA ASPECTO**

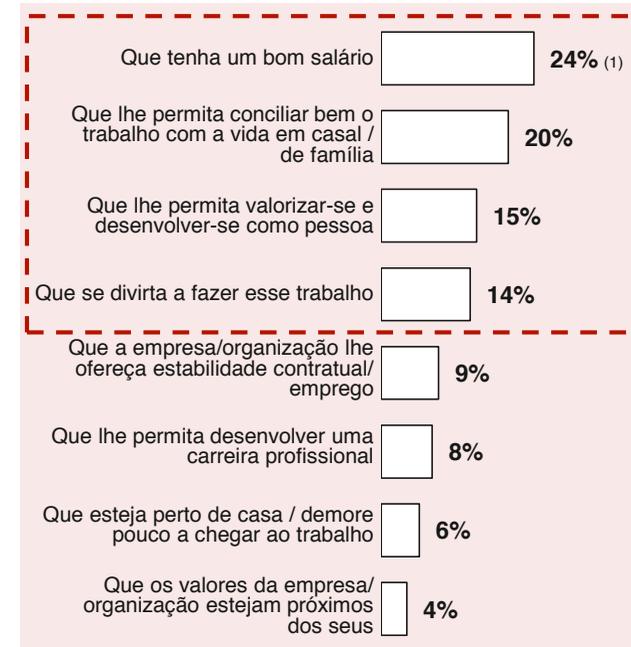
As respostas dadas foram ponderadas em função dos seguintes critérios:

- Cita em 1.º lugar: 1000 pontos
- Cita em 2.º lugar: 600 pontos
- Cita em 3.º lugar: 300 pontos
- No cita: 0 pontos



**IMPORTÂNCIA QUE CADA ASPECTO TEM NO "EMPREGO IDEAL"**

Importância de 10% ou mais



(1) 24 = 460 / (460+370+...+84) x 100

### **O que valorizam as mulheres com trabalho pago no “emprego ideal” segundo o nível de escolaridade**

Independentemente do nível de escolaridade, os dois aspectos mais relevantes para as mulheres no que diz respeito ao “emprego ideal” são os mesmos: “que tenha um bom salário” e “que lhe permita conciliar bem o trabalho pago com a vida em casal/família”. E também é quase igual a importância que as mulheres atribuem a cada um destes dois aspectos.

O aspecto cuja relevância mais varia segundo o nível de escolaridade é: “que lhe permita desenvolver uma carreira profissional”. Entre as mulheres que deixaram de estudar no ensino básico, ocupa a sétima posição no *ranking* de importância. Para as que fizeram o ensino secundário ou pós-secundário, este aspecto ganha uma posição mais baixa no *ranking* e coloca-se como o sexto aspecto mais importante. Entre as que fizeram um bacharelato ou licenciatura, ganha uma posição e coloca-se como o quinto aspecto mais relevante, com 10% de importância. Entre as que fizeram um mestrado ou doutoramento, situa-se no quarto aspecto mais importante e o seu peso é de 13%.



**IMPORTÂNCIA QUE CADA ASPECTO TEM NO “EMPREGO IDEAL” DAS MULHERES SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE**

**Até ao ensino básico**

(20%=100%)

**Ensino secundário ou pós-secundário**

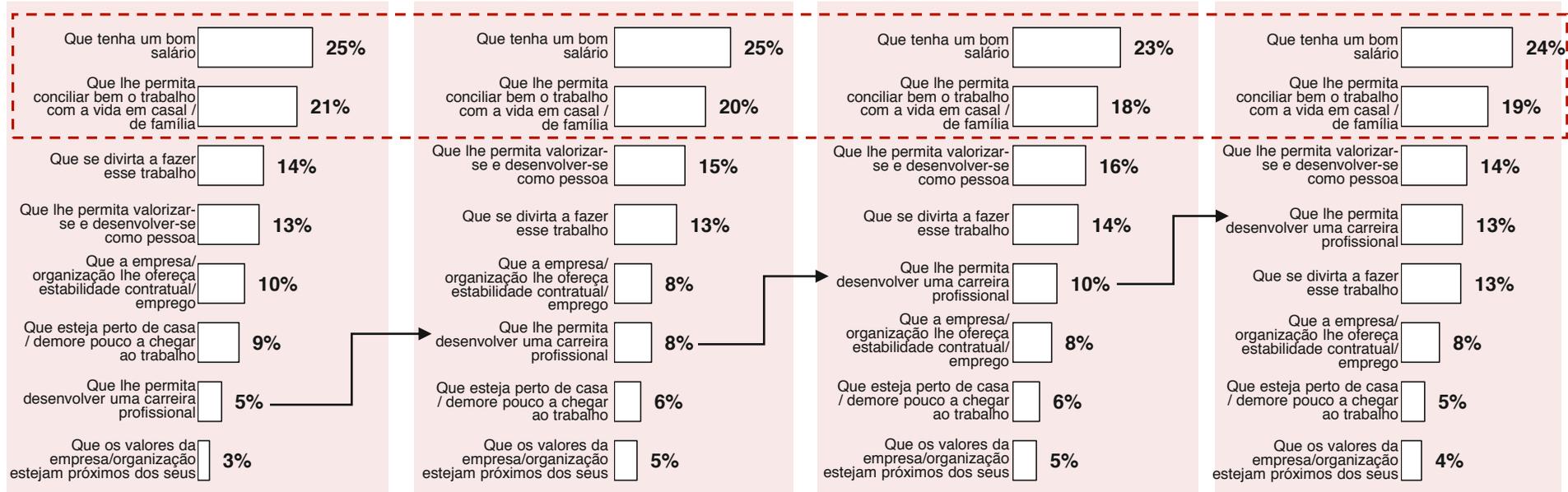
(39%=100%)

**Bacharelato ou licenciatura**

(30%=100%)

**Mestrado ou doutoramento**

(11%=100%)



### **O que valorizam as mulheres com trabalho pago no “emprego ideal” segundo a idade**

Independentemente da idade, os quatro aspectos que são mais relevantes para as mulheres no que diz respeito ao “emprego ideal”, são os mesmos. No entanto, a importância que as mulheres atribuem a cada um destes aspectos oscila muito com a idade.

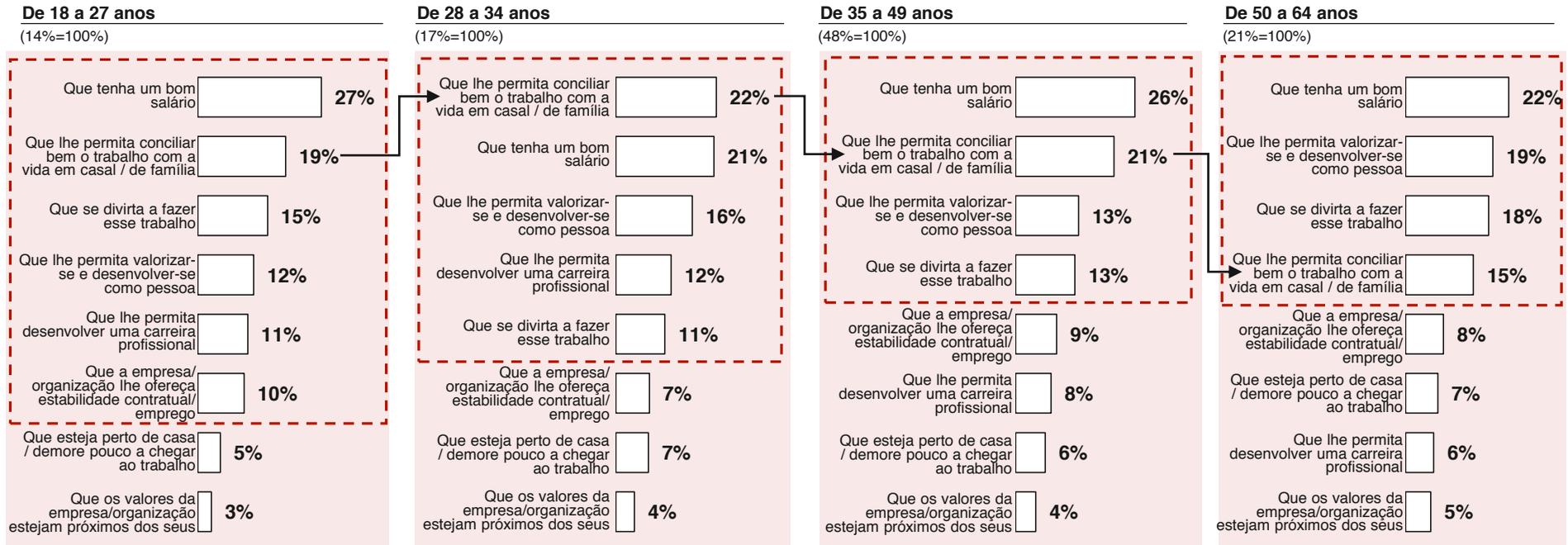
O aspecto cuja relevância mais varia com a idade da mulher é: “que lhe permita conciliar bem o trabalho pago com a vida em casal/família”. Na faixa de idade entre os 28 e os 34 anos, ocupa a primeira posição no *ranking* de importância do “emprego ideal”, com um peso de 22%. Na faixa de idade seguinte, dos 35 aos 49 anos, volta à segunda posição que tinha entre as mulheres mais jovens. E na faixa das mulheres com 50 anos ou mais, passa a ocupar a quarta posição, com apenas 15% da importância.

Outro fenómeno que se observa com a idade é que na faixa etária das mais jovens, dos 18 aos 27 anos, é onde se observa uma maior variação no “emprego ideal”, pois seis dos oito aspectos considerados têm uma importância de 10% ou mais.



**Importância de 10% ou mais**

**IMPORTÂNCIA QUE CADA ASPECTO TEM NO “EMPREGO IDEAL” DAS MULHERES SEGUNDO A IDADE**



### **O que valorizam as mulheres no “emprego ideal” segundo a situação de trabalho**

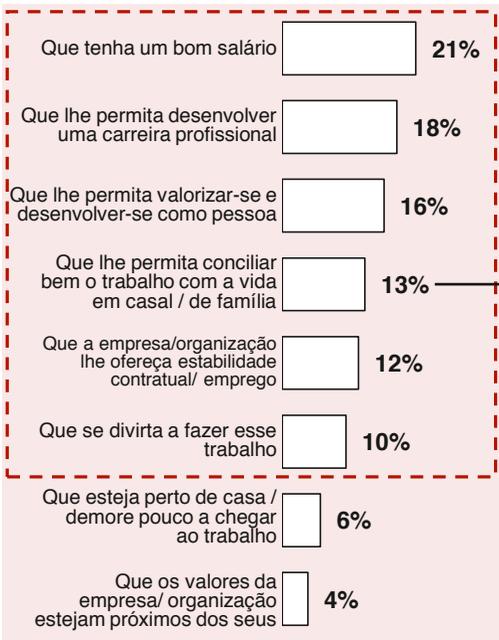
O aspecto cuja relevância mais varia com a situação de trabalho da mulher é: “que lhe permita conciliar bem o trabalho pago com a vida em casal/família”. Entre as estudantes ou as que estão à procura do primeiro emprego, ocupa a quarta posição no *ranking* de importância do “emprego ideal”, com um peso de 13%. Entre as mulheres que têm trabalho pago, ganha dois lugares e coloca-se na segunda posição, com um peso de 20%. Entre as que não têm trabalho pago mas já tiveram, lidera o “emprego ideal” ocupando a primeira posição com 28% do peso (8 pontos mais relevante do que ter um bom salário).



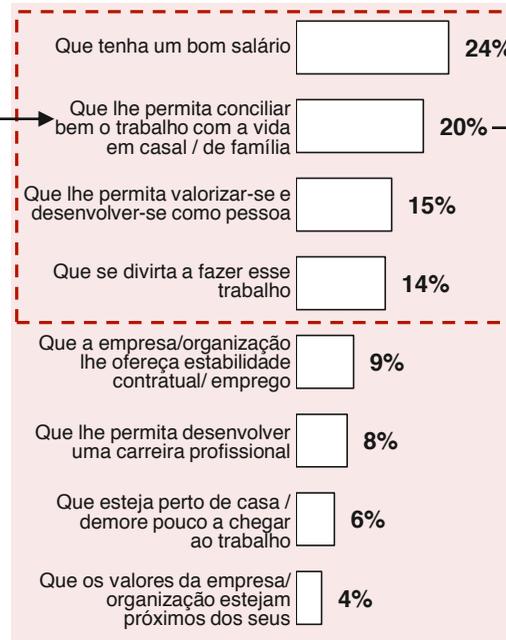
   Importância de 10% ou mais

**IMPORTÂNCIA QUE CADA ASPECTO TEM NO “EMPREGO IDEAL” DAS MULHERES SEGUNDO A SITUAÇÃO DE TRABALHO**

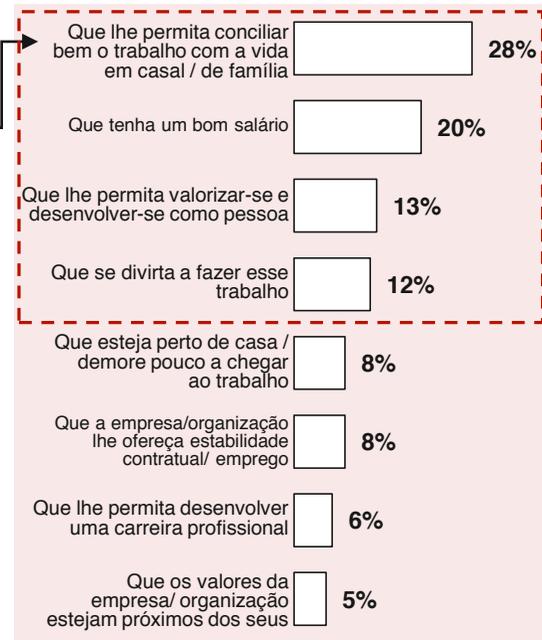
**Estudantes / À procura do 1.º emprego**  
(8%=100%)



**Têm trabalho pago**  
(71%=100%)



**Não têm trabalho pago mas já tiveram**  
(20%=100%)



### **Há quanto tempo têm o trabalho actual, quantas horas trabalham e que rendimentos recebem?**

Entre as mulheres com trabalho pago, 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, o mais habitual é estar no trabalho actual entre 1 e 5 anos. As que têm o trabalho actual há menos de um ano são duas em cada dez e, no extremo oposto, as que estão há mais de 20 anos no mesmo trabalho são a minoria.

No que diz respeito ao número de horas que trabalham, o mais habitual é trabalhar 40 horas por semana (41%). As que trabalham mais de 40 horas por semana são 26%. Em média, as mulheres destinam 38,4 horas por semana ao trabalho pago.

De cada três mulheres com trabalho pago, se pudessem escolher, duas trabalhariam menos horas.

No que se refere aos rendimentos que recebem, dois terços (67%) têm rendimentos que não ultrapassam os 900€ líquidos por mês.

 O mais habitual

### ANTIGUIDADE NO TRABALHO ACTUAL

% de mulheres por categoria

Mais de 20 anos	14
Entre 10 e 20 anos	21
Entre 5 e 10 anos	16
<b>Entre 1 e 5 anos</b>	<b>28</b>
Têm o trabalho actual há menos de 1 ano	20

### QUANTAS HORAS TRABALHAM POR SEMANA

% de mulheres por categoria

Mais de 40 horas por semana	26
<b>40 horas por semana</b>	<b>41</b>
De 31 a 39 horas por semana	18
De 21 a 30 horas por semana	7
Até 20 horas por semana	8

N.º médio de horas que trabalham por semana **38,4**

### QUANTAS HORAS TRABALHARIAM SE PUDESSEM ESCOLHER

% de mulheres por categoria

Trabalhariam <b>mais horas</b>	7	<b>27,7</b>
Trabalhariam <b>as mesmas horas</b>	31	<b>36,0</b>
<b>Trabalhariam menos horas</b>	<b>62</b>	<b>40,8</b>

### RENDIMENTOS MENSAIS LÍQUIDOS (1)

% de mulheres por categoria

Mais de 2.270 € / mês	2
De 1.821 a 2.270 € / mês	2
De 1.361 a 1.820 € / mês	6
De 1.126 a 1.360 € / mês	8
De 901 a 1.125 € / mês	15
<b>De 681 a 900 € / mês</b>	<b>26</b>
<b>De 451 a 680 € / mês</b>	<b>34</b>
Até 450 € / mês	7

(1) Níveis fixados a partir do salário mínimo.

### **Situação perante o trabalho e em que trabalham**

Entre as mulheres com trabalho pago, 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, o mais habitual é estar empregada (86%), e entre as empregadas, o mais comum é estar empregada numa empresa do sector privado. A situação seguinte mais frequente é estar empregada na administração pública.

Os dois tipos de trabalho mais habituais entre as mulheres são: estar empregada “numa empresa do sector privado ou organização da economia social, num trabalho que seja fundamentalmente de escritório” (32%) e estar empregada “numa empresa do sector privado ou organização da economia social, nalgum local (exemplo: loja, cabeleireiro, bar, etc.) ou andar em viagem” (25%).

O mais habitual

### SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO

% de mulheres por categoria



Base: Empregadas (86%=100%)

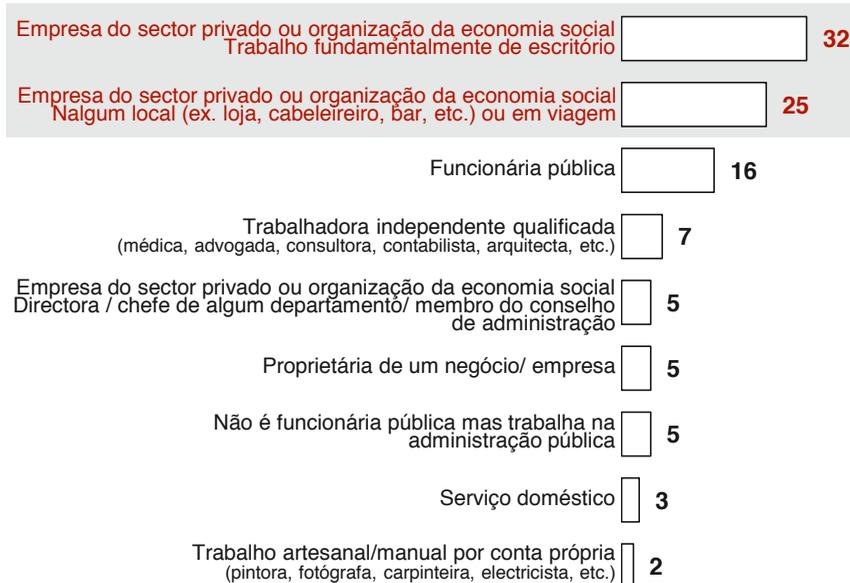
### TIPO DE EMPRESA

% de mulheres por categoria



### EM QUE TRABALHAM

% de mulheres por categoria



### **Tipo de contrato e estabilidade do vínculo contratual**

Entre as mulheres com trabalho pago que estão empregadas, quase um terço (30%) tem um vínculo contratual que não é estável.

Este vínculo contratual não estável alcança o seu valor máximo entre as mulheres que estão empregadas na administração pública, sem ser funcionárias (chega a 49%) e entre as que estão empregadas numa empresa do sector privado ou numa organização da economia social em trabalhos que se desempenham nalgum local (exemplo: loja, cabeleireiro, bar, etc.) ou a andar em viagem (chega a 45%).

Base: Empregadas (86%=100%)

Relações que foram consideradas não estáveis

**TIPO DE CONTRATO**

% de mulheres por categoria

**Empresa do sector privado ou organização da economia social**

	Trabalho fundamentalmente de escritório (37%=100%)	Nalgum local (loja, bar, cabeleireiro, etc.) ou em viagem (29%=100%)	Directora / chefe dep. / membro do conselho de administração (6%=100%)
Contrato sem termo/efectivo (permanente)	67	55	80
Contrato com termo certo	19	27	9
Contrato com termo incerto	8	8	5
Contrato temporário, através de agência de trabalho temporário	2	3	1
Contrato de prestação de serviços	1	2	2
Contrato para realização de estágio profissional	1	1	0
Sem contrato de trabalho	1	3	2
Recibos verdes	1	1	0
Outro tipo de contrato	0	0	1
	<b>33%</b>	<b>45%</b>	<b>20%</b>

Base: Funcionária pública (19%=100%)

**CATEGORIAS EM QUE SE ENQUADRAM**

% de mulheres por categoria

Técnica superior	33
Assistente técnica-categoria assistente técnica	32
Carreira especial	18
Assistente técnica-categoria coordenadora técnica	7
Assistente operacional- categoria assistente operacional	4
Cargo dirigente- direcção intermédia	3
Assistente operacional- categoria encarregada geral operacional	2
Assistente operacional- categoria encarregada operacional	1

Base: Não funcionária na administração (5%=100%)

**TIPO DE CONTRATO**

% de mulheres por categoria

Contrato sem termo/efectivo (permanente)	51
Contrato com termo certo	19
Contrato com termo incerto	10
Contrato de prestação de serviços	4
Contrato temporário, através de agência de trabalho temporário	3
Contrato para realização de estágio profissional	3
Recibos verdes	2
Sem contrato de trabalho	1
Outro tipo de contrato	7
	<b>49%</b>

Base: Serviço doméstico (4%=100%)

**TÊM CONTRATO DE TRABALHO (1)**

% de mulheres por categoria

Têm contrato	70
Não têm	30

**SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO**

% de mulheres por categoria

Empregadas **86**

Trabalhadoras por conta própria **14**

**ESTABILIDADE DO VÍNCULO CONTRATUAL**

% de mulheres por categoria

Empregadas com vínculo contratual estável **70**

Empregadas com vínculo contratual não estável **30**

(1) Amostra reduzida.

### **Até que ponto o trabalho actual lhes permite a conciliação?**

Entre as mulheres com trabalho pago, 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a grande maioria (72%) declarou que a dedicação exigida pelo emprego actual lhes permite a conciliação.

As mulheres que estão a beneficiar de alguma redução do tempo de trabalho para cuidar da família são uma minoria: 5%.

No que diz respeito à flexibilidade para trabalhar em casa, o mais habitual é não ter esta flexibilidade: acontece isto a 80% das mulheres que estão activas no mercado de trabalho. A minoria de 20% das mulheres que têm esta flexibilidade realizam menos de metade do trabalho (38%) em casa.

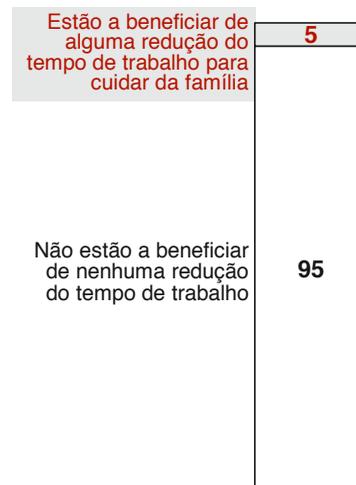
### GRAU PERCEBIDO DE INTERFERÊNCIA DO TRABALHO PAGO

% de mulheres por categoria



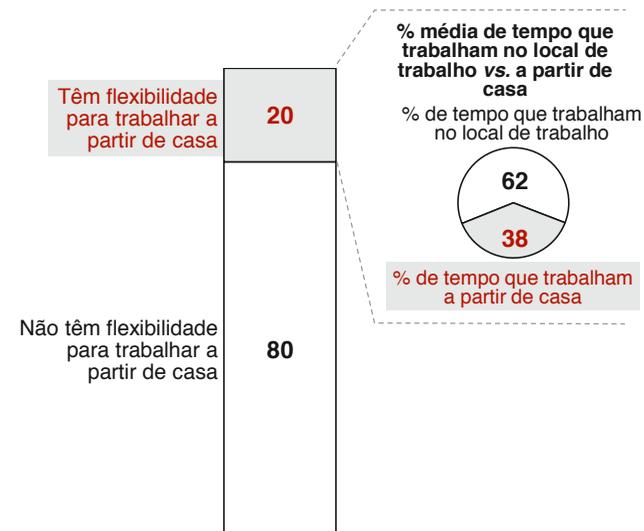
### REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO PARA CUIDAR DA FAMÍLIA

% de mulheres por categoria



### FLEXIBILIDADE PARA TRABALHAR A PARTIR DE CASA

% de mulheres por categoria



### **Como costumam ir para o trabalho e relação com as viagens**

Entre as mulheres com trabalho pago, 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a grande maioria (61%) costuma ir para o local de trabalho em veículo próprio conduzido por elas. Demoram 19 minutos a chegar ao local de trabalho, em média.

As que vão em transportes públicos (16%) demoram a chegar quase uma hora (45 minutos, em média).

As que vão a pé são uma minoria (14%) e demoram a chegar, em média, 11 minutos.

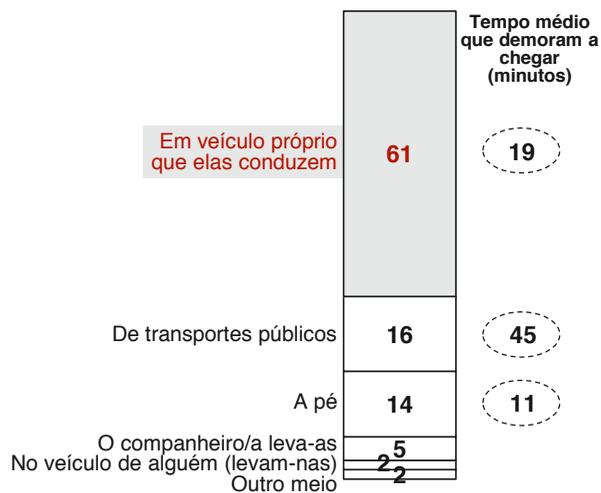
As que residem na Área Metropolitana de Lisboa são as que mais tempo demoram a chegar ao local de trabalho: 30 minutos relativamente aos 21 que, em média, demora o conjunto das mulheres que estão activas no mercado de trabalho.

Não chegam a duas em cada dez as mulheres que viajam por motivos de trabalho, 15%. Entre elas, o mais habitual é passar fora de casa 10 noites por ano no máximo.

■ O mais habitual

### COMO COSTUMAM IR PARA O LOCAL DE TRABALHO

% de mulheres por categoria



### TEMPO QUE DEMORAM A CHEGAR AO LOCAL DE TRABALHO

% de mulheres por categoria



Tempo médio que demoram a chegar ao local de trabalho (em minutos) **21**

Área Metropolitana de Lisboa	30
Área Metropolitana do Porto	21
Centro	18
Alentejo/Algarve	16
Madeira e Açores	16
Resto Norte	16

### COSTUMAM VIAJAR POR MOTIVOS DE TRABALHO

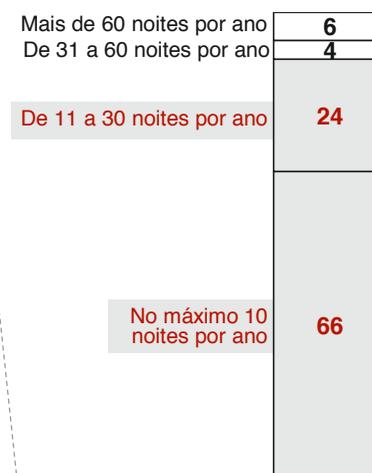
% de mulheres por categoria



Base: Costumam viajar por motivos de trabalho (15%=100%)

### NÚMERO DE NOITES POR ANO QUE PASSAM FORA DE CASA

% de mulheres por categoria



### Como é o trabalho pago segundo o tipo de trabalho que têm?

No que diz respeito ao número de horas, as que trabalham mais horas são as “proprietárias de algum negócio/empresa” e as “directoras/chefes de departamento/conselho de administração” (45 e 42 horas por semana, respectivamente). No extremo oposto, as que trabalham menos horas são as “trabalhadoras independentes qualificadas” (35 horas por semana).

No que se refere aos rendimentos, as que têm maiores rendimentos mensais líquidos são as “directoras/chefes de departamento/conselho de administração” e as “trabalhadoras independentes qualificadas”. No extremo oposto, as que têm menos rendimentos são as que “estão empregadas e trabalham nalgum local (exemplo: loja, cabeleireiro, bar, etc.) ou andam em viagem”.

No que diz respeito ao grau percebido de interferência do trabalho pago, as que mais declararam que podem conciliar melhor são as “trabalhadoras independentes qualificadas” e as que referiram que podem conciliar pior são as que “estão empregadas e trabalham nalgum local (exemplo: loja, cabeleireiro, bar, etc.) ou andam em viagem”. Estes tipos de trabalho coincidem com aqueles em que as mulheres têm a maior e a menor flexibilidade para trabalhar em casa.

As que mais costumam viajar por motivos de trabalho, e numa proporção parecida, são as “trabalhadoras independentes qualificadas”, as “directoras/chefes de departamento/conselho de administração” e as “proprietárias de algum negócio/empresa”.

Valores máximos  
Valores mínimos

		Total de mulheres com trabalho pago (100%=100%)	Empregadas numa empresa do sector privado ou numa organização da economia social					Não é funcionária pública mas trabalha na administração pública (5%=100%)	
			Num escritório (32%=100%)	Nalgum local (ex. loja, bar, cabeleireiro, etc.) ou em viagem (25%=100%)	Funcionária pública (16%=100%)	Trabalhadora independente qualificada (7%=100%)	Directora/chefe departamento / conselho administração (5%=100%)	Proprietária negócio/ empresa (5%=100%)	
<b>NÚMERO DE HORAS QUE TRABALHAM POR SEMANA</b>	Mais de 40 horas por semana	26%	25%	26%	20%	25%	42%	56%	17%
	40 horas por semana	41%	49%	49%	25%	24%	40%	29%	45%
	De 31 a 39 horas por semana	18%	14%	8%	48%	10%	12%	6%	28%
	De 21 a 30 horas por semana	7%	5%	6%	4%	26%	3%	5%	6%
	Até 20 horas por semana	8%	7%	11%	3%	15%	3%	4%	4%
	N.º médio de horas que trabalham	38,4	38,6	38,0	38,0	35,0	42,0	45,2	38,5
<b>RENDIMENTOS MENSAIS LÍQUIDOS</b>	Mais de 1.820 € / mês	4%	2%	1%	8%	9%	9%	3%	3%
	De 1.361 a 1.820 € / mês	6%	3%	2%	13%	9%	15%	7%	7%
	De 1.126 a 1.360 € / mês	8%	8%	4%	18%	11%	10%	4%	11%
	De 901 a 1.125 € / mês	15%	15%	5%	28%	20%	21%	13%	24%
	De 681 a 900 € / mês	26%	35%	21%	18%	18%	36%	37%	21%
	Até 680 € / mês	41%	37%	67%	15%	33%	9%	36%	34%
<b>GRAU PERCEBIDO DE INTERFERÊNCIA DO TRABALHO PAGO</b>	<b>A dedicação exigida pelo emprego actual ...</b>								
	... permite-lhes conciliar	72%	74%	64%	75%	85%	66%	73%	75%
	... dificulta conciliar	22%	22%	26%	23%	11%	30%	23%	22%
	... torna praticamente inviável a conciliação	6%	4%	10%	2%	4%	4%	4%	3%
<b>FLEXIBILIDADE PARA TRABALHAR A PARTIR DE CASA</b>	Têm flexibilidade para trabalhar a partir de casa	20%	20%	7%	11%	58%	27%	56%	14%
	Não têm	80%	80%	93%	89%	42%	73%	44%	86%
<b>COSTUMAM VIAJAR POR MOTIVOS DE TRABALHO</b>	Costumam viajar por trabalho	15%	11%	12%	15%	28%	27%	26%	12%
	Não viajam	85%	89%	88%	85%	72%	73%	74%	88%

### **Até que ponto se cumpriram as expectativas que tinham relativamente ao trabalho pago e qual o grau de felicidade com este?**

O mais comum é que o trabalho pago esteja abaixo das expectativas que a mulher tinha criado (acontece isto a 44% das mulheres com trabalho pago). A situação seguinte mais comum, que acontece em mais de um terço dos casos (37%), são mulheres que manifestaram que o trabalho pago as satisfaz como tinham imaginado. A situação menos habitual (14%) são aquelas para quem o trabalho pago ultrapassa as expectativas que tinham criado. As restantes 5% declararam que não tinham criado nenhuma expectativa relativamente ao trabalho pago.

Quando analisamos a relação que há entre este nível percebido de cumprimento das expectativas e a felicidade declarada pelas mulheres com o trabalho pago, observamos que, como era expectável, esta é muito clara. Num extremo, as que colocam a situação de trabalho muito acima das expectativas que tinham gerado, declararam um nível de felicidade com o trabalho pago de 8,2, em média na escala de 0 a 10 utilizada, onde o 10 equivaleria às que se sentem muito felizes. No entanto, as que consideraram que o trabalho pago está muito abaixo do que elas tinham imaginado declararam um

nível de felicidade com o mesmo de 2,7, em média. Analisando a relação entre as duas questões, podemos concluir que o limiar entre as mulheres felizes com o trabalho pago e as que se sentem infelizes com o mesmo se situa em 7 dado que, entre as mulheres cujas expectativas criadas relativamente ao trabalho pago foram satisfeitas, a felicidade é, em média, de 7,2.

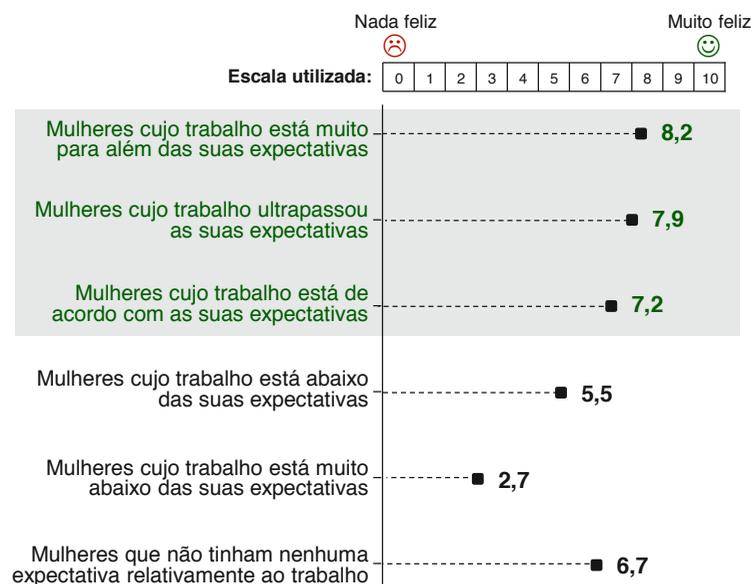
Se classificarmos todas as mulheres com trabalho pago em função de até que ponto declararam que se sentem felizes com o mesmo, podemos concluir que menos de um terço (31%) se sentem felizes ou muito felizes com o actual trabalho pago, quase um quinto (18%) sentem-se quase felizes e metade (51%) são mulheres que se sentem infelizes com o trabalho pago que estão a desempenhar.

### O EMPREGO ACTUAL CUMPRE AS EXPECTATIVAS QUE TINHAM

% de mulheres por categoria



### FELICIDADE MÉDIA COM O TRABALHO EM FUNÇÃO DO GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS



### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DO GRAU DE FELICIDADE COM O TRABALHO

% de mulheres por categoria



Na escala considerada (0 a 10), o limiar de felicidade das mulheres com o trabalho pago situa-se em 7.

### **Grau de felicidade com o trabalho pago segundo o tipo de trabalho que têm**

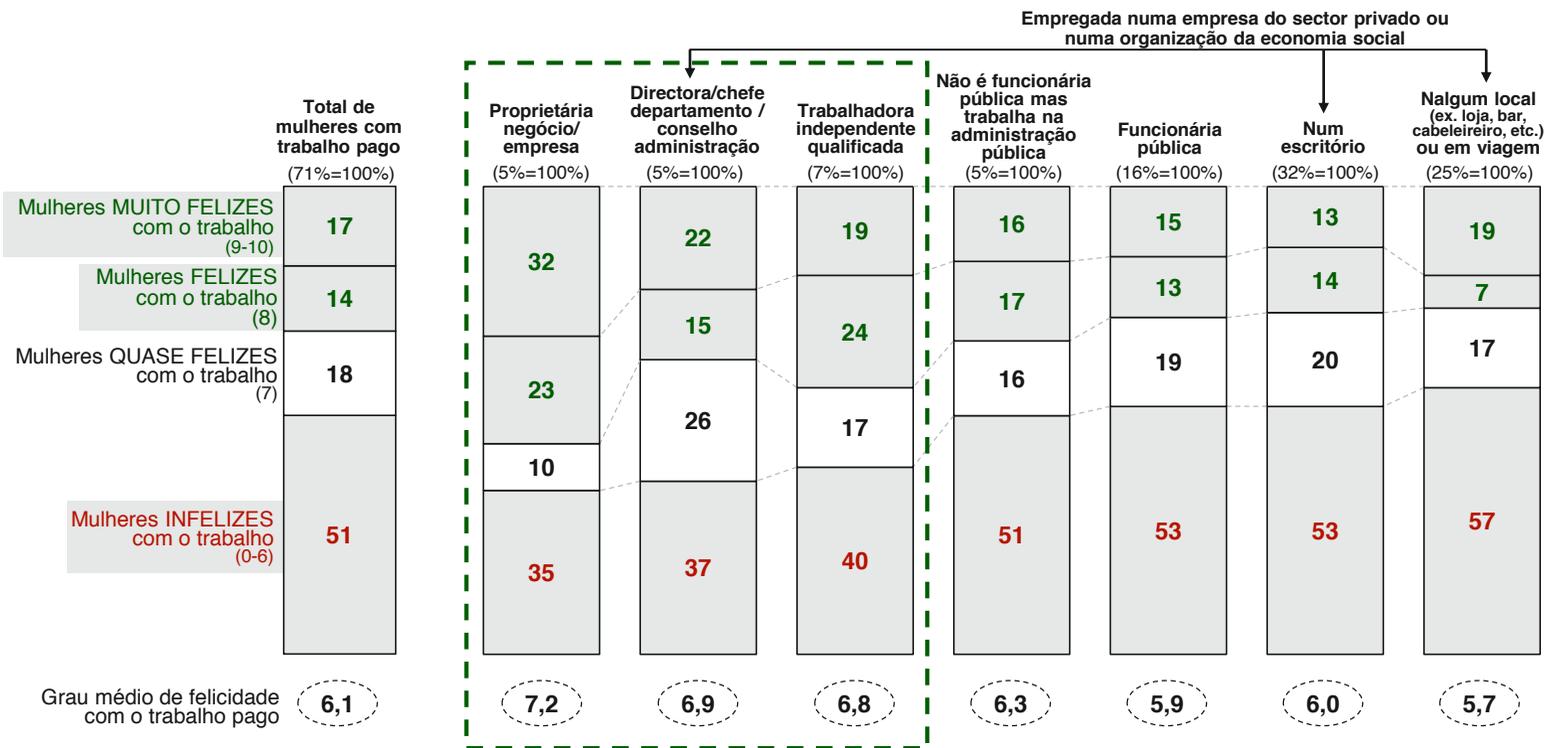
As que se sentem mais felizes com o trabalho pago são as “proprietárias de algum negócio/empresa”. É o tipo de trabalho onde, por um lado, mais abundam as que manifestaram níveis de felicidade máximos, de 9 ou 10 (32%) e, por outro, apresenta o menor índice de mulheres infelizes com o trabalho (35%).

A seguir surgem as “directoras/chefes de departamento/conselho de administração” e as “trabalhadoras independentes qualificadas”. Nestes dois tipos de trabalho, a felicidade média está em cerca de 7 que, conforme vimos, é o limiar de felicidade das mulheres com o trabalho pago.

No extremo oposto, aqueles trabalhos em que as mulheres se sentem menos felizes são os empregos no sector privado ou nalguma organização da economia social que se desenvolvem fundamentalmente nalgum local (exemplo: loja, cabeleireiro, bar, etc.) ou andar em viagem. A proporção de mulheres infelizes nestes tipos de trabalho é de 57%.

**GRAU DE FELICIDADE COM O TRABALHO PAGO SEGUNDO O TRABALHO QUE TÊM**

% de mulheres por categoria



### **Grau de centralidade do trabalho pago**

Entre as mulheres com trabalho pago, 71% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, há uma proporção muito elevada a quem este não parece proporcionar-lhes mais que dinheiro: 36% manifestaram que “se não precisassem do dinheiro para viver, não trabalhariam”. No extremo oposto, não chegam a um quarto (23%) as que afirmam que continuariam activas no mercado de trabalho embora não precisassem do dinheiro para viver.

O nível de entusiasmo relativamente ao trabalho pago está muito relacionado com o nível de escolaridade, pois, à medida que as mulheres têm mais formação, aumenta a proporção das que “trabalhariam mesmo que não precisassem de dinheiro” em detrimento das que “se não precisassem do dinheiro para viver, não trabalhariam”

O grau de centralidade do trabalho pago também está relacionado com a idade da mulher, embora só no extremo das que “se não precisassem do dinheiro para viver, não trabalhariam”, o qual vai aumentando à medida que as mulheres vão ficando mais velhas. Entre as mais jovens, situam-se neste extremo apenas 24% e, entre as que têm mais de 50 anos, quase duplica, situando-se em 43%.

**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO O GRAU DE CONCORDÂNCIA COM A AFIRMAÇÃO “SE NÃO PRECISASSE DE DINHEIRO PARA VIVER, NÃO TRABALHARIA”**

% de mulheres por categoria

Mulheres com trabalho pago (71%=100%)		
Discordam totalmente	12	23% TRABALHARIAM mesmo se não precisassem de dinheiro
Discordam muito	11	
Discordam um pouco	20	20% Se não precisassem de dinheiro para viver, TALVEZ CONTINUASSEM a trabalhar
Concordam um pouco	21	21% Se não precisassem de dinheiro para viver, TALVEZ DEIXASSEM de trabalhar
Concordam muito	12	36% Se não precisassem de dinheiro para viver, NÃO TRABALHARIAM
Concordam totalmente	24	

**EM FUNÇÃO DA IDADE**

	De 18 a 27 anos (14%=100%)	De 28 a 34 anos (17%=100%)	De 35 a 49 anos (48%=100%)	De 50 a 64 anos (21%=100%)
TRABALHARIAM mesmo se não precisassem de dinheiro	25	26	22	21
Se não precisassem de dinheiro para viver, TALVEZ CONTINUASSEM a trabalhar	29	20	20	13
Se não precisassem de dinheiro para viver, TALVEZ DEIXASSEM de trabalhar	22	18	20	23
Se não precisassem de dinheiro para viver, NÃO TRABALHARIAM	24	36	38	43

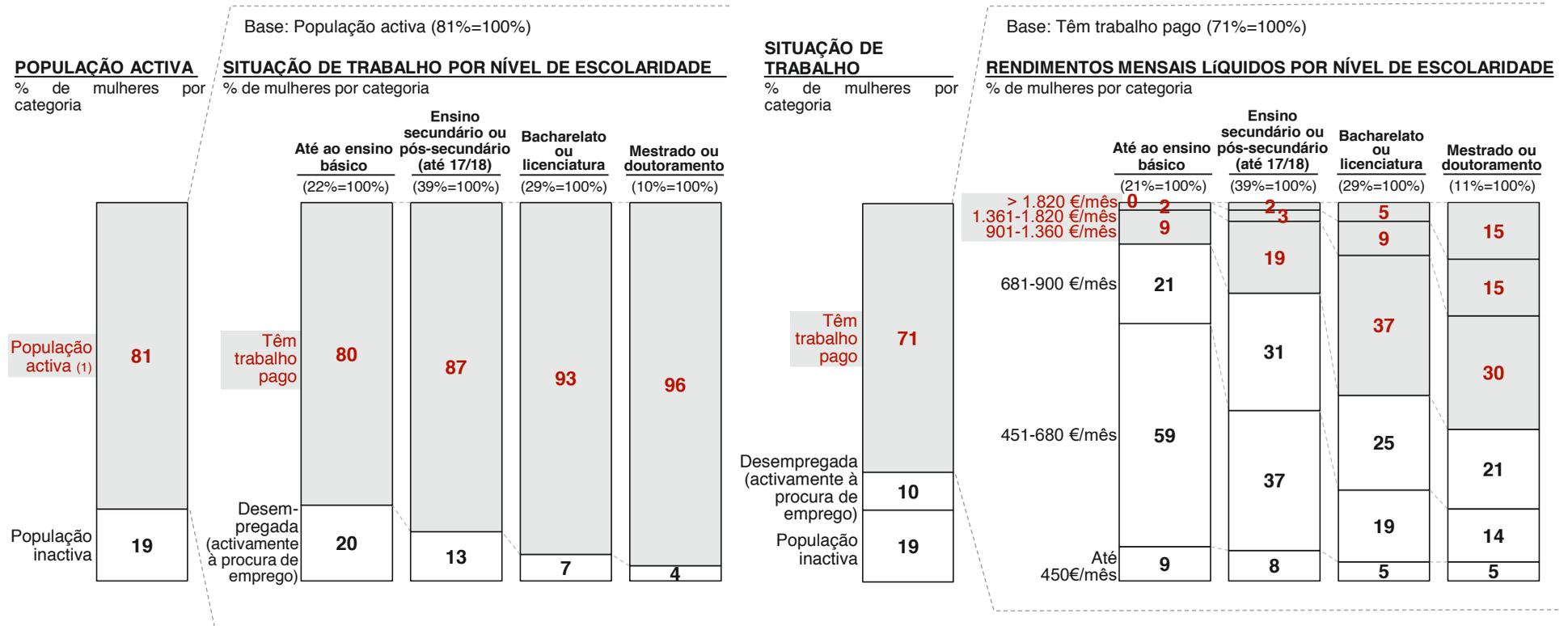
**EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE**

	Até ao ensino básico (20%=100%)	Ensino secundário ou pós-secundário (até 17/18) (39%=100%)	Bacharelato ou licenciatura (30%=100%)	Mestrado ou doutoramento (11%=100%)
TRABALHARIAM mesmo se não precisassem de dinheiro	15	23	25	30
Se não precisassem de dinheiro para viver, TALVEZ CONTINUASSEM a trabalhar	16	22	18	22
Se não precisassem de dinheiro para viver, TALVEZ DEIXASSEM de trabalhar	20	21	21	23
Se não precisassem de dinheiro para viver, NÃO TRABALHARIAM	49	34	36	25

### **Influência do nível de escolaridade no facto de a mulher estar activa ou desempregada e nos rendimentos do trabalho que tem**

Há uma clara relação entre o nível de escolaridade da mulher e a situação no mercado de trabalho:

- No que diz respeito às desempregadas (activamente à procura de emprego): enquanto entre as mulheres que deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico, 20% estão desempregadas (activamente à procura de emprego), entre as que têm um mestrado ou doutoramento, as que estão desempregadas reduzem-se a 4% (cinco vezes menos).
- No que se refere aos rendimentos mensais líquidos: enquanto entre as que têm menos formação não há praticamente mulheres que ganhem mais de 900 euros líquidos por mês, entre as que têm mais formação académica, representam quase dois terços aquelas que se situam acima desse nível de rendimentos.



(1) População activa: Mulheres entre 18 e 64 anos que estão a trabalhar ou estão desempregadas à procura de emprego.

### **Tipos de trabalho em que se maximiza o binómio entre a felicidade com o trabalho pago e a possibilidade de conciliá-lo com a vida pessoal/familiar**

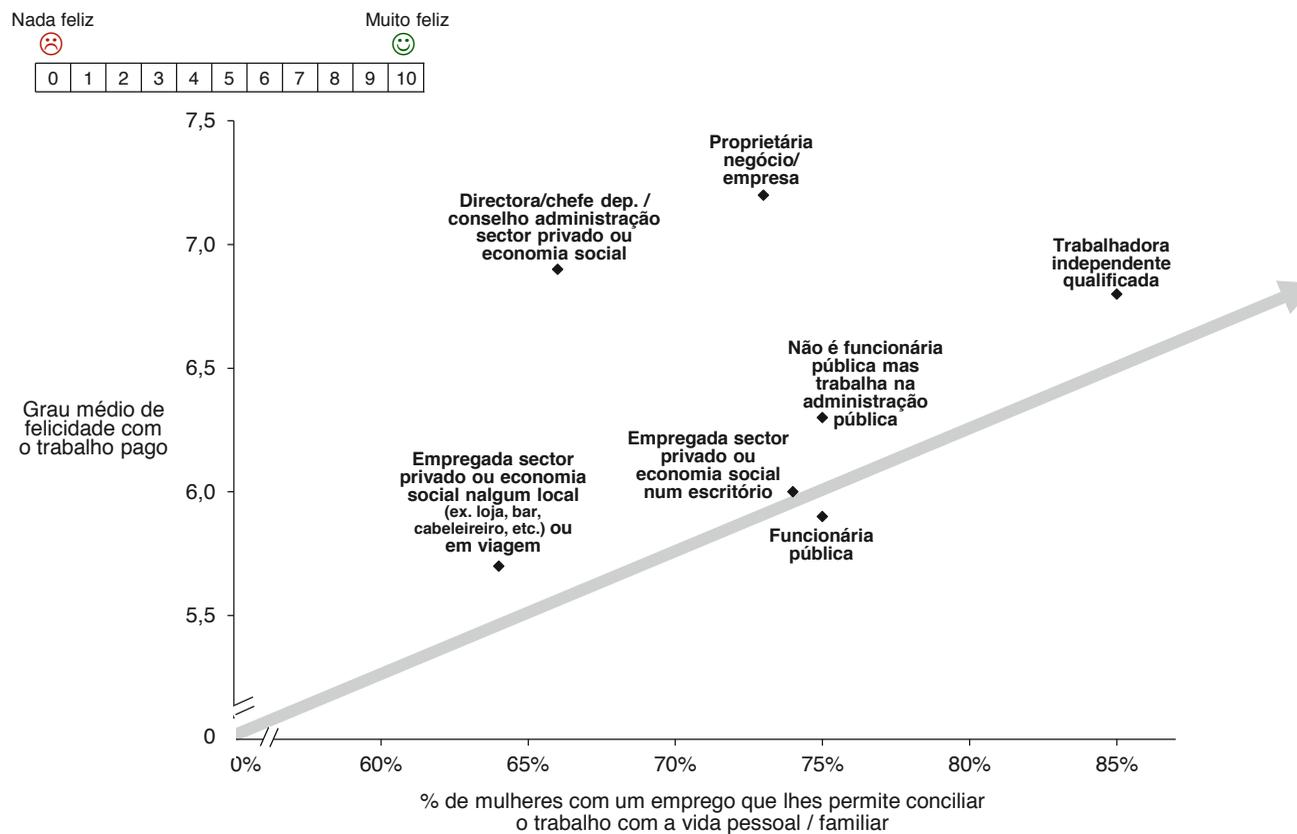
Na maioria dos tipos de trabalho considerados observa-se que há bastante relação entre o grau de felicidade com o trabalho e a facilidade que se percebe para compatibilizar o trabalho pago com a vida pessoal.

O tipo de trabalho que, do ponto de vista das mulheres, ostenta a melhor posição neste binómio de critérios é o das “trabalhadoras independentes qualificadas (exemplo: médica, advogada, consultora, contabilista, arquitecta, etc.”.

As únicas excepções a este binómio de critérios são dois tipos de trabalhos em que se alcança um nível de felicidade muito superior ao que corresponderia de acordo com as dificuldades que as mulheres manifestam ter para conseguir compatibilizar o trabalho pago com a vida familiar ou em casal:

- As “proprietárias de algum negócio/empresa”.
- Os trabalhos com qualquer responsabilidade de direcção, isto é, as “directoras/chefes de departamento/conselho de administração”.

**RELAÇÃO ENTRE O GRAU DE FELICIDADE COM O TRABALHO E A POSSIBILIDADE DE CONCILIÁ-LO COM A VIDA PESSOAL / FAMILIAR EM FUNÇÃO DO TRABALHO QUE TÊM**



### **Tipos de trabalho pago em que se maximiza ou se minimiza a felicidade das mulheres com o trabalho pago**

Recorremos ao método de análise multivariável denominado AID (Automatic Interaction Detector) para identificar em que tipos de trabalho pagos se maximiza e em quais se minimiza a felicidade das mulheres com o trabalho pago.

Tendo em vista os resultados desta análise, podemos concluir que, entre todas as variáveis de classificação do trabalho pago de que dispúnhamos na investigação:

- O que mais influencia as mulheres para se sentirem mais ou menos felizes com o trabalho pago são os rendimentos mensais líquidos. Há uma diferença de 1,3 pontos (em média 6,8 relativamente a 5,5) entre a felicidade com o trabalho pago das mulheres que têm os maiores rendimentos (mais de 1125 euros líquidos por mês) e as que recebem os mais baixos (menos de 700 euros líquidos por mês).
- Em segundo lugar, a característica que maior capacidade tem de influenciar a felicidade das mulheres com o trabalho pago é, nos três níveis de rendimentos mensais líquidos identificados, a mesma: o grau em que o trabalho pago lhes permite conciliar o trabalho pago com a vida pessoal/familiar. Em todos os níveis de rendimentos, aquelas cujo horário de trabalho lhes permite compatibilizar bem o trabalho e a vida pessoal/familiar sentem-se mais felizes com o trabalho pago que as dos níveis de rendimentos superiores, que têm um horário que não lhes permite essa compatibilização.

- As características do trabalho pago que mais influem no terceiro nível são diferentes nos três cenários laborais em que se produzem diferenças a este nível.

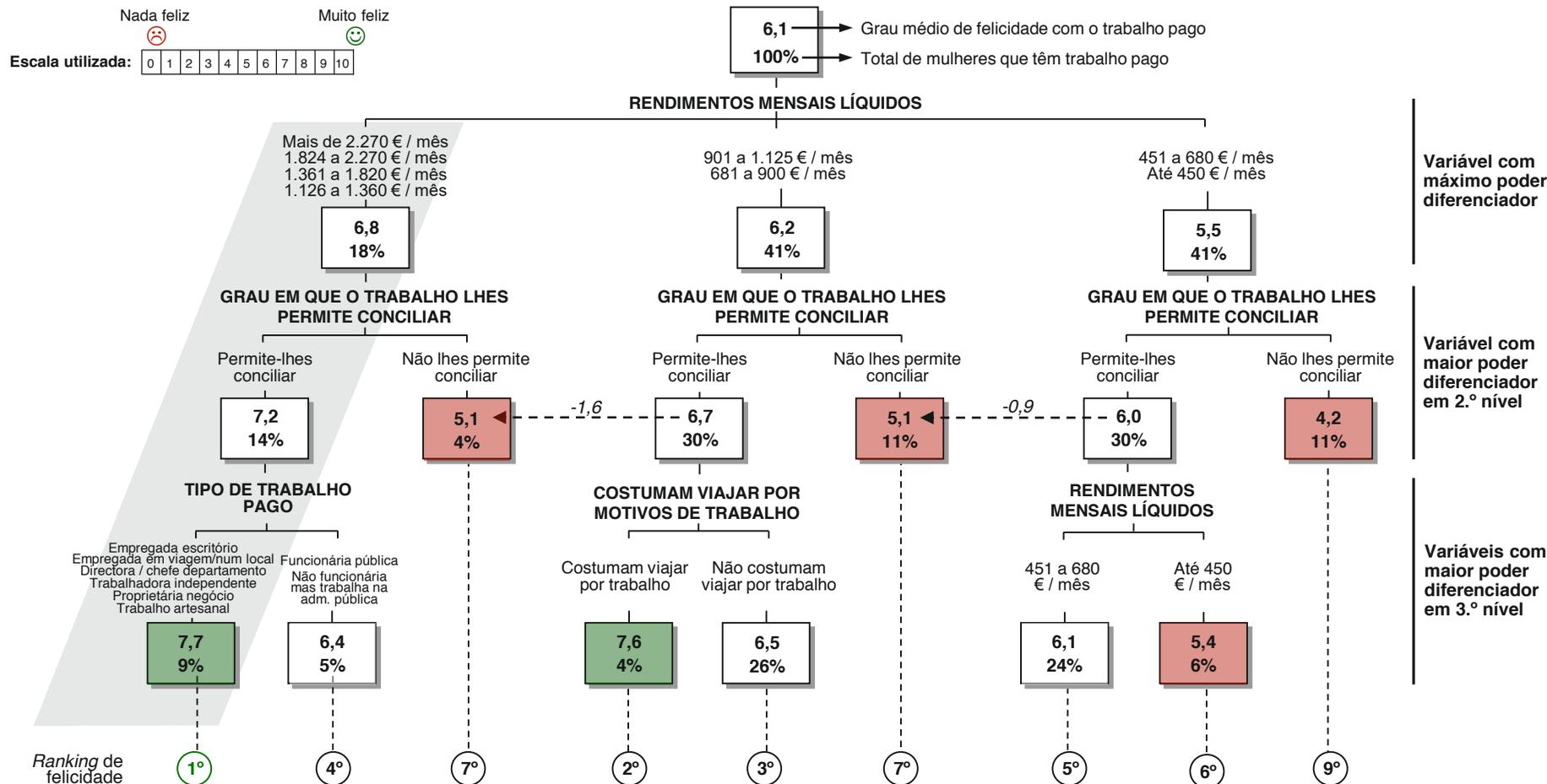
Da árvore de segmentação resultante desta análise também podemos concluir que:

- As mulheres que se sentem mais felizes com o trabalho pago são aquelas em que o trabalho cumpre três requisitos: rendimentos que se situam entre o nível mais alto, um horário que lhes permite compatibilizar bem o trabalho com a vida pessoal/familiar e trabalham por conta própria ou estão empregadas numa empresa do sector privado ou numa organização da economia social. Nesta situação encontram-se 9% das mulheres com trabalho pago e sentem-se felizes com o mesmo 7,7, em média.
- As mulheres que se sentem menos felizes com o trabalho pago são as que ganham menos de 700 euros líquidos por mês e têm um horário de trabalho que não lhes permite compatibilizar bem o trabalho pago com a vida pessoal/familiar. São 11% das mulheres com trabalho pago e o seu nível de infelicidade com o trabalho pago é de 4,2, em média.

■ Situações em que as mulheres se sentem felizes com o trabalho pago (acima de 7, que foi identificado como o limiar da felicidade das mulheres com o trabalho pago)

■ Situações em que as mulheres se sentem infelizes com o trabalho pago (abaixo de 6, que foi identificado como o limiar da infelicidade das mulheres)

### ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DA FELICIDADE DAS MULHERES COM O TRABALHO PAGO, EM FUNÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO (1)

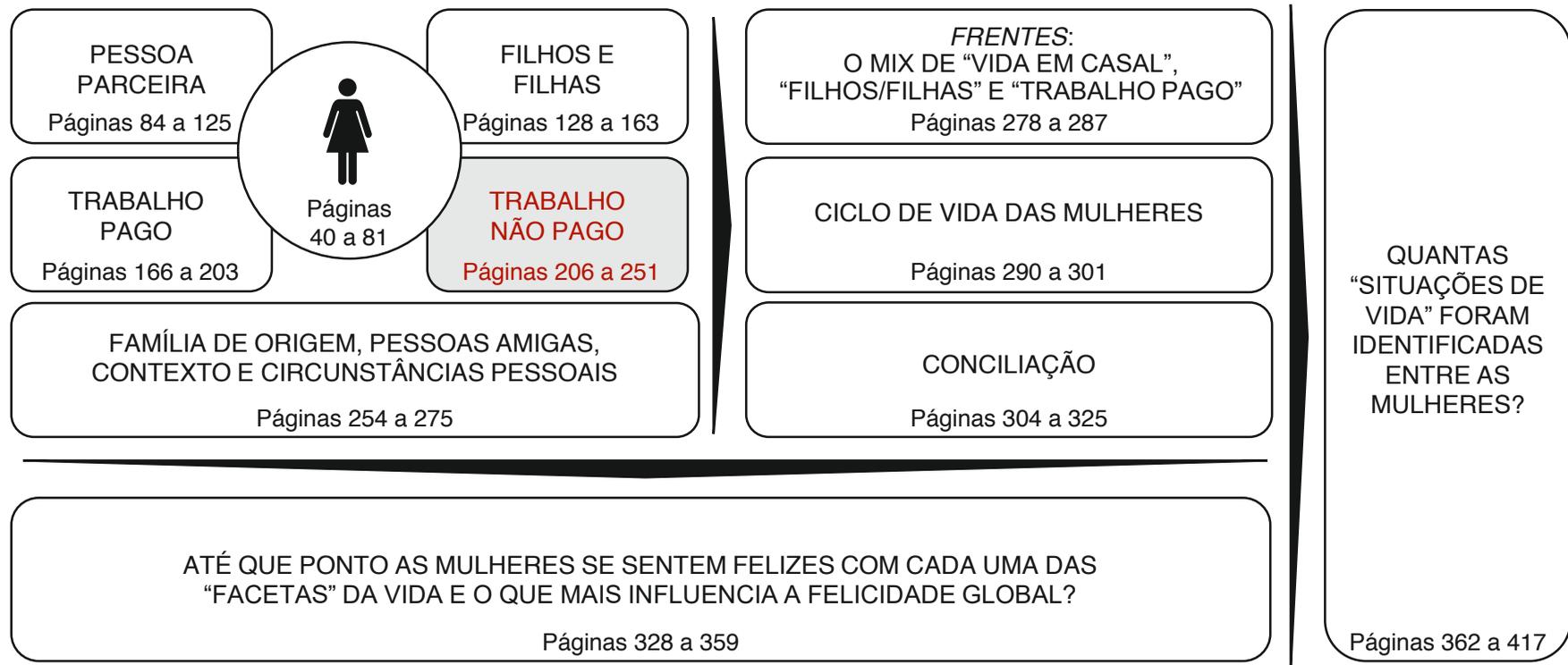


(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 inquéritos).

## **Capítulo 5**

### **Principais resultados sobre o trabalho não pago**

Nas páginas da 206 à 251 são apresentados os principais resultados que se obtiveram relativamente ao trabalho não pago que as mulheres realizam. A informação que se expõe a seguir faz referência a quanto tempo destinam ao trabalho não pago das tarefas domésticas e da educação e cuidado dos/as filhos/as, se é que os têm, e também a como partilham com o companheiro as várias responsabilidades familiares.



QUANTO TEMPO DESTINAM AO TRABALHO NÃO PAGO?  
 COMO PARTILHAM AS MULHERES COM O SEU COMPANHEIRO...  
 AS TAREFAS DOMÉSTICAS  
 A EDUCAÇÃO E CUIDADO DOS FILHOS/AS  
 O CONJUNTO DAS RESPONSABILIDADES FAMILIARES

Página 206  
 Página 214  
 Página 234  
 Página 246

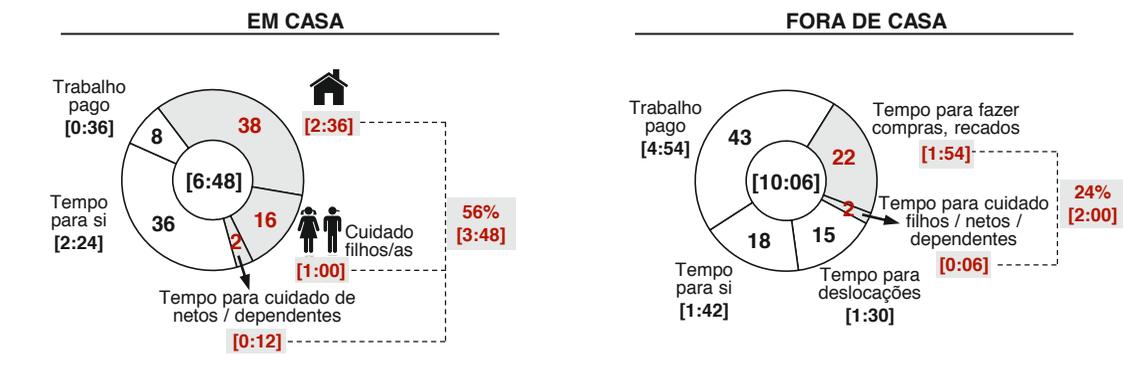
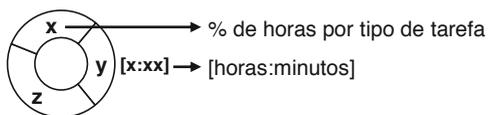
### **Peso do trabalho não pago nos dias úteis**

Das quase sete horas por dia (6 horas e 48 minutos) que, em média, as mulheres estão acordadas em casa nos dias úteis/de segunda a sexta-feira, mais de metade do tempo (56%), e isto é uma média de quase quatro horas por dia (3 horas e 48 minutos), dedicam-nas a trabalhos não pagos que distribuem da forma seguinte: 2 horas e meia às tarefas domésticas, 1 hora aos cuidados e à educação dos/as filhos/as e 12 minutos, em média, ao cuidado de netos/as ou de outras pessoas dependentes.

Fora de casa, das mais de dez horas por dia (10 horas e 6 minutos) que, em média, as mulheres estão acordadas nos dias úteis/de segunda a sexta-feira, dedicam a trabalhos não pagos uma média de duas horas, isto é, 24% do tempo que passam fora de casa. A maioria deles para fazer compras e recados tanto da casa como dos/das filhos/as ou de outras pessoas.

Juntando o tempo em casa com o tempo fora de casa, vemos que, nos dias úteis/de segunda a sexta-feira, as mulheres objecto deste estudo destinam, em média, quase seis horas por dia (5 horas e 48 minutos) a trabalhos não pagos.

**NOS DIAS ÚTEIS, A QUE TIPO DE TAREFA DESTINAM AS HORAS EM QUE ESTÃO ACORDADAS**



Tempo destinado a **tarefas domésticas** [2:36]

Tempo destinado a **compras e recados** da casa, dos filhos/as, etc. [1:54]

Tempo destinado a **trabalho de cuidado** [1:18]  
( [1:00] de filhos/as em casa + [0:12] de netos/as / dependentes em casa + [0:06] de filhos/as / netos/as / dependentes fora de casa)

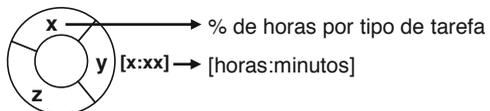
**Nos dias úteis, as mulheres destinam 5 horas e 48 minutos por dia a trabalho não pago**

### **Peso do trabalho não pago nos dias úteis entre as mulheres que têm trabalho pago relativamente às que não o têm**

As que têm trabalho pago dispõem, nos dias úteis/de segunda a sexta-feira, de menos quatro horas por dia para estar em casa acordadas do que as que não estão activas no mercado de trabalho (5 horas e meia relativamente a 9 horas e meia).

A percentagem de tempo que, estando acordadas em casa, umas e outras destinam a realizar o trabalho não pago da casa e dos/das filhos/as é muito parecido. Nos dois casos destinam mais de 50% do seu tempo em casa às tarefas não remuneradas. Isto significa que estar activa no mercado de trabalho não implica nenhuma redução da percentagem de tempo que as mulheres destinam ao trabalho não pago da casa e dos/das filhos/as.

No entanto, o que varia é o número de horas que umas e outras podem dedicar às tarefas domésticas, dado que as que têm trabalho pago ao dispor de menos horas por dia para estar em casa acordadas, dedicam 2 horas por dia, em média, a realizar as tarefas domésticas, enquanto as que não têm trabalho pago dedicam às mesmas quase quatro horas (3 horas e 48 minutos, em média). Aos cuidados e à educação dos/das filhos/as, ambas destinam à volta de uma hora por dia.

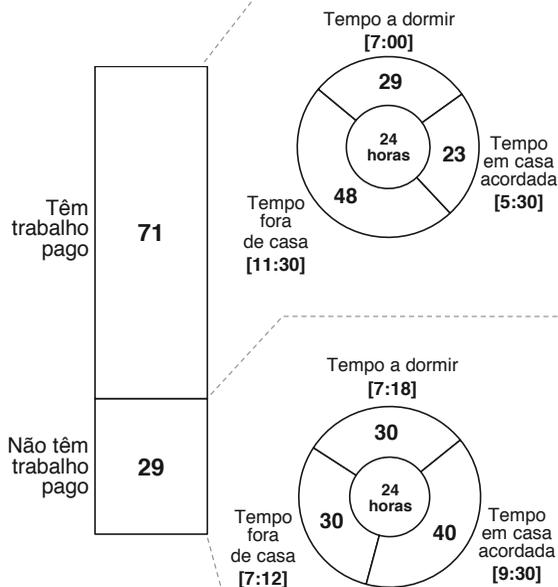


### A QUE TIPO DE TAREFA DESTINAM AS HORAS EM QUE ESTÃO ACORDADAS NOS DIAS ÚTEIS

#### RELAÇÃO COM O TRABALHO PAGO

% de mulheres por categoria

#### PARTILHA DAS 24 HORAS NOS DIAS ÚTEIS

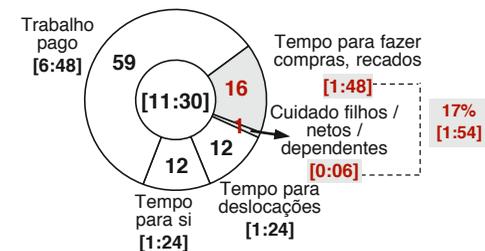
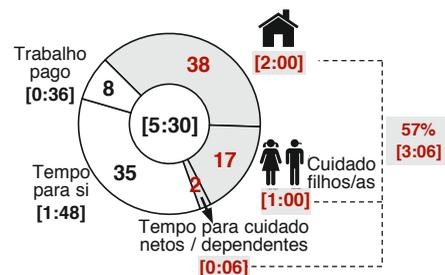


#### EM CASA

#### FORA DE CASA

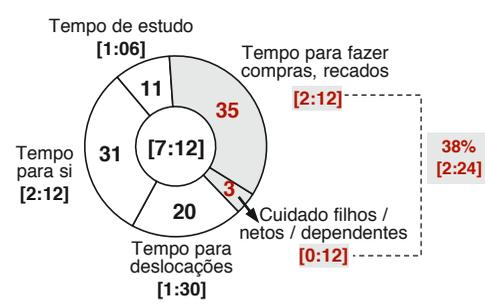
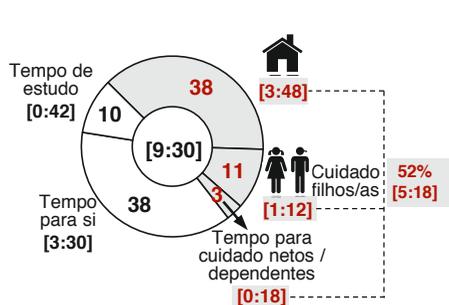
Base: Tempo em casa acordada (23%=100%)

Base: Tempo fora de casa (48%=100%)



Base: Tempo em casa acordada (40%=100%)

Base: Tempo fora de casa (30%=100%)

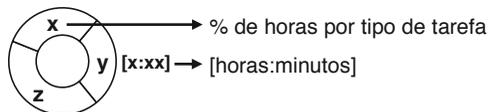


### **Peso do trabalho não pago nos dias úteis entre as mulheres que têm filhos/as relativamente às que não os têm**

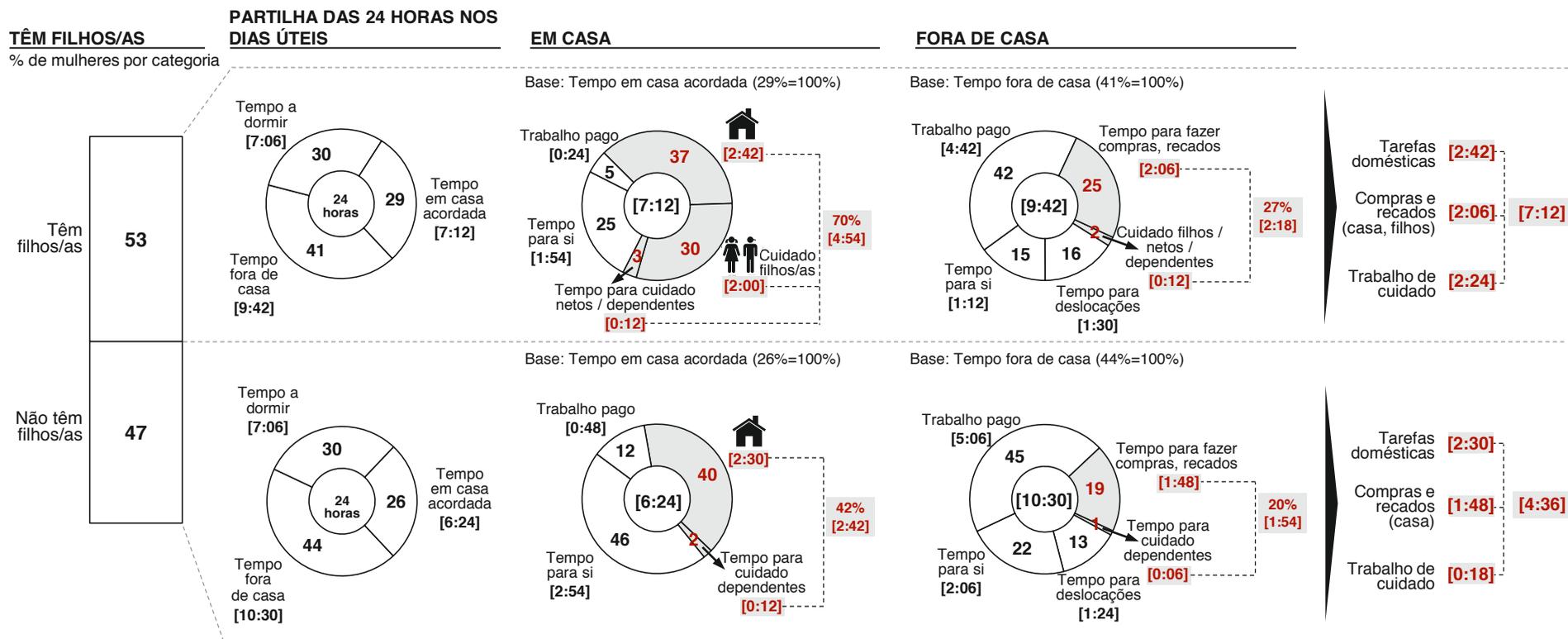
Nos dias úteis/de segunda a sexta-feira, as que têm filhos/as estão em casa acordadas quase uma hora mais por dia do que as que não os têm: em média, 7 horas e 12 minutos no primeiro caso relativamente a 6 horas e 24 minutos no segundo.

Também é muito diferente a percentagem de tempo que, estando em casa acordadas, umas e outras, destinam a realizar os trabalhos não pagos. As mulheres que têm filhos/as investem 70% do tempo que estão acordadas em casa a realizar os trabalhos não pagos da casa e dos/das filhos/as (quase 5 horas por dia) enquanto as que não têm filhos/as destinam quase metade do tempo: 42% (cerca de 3 horas por dia).

Fora de casa, o peso que o trabalho não pago tem não é tão diferente entre umas e outras: 27% entre as que têm filhos/as relativamente a 20% entre as que não os têm.



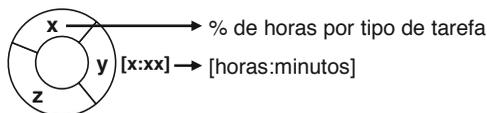
### A QUE TIPO DE TAREFA DESTINAM AS HORAS EM QUE ESTÃO ACORDADAS NOS DIAS ÚTEIS



**Peso que o cuidado dos/das filhos/as tem nos dias úteis, em casa, segundo o número de filhos/as e a idade que estes têm**

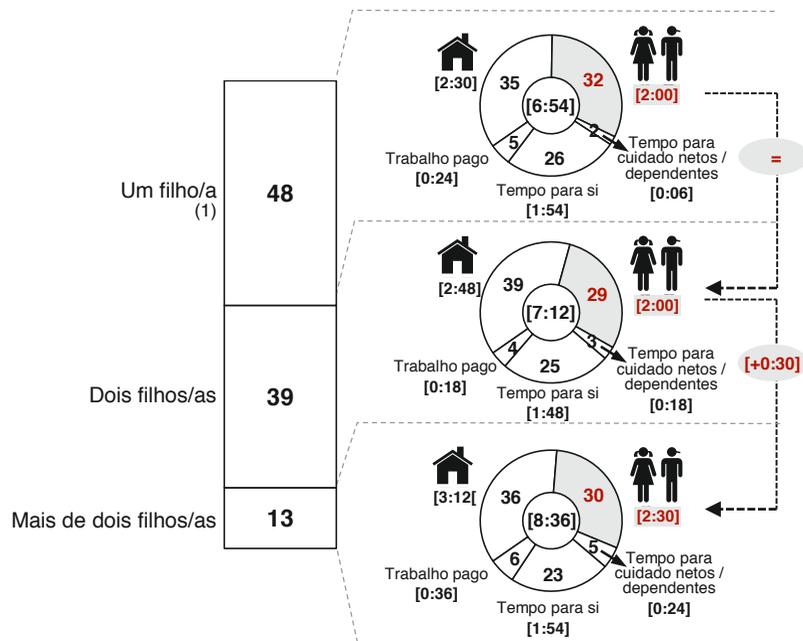
O número de filhos/as que as mulheres têm quase não afecta o tempo que as mães têm de dedicar ao seu cuidado e educação. Quando têm mais de dois filhos/as, o cuidado requer apenas mais meia-hora por dia que do quando se tem apenas um filho ou uma filha ou quando se têm dois.

No entanto, a idade dos filhos/as é bastante determinante no tempo que requerem. A exigência máxima acontece quando se tem algum filho/a com 5 anos ou menos. Nesta fase, as mulheres dedicam 46% do tempo que estão em casa acordadas, em média, 3 horas por dia, todos os dias. O resultado é que, como as tarefas domésticas continuam a precisar de mais de duas horas por dia, em média, a estas mulheres com filhos/as pequenos/as sobra-lhes menos de uma hora por dia para elas e para as suas coisas pessoais: 54 minutos, em média.



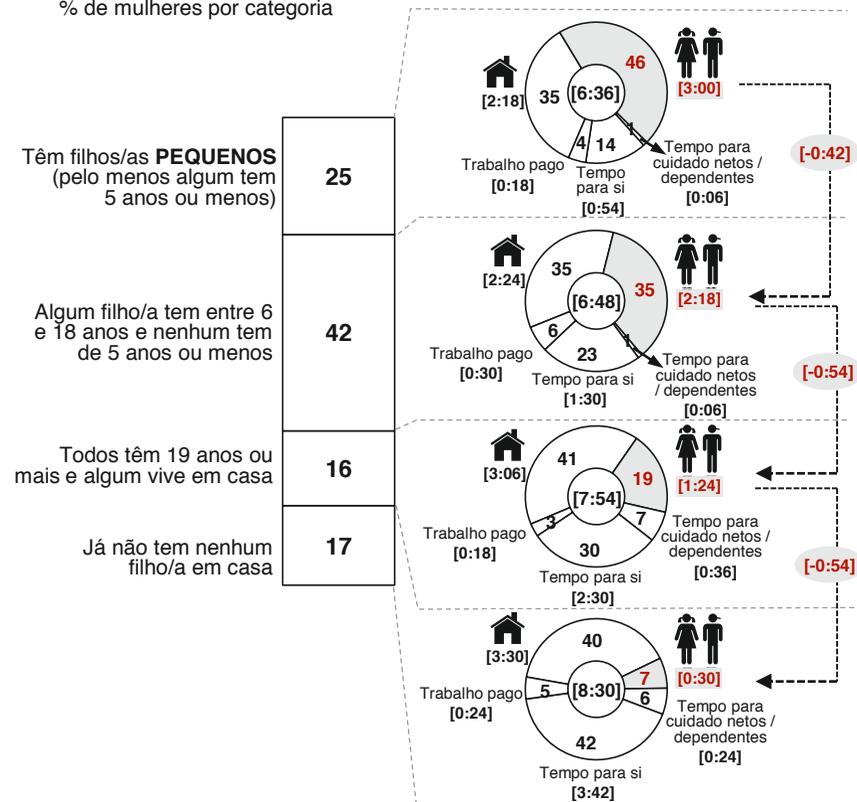
**NÚMERO DE FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria

**A QUE TIPO DE TAREFA DESTINAM AS HORAS EM QUE ESTÃO ACORDADAS EM CASA**



**IDADE DOS FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria

**A QUE TIPO DE TAREFA DESTINAM AS HORAS QUE ESTÃO ACORDADAS EM CASA**



(1) O tamanho do segmento de mulheres com filhos/as pequenos, isto é, os que têm 5 anos ou menos, é 28% entre as que têm um filho/a, 23% entre as que têm dois e 26% entre as que têm mais de dois.

### **Como as mulheres que vivem com o companheiro partilham as tarefas domésticas**

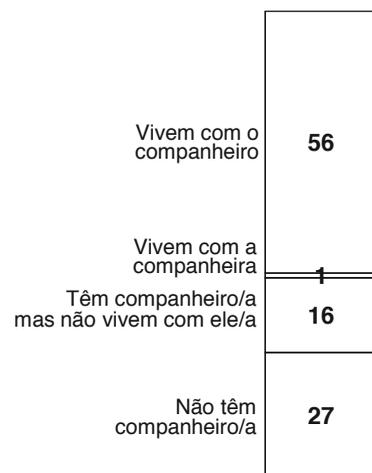
Das sete tarefas domésticas consideradas na investigação, “lavar a roupa” é a que, hoje em dia, mais recai e, além disso quase exclusivamente, sobre as mulheres: elas ocupam-se 84% das vezes, e eles 14%; nos restantes 2% das vezes, está a cargo da ajuda remunerada. No extremo oposto, “limpar a casa” é a tarefa que mais é partilhada, sendo que elas o fazem o triplo das vezes que eles: 69% ela relativamente a 23% ele.

Quando as sete tarefas incluídas na investigação são consideradas de forma conjunta, vemos que elas suportam mais do triplo do trabalho doméstico que o companheiro dado que elas realizam, em média, 74% de todas as tarefas e eles 23%. A ajuda remunerada quase não conta, pois só representa 3%, em média, do conjunto das tarefas domésticas.

Considerando a distribuição entre os dois membros do casal em cada uma das sete tarefas, classificou-se as mulheres em três tipos consoante o peso que a mulher suporta no conjunto das tarefas domésticas. O tipo mais habitual é o das mulheres que têm uma relação de casal assimétrica nestas questões (dado que elas se encarregam sete ou oito vezes em cada dez). As restantes dividem-se em partes quase iguais entre os “casais simétricos” (ela encarrega-se no máximo seis em cada dez vezes) e as que definimos como “mulheres sozinhas relativamente às tarefas domésticas” porque, embora vivam com o companheiro, ocupam-se praticamente só elas das tarefas domésticas.

### SITUAÇÃO DE CASAL

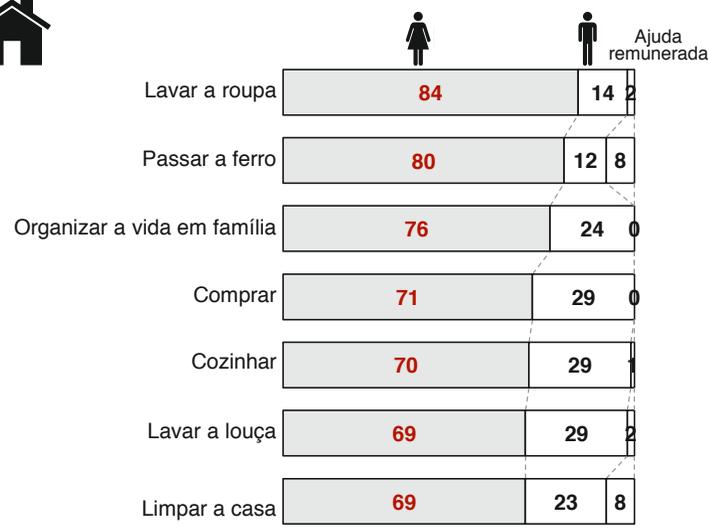
% de mulheres por categoria



Base: Vivem com o companheiro (56%=100%)

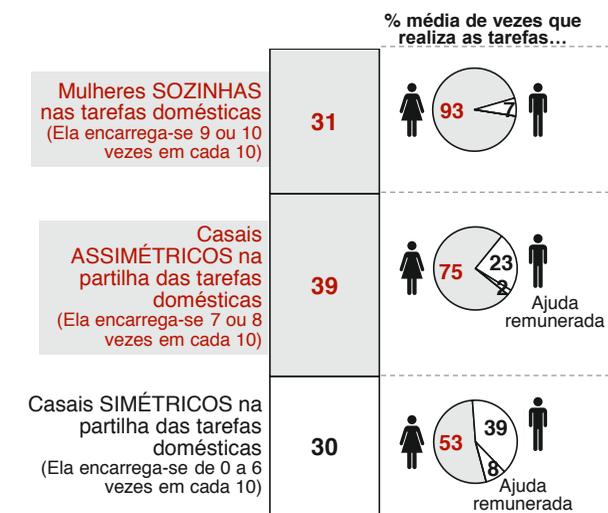
### PARTILHA DE CADA TAREFA DOMÉSTICA

% de vezes que se encarrega cada um



### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS NO CASAL

% de mulheres por categoria



### Como as mulheres que vivem com um homem partilham as tarefas domésticas consoante ela tem ou não trabalho pago

Apesar do facto de a mulher estar activa no mercado de trabalho ter bastante efeito sobre como ele e ela distribuem as tarefas domésticas, a situação continua a ser, entre elas, muito desequilibrada.

- Tal como acontece entre as mulheres que não têm trabalho pago, entre as que o têm não há nenhuma tarefa da qual ele se ocupe tantas ou mais vezes que ela. E o *ranking* das sete tarefas consoante a participação masculina também é quase idêntico nos dois cenários. Nos casais em que as mulheres têm trabalho pago, as tarefas em que os homens participam mais são “lavar a louça” e “cozinhar” (em média, ele fá-lo em 31% dos casos) e aquela em que participam menos é “passar a ferro” (em média, ele fá-lo em 12% dos casos).
- Quando as sete tarefas domésticas incluídas na investigação são consideradas de forma conjunta, vemos que as mulheres com trabalho pago suportam o triplo que o companheiro dado que elas realizam, em média, 72% de todas as tarefas, eles 24% e a ajuda remunerada apenas 4%.
- Por conseguinte, são apenas um terço as mulheres com trabalho pago que têm uma relação matrimonial simétrica no que diz respeito à distribuição das tarefas domésticas. 39% são “casais assimétricos” e os restantes 28%, embora estejam activas no mercado de trabalho, ocupam-se sozinhas das tarefas domésticas.

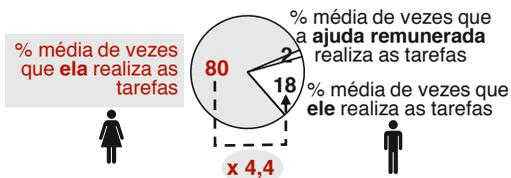
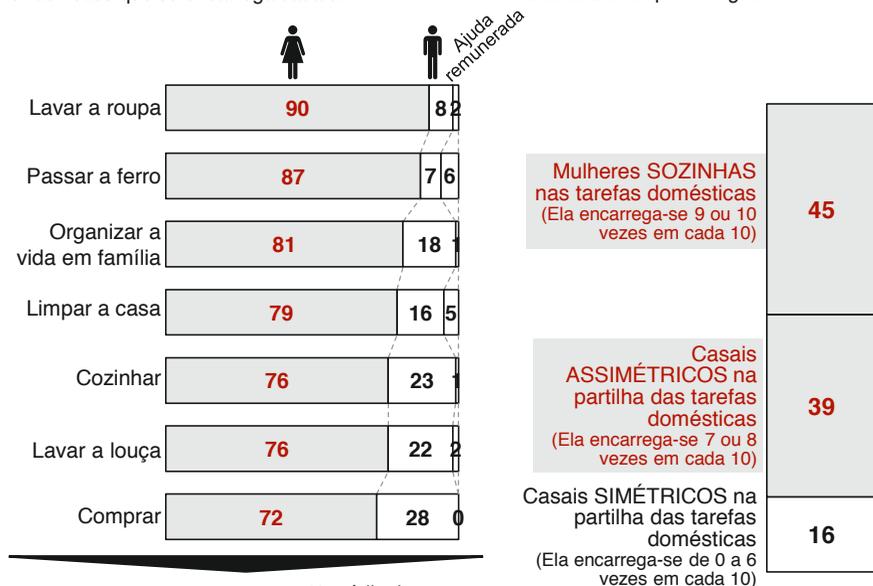


**MULHERES QUE VIVEM COM UM HOMEM E NÃO TÊM TRABALHO PAGO**  
(13%=100%)

**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS NO CASAL**

**PARTILHA DE CADA TAREFA DOMÉSTICA**

% de vezes que se encarrega cada um

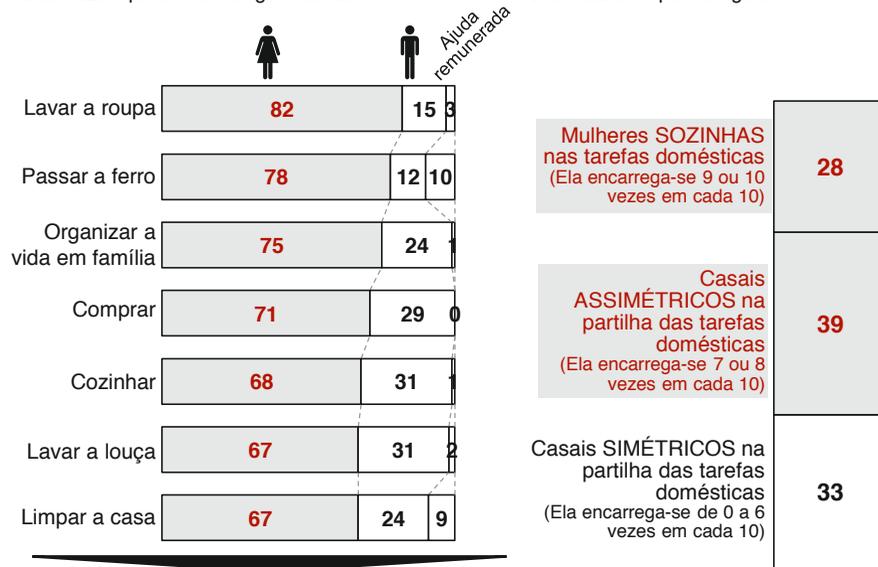


**MULHERES QUE VIVEM COM UM HOMEM E TÊM TRABALHO PAGO**  
(43%=100%)

**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS NO CASAL**

**PARTILHA DE CADA TAREFA DOMÉSTICA**

% de vezes que se encarrega cada um



## Tipologia de mulheres segundo o gosto que têm pelas tarefas domésticas

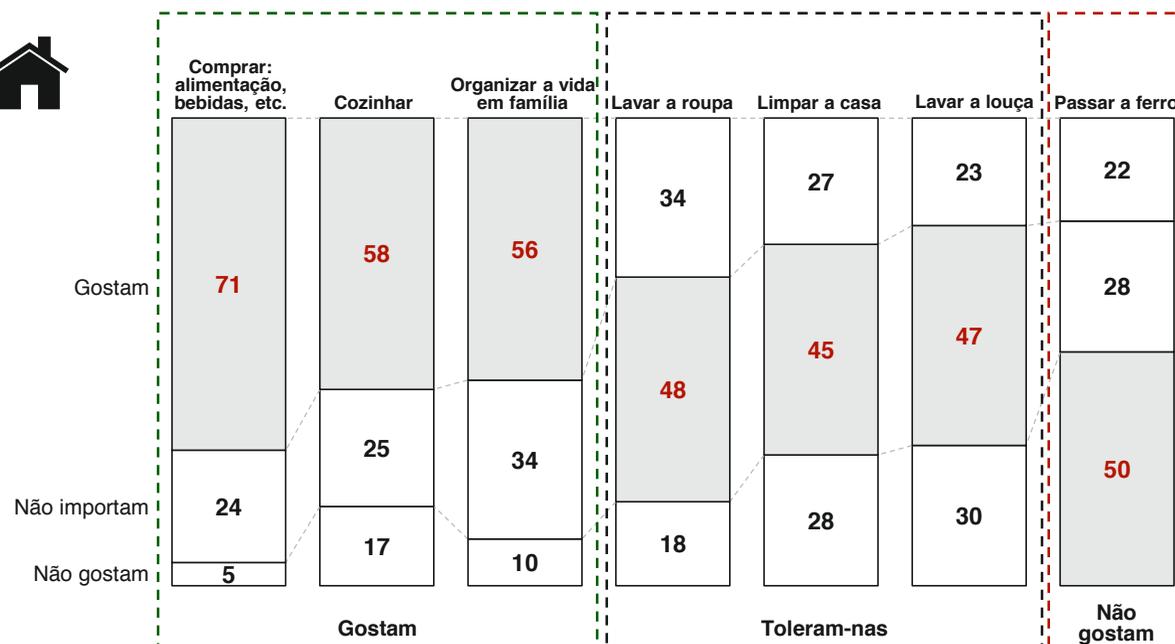
Entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, das sete tarefas domésticas que se consideraram:

- Há três que as mulheres em geral gostam ou não se importam de fazer: “comprar: alimentação, bebidas, etc.”, “cozinhar” e “organizar a vida em família”.
- Outras três são bastante bem toleradas, dado que a maioria das mulheres manifestou que não se importa de as fazer: “lavar a roupa”, “limpar a casa” e “lavar a louça”.
- Há uma tarefa que as mulheres suportam bastante mal: “passar a ferro”. Metade das mulheres declarou que não gosta de passar a ferro.

Consoante a atitude que cada uma manifestou ter perante cada uma destas sete tarefas, classificou-se as mulheres em três tipos: 1) O mais recorrente (48%) é o das mulheres que fazem parte do tipo que foi designado como “Tolerantes com as tarefas domésticas”. Neste tipo classificaram-se todas as que não gostam de fazer no máximo uma ou duas destas tarefas; 2) O tipo seguinte mais recorrente é o das que se chamaram de “Fãs das tarefas domésticas”. Estes 30% de mulheres não se sentem incomodadas por realizar nenhuma das sete tarefas consideradas; 3) O tipo mais reduzido é o das “Antitarefa domésticas”. Estes 22% de mulheres manifestaram que não gostam de fazer três ou mais das sete tarefas consideradas.

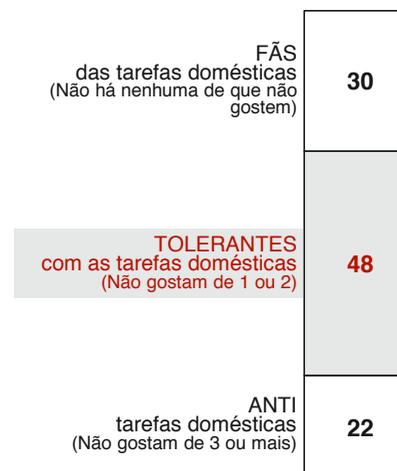
### GOSTO QUE TÊM POR CADA UMA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS CONSIDERADAS

% de mulheres por categoria



### TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO O GOSTO QUE TÊM PELAS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria

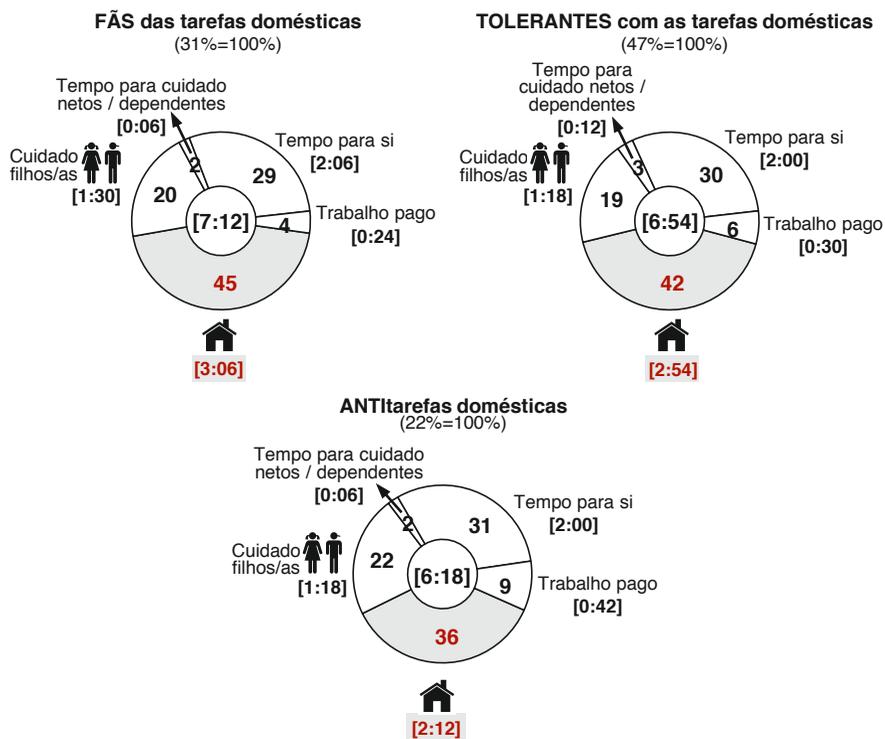
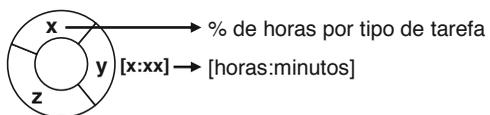


### **Carga de trabalho não pago doméstico que as mulheres têm consoante são “Fãs”, “Tolerantes” ou “ Antitarefa domésticas”**

Entre as mulheres que vivem com um homem, que são 56% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a atitude com que encaram as tarefas domésticas não afecta muito o peso que suportam na execução destas tarefas nem o equilíbrio que conseguem com o companheiro: as mulheres suportam uma carga muito superior ao companheiro tanto se são “Fãs” das tarefas domésticas (nos dias úteis destinam a estas tarefas 45% do tempo que estão acordadas em casa e, relativamente ao companheiro, elas fazem, em média, 76%) como se são “Anti” (destinam às tarefas domésticas 36% do tempo que estão acordadas em casa e realizam, em média, 70%).

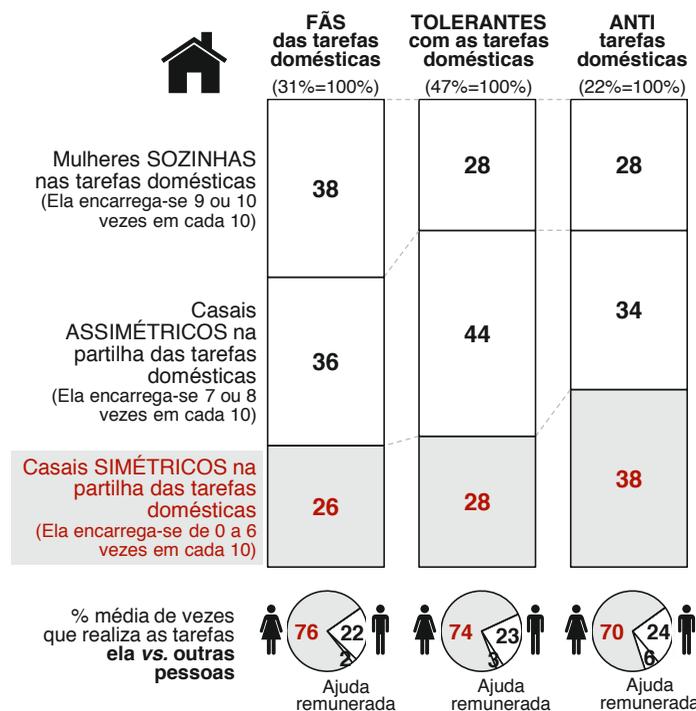
As principais diferenças entre os três tipos de mulheres radicam no facto de que entre as “Anti” a ajuda remunerada estar a fazer o triplo do que nos outros dois casos (6% relativamente a 2%) e a proporção dos “casais simétricos” na partilha das tarefas domésticas alcança o seu valor máximo (38%).

### A QUE TIPO DE TAREFA DESTINAM AS HORAS EM QUE ESTÃO ACORDADAS EM CASA NOS DIAS ÚTEIS



### EQUILÍBRIO ENTRE MULHERES E HOMENS NAS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria



### **Com que ajuda externa remunerada contam para a realização das tarefas domésticas?**

Dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, pouco mais de uma em cada dez (15%) têm algum tipo de ajuda externa remunerada para a execução das tarefas domésticas.

Entre as que a têm, a ajuda externa remunerada assume menos de um quarto das tarefas domésticas, o que significa que o casal tem de realizar os restantes 78%.

Entre as que têm ajuda, o mais habitual é tê-la de 3 a 5 horas por semana ou menos de 3 horas por semana. Em média, a ajuda é de 11 horas por semana.

As que têm ajuda remunerada o tempo inteiro (40 horas por semana ou mais) representam um valor muito escasso de 2%.



### QUANTAS TÊM AJUDA REMUNERADA PARA AS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria



Base: Têm ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas (15%=100%)

### PARTE DAS TAREFAS DOMÉSTICAS QUE A AJUDA REMUNERADA SUPORTA

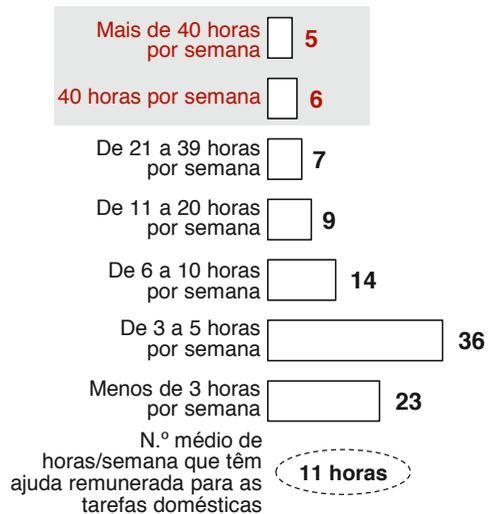
% média de vezes que realiza as tarefas domésticas algum membro do casal



% média de vezes que realiza as tarefas domésticas a ajuda remunerada

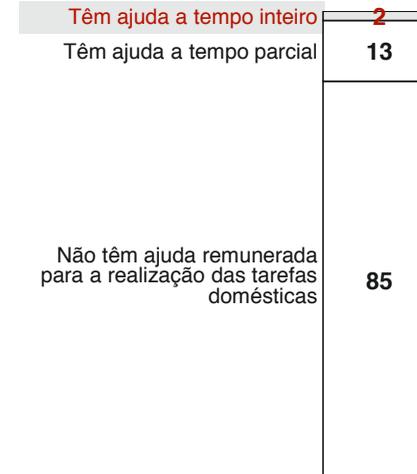
### HORAS POR SEMANA QUE TÊM AJUDA REMUNERADA PARA AS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria



### QUE TIPO DE AJUDA REMUNERADA TÊM PARA AS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria



### **Motivos pelos quais não dispõem de ajuda remunerada para as tarefas domésticas e relação com o facto de os pais a terem tido ou não**

Dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a grande maioria (85%) não tem nenhum tipo de ajuda externa remunerada para a execução das tarefas domésticas.

As questões de índole económica são o principal motivo referido por dois terços das que não dispõem de ajuda remunerada para as tarefas domésticas.

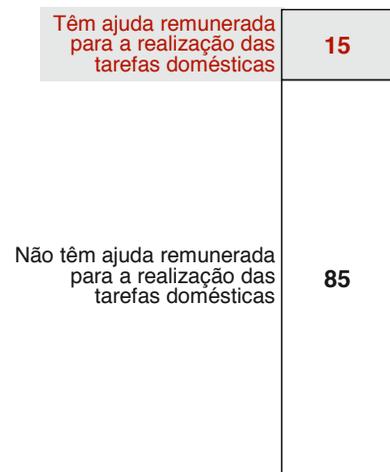
Há uma clara relação entre a ajuda que havia em casa dos pais e a que há em casa delas: entre aquelas cujos pais tiveram ajuda remunerada (sempre ou em períodos pontuais) mais de um terço (38%) também têm ajuda em casa enquanto entre aquelas cujos pais nunca tiveram ajuda remunerada, as que a têm reduz-se a 8%.

A barreira económica tem quase o dobro da relevância entre aquelas cujos pais nunca tiveram ajuda remunerada relativamente às aquelas cujos pais a tiveram.



### QUANTAS TÊM AJUDA REMUNERADA PARA AS TAREFAS DOMÉSTICAS

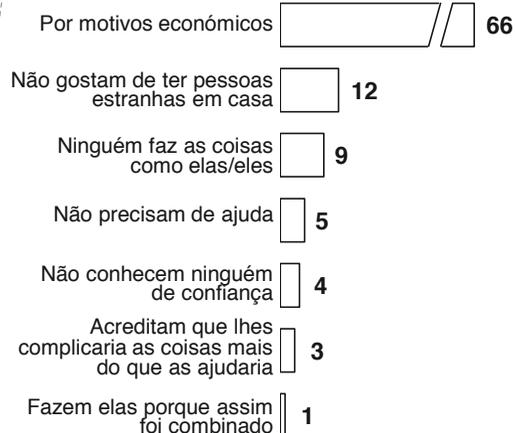
% de mulheres por categoria



Base: Não têm ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas (85%=100%)

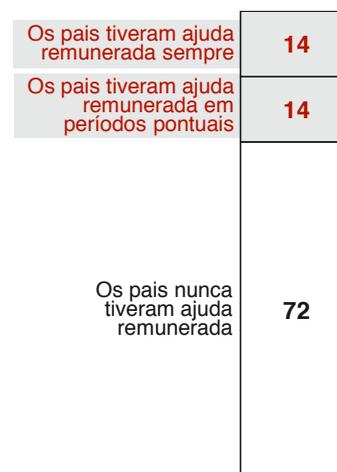
### MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO DISPÕEM DE AJUDA REMUNERADA PARA AS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria



### A AJUDA REMUNERADA EM CASA DOS PAIS

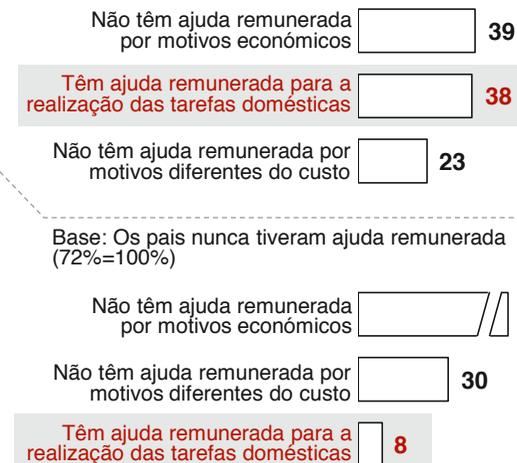
% de mulheres por categoria



Base: Os pais tiveram ajuda remunerada sempre ou em períodos pontuais (28%=100%)

### RELAÇÃO COM A AJUDA REMUNERADA EM FUNÇÃO DA AJUDA REMUNERADA QUE HAVIA EM CASA DOS PAIS

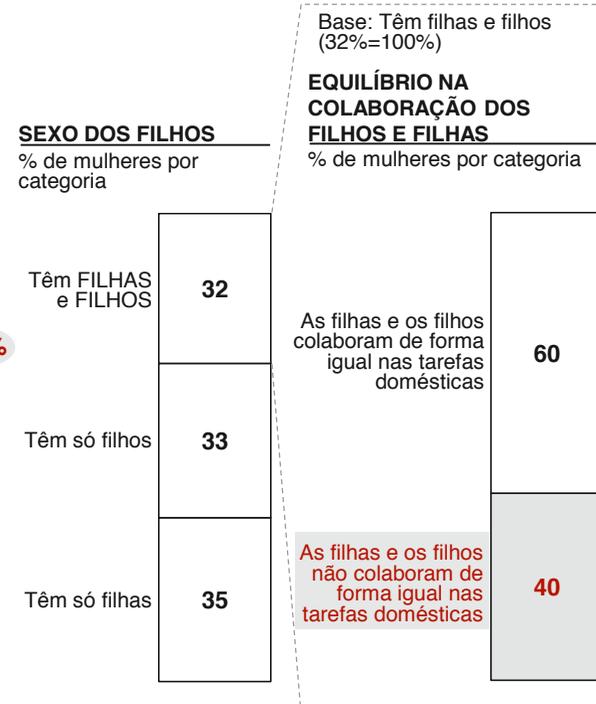
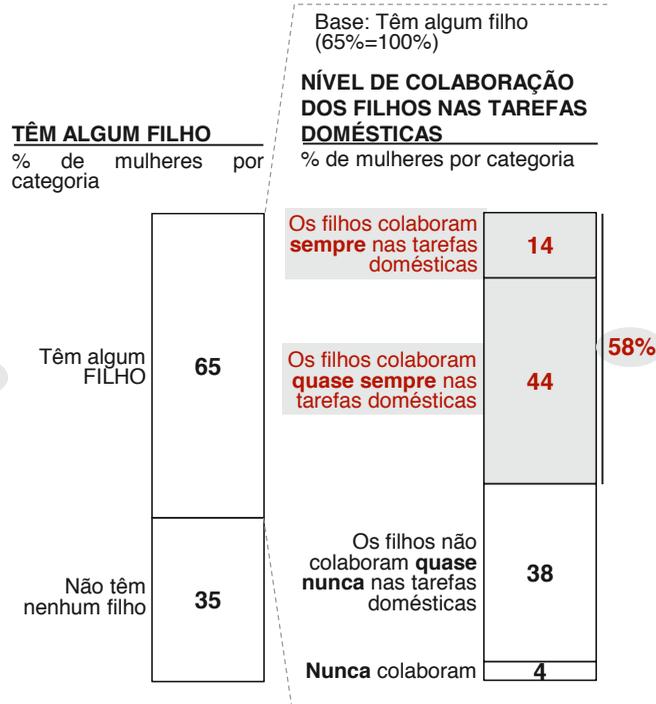
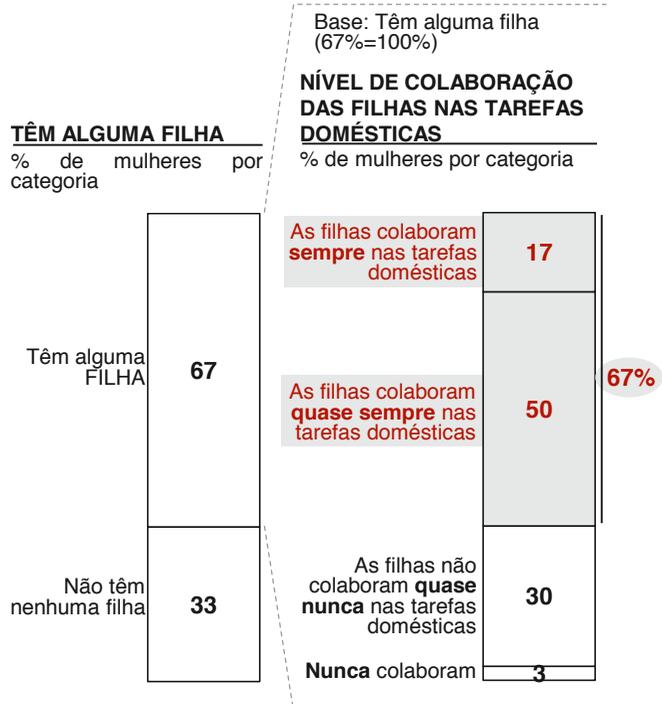
% de mulheres por categoria



### **Nível de colaboração dos filhos e das filhas nas tarefas domésticas**

Hoje em dia, o nível de colaboração exigido às filhas e aos filhos na realização das tarefas domésticas não é o mesmo:

- Entre as mulheres que têm alguma filha, pouco mais de dois terços (67%) referiram que as filhas colaboram sempre ou quase sempre na realização das tarefas domésticas.
- Entre as mulheres que têm algum filho, menos de seis em cada dez (58%) referiram que os filhos colaboram sempre ou quase sempre na realização das tarefas domésticas.
- Entre as que têm filhas e filhos, quatro em cada dez dizem que elas e eles não colaboram de forma igual nas tarefas domésticas.



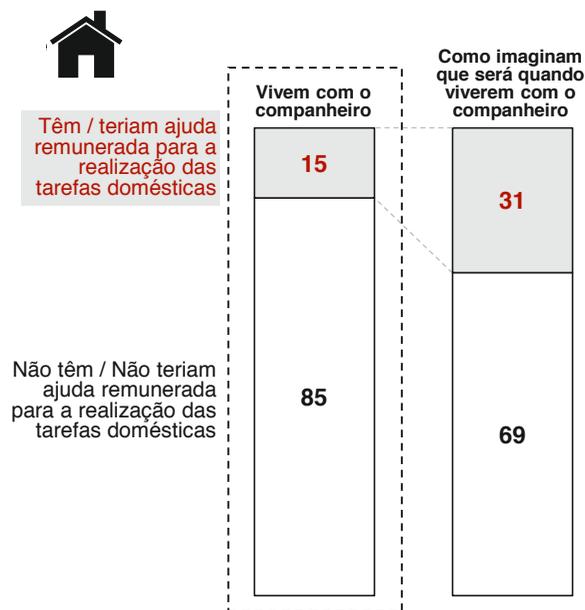
### **Expectativas na partilha das tarefas domésticas entre as mulheres que acham que um dia viverão com o companheiro**

Há um grande abismo entre o cenário que imaginam as mulheres que ainda nunca viveram com um homem com a realidade que enfrentam as que hoje estão a viver com o companheiro, tanto no que se refere à ajuda remunerada que pensam que terão (31% imaginam-se com ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas face a 15% das que hoje têm este tipo de ajuda), como no que diz respeito a como imaginam que será a distribuição das tarefas domésticas com o companheiro (imaginam que ele se ocupará, em média, 37% das vezes face a 24% em que eles se ocupam na realidade).

Surpreendente, além disso, é o facto de estas mulheres assumirem que, quando viverem com o companheiro, elas farão em casa delas mais do que eles: em média, imaginam que elas farão 63% relativamente a 37% que imaginam que eles farão. Partilha que está claramente longe do que imaginam como cenário ideal.

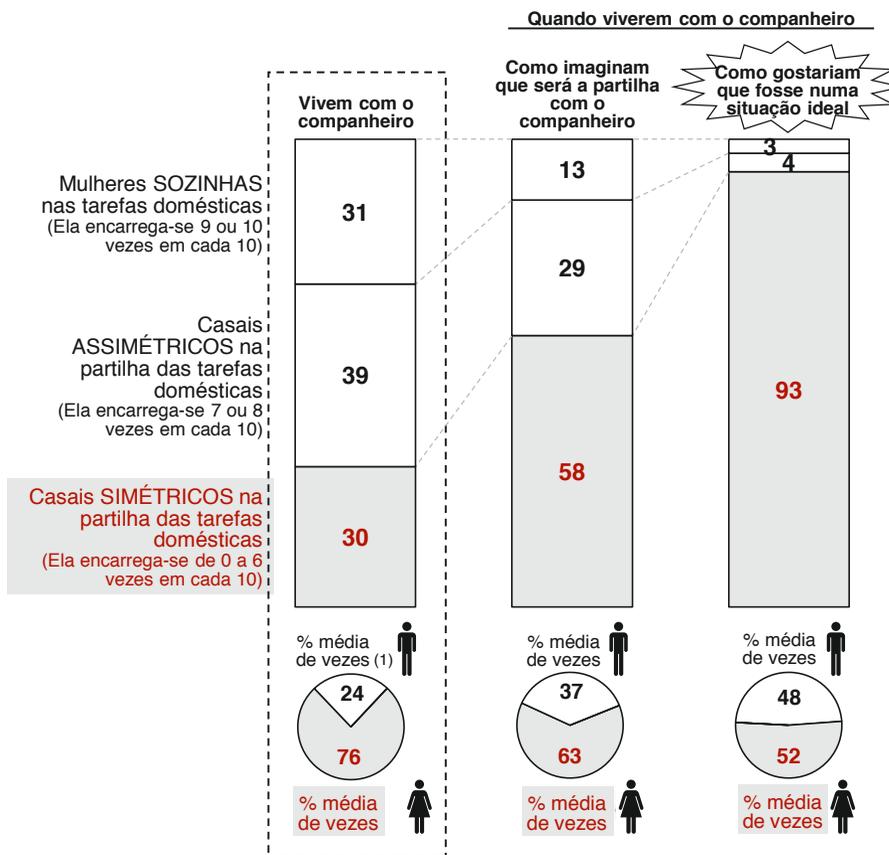
### A AJUDA REMUNERADA PARA AS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de mulheres por categoria



### A PARTILHA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS ENTRE A MULHER E O HOMEM

% de mulheres por categoria



(1) 3% do que faz a ajuda remunerada foi recalculado.

### **Evolução da partilha das tarefas domésticas entre as mulheres que vivem com um homem e têm trabalho pago**

Entre as mulheres que vivem com um homem e têm trabalho pago, que são 43% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, houve uma evolução favorável na partilha das tarefas domésticas, entre os casais em que a mulher é mais jovem (tem menos de 40 anos) e aqueles em que ela tem mais idade (41 anos ou mais):

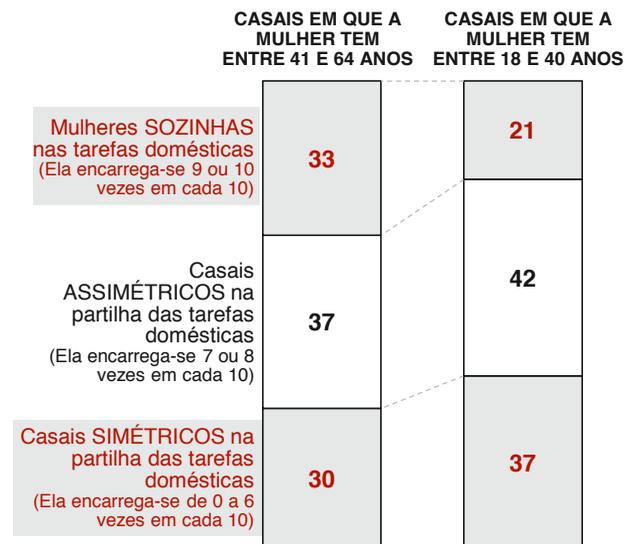
- Nos casais com as mulheres mais jovens, mais de um terço (37%) são “casais simétricos na partilha das tarefas domésticas” e apenas 21% são “casais em que ela está sozinha nestas tarefas”. Situação que é bastante mais favorável do que nos casais em que elas são mais velhas.
- Nos casais com as mulheres mais jovens, os homens encarregam-se, em média, de 26% das tarefas domésticas, o que é 4 pontos mais do que se encarregam os homens que partilham a vida com mulheres com mais idade.

Ao ritmo a que a contribuição do homem nas tarefas domésticas evoluiu na última geração, para que os pesos entre a mulher e o homem fiquem iguais, nos casais em que ambos têm trabalho pago, faltam entre cinco e seis gerações.

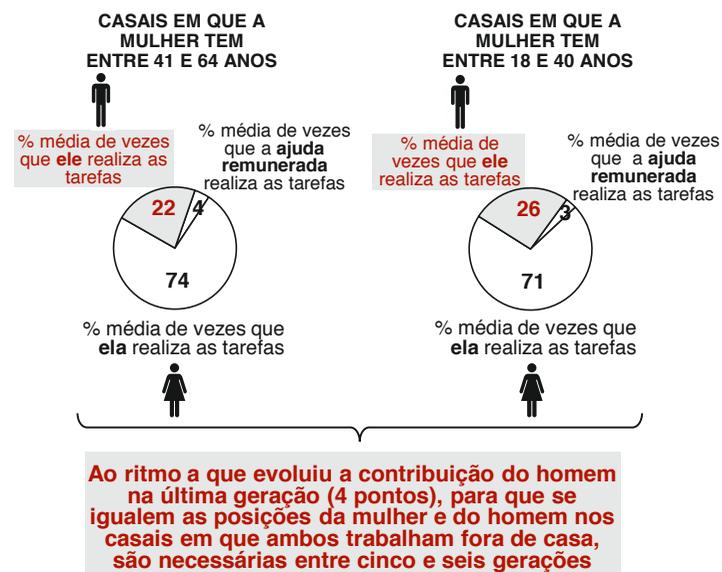


### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS NO CASAL

% de mulheres por categoria



### PERCENTAGEM MÉDIA DE VEZES QUE CADA MEMBRO DO CASAL SE ENCARREGA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS



### **Quantos casais combinam a partilha das tarefas domésticas e qual o grau de cumprimento do acordado?**

Quase um terço das mulheres que vivem com um homem (30%) declara que, antes de viverem juntos, combinaram a partilha das tarefas domésticas. No entanto, o combinado está a ser cumprido em apenas 67% dos casos.

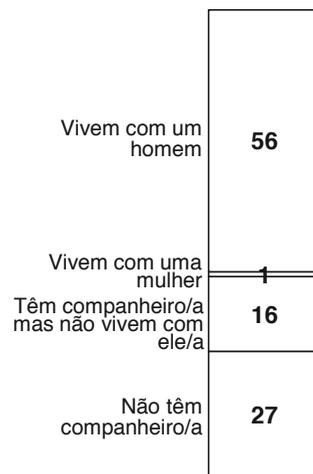
Entre as mais jovens (até 40 anos) está-se a combinar a distribuição das tarefas domésticas mais que entre as suas predecessoras (36% relativamente a 25%). No entanto, a combinação está a ser cumprida em menor grau (em 63% dos casais em que a mulher é mais jovem relativamente a 72% nos casais em que ela tem 41 anos ou mais).

De qualquer forma, a grande maioria das mulheres jovens (64%) continua sem encarar a questão de negociar com o companheiro a distribuição das tarefas domésticas.



### SITUAÇÃO DE CASAL

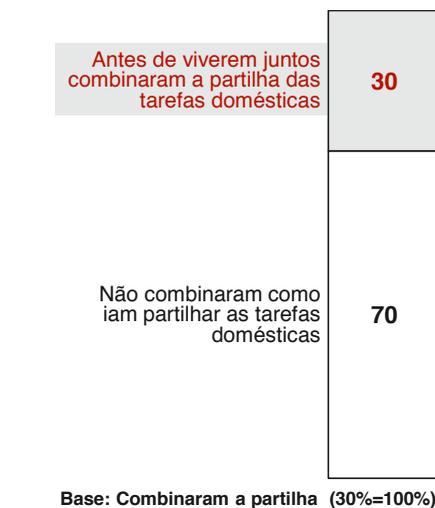
% de mulheres por categoria



Base: Vivem com um homem (56%=100%)

### QUANTOS CASAIS COMBINAM A PARTILHA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS E GRAU DE CUMPRIMENTO

% de mulheres por categoria



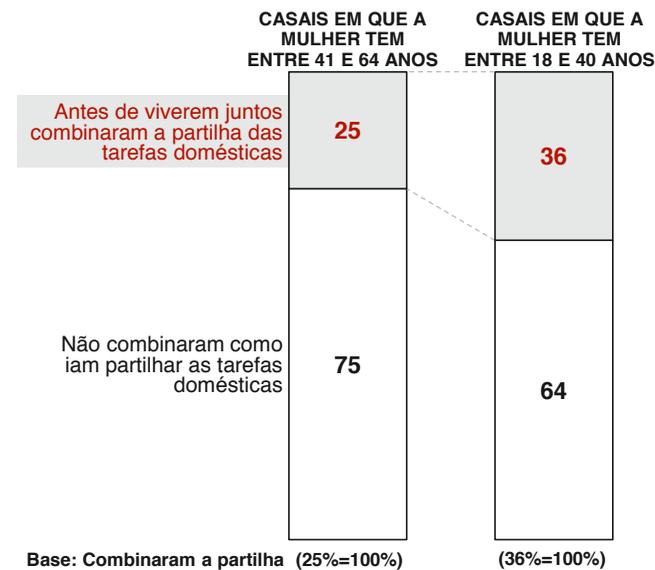
% de casos em que está a ser cumprido aquilo que foi combinado



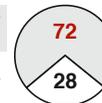
% de casos em que não está a ser cumprido aquilo que foi combinado

### EVOLUÇÃO DOS CASAIS QUE COMBINAM A PARTILHA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS E GRAU DE CUMPRIMENTO

% de mulheres por categoria



% de casos em que está a ser cumprido aquilo que foi combinado



% de casos em que não está a ser cumprido aquilo que foi combinado



### **Como as mulheres que têm filhos/as partilham os cuidados e a educação com o pai**

Das 7 tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/das filhos/as consideradas na investigação, “acompanhá-los/as ao médico/assistir às reuniões da escola” é a que, hoje em dia, mais recai e, além disso quase exclusivamente, sobre as mulheres: elas ocupam-se 82% das vezes, e eles 16%; as restantes 2% das vezes estão a cargo de familiares ou da ajuda remunerada. No extremo oposto, “brincar: jogos de mesa/levá-los/as ao jardim/a passear, etc.” é a tarefa que mais é partilhada, sendo que elas o fazem mais do dobro das vezes que eles: 61% ela relativamente a 29% ele.

Quando as sete tarefas incluídas na investigação são consideradas de forma conjunta, vemos que elas suportam mais do triplo dos cuidados e da educação dos/das filhos/as que eles visto que a mãe realiza, em média, 73% de todas as tarefas e o pai 21%. Os familiares e a ajuda remunerada quase não contam, pois só representam 6%, em média.

Considerando a distribuição entre o pai e a mãe em cada uma das sete tarefas, classificou-se as mulheres em três tipos consoante o peso que a mãe suporta no conjunto das tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/as filhos/as. Os dois tipos mais habituais são o das mulheres que têm uma relação de casal assimétrica nestas questões (dado que elas se encarregam sete ou oito vezes em cada dez) e os “casais simétricos” (ela encarrega-se no máximo seis em cada dez vezes). O tipo menos frequente é o das que definimos como “mulheres sozinhas nas tarefas dos/das filhos/as” porque se ocupam praticamente sozinhas das tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/das filhos/as.

Base: Têm filhos/as (53%=100%)

**TÊM FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria

**PARTILHA DE CADA TAREFA QUANTO AO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS (1)**

% de vezes que se encarrega cada um deles



Familiares ou Ajuda remunerada

Acompanhá-los/as ao médico / assistir às reuniões da escola	82	16	2
Organizar a vida deles/as: escolher a escola, decidir os/as médicos/as, actividades extracurriculares, etc.	79	19	2
Levantar-se quando acorda(m) a meio da noite	78	20	2
Educá-los/as / ajudá-los/as a fazer os trabalhos de casa	74	20	6
Alimentá-los/as / ocupar-se da higiene deles/as	73	20	7
Fazer de motorista deles: Levá-los/as à escola / à paragem de autocarros / actividades extracurriculares	66	24	10
Brincar: jogos de mesa / levá-los/as ao jardim / passear	61	29	10

Têm filhos/as

53

Não têm filhos/as

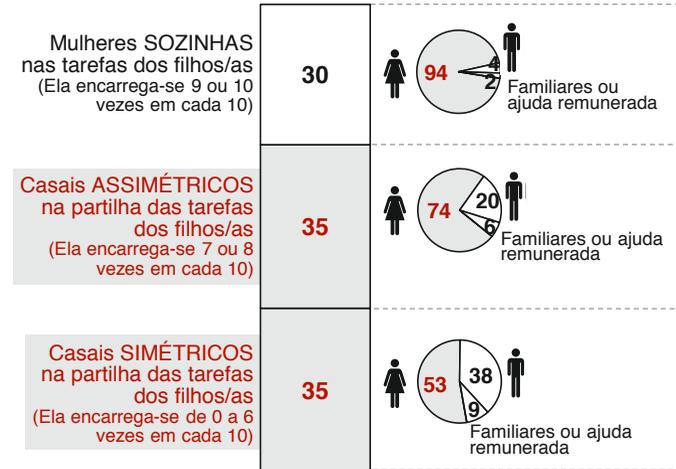
47



**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS NO CASAL**

% de mulheres por categoria

% média de vezes que realiza as tarefas...



(1) Para mulheres com filhos/as crescidos/as, a partilha refere-se a quando estes eram pequenos.

### **Como as mulheres que têm filhos/as partilham os cuidados e a educação com o pai consoante a mãe tem ou não trabalho pago**

Apesar do facto de a mulher estar activa no mercado de trabalho ter bastante efeito sobre como ele e ela distribuem as tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/as filhos/as, a situação continua a ser, entre elas, muito desequilibrada.

Tal como acontece entre as mulheres que não têm trabalho pago, entre as que o têm não há nenhuma tarefa da qual o pai se ocupe igual número de vezes ou mais que a mãe. E o *ranking* das sete tarefas consoante a participação masculina também é quase idêntico nos dois cenários. Nos casais em que as mulheres têm trabalho pago, a tarefa em que os homens participam mais é “brincar: jogos de mesa/ levá-los/as ao jardim/a passear, etc.” (em média, ele fá-lo em 35% dos casos) e aquela em que participam menos é “acompanhá-los/as ao médico/assistir às reuniões da escola” (em média, ele fá-lo em 20% dos casos).

Quando as sete tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/as filhos/as incluídas na investigação são consideradas de forma conjunta, vemos que as mulheres com trabalho pago suportam quase o triplo do que o pai dos/as filhos/as dado que elas realizam, em média, 69% de todas as tarefas, eles 26% e os familiares ou a ajuda remunerada apenas 5%.

Por conseguinte, não chegam a metade (são 43%) as mulheres com trabalho pago que têm uma relação matrimonial simétrica no que diz respeito à distribuição das tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/as filhos/as. 36% são “casais assimétricos” e nas 21% restantes, embora estejam activas no mercado de trabalho, ocupam-se sozinhas das tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/das filhos/as.



**MULHERES QUE TÊM FILHOS/AS E VIVEM COM UM HOMEM E NÃO TÊM TRABALHO PAGO (10%=100%)**

**PARTILHA DE CADA TAREFA QUANTO AO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**

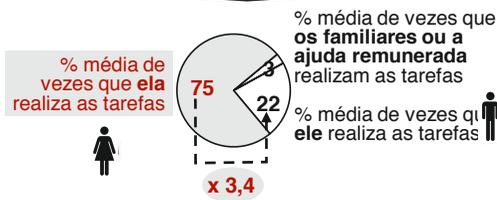
% de vezes que se encarrega cada um deles

Tarefa	Mulher (%)	Homem (%)	Fam. ou Aj. remunerada (%)
Acompanhá-los ao médico / assistir às reuniões da escola	82	17	1
Organizar a vida deles	80	19	1
Levantar-se quando acorda(m) a meio da noite	78	20	2
Alimentá-los / ocupar-se da higiene deles	77	18	5
Educá-los/ ajudá-los a fazer os trabalhos de casa	76	20	4
Fazer de motorista deles	69	26	5
Brincar	59	33	8

**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS NO CASAL**

% de mulheres por categoria

Mulheres SOZINHAS nas tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se 9 ou 10 vezes em cada 10)	31
Casais ASSIMÉTRICOS na partilha das tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se 7 ou 8 vezes em cada 10)	42
Casais SIMÉTRICOS na partilha das tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se de 0 a 6 vezes em cada 10)	27



**MULHERES QUE TÊM FILHOS/AS E VIVEM COM UM HOMEM E TÊM TRABALHO PAGO (27%=100%)**

**PARTILHA DE CADA TAREFA QUANTO AO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS**

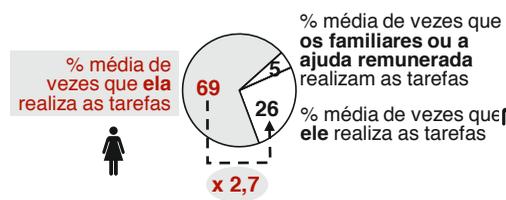
% de vezes que se encarrega cada um deles

Tarefa	Mulher (%)	Homem (%)	Fam. ou Aj. remunerada (%)
Acompanhá-los ao médico / assistir às reuniões da escola	79	20	1
Organizar a vida deles	75	24	1
Levantar-se quando acorda(m) a meio da noite	74	25	1
Educá-los/ ajudá-los a fazer os trabalhos de casa	70	26	4
Alimentá-los / ocupar-se da higiene deles	68	26	6
Fazer de motorista deles	62	29	9
Brincar	57	35	8

**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS NO CASAL**

% de mulheres por categoria

Mulheres SOZINHAS nas tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se 9 ou 10 vezes em cada 10)	21
Casais ASSIMÉTRICOS na partilha das tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se 7 ou 8 vezes em cada 10)	36
Casais SIMÉTRICOS na partilha das tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se de 0 a 6 vezes em cada 10)	43



### **Com que ajuda externa o casal conta para os cuidados e a educação dos/das filhos/as**

De 53% das mulheres com filhos/as entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, quase dois terços têm ou tiveram algum tipo de ajuda regular para os cuidados quando estes eram pequenos: 14% de ajuda regular remunerada e 47% de ajuda regular de familiares. Por conseguinte, quatro em cada dez mulheres com filhos/as, criaram-nos/as sem qualquer tipo de ajuda regular.

A ajuda de que se dispõe com os/as filhos/as, seja esta remunerada ou não, consegue dar um apoio nos cuidados e na educação que é muito inferior ao que se consegue com a casa (6% ou 10% com os/as filhos/as relativamente a 22% nas tarefas domésticas).



**COM QUE FREQUÊNCIA RECEBEM OU RECEBERAM CADA AJUDA PARA CUIDAR DOS FILHOS/AS (1)**

% de mulheres por categoria

**AJUDA DE FAMILIARES**

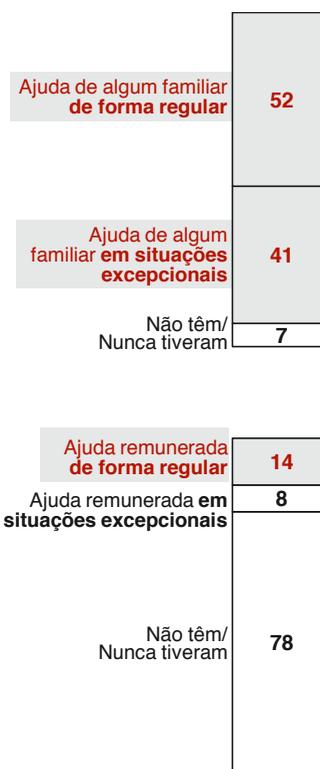
	De forma regular	Em situações excepcionais	Nunca
Avó/avô maternos	41	38	21
Avó/avô paternos	18	38	44
Irmã/o mais velha/o	11	32	57
Outro membro da família	8	39	53
Vizinha/vizinho	19	79	

**AJUDA REMUNERADA**

	De forma regular	Em situações excepcionais	Nunca
Ama	11	5	84
Empregada/o doméstica/o	6	5	89

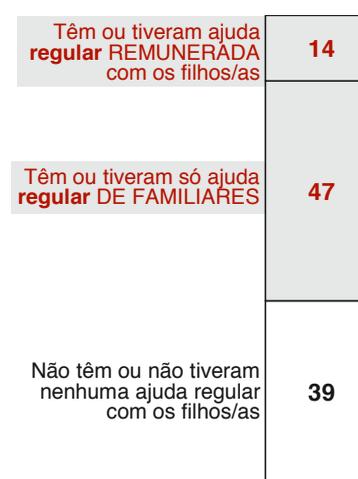
**SÍNTESE DA AJUDA QUE RECEBEM OU RECEBERAM PARA CUIDAR DOS FILHOS/AS (1)/(2)**

% de mulheres por categoria



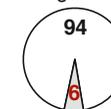
**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA AJUDA QUE TÊM OU TIVERAM PARA OS CUIDADOS DOS FILHOS/AS (1)**

% de mulheres por categoria

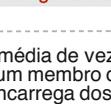


**PARTE DAS TAREFAS DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS SUPORTADA PELA AJUDA EXTERNA (1)**

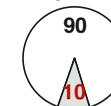
% média de vezes que algum membro do casal se encarrega dos filhos/as



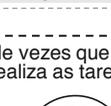
% média de vezes que a ajuda remunerada se encarrega dos filhos/as



% média de vezes que algum membro do casal se encarrega dos filhos/as



% média de vezes que a ajuda de familiares se encarrega dos filhos/as



% média de vezes que algum membro do casal realiza as tarefas domésticas



% média de vezes que a ajuda remunerada realiza as tarefas domésticas

**PARTE DAS TAREFAS DOMÉSTICAS QUE A AJUDA REMUNERADA SUPORTA**



(1) Se os filhos/as filhas são maiores, refere-se à ajuda que tiveram quando eram pequenos/as.

(2) Se o casal recebe ou recebeu pelo menos um dos tipos de ajuda de forma regular, foi classificado como "regular"; se não, foram consideradas as ajudas que o casal recebe ou recebeu "em situações excepcionais".

### **Expectativas nos cuidados e na educação dos/das filhos/as entre as mulheres que hoje não os têm mas querem tê-los, relativamente às que já os têm**

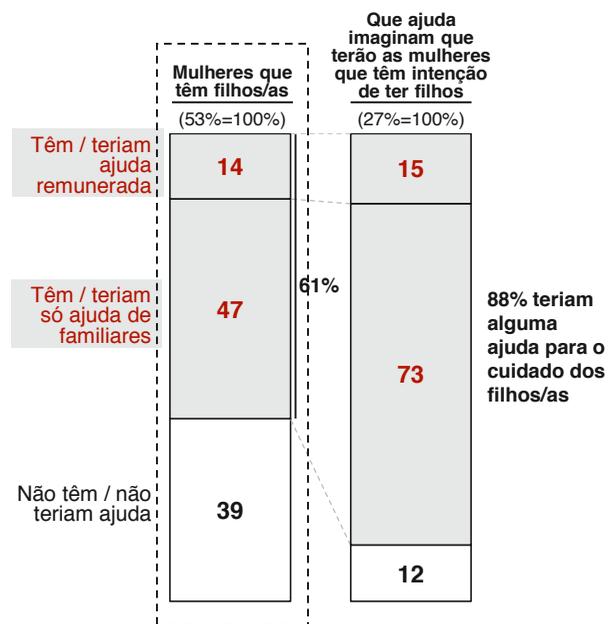
Há um grande abismo entre o cenário imaginado pelas mulheres que ainda não têm filhos/as mas querem tê-los com a realidade que enfrentam as que já têm filhos/as, tanto no que se refere à ajuda regular que pensam que terão (88% imaginam ter alguma ajuda regular nos cuidados e na educação dos/das filhos/as face a 61% das que a tiveram) como no que diz respeito a como imaginam que será a distribuição das tarefas relativas aos cuidados e à educação dos/das filhos/as com o companheiro (imaginam que ele se ocupará, em média, 39% das vezes face a 22% em que eles se ocupam na realidade).

Surpreendente, além disso, é o facto de estas mulheres assumirem que, quando tiverem filhos/as com o companheiro, elas se ocuparão mais vezes que eles: em média, imaginam que elas farão 61% relativamente a 39% que imaginam que eles farão. Partilha que está claramente longe do que imaginam numa situação ideal.



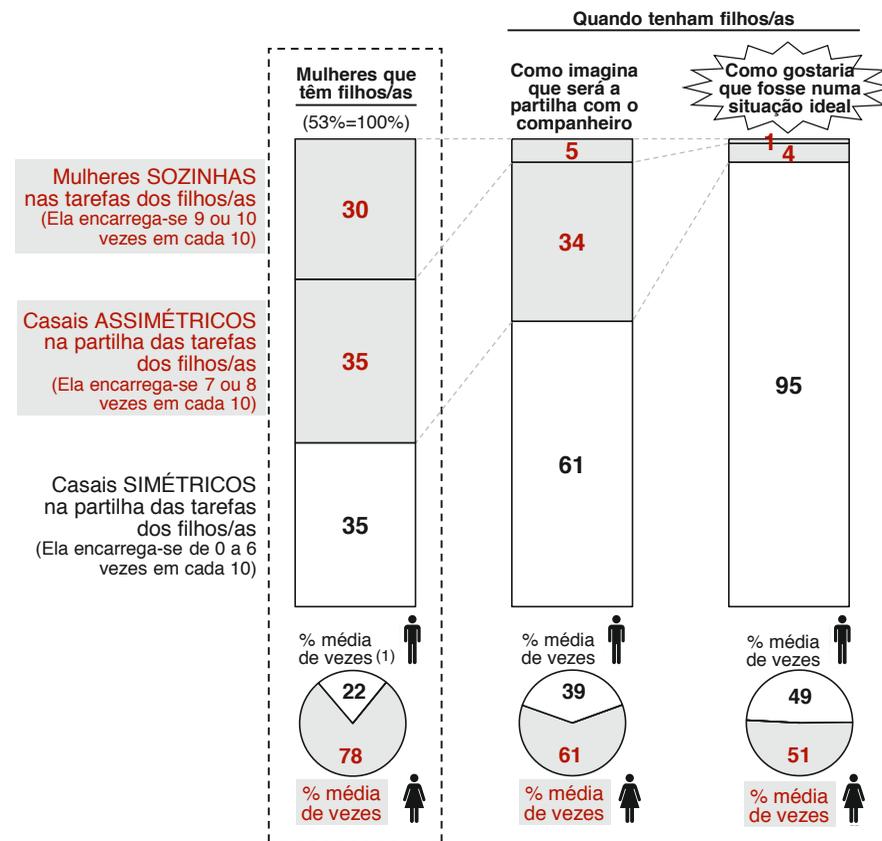
### A AJUDA PARA O CUIDADO DOS FILHOS/AS

% de mulheres por categoria



### A PARTILHA DA EDUCAÇÃO E DO CUIDADO DOS FILHOS/AS ENTRE A MÃE E O PAI

% de mulheres por categoria



(1) 6% do que fazem familiares ou a ajuda remunerada foi recalculado.

### **Evolução da partilha dos cuidados e da educação dos/as filhos/as com o pai**

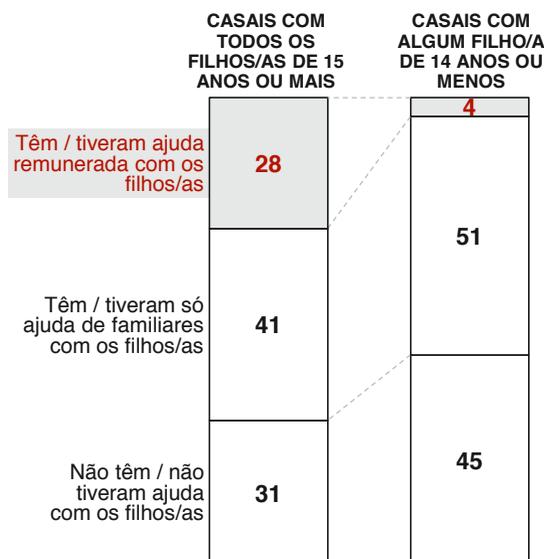
A ajuda remunerada que se tem hoje em dia para os cuidados e a educação dos/das filhos/as é muito inferior ao que era na geração anterior (4% entre os casais com algum filho de 14 anos ou menos face a 28% entre os casais com todos os filhos de 15 anos ou mais).

Apesar de o peso médio da contribuição dos pais se ter mantido igual nesta última geração (em 23%), houve uma evolução favorável na partilha dos cuidados e da educação dos/das filhos/as nalguns casais o que significou que, nos casais com algum/a filho/a de 14 anos ou menos, mais de um terço são “casais simétricos na partilha das tarefas dos/das filhos/as”. Situação que é bastante mais favorável do que era nos casais em que todos os filhos têm 15 anos ou mais (38% face a 31%).



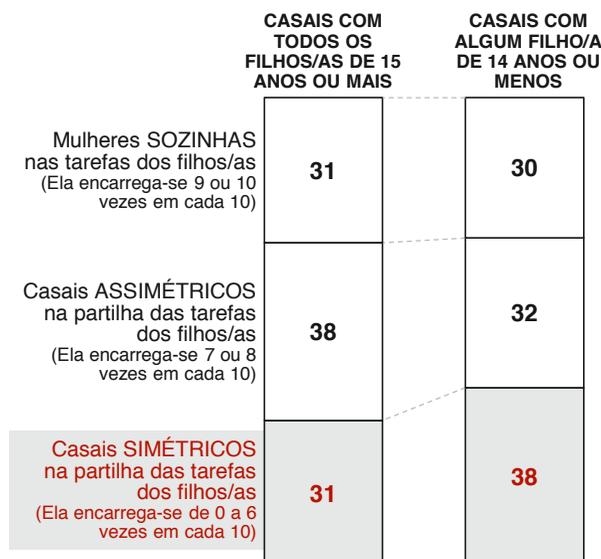
### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA AJUDA DE QUE DISPÕEM / DISPUSERAM PARA O CUIDADO DOS FILHOS/AS

% de mulheres por categoria



### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS

% de mulheres por categoria



### PERCENTAGEM MÉDIA DE VEZES QUE CADA MEMBRO DO CASAL SE ENCARREGA DAS TAREFAS DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS (1)



(1) O que fazem familiares ou a ajuda remunerada foi recalculado.

### **Quantos casais combinam a partilha das tarefas dos/as filhos/as e qual o grau de cumprimento do acordado?**

Das mulheres que têm filhos/as e não são famílias monoparentais, quase dois quintos (39%) manifestam que, antes de ter filhos/as, combinaram a partilha das tarefas de cuidar e educar os/as filhos/as. No entanto, o combinado está a ser cumprido em apenas 60% dos casos.

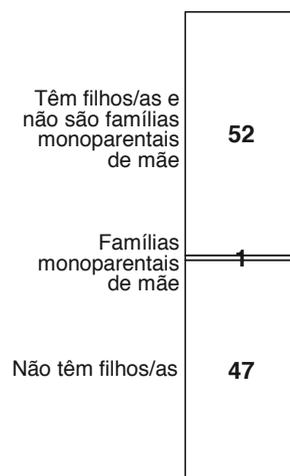
Entre os casais mais jovens (com algum/a filho/a de 14 anos ou menos) não só se está a combinar mais que entre as antecessoras a distribuição das tarefas de cuidar e educar os/as filhos/as (44% relativamente a 34%) como também o combinado também está a ser cumprido em maior grau (em 68% nos casais mais jovens relativamente a 52% nos casais com todos os/as filhos/as de 15 anos ou mais).

De qualquer forma, a grande maioria das mulheres com algum filho/a com 14 anos ou menos, mais de metade (56%) continuam sem encarar a questão de negociar com o companheiro a distribuição dos cuidados e da educação.



**TÊM FILHOS/AS E VIVEM  
COM O COMPANHEIRO/A**

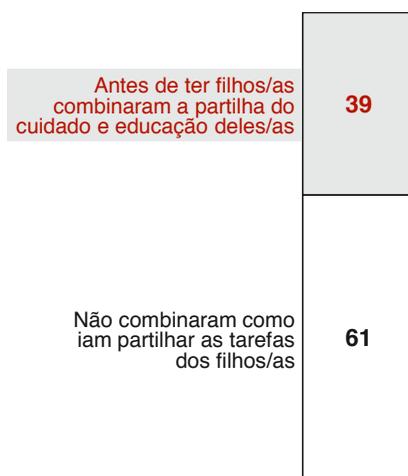
% de mulheres por categoria



Base: Têm filhos/as e não são famílias monoparentais de mãe (52%=100%)

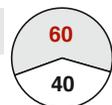
**QUANTOS CASAIS COMBINAM A  
PARTILHA DAS TAREFAS DOS  
FILHOS/AS E GRAU DE CUMPRIMENTO**

% de mulheres por categoria



Base: Combinaram a partilha (39%=100%)

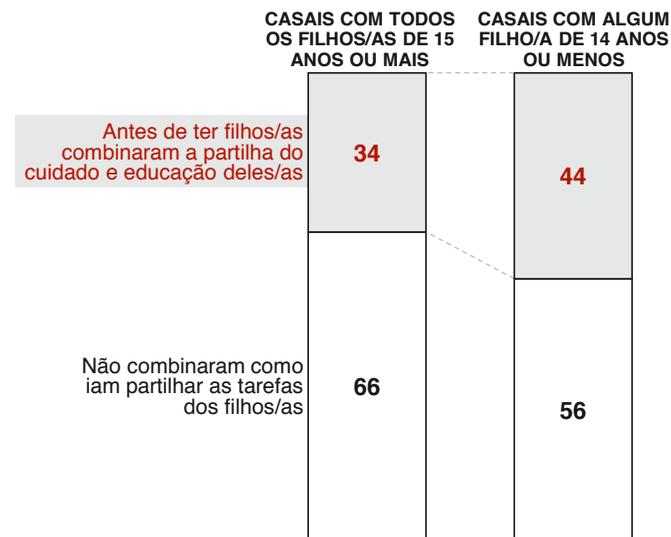
% de casos em que está a ser cumprido aquilo que foi combinado



% de casos em que não está a ser cumprido aquilo que foi combinado

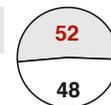
**EVOLUÇÃO DOS CASAIS QUE COMBINAM A PARTILHA  
DAS TAREFAS DOS FILHOS/AS E GRAU DE CUMPRIMENTO**

% de mulheres por categoria



Base: Combinaram a partilha (34%=100%)

% de casos em que está a ser cumprido aquilo que foi combinado



% de casos em que não está a ser cumprido aquilo que foi combinado

(44%=100%)



### **Parte do trabalho não pago da família suportado pelas mulheres**

Entre as mulheres que vivem com um homem, que são 56% dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, quando temos em conta, de forma conjunta, a distribuição do tempo que é necessário destinar ao trabalho não pago da casa e aos cuidados e à educação dos/das filhos/as podemos classificar os casais em quatro tipos.

O tipo mais recorrente, composto por 42% dos casais, é o constituído por aqueles casais em que “ela faz mais do que ele” dado que costuma encarregar-se, em média, de 73% das tarefas familiares.

O tipo seguinte mais recorrente, em que se encontram 33%, é o dos casais em que “ela faz sozinha todo o trabalho não pago da família”, visto encarregar-se, em média, de 90% das tarefas familiares.

Somando estes dois tipos mais recorrentes de mulheres, podemos concluir que em 75% dos casais em que uma mulher vive com um homem, ela contribui muito mais do que ele para os trabalhos não remunerados que derivam da família que formaram.

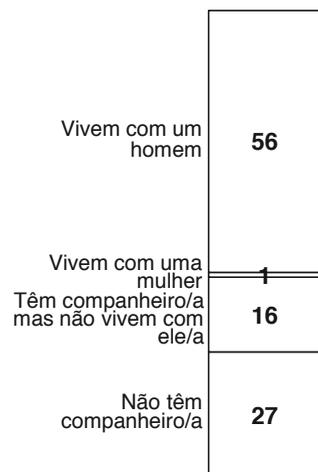
Os casais equilibrados, porque tanto ele como ela proporcionam um número de horas semelhante, não chegam a um quarto, 23%. E aqueles em que ele costuma fazer mais do que ela representam um valor muito escasso de 2%.

■ O mais habitual

Base: Vivem com um homem (56%=100%)

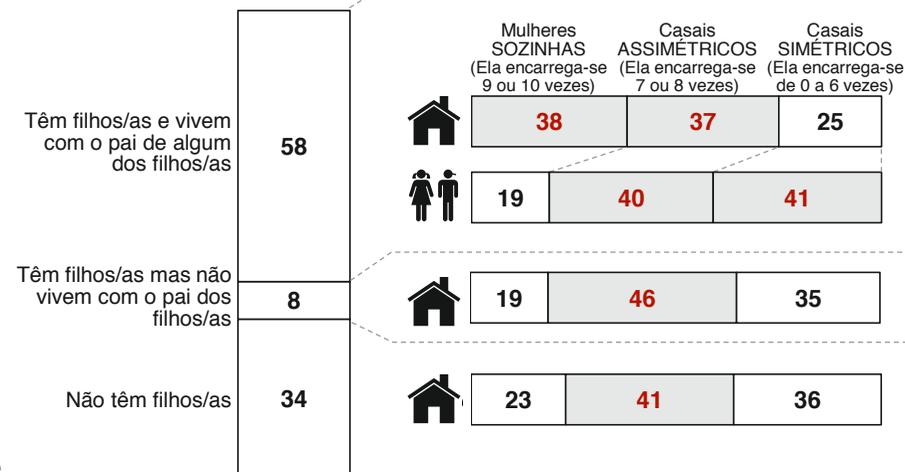
### SITUAÇÃO DE CASAL

% de mulheres por categoria



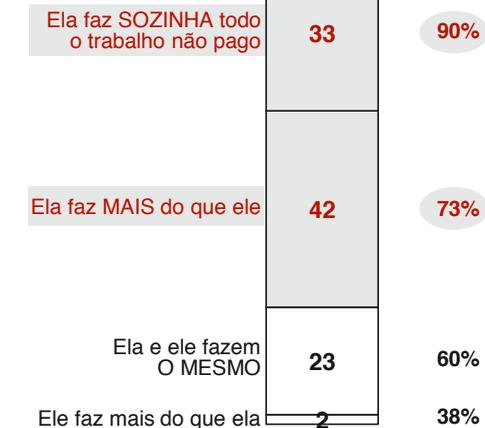
### PARTE DO TRABALHO NÃO PAGO NA FAMÍLIA QUE AS MULHERES SUPORTAM EM FUNÇÃO DE SE VIVEM OU NÃO COM O PAI DOS FILHOS/AS

% de mulheres por categoria



### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO NÃO PAGO NO CASAL

% de mulheres por categoria



### **Parte das responsabilidades familiares suportadas pelas mulheres**

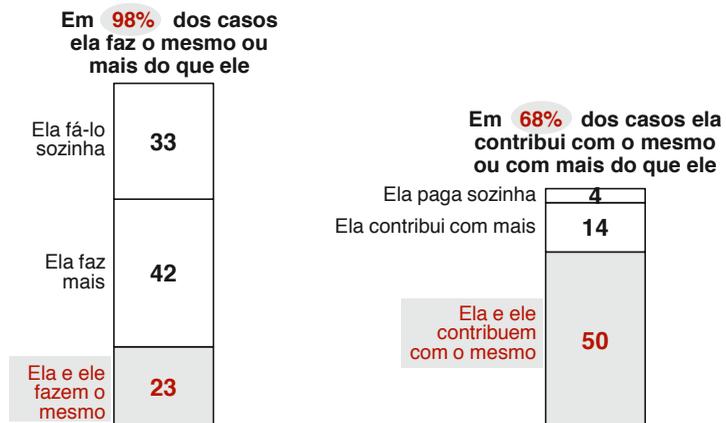
As mulheres avançaram muito mais depressa na contribuição para as despesas familiares (o tradicional terreno dos homens) do que os homens avançaram na contribuição para as horas de trabalho não pago que a família exige, inclusivamente entre os casais em que a mulher tem trabalho pago:

- A contribuição da mulher para as responsabilidades familiares é elevada tanto em tempo de dedicação como em despesas pagas: em 98% dos casos ela faz o mesmo trabalho não pago ou mais do que ele e, em 73% dos casos, ela contribui para as despesas familiares com o mesmo dinheiro ou mais do que ele.
- No entanto, a contribuição do homem é elevada só nas despesas pagas: em 81% dos casos, ele contribui para as despesas familiares com o mesmo dinheiro ou mais do que ela enquanto em apenas 27% dos casos ele faz o mesmo trabalho não pago ou mais do que ela.

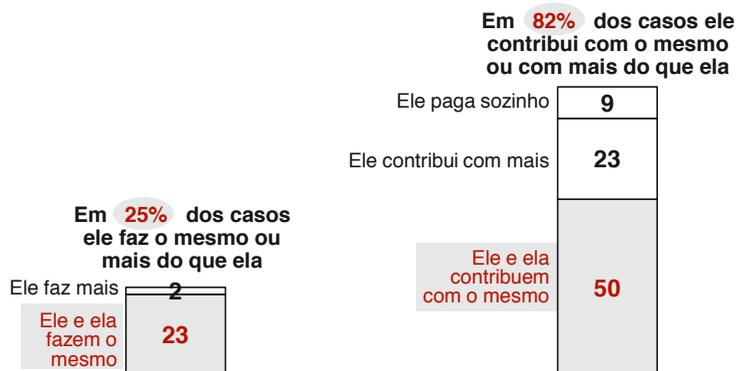
**MULHERES QUE VIVEM  
COM UM HOMEM  
(56%=100%)**



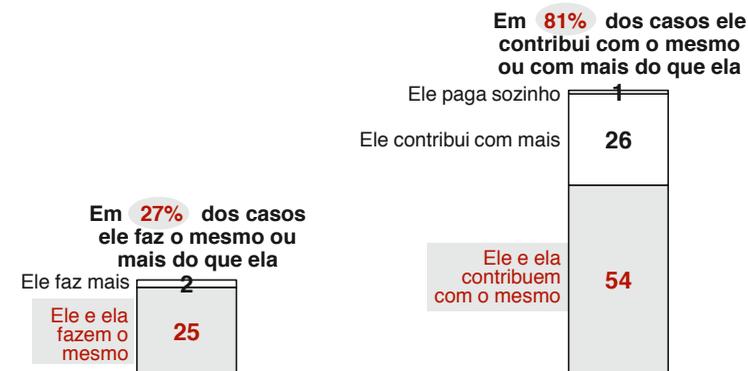
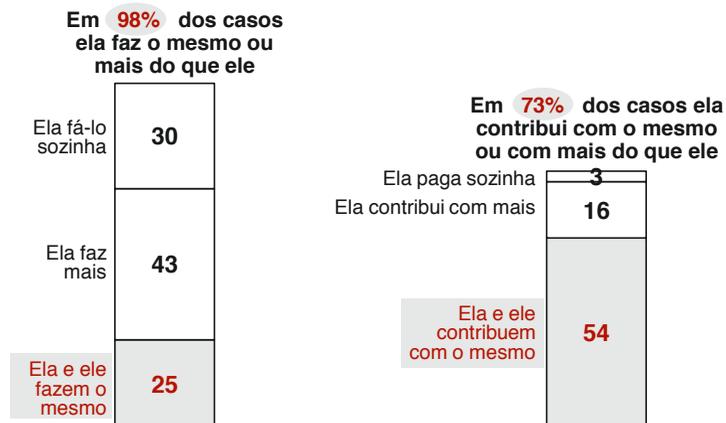
**CONTRIBUIÇÃO  
DA MULHER (1)**  
% de mulheres  
por categoria



**CONTRIBUIÇÃO  
DO HOMEM (1)**  
% de homens  
por categoria



**MULHERES QUE VIVEM COM UM  
HOMEM E TÊM TRABALHO PAGO  
(43%=100%)**



(1) Para efeitos desta análise, foram considerados apenas os casais que vivem na sua própria casa.

### **Parte das responsabilidades familiares suportadas pelas mulheres segundo o grau de realização da mulher com a relação de casal**

Entre as mulheres que vivem com um homem, há forte relação entre o grau de realização da mulher com a relação de casal e a forma como ambos partilham as responsabilidades familiares:

- Se ela e ele partilham de forma equilibrada o trabalho não pago na família, a probabilidade de a mulher se sentir “realizada” na relação de casal aumenta: entre as que se “arrependem” da relação de casal, mais de metade (54%) estão a fazer sozinhas todo o trabalho não pago, enquanto as que o estão a fazer sozinhas reduzem-se a 27% entre as “realizadas”.
- O mesmo acontece na contribuição para as despesas da família. Entre as que se sentem “realizadas” com a relação de casal, em mais de metade (54%) ela e ele contribuem com o mesmo dinheiro. No entanto, entre as que se “arrependem”, em 41% dos casos ela paga sozinha todas as despesas ou contribui com mais dinheiro do que ele e entre as que se sentem “enganadas”, ele contribui com mais dinheiro do que ela em 36% dos casos.
- O facto de os dois membros do casal terem um horário que lhes permite conciliar o trabalho pago com a vida familiar aumenta a probabilidade de se sentirem “realizadas” com a relação de casal e minimiza a probabilidade de se “arrependerem”.

● Valores máximos  
○ Valores mínimos

**GRAU DE REALIZAÇÃO COM A RELAÇÃO DE CASAL**  
% de mulheres por categoria

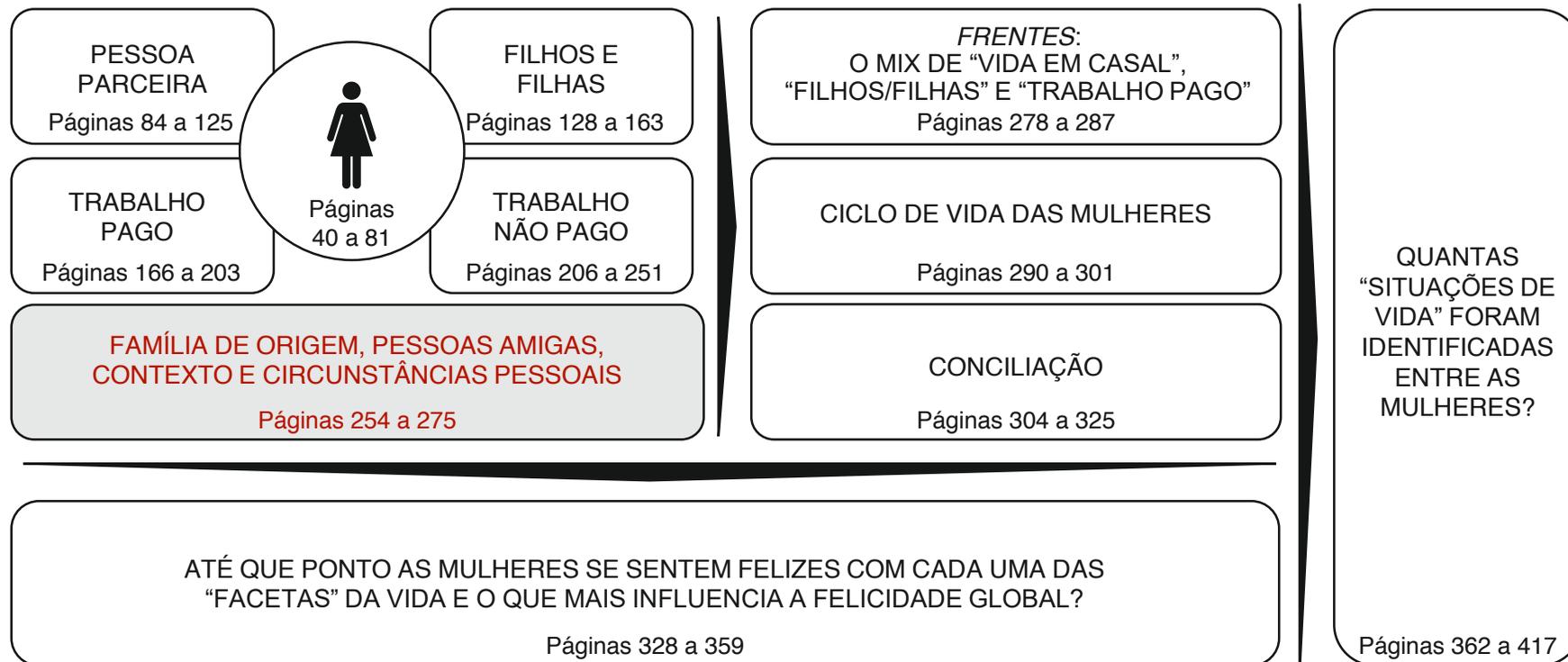
"Arrependem-se" da sua relação de casal	6
Sentem-se "Enganadas" com a sua relação de casal	20
Sentem-se "Realizadas" com a sua relação de casal	74

		"Arrependem-se" (6%=100%)	Sentem-se "Enganadas" (20%=100%)	Sentem-se "Realizadas" (74%=100%)
<b>DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS NO CASAL</b> 	Base: Ela tem filhos/as	(57%)	(75%)	(66%)
	Mulheres SOZINHAS nas tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se 9 ou 10 vezes em cada 10)	32%	26%	22%
	Casais ASSIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se 7 ou 8 vezes em cada 10)	48%	43%	35%
	Casais SIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se de 0 a 6 vezes em cada 10)	20%	31%	43%
<b>DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS NO CASAL</b> 	Mulheres SOZINHAS nas tarefas domésticas (Ela encarrega-se 9 ou 10 vezes em cada 10)	46%	44%	25%
	Casais ASSIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se 7 ou 8 vezes em cada 10)	35%	31%	42%
	Casais SIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se de 0 a 6 vezes em cada 10)	19%	25%	33%
<b>SÍNTESE DA CONTRIBUIÇÃO DE CADA MEMBRO DO CASAL EM TEMPO</b> 	Ela faz SOZINHA todo o trabalho não pago	54%	44%	27%
	Ela faz MAIS trabalho não pago do que ele	33%	35%	46%
	Ele e ela fazem O MESMO trabalho não pago	13%	16%	26%
	Ele faz mais trabalho não pago do que ela	0%	5%	1%
<b>SÍNTESE DA CONTRIBUIÇÃO DE CADA MEMBRO DO CASAL EM DINHEIRO</b> 	Ela paga SOZINHA as despesas familiares	15%	6%	2%
	Ela contribui com MAIS dinheiro do que ele para as despesas da família	26%	21%	12%
	Ela e ele contribuem com O MESMO	35%	37%	54%
	Ele contribui com mais dinheiro do que ela para as despesas da família	24%	36%	32%
<b>HORÁRIO DE TRABALHO DO CASAL</b>	Os dois têm um horário que lhes permite conciliar o trabalho pago com a vida familiar	24%	35%	42%
	Só um dos dois ou nenhum tem um horário que lhes permite conciliá-los	30%	35%	28%
	Ela não tem trabalho pago/ele sim	15%	17%	17%
	Ela tem trabalho pago/ele não	14%	9%	6%
	Nenhum dos dois tem trabalho pago	17%	4%	7%

## **Capítulo 6**

### **Principais resultados sobre a família de origem, pessoas amigas, contexto e circunstâncias pessoais**

Nas páginas da 254 à 275 são apresentados os principais resultados obtidos em relação à família de origem (mãe, pai, irmãos/ãs, etc.), as pessoas amigas, contexto e circunstâncias pessoais.



### **Com que frequência as mulheres vêm a mãe, o pai e os/ as irmãos/ãs?**

Dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a grande maioria (78%) tem relação com a mãe. 17% são mulheres cuja mãe faleceu e o mais excepcional são as que declararam que não querem falar da mãe (5%). Entre as mulheres que têm relação com a mãe o mais habitual, que sucede em mais de metade dos casos, é que, apesar de já não viverem com ela, a vejam todas as semanas. 20% estão ainda a viver com a mãe.

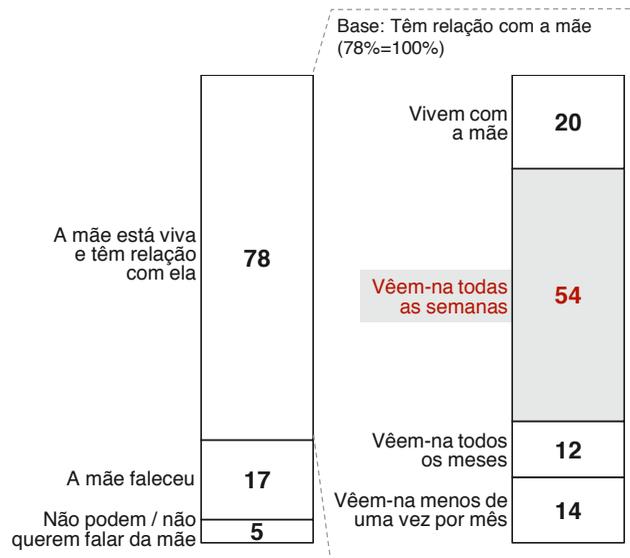
As mulheres que têm relação com o pai são bastantes menos, 61%. A causa principal desta proporção ser inferior ao caso da mãe é que o pai faleceu numa proporção superior: 31% dos casos. As que manifestaram que não querem falar do pai são quase o dobro que no caso das mães (8% relativamente a 5%). Entre as mulheres que têm relação com o pai o mais habitual, como sucede no caso da mãe, é que, apesar de já não viverem com ele, o vejam todas as semanas. As que estão ainda a viver com o pai são quase as mesmas que as que estão a viver com a mãe.

Entre as que não são filhas únicas (86%), o mais habitual, que sucede em 49% dos casos, é ver todas as semanas o irmão ou a irmã com os quais mais se relacionam.

■ O mais habitual

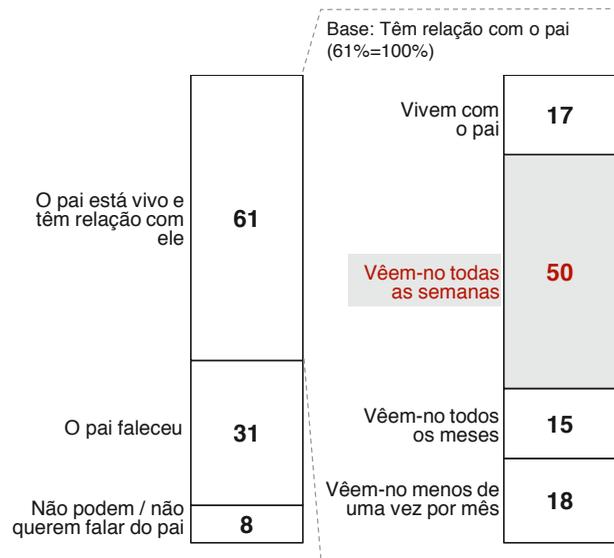
### FREQUÊNCIA COM QUE VÊM A MÃE

% de mulheres por categoria



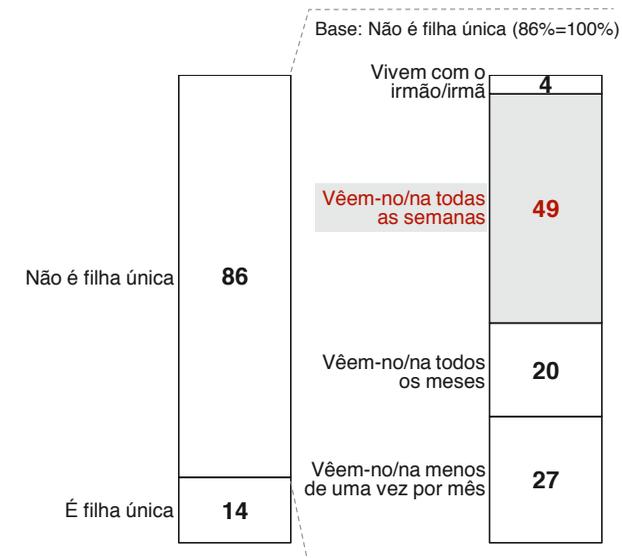
### FREQUÊNCIA COM QUE VÊM O PAI

% de mulheres por categoria



### FREQUÊNCIA COM QUE VÊM O IRMÃO/IRMÃ QUE VÊM MAIS

% de mulheres por categoria



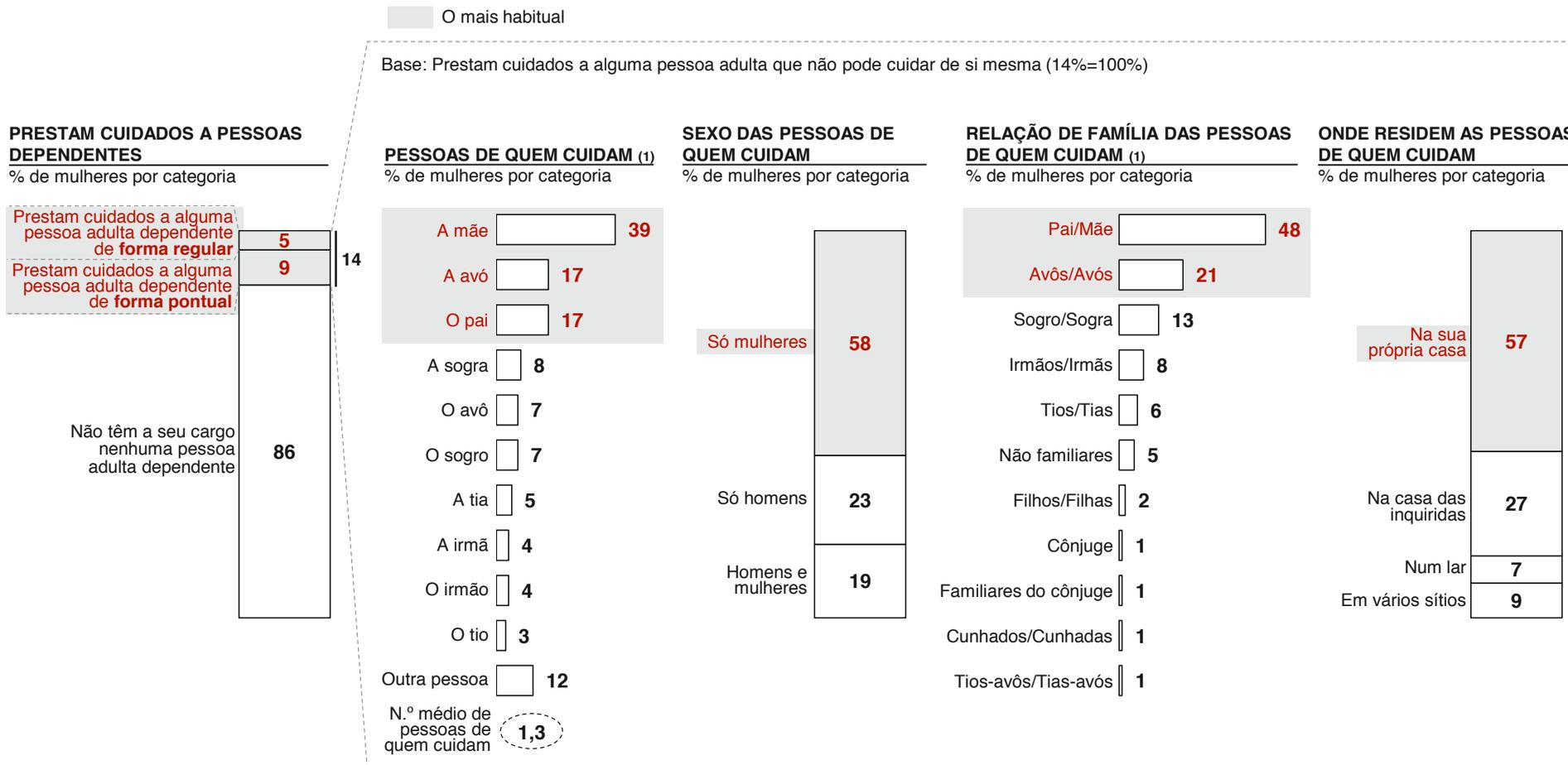
### **Membros da família dependentes**

Dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, a grande maioria (86%) não tem a cargo nenhuma pessoa adulta dependente.

Entre as que têm a cargo alguma pessoa adulta dependente o mais comum é prestar-lhe cuidados de forma pontual (9%) e o menos comum é prestar-lhe cuidados de forma regular (5%).

Entre as mulheres que prestam cuidados a alguma pessoa adulta que não pode cuidar de si própria, as pessoas mais frequentes de quem cuidam são: a mãe, a avó e o pai. Em média, cuidam de 1,3 pessoas e em mais de metade dos casos (58%), cuidam só de outras mulheres.

O mais habitual é que as pessoas de quem cuidam residam na sua própria casa (57%). Contudo, em 27% dos casos, a pessoa de quem cuidam reside na casa das inquiridas.



(1) Recolhe a totalidade das pessoas de quem cuidam, pelo que a soma pode ser superior a 100%.

### **Grau de dependência dos pais e cuidado dos/das netos/as**

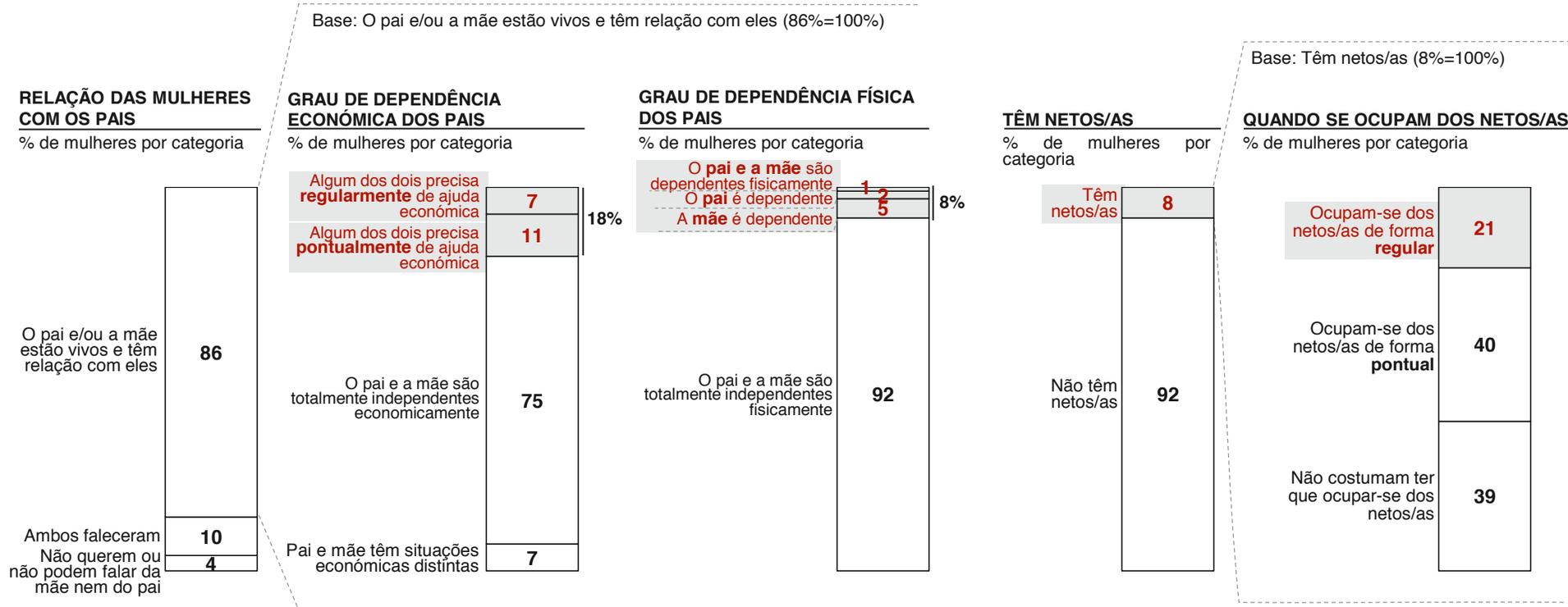
Entre 86% de mulheres que têm o pai ou a mãe vivos e têm relação com eles, os progenitores são mais dependentes economicamente que em termos físicos (18% relativamente a 8%).

Entre 18% de progenitores que necessitam de algum tipo de ajuda económica, é mais habitual que dela necessitem de forma pontual que de forma regular (11% relativamente a 7%).

De 8% que são dependentes fisicamente, o mais habitual é que a dependente seja a mãe e são casos excepcionais aqueles em que tanto a mãe como o pai são dependentes.

No que diz respeito aos netos, só 8% das mulheres que foram objecto deste estudo foram avós. Entre elas, o mais habitual é ocupar-se dos netos/as de forma pontual e que os filhos ou as filhas não costumem necessitar que elas se ocupem dos netos/as. O menos comum acontece a uma em cada cinco avós (21%), e que é ter de se ocupar dos netos de forma regular.

Por conseguinte, entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa o cuidado de algum progenitor fisicamente dependente afecta quatro vezes mais mulheres que o cuidado regular de netos/as: 7% relativamente a 2%, respectivamente.



## As amigas e os amigos

As mulheres que fazem parte dos 2,7 milhões que esta investigação representa declararam ter mais amigas que amigos: em média, 2,2 amigos e 3,0 amigas. De acordo com isto, o círculo de amizades é composto, em média, por mais de 5 pessoas.

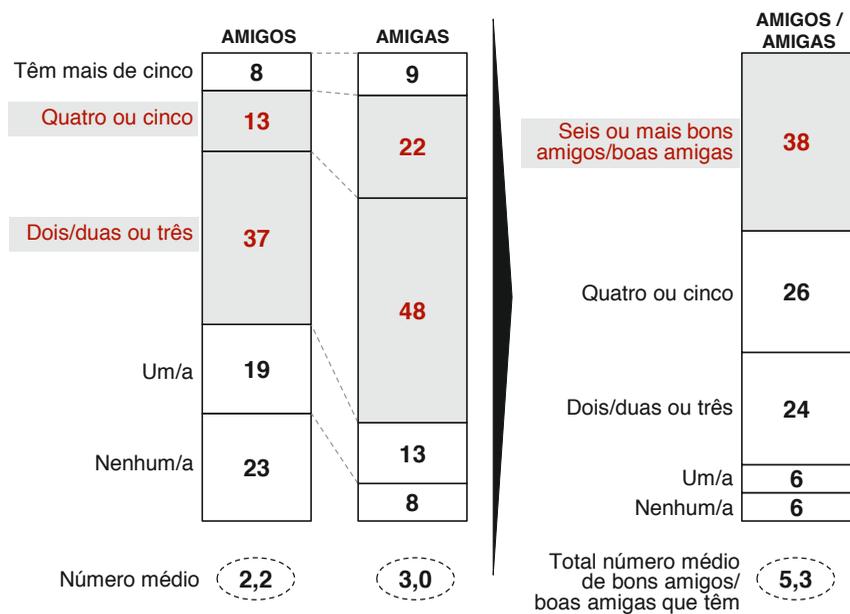
Conforme o sexo das amizades, observa-se que ter só amigos ou só amigas ocorre em casos excepcionais: 2% e 17%, respectivamente. O mais habitual, porque acontece em 75% dos casos, é ter tanto amigas como amigos. As que manifestaram não ter nem amigas nem amigos não chegam a uma em cada dez (6%).

Quando não só consideramos o sexo das amizades, mas também quantos são homens relativamente a quantas são mulheres, podemos observar que as mulheres cujo “mix” de amizades é basicamente feminino (53%) é muito superior ao das mulheres que têm um círculo de amizades com uma proporção equilibrada entre mulheres e homens (25%) ou ao das mulheres que têm mais amigos que amigas (16%).

O mais habitual

### DIMENSÃO DO CÍRCULO DE PESSOAS AMIGAS

% de mulheres por categoria



### SEXO DAS PESSOAS AMIGAS

% de mulheres por categoria



### SEXO PREDOMINANTE ENTRE AS PESSOAS AMIGAS

% de mulheres por categoria



### **Grau de formalização da relação de casal dos pais, das próprias e presença de separações e divórcios no seu ambiente próximo**

Ao comparar o nível de formalização das relações na actual geração de mulheres com o da geração dos pais, podemos concluir que os casamentos pela igreja estão-se a reduzir rapidamente (agora são menos de metade) a favor das uniões de facto formalizadas ou das que não fizeram nenhum procedimento para formalizá-las (que se multiplicaram por 18, dado que praticamente não existiam).

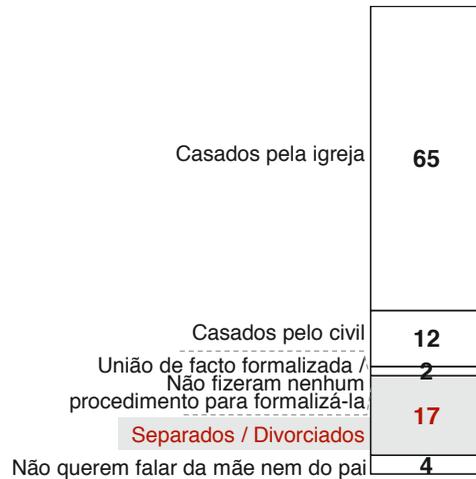
Por outro lado, observa-se que as separações e os divórcios são uma questão que está a aumentar dado que:

- Entre os pais dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, 17% deles separaram-se ou divorciaram-se.
- Entre as mulheres que têm experiência de vida em casal, que são 81%, as separações ou os divórcios são cerca de dois em cada dez (afectam 19%).
- No ambiente das amigas que formalizaram as respectivas relações, quase três em cada dez (30% em média) dos amigos ou amigas estão separados ou divorciados.

GERAÇÃO  
ANTERIOR

**GRAU DE FORMALIZAÇÃO DA RELAÇÃO  
DE CASAL DOS PAIS**

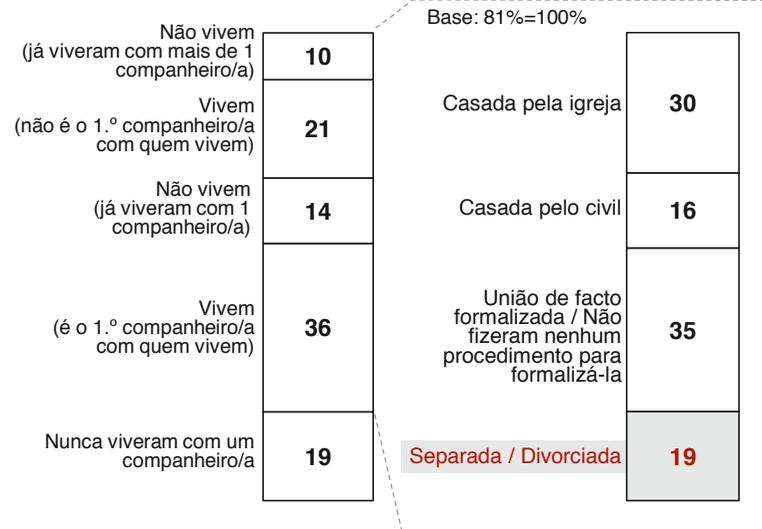
% de mulheres por categoria



GERAÇÃO  
ACTUAL

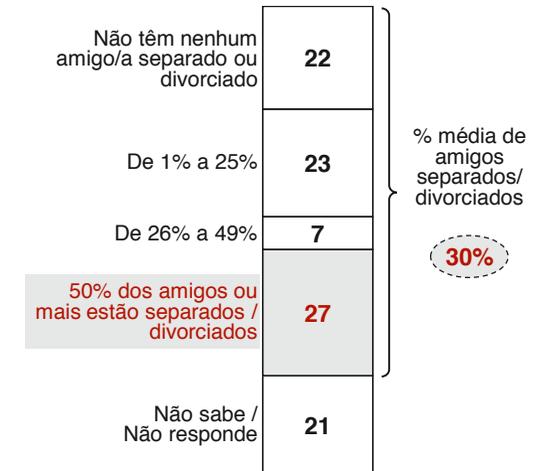
**GRAU DE FORMALIZAÇÃO DA RELAÇÃO DE CASAL DA MULHER**

% de mulheres por categoria



**PERCENTAGEM DE PESSOAS AMIGAS  
SEPARADAS/ DIVORCIADAS ENTRE AS QUE  
FORMALIZARAM A SUA RELAÇÃO (1)**

% de mulheres por categoria



(1) As pessoas amigas que formalizaram a sua relação são 86% do total.

### Situação económica

A situação económica da maioria das mulheres objecto deste estudo que vive na sua casa (73%) é bastante precária:

- Mais de metade (59%) gastam mais de 80% dos rendimentos familiares que têm. Em média, a despesa é de 85%.
- Mais de metade (56%) declararam que sempre ou quase sempre têm dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês. Entre estas, a despesa média sobre os rendimentos situa-se entre 90% e 97%. As que nunca têm dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês representam um valor escasso de 12%.

O tipo de rendimentos familiares mais habitual é o salário (60%)

O mais habitual

Base: Vivem na sua casa (73%=100%)

### ONDE VIVEM

% de mulheres por categoria

Na casa delas	73
Em casa dos pais	21
Noutros sítios	6

### PERCENTAGEM DOS RENDIMENTOS FAMILIARES QUE GASTAM

% de mulheres por categoria

Gastam menos de 50% dos rendimentos	4
Entre 50% e 60%	8
Entre 61% e 70%	7
Entre 71% e 80%	22
Entre 81% e 90%	20
Entre 91% e 99%	13
Gastam 100% dos rendimentos	26

59%

% média de despesa **85%**

### TÊM DIFICULDADE EM FAZER CHEGAR O DINHEIRO ATÉ AO FIM DO MÊS

% de mulheres por categoria

Nunca têm dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês	12	71%
Quase nunca têm dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês	32	79%
Quase sempre têm dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês	40	90%
Sempre têm dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês	16	97%

% média de despesa

### QUE TIPOS DE RENDIMENTOS FAMILIARES TÊM

% de mulheres por categoria

Salário	60
Honorários como profissional independente	8
Pensão de velhice	5
Outra pensão/subsídio (parental, invalidez, viuvez, dependência, deficiência, etc.)	5
Rendimentos procedentes do aluguer de imóveis	3
Subsídio de desemprego	3
Rendimentos de poupanças e investimentos	3
O dinheiro que os pais/outros familiares lhes dão	3
Lucros de empresa, negócio ou comércio	2
Rendimento social de inserção (RSI)	2
O que elas ganham a dar explicações, a fazer de <i>babysitter</i> , etc.	2
Outros tipos de rendimentos	2
Não têm rendimentos	1

### Quantas mulheres sofreram assédio no trabalho?

Das mulheres com experiência no mercado de trabalho que esta investigação representa, 16% declararam que alguma vez passaram por alguma das duas situações de “assédio sexual” no trabalho consideradas neste estudo. Entre elas, as que sofreram alguma situação de “insinuações sexuais/atenção sexual não desejada” são o dobro das que sofreram “Contacto físico não desejado”.

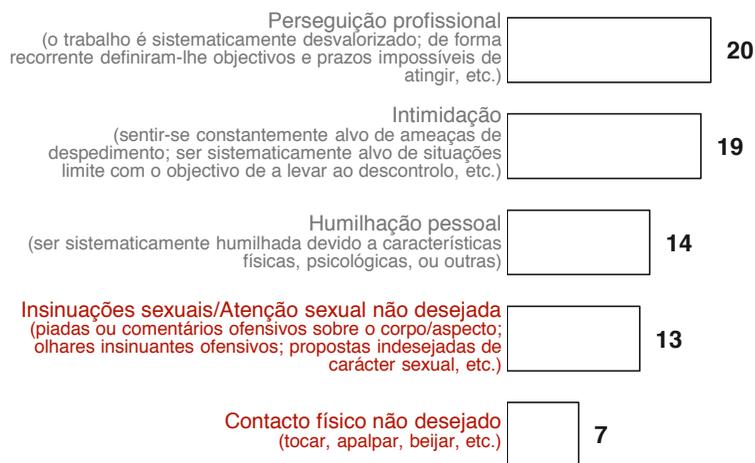
Por outro lado, mais de um terço (35%) declararam que alguma vez passaram por alguma das três situações consideradas de “assédio moral no trabalho”. Entre elas, as duas mais frequentes são a “perseguição profissional” e a “intimidação”.

Ao considerar de forma conjunta os dois tipos de situações de assédio no trabalho, classificou-se as mulheres com experiência no mercado de trabalho em quatro tipos:

- As que passaram por situações de assédio dos dois tipos (“sexual” e “moral”) são 9%.
- Aquelas em que a totalidade de situações de assédio no trabalho que enfrentaram foram do tipo “sexual” são 7%.
- Aquelas em que a totalidade de situações de assédio no trabalho que enfrentaram foram do tipo “moral” são 26%.
- As que nunca passaram por nenhuma das cinco situações consideradas de assédio no trabalho representam um pouco mais de metade (53%)
- As restantes 5% são mulheres que não souberam ou não quiseram responder a esta pergunta.

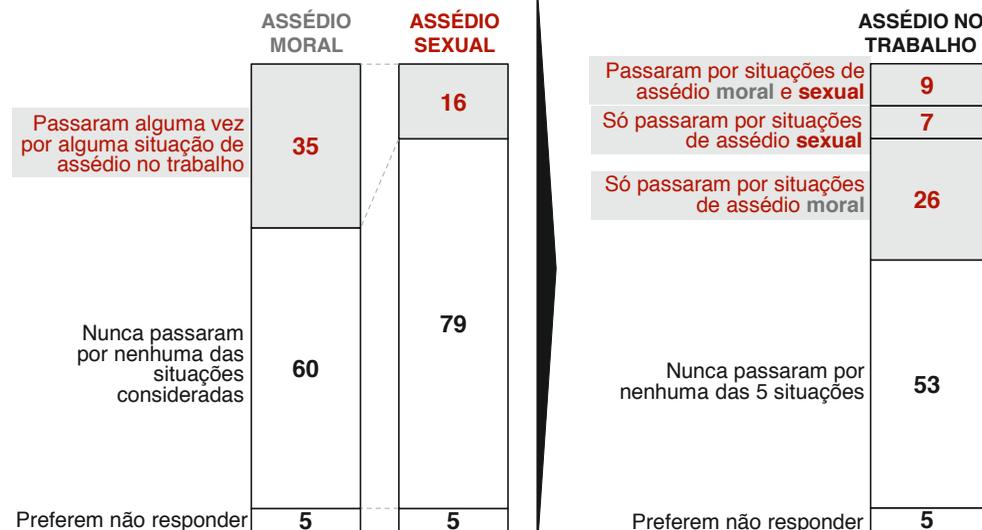
### QUANTAS MULHERES SOFRERAM CADA SITUAÇÃO DE ASSÉDIO NO TRABALHO

% de mulheres que enfrentaram cada situação



### SÍNTESE DOS TIPOS DE SITUAÇÕES DE ASSÉDIO NO TRABALHO QUE AS MULHERES SOFRERAM

% de mulheres que enfrentaram cada tipo de situação



### **Quantas mulheres sofreram assédio no trabalho em função de alguns critérios-chave?**

No que diz respeito à idade, na faixa etária dos 28 aos 34 anos alcança-se o valor mais elevado daquelas em que a totalidade de situações de assédio no trabalho que enfrentaram foram do tipo “moral” (33%). Entre as que têm 50 anos ou mais, alcança-se o valor mais elevado das que nunca passaram por nenhuma situação de assédio no trabalho (61%).

Das mulheres com experiência no mercado de trabalho que esta investigação representa, o assédio do tipo “sexual” no trabalho não parece ter relação nem com a idade da mulher nem com o seu nível de escolaridade. No entanto, observa-se uma relação com as formas de ser e atitudes perante a vida da mulher: entre as “Seguras-Tolerantes” e as “Liberais” é onde é maior a proporção das que declararam que passaram por situações de assédio no trabalho do tipo “sexual” (24% e 21%, respectivamente).

Principais diferenças

	Mulheres com experiência no mercado de trabalho (91%=100%)
Assédio moral e sexual	9
Assédio sexual	7
Assédio moral	26
Nunca passaram por nenhuma situação de assédio no trabalho	53
Preferem não responder	5

### EM FUNÇÃO DAS FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA

% de mulheres por categoria

	"Reservadas" (20%=100%)	"Conservadoras" (24%=100%)	"Seguras-Intolerantes" (24%=100%)	"Seguras-Tolerantes" (16%=100%)	"Liberais" (16%=100%)
Assédio moral e sexual	6	6	10	13	13
Assédio sexual	4	6	5	11	8
Assédio moral	25	28	25	26	29
Nunca passaram por nenhuma situação de assédio no trabalho	60	57	57	44	43
Preferem não responder	5	3	3	6	7

### EM FUNÇÃO DA IDADE

% de mulheres por categoria

	De 18 a 27 anos (20%=100%)	De 28 a 34 anos (15%=100%)	De 35 a 49 anos (41%=100%)	De 50 a 64 anos (24%=100%)
Assédio moral e sexual	13	7	9	9
Assédio sexual	3	7	7	7
Assédio moral	28	33	27	21
Nunca passaram por nenhuma situação de assédio no trabalho	50	48	51	61
Preferem não responder	6	5	6	2

### EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE

% de mulheres por categoria

	Até ao ensino básico (23%=100%)	Secundário ou pós-secundário (até 17/18) (38%=100%)	Bacharelato/licenciatura (30%=100%)	Mestrado ou doutoramento (9%=100%)
Assédio moral e sexual	10	9	8	8
Assédio sexual	4	6	9	8
Assédio moral	25	28	26	28
Nunca passaram por nenhuma situação de assédio no trabalho	54	52	54	54
Preferem não responder	7	5	3	2

### Quantas mulheres sofreram violência doméstica e de gênero?

Dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, 33% declararam que alguma vez sofreram alguma das doze situações de “violência psicológica” consideradas neste estudo. Entre elas, as situações de “supercontrolo”, “intimidação” e “menosprezo ou humilhação em privado”, são as mais frequentes.

As que sofreram “violência física” são mais de uma em cada dez (12%).

As que sofreram alguma das três situações de “violência sexual” consideradas são uma em cada dez (10%).

As que sofreram “violência contra os/as filhos/as” são 2%.

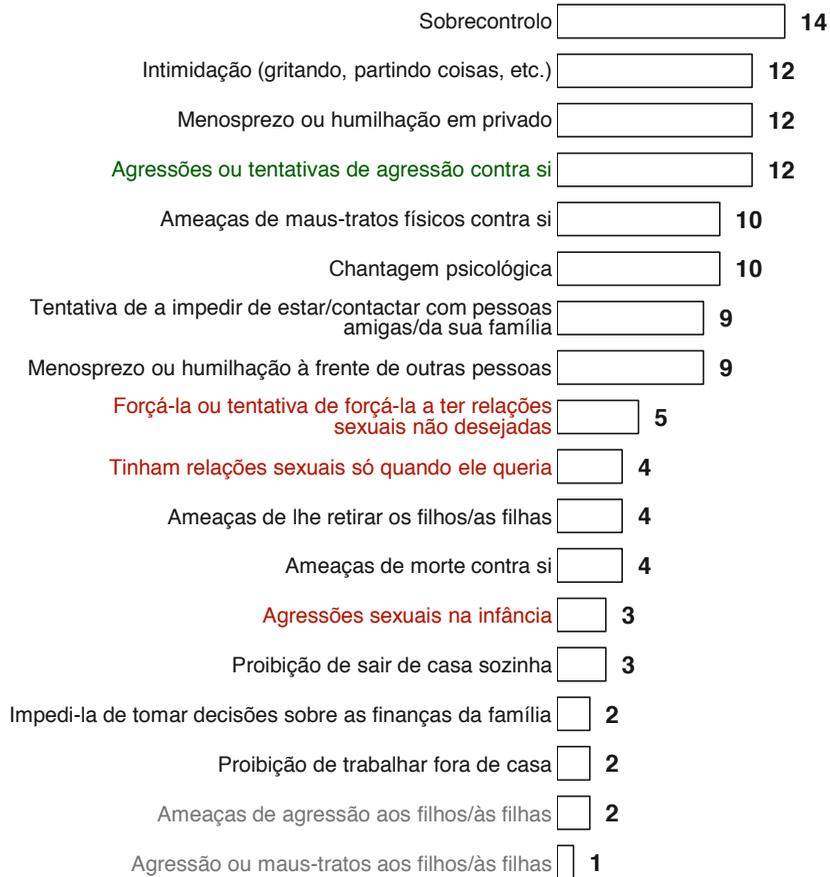
Ao considerar de forma conjunta os quatro tipos de situações de violência doméstica e de gênero considerados, classificou-se as mulheres em nove tipos:

- Passaram pelos quatro tipos de situações de violência doméstica e de gênero considerados: 1%.
- Passaram por três destes tipos de situações (“psicológica”, “física” e “sexual”): 3%.
- Passaram por situações de tipo “psicológica” e “contra os/as filhos/as”: 1%.

- Passaram por situações de tipo “psicológica” e “sexual”: 3%.
- Passaram por situações de tipo “psicológica” e “física”: 5%.
- Todas as situações que enfrentaram foram de “violência sexual”: 2%.
- Todas as situações que enfrentaram foram de “violência física”: 2%.
- Todas as situações que enfrentaram foram de “violência psicológica”: 19%.
- Nunca passaram por nenhuma situação de violência doméstica e de gênero: 59%.
- As restantes 5% são mulheres que não souberam ou não quiseram responder a esta pergunta.

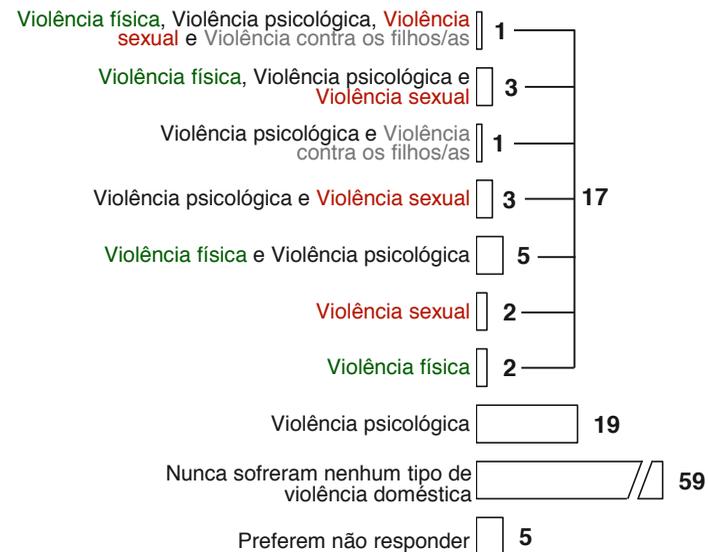
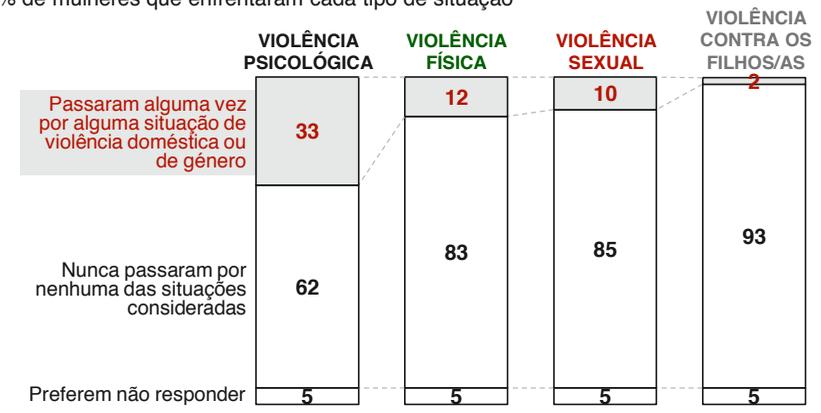
### QUANTAS MULHERES SOFRERAM CADA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÉNERO

% de mulheres que enfrentaram cada situação



### SÍNTESE DOS TIPOS DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÉNERO QUE AS MULHERES SOFRERAM

% de mulheres que enfrentaram cada tipo de situação



### **Quantas mulheres sofreram violência doméstica e de gênero em função de alguns critérios-chave?**

Nas relações de intimidade, a violência “física” ou “sexual” não parece ter qualquer relação com a idade da mulher. No entanto, observa-se alguma relação com as formas de ser e atitudes perante a vida da mulher (entre as “Liberais” é onde é maior a proporção das que declararam que passaram por alguma situação de violência “física” ou “sexual”: 25%) e com o nível de escolaridade (entre as que têm um mestrado ou doutoramento é onde as que o sofreram são menos: 12%).

No que diz respeito à violência “psicológica” nas relações de intimidade continua a haver alguma relação com as formas de ser e atitudes perante a vida da mulher (entre as “Seguras-Tolerantes” é onde é maior a proporção das que declararam que passaram por alguma situação de violência psicológica nas relações de intimidade: 22%). No entanto, deixa de haver relação com o nível de escolaridade da mulher e parece havê-lo com a idade (entre as mais jovens, atinge o seu valor mais reduzido: 15%).

Principais  
diferenças

	Total de mulheres (100%=100%)
Sofreram violência física e/ou sexual	17
Sofreram violência psicológica (e não física nem sexual)	19
Nunca sofreram nenhum tipo de violência doméstica e de género	59
Preferem não responder	5

### EM FUNÇÃO DAS FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA

% de mulheres por categoria

	"Reservadas" (20%=100%)	"Conservado- ras" (24%=100%)	"Seguras- Intolerantes" (24%=100%)	"Seguras- Tolerantes" (16%=100%)	"Liberais" (16%=100%)
Sofreram violência física e/ou sexual	15	16	15	18	25
Sofreram violência psicológica (e não física nem sexual)	17	18	20	22	18
Nunca sofreram nenhum tipo de violência doméstica e de género	63	62	61	53	52
Preferem não responder	5	4	4	7	5

### EM FUNÇÃO DA IDADE

% de mulheres por categoria

	De 18 a 27 anos (20%=100%)	De 28 a 34 anos (15%=100%)	De 35 a 49 anos (41%=100%)	De 50 a 64 anos (24%=100%)
Sofreram violência física e/ou sexual	19	18	16	16
Sofreram violência psicológica (e não física nem sexual)	15	20	20	19
Nunca sofreram nenhum tipo de violência doméstica e de género	62	55	58	61
Preferem não responder	4	7	6	4

### EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE

% de mulheres por categoria

	Até ao ensino básico (23%=100%)	Secundário ou pós-secundário (até 17/18) (38%=100%)	Bacharelato/ licenciatura (30%=100%)	Mestrado ou doutoramento (9%=100%)
Sofreram violência física e/ou sexual	17	18	18	12
Sofreram violência psicológica (e não física nem sexual)	19	19	18	21
Nunca sofreram nenhum tipo de violência doméstica e de género	55	58	61	64
Preferem não responder	9	5	3	3

### **Quem assediou as mulheres no trabalho e as agrediu nas relações de intimidade?**

Entre as mulheres que sofreram “assédio moral no trabalho”, o principal agressor foi um superior hierárquico no qual a proporção de mulheres ultrapassa a dos homens (43% face a 39%). Esta tendência mantém-se nas restantes pessoas que as assediaram moralmente no trabalho, sendo que no caso dos colegas, a proporção de mulheres é inclusivamente o dobro da dos homens (22% face a 11%).

Nos casos de “assédio sexual no trabalho”, quem as assediou foi quase exclusivamente um homem (só em 2% dos casos foi uma mulher). O mais habitual é que tenha sido um superior hierárquico. A situação seguinte mais comum é ter sido um colega.

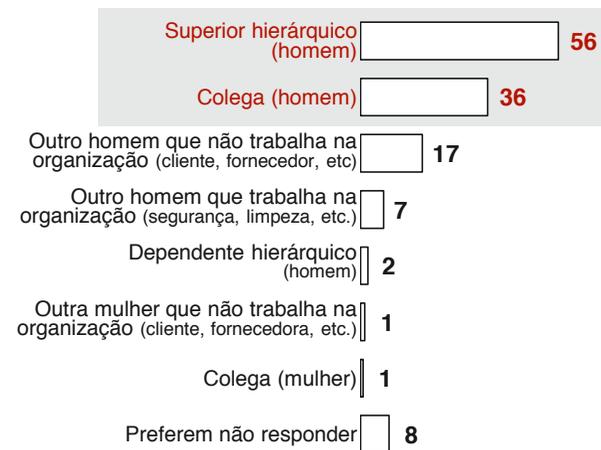
Entre as mulheres que sofreram alguma situação de “violência psicológica nas relações de intimidade”, a pessoa que declararam que as assediou é principalmente um “ex” (“ex-cônjuge, ex-companheiro/a ou ex-namorado/a) seguido a curta distância do “cônjuge, companheiro/a ou namorado/a”.

O mais habitual

**Mulheres que passaram por situações de assédio sexual**

**QUEM AS ASSEDIOU SEXUALMENTE NO TRABALHO**

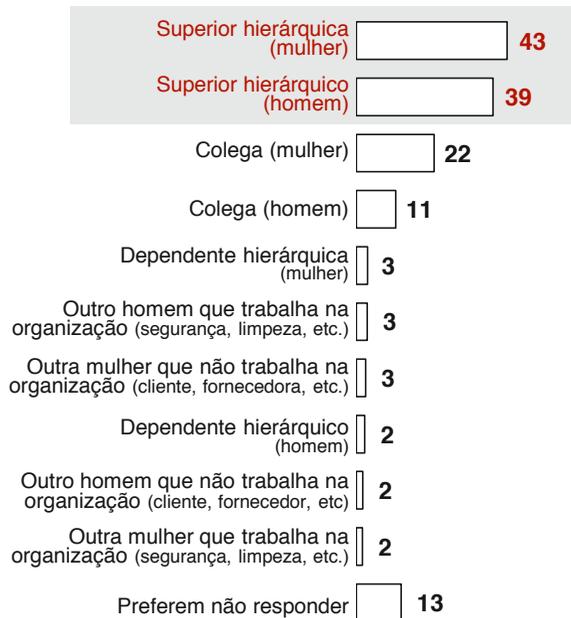
% de mulheres por categoria



**Mulheres que passaram por situações de assédio moral**

**QUEM AS ASSEDIOU MORALMENTE NO TRABALHO**

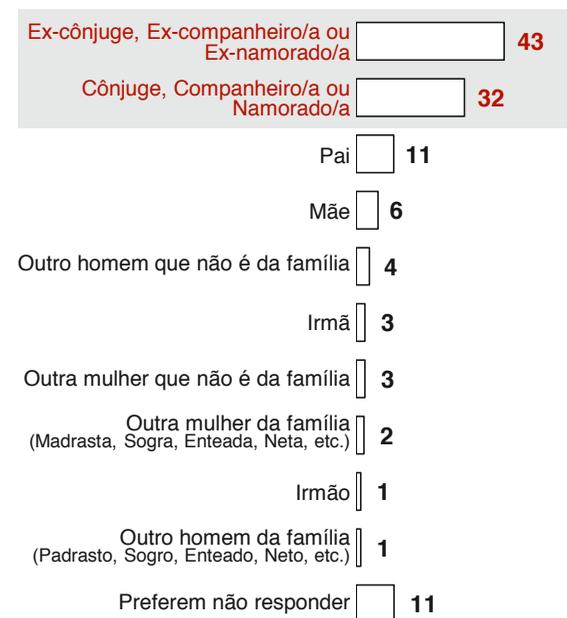
% de mulheres por categoria



**Mulheres que sofreram violência psicológica**

**QUEM AS AGREDIU NAS SUAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE**

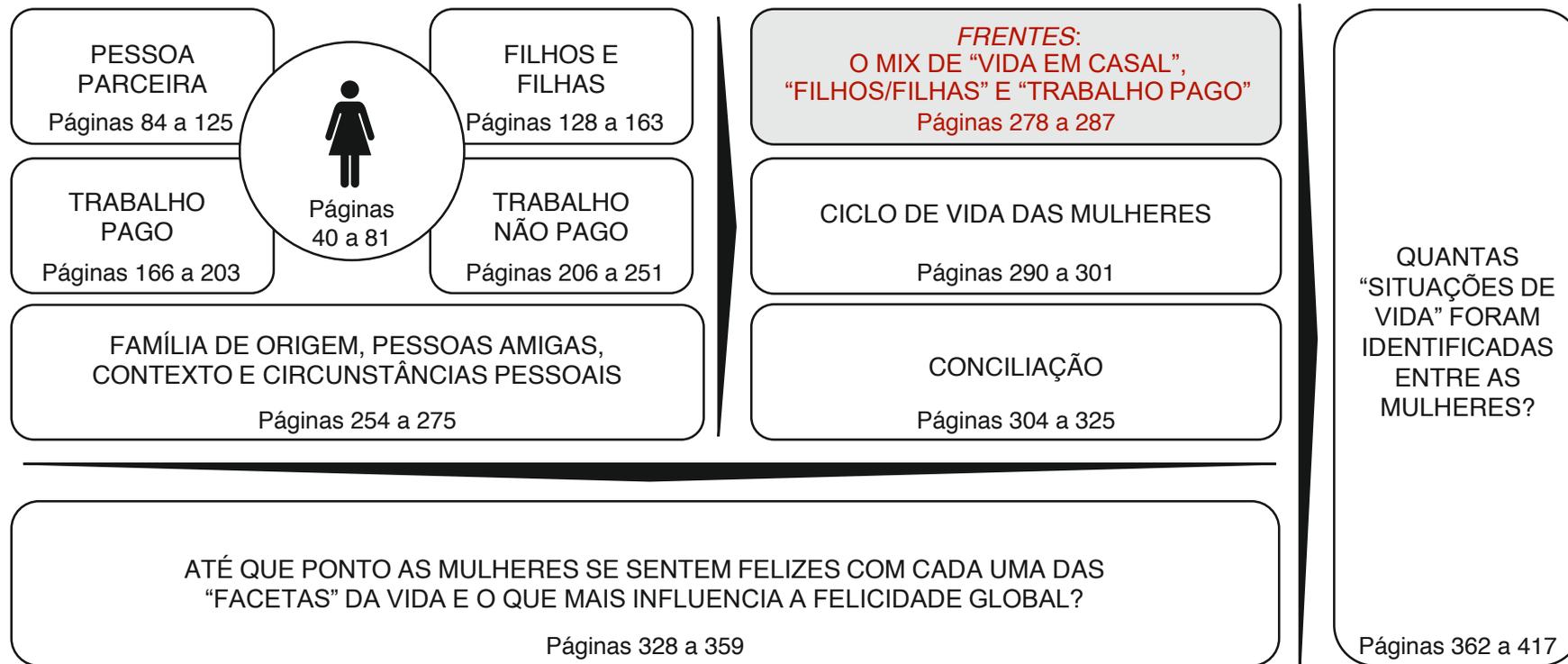
% de mulheres por categoria



## Capítulo 7

### Principais resultados sobre as *frentes* que há na vida das mulheres

Nas páginas da 278 à 287 define-se o que entendemos como *frentes* e também a proporção que tem, entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, cada um dos tipos de *frentes* identificados. Além disso, especifica-se o peso do trabalho (pago e não pago) que recai nas mulheres que pertencem a cada um dos tipos. Para aqueles tipos em que a mulher vive com um homem, analisa-se, além disso, a actual distribuição entre ele e ela, tanto do tempo que destinam a efectuar o trabalho não pago como do dinheiro que necessitam para pagar as despesas familiares.

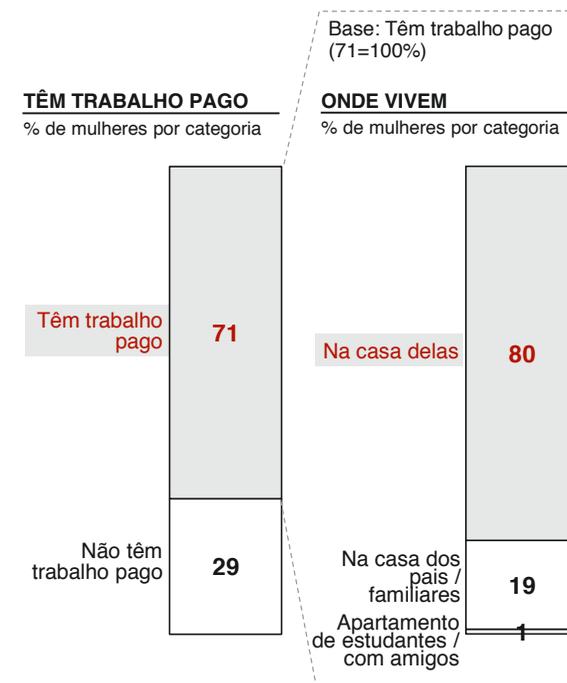
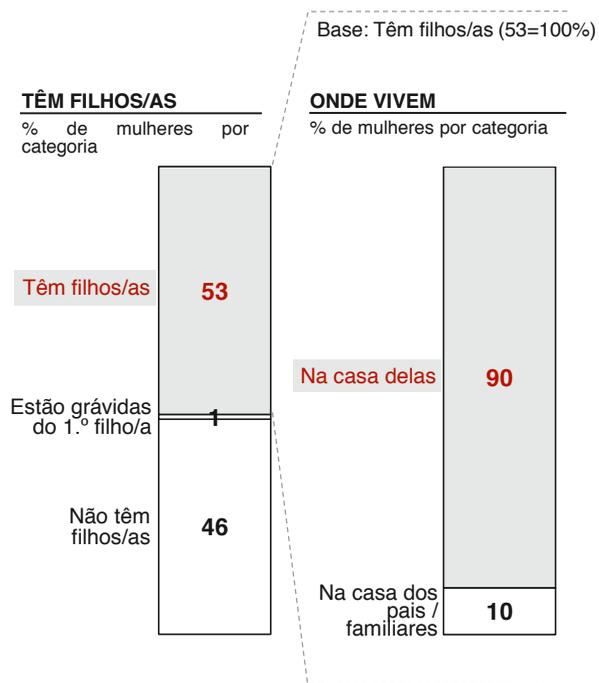
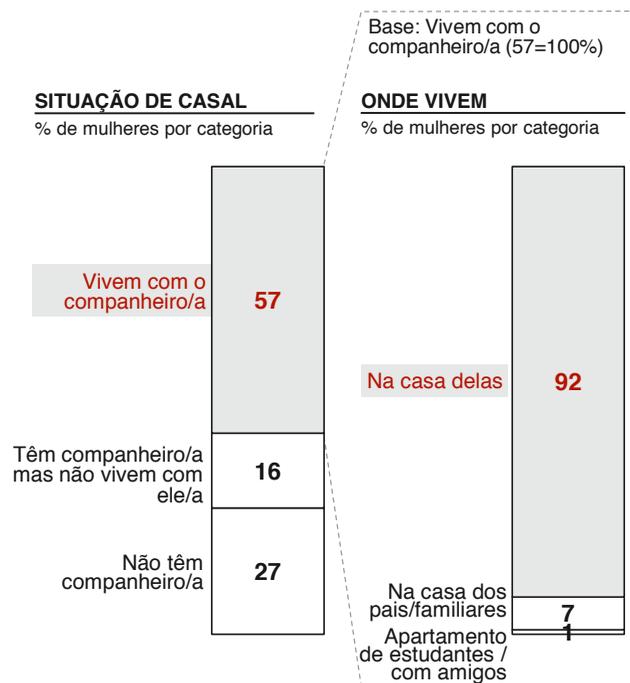


### **O que definimos como *frentes* na vida das mulheres e inter-relação de cada *frente* com o facto de viver na sua própria casa**

Definiu-se como *frente* as «facetas» da vida das mulheres que, sendo *a priori* opcionais, implicam, não só um conjunto de efeitos emocionais derivados das relações interpessoais como também que a mulher passará, de forma automática, a dispor de menos tempo para ela e para os seus *hobbies*.

As três *frentes* consideradas são: a «*frente* do trabalho pago», a «*frente* da vida em casal» e a «*frente* dos/as filhos/as».

Apesar de, conforme esta definição, as tarefas não pagas que derivam do facto de viverem na própria casa não se considerarem como uma quarta *frente*, as tarefas deste tipo estão implícitas em duas das três *frentes* consideradas visto que praticamente todas as mulheres que vivem com o companheiro ou têm filhos/as residem nas suas casas (92% e 90%, respectivamente).



## Tipologia de mulheres segundo as *frentes* que têm nas suas vidas

Segundo as *frentes* que, das três consideradas, cada mulher incorporou na sua vida, definiram-se oito tipos, sendo um deles correspondente a 12% de mulheres que não incorporaram nenhuma das três *frentes* na sua vida.

O tipo mais recorrente é o das mulheres com as três *frentes* na vida, dado que incorporaram na *frente* “vida em casal”, a *frente* “filhos/as” e a *frente* “trabalho pago”. São mais de uma em cada quatro dos 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, ou seja, 27%)

A seguir, há duas combinações de *frentes* que têm proporções semelhantes: as que têm as duas *frentes* “trabalho pago” e “vida em casal” e as que só têm a *frente* “trabalho pago” (são 17% e 16%, respectivamente).

Os tipos mais recorrentes que se seguem, também com proporções semelhantes, são os das mulheres que têm as seguintes combinações de duas *frentes*: as que têm as *frentes* “trabalho pago” e “filhos/as” e as que têm as *frentes* “vida em casal” e “filhos/as” (são 11% e 10%, respectivamente).

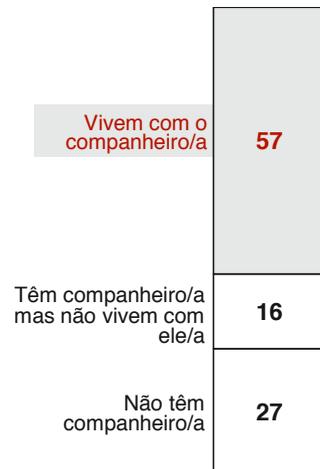
Os dois tipos menos recorrentes são: as mulheres que só têm a *frente* “filhos/as” (4%) e as que só têm a *frente* “vida em casal” (3%).

■ O mais habitual

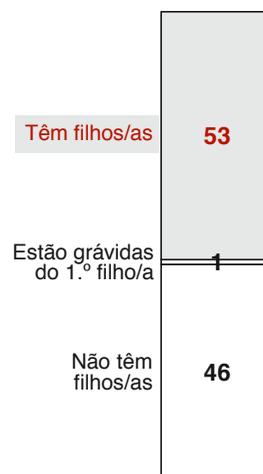
**TÊM TRABALHO PAGO**  
% de mulheres por categoria



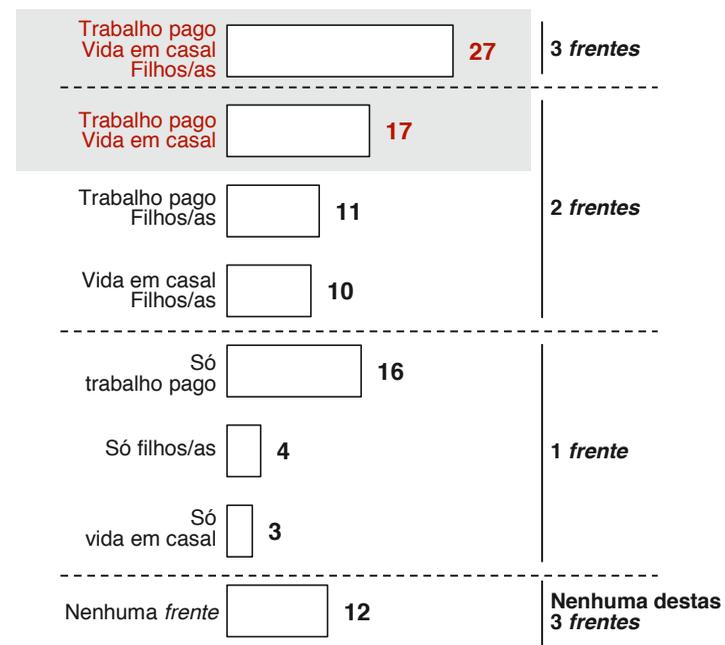
**SITUAÇÃO DE CASAL**  
% de mulheres por categoria



**TÊM FILHOS/AS**  
% de mulheres por categoria



**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO AS FRENTES QUE TÊM NAS SUAS VIDAS**  
% de mulheres por categoria



### **Peso do trabalho (pago e não pago) que recai sobre as mulheres à medida que acrescentam *frentes* à sua vida**

Quando as mulheres vão acrescentando *frentes* à sua vida, isto é, quando passam de não ter nenhuma para ter uma, quer seja “vida em casal”, como “filhos/as” ou “trabalho pago”, e mais adiante quando acrescentam duas ou talvez as três, as horas de que dispõem para si próprias, quer tempo para dormir, quer tempo em que estão acordadas, vão-se reduzindo.

As mulheres que dispõem de menos tempo para si próprias são as que têm a *frente* “filhos/as” e, além disso, a *frente* “trabalho pago”, independentemente de viverem ou não em casal. De acordo com isto, para as que têm trabalho pago e filhos/as, o facto de viverem em casal não as liberta de uma única hora de trabalho por dia. Nas duas situações, trabalham à volta de 13 horas, em média, por dia, das quais pouco mais de 7 são remuneradas e à volta de 6 são não pagas (gastas nas tarefas domésticas, nos cuidados dos/as filhos/as e em compras/recados). Nestes dois tipos, as mulheres dispõem para si próprias, por dia, de cerca de 4 horas e meia menos do que quando estavam na fase de nenhuma das três *frentes*.

NOS DIAS ÚTEIS, COMO DESTINAM AS 24 HORAS DO DIA EM FUNÇÃO DAS FRENTES QUE TÊM NA VIDA

NÃO TÊM FRENTE (12%)		MULHERES COM 1 FRENTE (23%)			MULHERES COM 2 FRENTE (38%)			MULHERES COM 3 FRENTE (27%)		
N.º médio horas/dia		N.º médio horas/dia		Diferenças vs. Nenhuma frente	N.º médio horas/dia		Diferenças vs. Nenhuma frente	N.º médio horas/dia		Diferenças vs. Nenhuma frente
Tarefas domésticas	[3:00]	Tarefas domésticas	[4:36]	[+1:36]	Tarefas domésticas	[4:42]	[+1:42]	Tarefas domésticas	[2:00]	[-1:00]
Trabalho de cuidado	[0:30]	Trabalho de cuidado	[0:00]	[-0:30]	Trabalho de cuidado	[3:12]	[+2:42]	Trabalho de cuidado	[2:06]	[+1:36]
Compras e recados	[1:48]	Compras e recados	[2:54]	[+1:06]	Compras e recados	[2:24]	[+0:36]	Compras e recados	[2:00]	[+0:12]
Trabalho pago	--	Trabalho pago	--	--	Trabalho pago	--	--	Trabalho pago	[7:18]	[+7:18]
<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[5:18]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[7:30]</b>	<b>[+2:12]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[10:18]</b>	<b>[+5:00]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[13:24]</b>	<b>[+8:06]</b>
Tempo a dormir	[7:18]	Tempo a dormir	[7:18]	[0:00]	Tempo a dormir	[7:24]	[+0:06]	Tempo a dormir	[7:00]	[-0:18]
Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[6:24]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[5:54]	[-0:30]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[4:48]	[-1:36]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[2:12]	[-4:12]
<b>Total de horas para si</b>	<b>[13:42]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[13:12]</b>	<b>[-0:30]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[12:12]</b>	<b>[-1:30]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[9:12]</b>	<b>[-4:30]</b>
Deslocações / Estudo	[5:00]	Deslocações / Estudo	[3:18]	[-1:42]	Deslocações / Estudo	[1:30]	[-3:30]	Deslocações / Estudo	[1:24]	[-3:36]
		Tarefas domésticas	[3:48]	[+0:48]	Tarefas domésticas	[2:18]	[-0:42]	Tarefas domésticas	[2:00]	[-1:00]
		Trabalho de cuidado	[3:30]	[+3:00]	Trabalho de cuidado	[0:06]	[-0:24]	Trabalho de cuidado	[2:06]	[+1:36]
		Compras e recados	[2:42]	[+0:54]	Compras e recados	[1:48]	[0:00]	Compras e recados	[2:00]	[+0:12]
		Trabalho pago	--	--	Trabalho pago	[7:42]	[+7:42]	Trabalho pago	[7:18]	[+7:18]
		<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[10:00]</b>	<b>[+4:42]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[11:54]</b>	<b>[+6:36]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[13:24]</b>	<b>[+8:06]</b>
		Tempo a dormir	[7:24]	[+0:06]	Tempo a dormir	[7:06]	[-0:12]	Tempo a dormir	[7:00]	[-0:18]
		Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[5:12]	[-1:12]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[3:42]	[-2:42]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[2:12]	[-4:12]
		<b>Total de horas para si</b>	<b>[12:36]</b>	<b>[-1:06]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[10:48]</b>	<b>[-2:54]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[9:12]</b>	<b>[-4:30]</b>
		Deslocações / Estudo	[1:24]	[-3:36]	Deslocações / Estudo	[1:24]	[-3:36]	Deslocações / Estudo	[1:24]	[-3:36]
		Tarefas domésticas	[1:54]	[-1:06]	Tarefas domésticas	[1:42]	[-1:18]	Tarefas domésticas	[2:00]	[-1:00]
		Trabalho de cuidado	[0:12]	[-0:18]	Trabalho de cuidado	[1:54]	[+1:24]	Trabalho de cuidado	[2:06]	[+1:36]
		Compras e recados	[1:24]	[-0:24]	Compras e recados	[2:00]	[+0:12]	Compras e recados	[2:00]	[+0:12]
		Trabalho pago	[7:30]	[+7:30]	Trabalho pago	[7:24]	[+7:24]	Trabalho pago	[7:18]	[+7:18]
		<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[11:00]</b>	<b>[+5:42]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[13:00]</b>	<b>[+7:42]</b>	<b>Total de horas que trabalha</b>	<b>[13:24]</b>	<b>[+8:06]</b>
		Tempo a dormir	[7:00]	[-0:18]	Tempo a dormir	[6:42]	[-0:36]	Tempo a dormir	[7:00]	[-0:18]
		Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[4:42]	[-1:42]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[2:36]	[-3:48]	Tempo acordada para si (em casa ou fora)	[2:12]	[-4:12]
		<b>Total de horas para si</b>	<b>[11:42]</b>	<b>[-2:00]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[9:18]</b>	<b>[-4:24]</b>	<b>Total de horas para si</b>	<b>[9:12]</b>	<b>[-4:30]</b>
		Deslocações / Estudo	[1:18]	[-3:42]	Deslocações / Estudo	[1:42]	[-3:18]	Deslocações / Estudo	[1:24]	[-3:36]

[x:xx] → [horas:minutos]  
 - - - - - Cenários nos quais a mulher vive com o companheiro/a

### **Efeito dos/as filhos/as na partilha das tarefas domésticas no casal segundo as *frentes* que as mulheres têm na sua vida**

A colaboração dos homens nas tarefas de casa varia nos quatro cenários de *frentes* em que as mulheres vivem com um homem: a colaboração deles alcança o valor máximo nas situações em que a mulher tem trabalho pago e o casal não tem filhos/as (nesta situação, eles realizam, em média, 27% do conjunto das tarefas domésticas) e a colaboração deles situa-se no valor mínimo entre as mulheres que não têm trabalho pago mas sim filhos/as (nesta situação, eles realizam, em média, 17% do conjunto das tarefas domésticas).

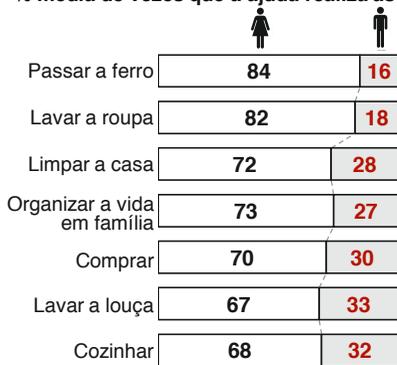
Com a chegada dos/as filhos/as, a colaboração nas tarefas domésticas diminui, tanto se as mulheres estão ou não activas no mercado de trabalho. Desta forma, entre as mulheres que têm trabalho pago, eles passam da realização de 27%, em média, quando o casal não tem filhos/as para 24% quando os tem. E entre as mulheres que não têm trabalho pago, eles passam de 20%, em média, para 17%. Nas duas situações, a contribuição do homem nas tarefas domésticas reduz-se em 3 pontos.

A maior ajuda externa remunerada é recebida pelas mulheres com trabalho pago e filhos/as: 19% têm algum tipo de ajuda. No entanto, esta ajuda realiza, em média, apenas 4% das tarefas domésticas pelo que os restantes 96% recairão sobre o casal. As que têm menos ajuda externa são as mulheres que não têm trabalho pago nem filhos/as.

ELA TEM  
TRABALHO  
PAGO  
€

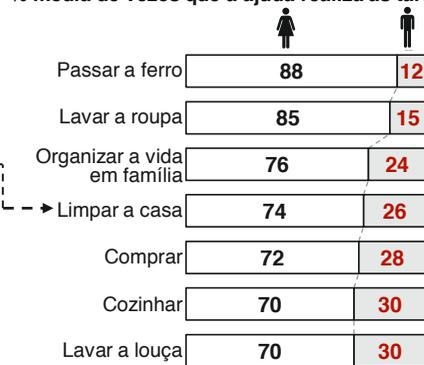
O CASAL NÃO TEM FILHOS/AS

% que tem ajuda remunerada: 16%  
% média de vezes que a ajuda realiza as tarefas: 3%



O CASAL TEM FILHOS/AS

% que tem ajuda remunerada: 19%  
% média de vezes que a ajuda realiza as tarefas: 4%

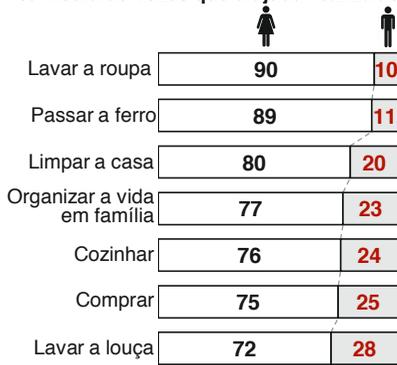


Efeito da chegada dos filhos/as sobre a % de tarefas domésticas que realiza o homem (1)

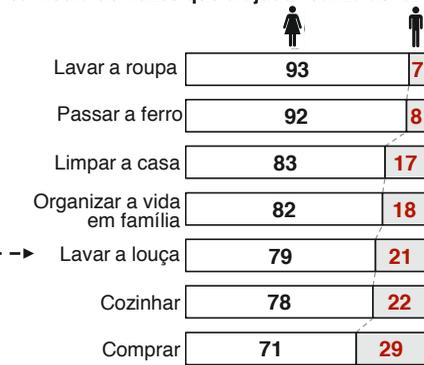


ELA NÃO TEM  
TRABALHO  
PAGO

% que tem ajuda remunerada: 4%  
% média de vezes que a ajuda realiza as tarefas: 1%



% que tem ajuda remunerada: 8%  
% média de vezes que a ajuda realiza as tarefas: 2%



(1) Ainda que a idade média das mulheres que não têm filhos/as seja de 36 anos e a das que têm seja de 44, os resultados são iguais quando se analisa a mesma faixa etária em ambas as situações.

### **Efeito dos/as filhos/as sobre a contribuição de cada membro do casal para a família e sobre a felicidade da mulher com o companheiro nos casais em que a mulher tem trabalho pago**

Nos casais em que a mulher vive com um homem e ela tem trabalho pago, com a chegada dos/as filhos/as:

- A mulher passa a ter que destinar às tarefas familiares, em média, mais 1 hora e 48 minutos por dia, enquanto o homem passa a destinar, em média, pouco menos de uma hora a mais por dia (42 minutos). Isto significa que as mulheres assumem 78% das novas tarefas que derivam do nascimento do/da filho/a.
- Piora o desequilíbrio que já havia entre ele e ela na execução das tarefas familiares: as mulheres que fazem sozinhas as tarefas familiares aumentam 14 pontos dado que passam de 20% entre as que não têm filhos/as para 34% entre as que os têm, em detrimento dos casais em que ela e ele fazem o mesmo.
- Em contrapartida, aumenta a proporção de homens que passam a contribuir para as despesas familiares mais do que elas: os casais em que ele contribui com mais dinheiro do que ela aumentam 8 pontos, dado que passam de 20% nos casais sem filhos/as para 28% nos casais com filhos/as.
- Por conseguinte, piora o nível de felicidade com o companheiro dado que os homens não conseguem satisfazer as expectativas que as mulheres criaram relativamente a eles e à paternidade: a felicidade com o companheiro reduz-se quase meio ponto (passando de uma média de 8,3 para 7,9) e as que manifestam que a relação matrimonial está abaixo das expectativas que tinham criado passam de 20% quando não têm filhos/as para 26% quando os têm.

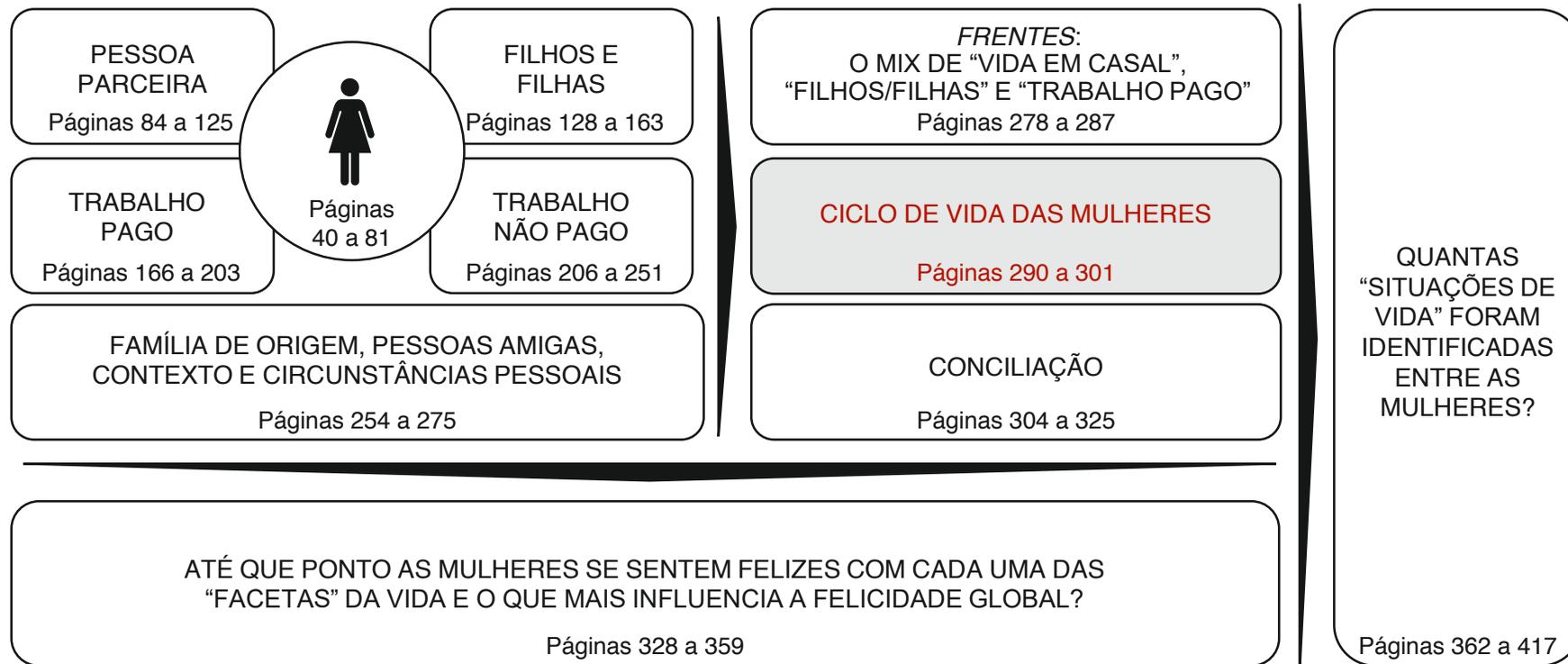
O CASAL NÃO TEM FILHOS/AS			O CASAL TEM FILHOS/AS			Efeito da chegada dos filhos
<b>CONTRIBUIÇÃO EM TEMPO (1)</b> 	Ela faz sozinha as tarefas familiares	20%	Ela faz sozinha as tarefas familiares	34%	+14	
	Ela faz mais do que ele	42%	Ela faz mais do que ele	43%	+1	
	Ela e ele fazem o mesmo	36%	Ela e ele fazem o mesmo	21%	-15	
	Ele faz mais do que ela	2%	Ele faz mais do que ela	2%	--	
<b>TOTAL DE HORAS QUE DESTINAM ÀS TAREFAS FAMILIARES NOS DIAS ÚTEIS</b>   [x:xx]: [horas:minutos]	Tarefas domésticas	[2:18]	Tarefas domésticas	[2:00]	[-0:18]	
	Trabalho de cuidado	[0:12]	Trabalho de cuidado	[2:06]	[+1:54]	
	Compras / Recados	[1:48]	Compras / Recados	[2:00]	[+0:12]	
	<b>Total de horas que ela dedica</b>	<b>[4:18]</b>	<b>Total de horas que ela dedica</b>	<b>[6:06]</b>	<b>[+1:48]</b>	
	Tarefas domésticas	[0:54]	Tarefas domésticas	[0:42]	[-0:12]	
Trabalho de cuidado	[0:06]	Trabalho de cuidado	[1:06]	[+1:00]		
Compras / Recados	[0:54]	Compras / Recados	[0:48]	[-0:06]		
<b>Total de horas que ele dedica</b>	<b>[1:54]</b>	<b>Total de horas que ele dedica</b>	<b>[2:36]</b>	<b>[+0:42]</b>		
<b>CONTRIBUIÇÃO EM DINHEIRO</b> 	Ela contribui com mais do que ele	17%	Ela contribui com mais do que ele	20%	+3	
	Ela e ele contribuem com o mesmo	62%	Ela e ele contribuem com o mesmo	51%	-11	
	Ele contribui com mais do que ela	20%	Ele contribui com mais do que ela	28%	+8	
	Ele paga todas as despesas	1%	Ele paga todas as despesas	1%	--	
<b>GRAU DE FELICIDADE COM O COMPANHEIRO</b>	Muito felizes (9-10)	59%	Muito felizes (9-10)	48%	-11	
	Felizes (8)	15%	Felizes (8)	18%	+3	
	Quase felizes (7)	10%	Quase felizes (7)	12%	+2	
	Infelizes (0-6)	16%	Infelizes (0-6)	22%	+6	
	Grau médio de felicidade	8,3	Grau médio de felicidade	7,9	-0,4	
<b>GRAU DE CUMPRIMENTO EXPECTATIVAS COM O COMPANHEIRO</b>	Acima das expectativas	45%	Acima das expectativas	32%	-13	
	Nas expectativas	25%	Nas expectativas	36%	+11	
	Abaixo das expectativas	20%	Abaixo das expectativas	26%	+6	
	Não tinham expectativas	10%	Não tinham expectativas	6%	-4	

(1) A contribuição em tempo foi calculada considerando de forma conjunta tanto a contribuição na realização das tarefas domésticas como a contribuição na educação e cuidado dos filhos/as (em cada casal foi tido em consideração aquilo que o afecta).

## Capítulo 8

### Principais resultados sobre o ciclo de vida das mulheres

Nas páginas da 290 à 301 são apresentados os limiares de idade que melhor definem como as mulheres evoluem ao longo da vida relativamente ao que fazem, pensam e sentem. Além disso, especifica-se a proporção que tem cada uma das faixas etárias identificadas entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa e o que é que caracteriza as mulheres que integram cada faixa etária relativamente ao nível de escolaridade, religião, formas de ser e atitudes perante a vida, e a presença de cada uma das três *frentes*: a *frente* “vida em casal”, a *frente* “filhos/as” e a *frente* “trabalho pago”.



### **Limiares de idade que definem segmentos homogéneos de mulheres com base no que fazem, pensam e sentem**

Entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa, na qual há mulheres de todas as idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos, realizámos uma análise multivariável denominada “Análise *Cluster* Hierárquico” com a qual se pretende identificar quais são os limiares de idade que definem segmentos de mulheres que sejam parecidas com base no que fazem, pensam e sentem, tendo em conta, de forma conjunta, todos os critérios relacionados com formas de ser e atitudes perante a vida e também com a relação que têm com cada uma das três *frentes* identificadas nesta investigação.

Com base nos resultados do dendrograma resultante pode-se concluir que, se se pretenderem criar duas faixas etárias que sejam o mais homogéneas possível relativamente ao que as mulheres fazem, pensam e sentem, hoje em dia o limiar com maior poder diferenciador está nos 50 anos, o que significa que as mulheres entre 18 e 49 anos actuam, pensam e sentem de uma forma muito diferente de como o fazem as que já têm 50 anos.

Se se pretender criar três faixas etárias, o grupo das que têm mais de 50 anos mantém-se como conjunto e o grupo das mulheres que têm de 18 a 49 é aquele que se desdobra. Entre estas, as principais diferenças produzem-se a partir dos 28 anos e, assim, este grupo divide-se em dois: o das que têm entre 18 e 27 anos e o das que têm entre 28 e 49 anos.

Se se pretender criar quatro faixas etárias, os dois grupos extremos, o das que têm mais de 50 e o das jovens de 18 a 27 mantêm-se intactos sendo o grupo das que têm entre 28 e 49 anos o que se desdobra. Neste escalão, a idade-chave são os 35 anos.

Por conseguinte, as três idades que esta análise põe em evidência que serão fundamentais na vida das mulheres, uma vez ultrapassada a maioridade, são a dos 28, a dos 35 e a dos 50 anos. Assumindo que, consoante o tipo de vida que cada mulher tiver tido e a idade a que tiver acrescentado à vida cada uma das *frentes*, os limiares de idade podem oscilar em um, dois ou talvez três anos para cima ou para baixo.

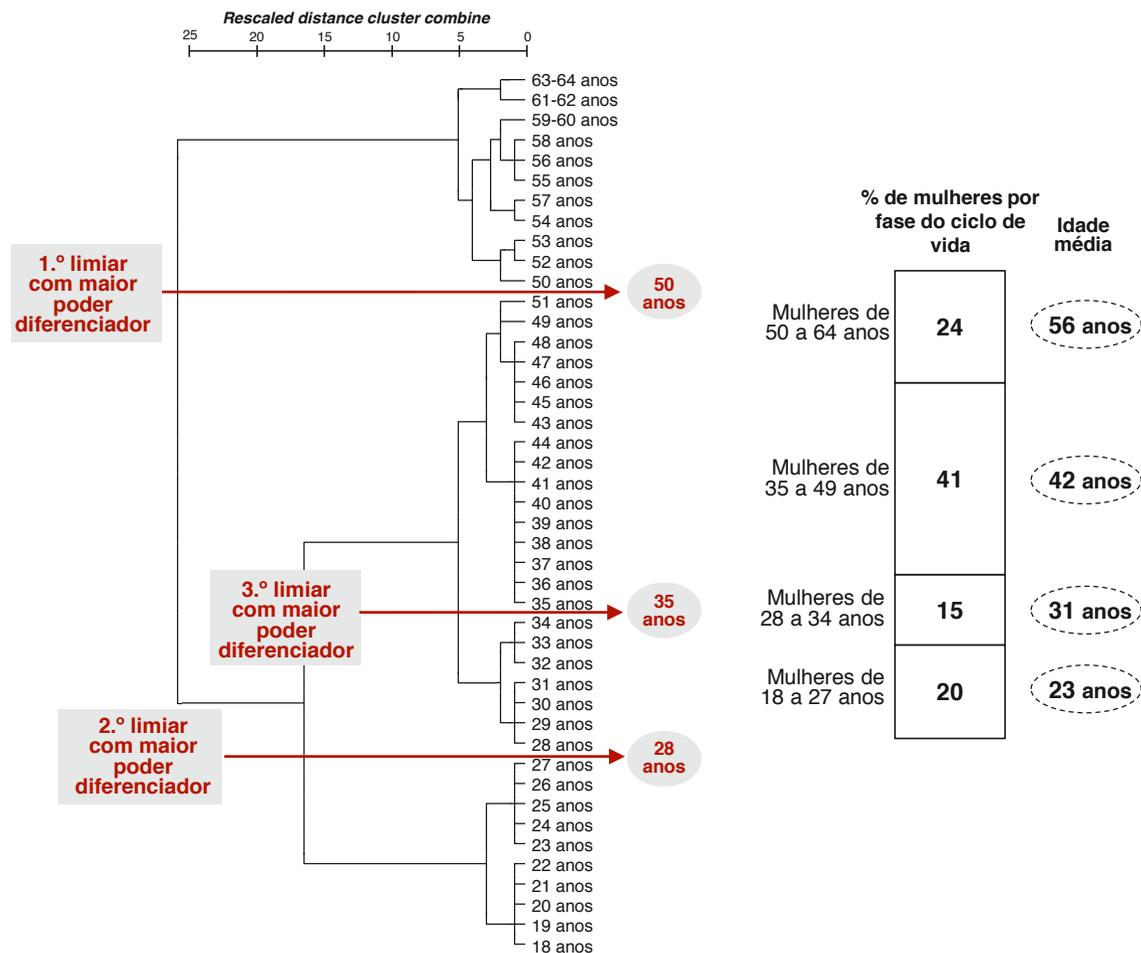
**PERCENTAGEM DE MULHERES DE CADA IDADE**

64 anos	0,5
63 anos	1,0
62 anos	0,7
61 anos	1,2
60 anos	1,2
59 anos	1,5
58 anos	1,4
57 anos	2,5
56 anos	2,3
55 anos	2,0
54 anos	2,8
53 anos	1,5
52 anos	1,4
51 anos	2,4
50 anos	1,2
49 anos	2,4
48 anos	1,9
47 anos	2,4
46 anos	2,5
45 anos	3,5
44 anos	2,4
43 anos	2,1
42 anos	2,4
41 anos	2,8
40 anos	2,7
39 anos	2,6
38 anos	3,4
37 anos	3,3
36 anos	3,2
35 anos	3,3
34 anos	2,2
33 anos	1,9
32 anos	2,2
31 anos	1,9
30 anos	2,6
29 anos	2,3
28 anos	2,3
27 anos	2,0
26 anos	2,5
25 anos	1,9
24 anos	3,2
23 anos	1,7
22 anos	2,5
21 anos	2,4
20 anos	1,8
19 anos	1,1
18 anos	1

**PROCESSO DE ANÁLISE**

Análise *cluster* (hierárquico) com base em todos os critérios relacionados com formas de ser e atitudes perante a vida e também com a relação com cada uma das três “frentes”.

**RESULTADO DA ANÁLISE: TRÊS LIMIARES DE IDADE QUE DEFINEM QUATRO SEGMENTOS HOMOGÊNEOS DE MULHERES**



	% de mulheres por fase do ciclo de vida	Idade média
Mulheres de 50 a 64 anos	24	56 anos
Mulheres de 35 a 49 anos	41	42 anos
Mulheres de 28 a 34 anos	15	31 anos
Mulheres de 18 a 27 anos	20	23 anos

### **Algumas características-chave das mulheres em cada fase do ciclo de vida**

Ao comparar as mulheres mais jovens com as mais velhas nestas cinco questões, pode-se concluir que em quatro delas há uma clara tendência relacionada com a idade:

- O nível de escolaridade está em clara ascensão. As mulheres que passaram pela universidade são 30% entre as que têm 50 anos ou mais, 39% entre as de 35 a 49 anos e 42% entre as de 28 a 34 anos. Entre as de 18 a 27 anos está ainda por ver, pois quase um terço continua a estudar.
- As ateias/agnósticas aumentam rapidamente. Nos dois escalões de mulheres com maior idade, situam-se perto dos 15% enquanto nas duas faixas etárias de mulheres mais jovens esta percentagem aumenta para 22% entre as de 28 a 34 anos e são quase um terço entre as de 18 e 27 anos.
- A orientação sexual declarada já não está totalmente centrada na heterossexualidade.
- O índice de massa corporal aumenta com a idade da mulher.

No entanto, as formas de ser e atitudes perante a vida das mulheres não parecem ter demasiada relação com a idade. Tendo em vista que a proporção das “Liberais” diminui ao longo dos anos, talvez se possa afirmar que, com a idade, as mulheres vão-se tornando pouco a pouco menos liberais: o valor máximo dá-se entre as mais jovens (28%) e o mínimo entre as que têm 50 anos ou mais (8%).

		TOTAL MULHERES (100%=100%)	De 18 a 27 anos (20%=100%)	De 28 a 34 anos (15%=100%)	De 35 a 49 anos (41%=100%)	De 50 a 64 anos (24%=100%)
<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>	Mestrado ou doutoramento	9%	10%	16%	8%	5%
	Bacharelato ou licenciatura	26%	15%	26%	31%	25%
	Ensino secundário ou pós-secundário (até 17-18 anos)	35%	29%	36%	39%	37%
	Até ao ensino básico	23%	15%	20%	22%	33%
	Estudante	7%	31%	2%	0%	0%
<b>RELIGIÃO</b>	Católicas não praticantes	57%	48%	60%	60%	56%
	Católicas praticantes	17%	15%	14%	18%	18%
	Crentes de outras religiões	7%	7%	4%	7%	8%
	Ateias	10%	19%	11%	6%	9%
	Agnósticas	9%	11%	11%	9%	9%
<b>TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DAS FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA</b>	Seguras-intolerantes	24%	25%	26%	23%	22%
	Seguras-tolerantes	15%	10%	19%	16%	16%
	Reservadas	19%	16%	14%	21%	23%
	Conservadoras	24%	21%	23%	23%	31%
	Liberais	18%	28%	18%	17%	8%
<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>	Heterossexuais	96%	93%	95%	98%	99%
	Homossexuais	3%	4%	4%	2%	1%
	Bissexuais	1%	3%	1%	0%	0%
<b>ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC) (1)</b>	Peso baixo (<18,5)	4%	7%	4%	3%	3%
	Peso normal (18,5-24,9)	53%	62%	62%	55%	37%
	Excesso de peso (25,0-29,9)	28%	19%	21%	27%	42%
	Obesidade (≥ 30,0)	15%	12%	13%	15%	18%
	IMC médio	25,2	23,8	24,8	25,2	26,8

Valores máximos  
Valores mínimos

(1) Peso (em kg) / Altura<sup>2</sup> (em metros).

### **Frentes que as mulheres têm na sua vida em cada fase do ciclo de vida**

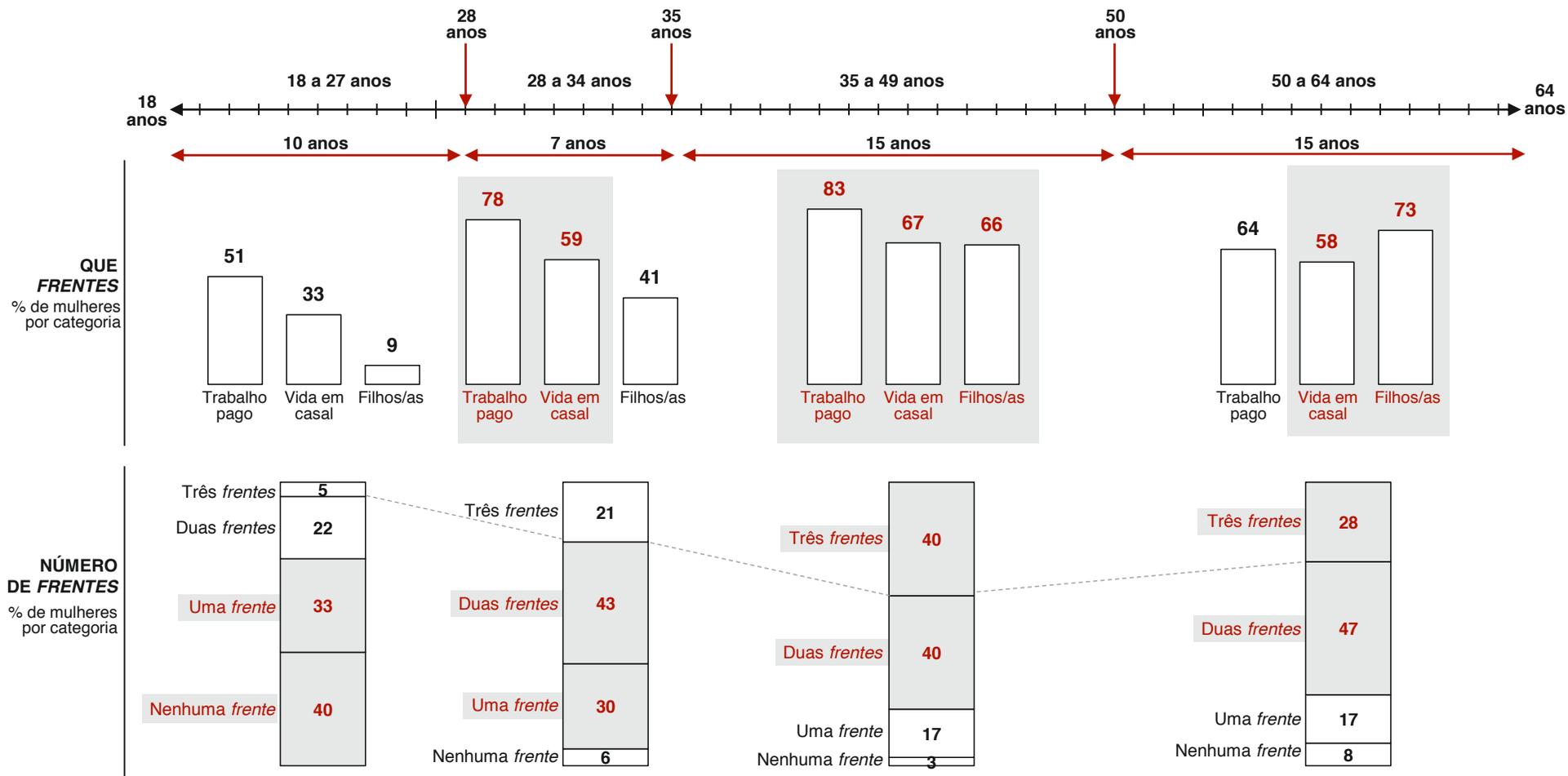
Na faixa etária entre os 18 e os 27 anos, a maioria das mulheres ou não incorporaram na vida nenhuma das três *frentes* (40%) ou incorporaram só uma (33%). A que está mais presente nestas idades, com metade das mulheres afectadas pela mesma, é a *frente* “trabalho pago”.

Entre os 28 e os 34 anos, o mais habitual é ter incorporado uma ou duas *frentes*. Cerca de três quartos das mulheres nestas idades incorporaram na vida a *frente* “trabalho pago” ou a *frente* “vida em casal”.

Na faixa entre os 35 e os 49, as mulheres enfrentam o período mais complexo no que diz respeito à acumulação de *frentes*, visto que com estas idades 40% incluíram as três *frentes* e 40% incluíram duas delas. Nesta faixa, a *frente* “vida em casal” e a *frente* “filhos/as” afectam dois terços das mulheres e a *frente* “trabalho pago” afecta quase todas.

A partir dos 50 anos, algumas mulheres simplificam a vida: relativamente à faixa etária anterior, diminuem tanto as que têm a *frente* “trabalho pago” (19 pontos) como a *frente* “vida em casal” (9 pontos). No entanto, é a faixa etária em que a maternidade alcança o máximo, 73%, não porque haja mulheres que tenham o primeiro filho a partir dos 50 mas porque entre as que têm menos de 50 anos a maternidade é algo menos frequente.

O mais habitual em cada fase do ciclo de vida



### Que combinações de *frentes* são mais habituais em cada fase do ciclo de vida

Na faixa etária entre os 18 e os 27 anos, o mais habitual é que não se tenha incorporado nenhuma *frente* (40%) ou que se tenha incorporado só a *frente* “trabalho pago” (51%). As restantes combinações de *frentes* são muito menos habituais ou são residuais.

As duas faixas etárias seguintes (entre os 28 e os 34 anos e entre os 35 e os 49 anos) são as que apresentam uma maior variedade de combinações de *frentes* que representam pelo menos 10% das mulheres: cinco.

Na faixa etária entre os 28 e os 34 anos, as três mais habituais são: as que têm tanto a *frente* “trabalho pago” como a *frente* “vida em casal” (26%), as que têm só a *frente* “trabalho pago” (24%) e as que incorporaram as três *frentes* (21%). As mais comuns que se seguem são: as que têm tanto a *frente* “vida em casal” como a dos/das “filhos/as” (9%) e as que têm tanto a *frente* “trabalho pago” como a dos/das “filhos/as” (8%).

A faixa etária entre os 35 e os 49 anos é liderada pelas mulheres que incluem na vida as três *frentes* (40%).

Outras quatro combinações de *frentes* que também estão presentes nestas idades: as que têm as duas *frentes* do “trabalho pago” e da “vida em casal” (16%), as que têm as duas *frentes* do “trabalho pago” e “filhos/as” (14%) e as que têm tanto a *frente* “vida em casal” como a dos/das “filhos/as” (10%).

A partir dos 50 anos, as combinações mais habituais continuam a ser as mesmas que na faixa etária anterior, embora com pesos um pouco diferentes. A que mais aumenta é a das mulheres que têm na vida tanto a *frente* “vida em casal” como a dos/das “filhos/as”, que quase duplica.

Combinções de *frentes* que representam 10% ou mais de cada **fase do ciclo de vida**

**% de mulheres por categoria**

		Mulheres de 18 a 27 anos (20%=100%)	Mulheres de 28 a 34 anos (15%=100%)	Mulheres de 35 a 49 anos (41%=100%)	Mulheres de 50 a 64 anos (24%=100%)
3 frentes	Trabalho pago Vida em casal Filhos/as	5	21	40	28
	Trabalho pago Vida em casal	19	26	16	10
2 frentes	Trabalho pago; Filhos/as	1	8	14	18
	Vida em casal; Filhos/as	2	9	10	19
1 frente	Só: Trabalho pago	26	24	13	8
	Só filhos/as	1	3	2	9
	Só: Vida em casal	6	3	2	1
	Nenhuma <i>frente</i>	40	6	3	8

### **Complexidade das *frentes* em cada fase do ciclo de vida**

Na faixa etária entre os 18 e os 27 anos, as mulheres têm poucas *frentes* e, além disso, as que já acrescentaram alguma à sua vida fizeram-no há pouco tempo: o mais habitual é menos de 5 anos de antiguidade no trabalho e 4 anos ou menos no que diz respeito à duração da relação com o/a companheiro/a com quem vivem.

A faixa dos 28 aos 34 anos caracteriza-se basicamente porque os/as filhos/as das mulheres que já foram mães são muito dependentes dos/as progenitores/as, dado que quase todos/as têm 5 anos ou menos.

Na faixa entre os 35 e os 49, as mulheres não só enfrentam o período mais complexo no que diz respeito à acumulação de *frentes* como além disso, a maioria das *frentes* já não estão na fase inicial: quase metade está no trabalho pago há mais de 10 anos, dois terços estão há mais de 10 anos com o companheiro/a com quem vivem e os/as filhos/as deixaram para trás a fase de infância e aproximam-se da adolescência.

A partir dos 50, os/as filhos/as já são quase todos maiores e quase todas as relações de casal têm mais de 20 anos. Entre as que continuam activas no mercado de trabalho, o mais frequente também é estar há mais de 20 anos nesse trabalho.

		O mais habitual			
		<b>18 a 27 anos</b> (14%=100%)	<b>28 a 34 anos</b> (17%=100%)	<b>35 a 49 anos</b> (48%=100%)	<b>50 a 64 anos</b> (21%=100%)
Base: Têm trabalho pago (71%=100%)  <b>ANTIGUIDADE NO TRABALHO</b> % de mulheres por categoria	Mais de 20 anos	0	0	10	44
	Entre 10 e 20 anos	0	10	33	17
	Entre 5 e 10 anos	5	21	18	15
	Entre 1 e 5 anos	49	42	23	17
	Menos de 1 ano	46	27	16	7
Base: Vivem com um homem (56%=100%)  <b>DURAÇÃO DA RELAÇÃO</b> % de mulheres por categoria		<b>18 a 27 anos</b> (11%=100%)	<b>28 a 34 anos</b> (16%=100%)	<b>35 a 49 anos</b> (49%=100%)	<b>50 a 64 anos</b> (24%=100%)
	Mais de 20 anos	0	0	25	76
	De 10 a 20 anos	3	36	41	9
	De 5 a 10 anos	35	34	20	10
	4 anos ou menos	62	30	14	5
Base: Têm filhos/as (53%=100%)  <b>IDADE DOS FILHOS/AS (1)</b> % de mulheres por categoria		<b>18 a 27 anos (1)</b> (4%=100%)	<b>28 a 34 anos</b> (12%=100%)	<b>35 a 49 anos</b> (51%=100%)	<b>50 a 64 anos</b> (33%=100%)
	Todos têm 19 ou mais		0	12	80
	Algum filho/a tem entre 15 e 18 e nenhum tem 5 ou menos		0	15	11
	Algum filho/a tem entre 6 e 14 e nenhum tem 5 ou menos		27	47	9
	Pelo menos um filho/a tem 5 anos ou menos		73	26	0

(1) Não se detalham os resultados para a faixa etária dos 18 aos 27 anos pelo tamanho amostral insuficiente de mulheres com filhos/as (n=34).

### **Inter-relação entre a tipologia de mulheres segundo as frentes que têm na vida, a idade e o nível de escolaridade**

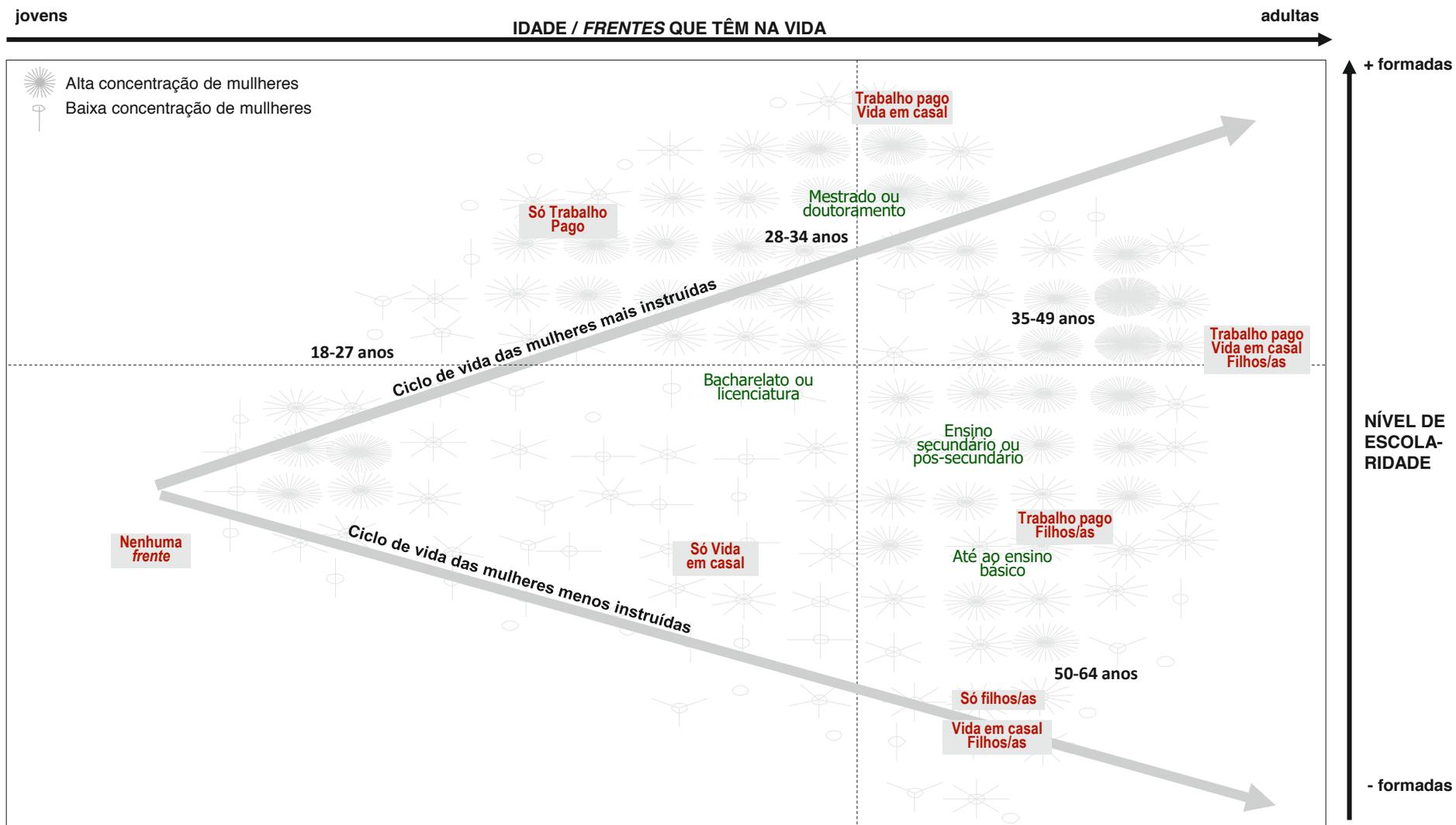
Levamos a cabo uma análise multivariável denominada “Análise de Homogeneidades” para identificar que inter-relações há entre os diferentes níveis das três formas de classificar as mulheres que a investigação demonstrou serem muito determinantes: a idade, o nível de estudos e as frentes que incorporaram na vida.

A principal conclusão a que chegámos é que o ciclo de vida das mulheres que têm um nível de escolaridade elevado costuma ser diferente do das que são menos escolarizadas.

O ciclo de vida das mulheres mais instruídas inicia-se normalmente com a “frente trabalho pago”; mais para diante muitas incorporam, além disso, a “frente vida em casal” e, numa terceira fase, decidem ter filhos/as e abrem-se duas opções: ou manter as “três frentes” ou desligar-se do companheiro/a e passar a fazer parte do tipo: “Trabalho pago e filhos/as”.

Entre as mulheres menos instruídas, a principal diferença radica no facto de a “frente trabalho pago” estar bastante ausente e, portanto, muitas mulheres passam directamente da situação de “nenhuma frente” à de só “vida em casal”. Quando os/as filhos/as surgem, se é que decidem tê-los, também se abrem duas opções: ou mantêm as duas frentes, companheiro/a e filhos/as, ou deixam de ter companheiro/a e passam ao tipo de só filhos/as.

POSIÇÃO QUE OCUPA CADA VARIÁVEL NO ESPAÇO DE DUAS DIMENSÕES IDENTIFICADO (1)

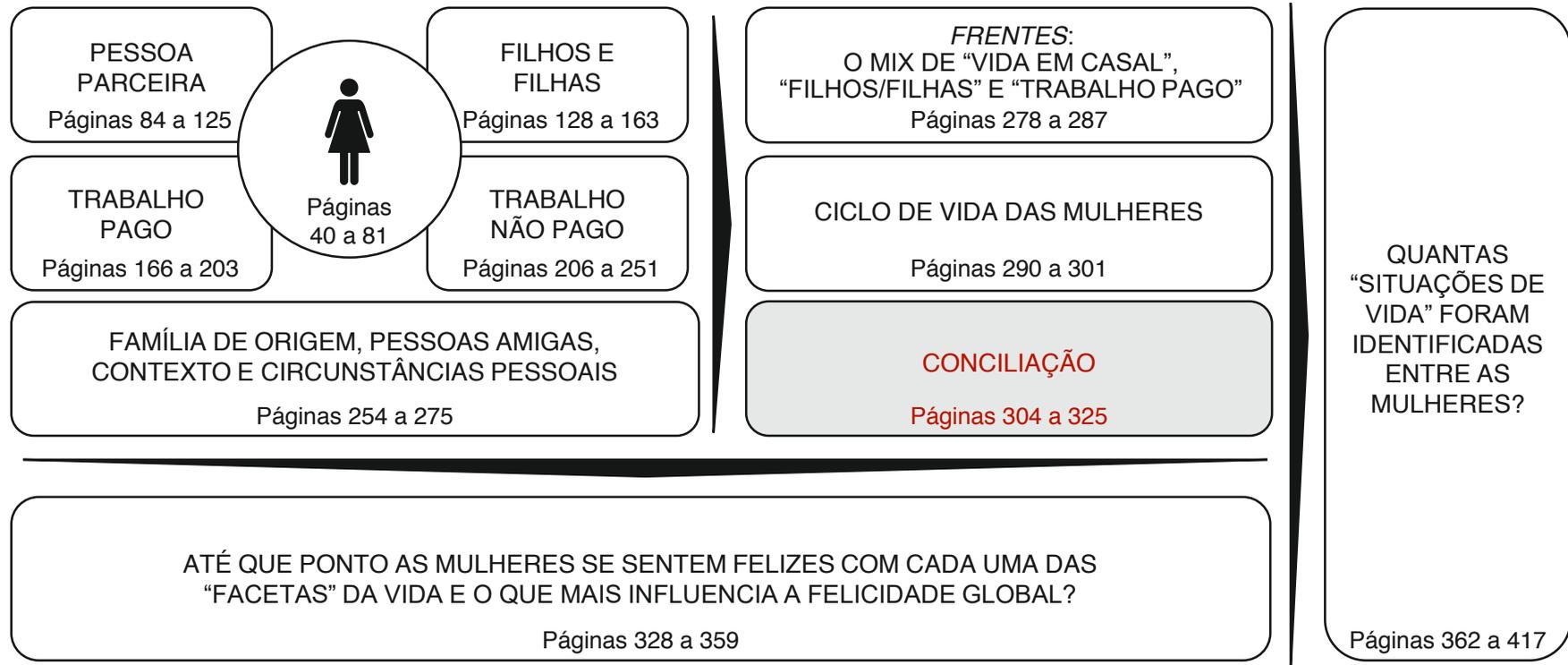


(1) Método de análise: Análise de homogeneidade.

## **Capítulo 9**

### **Principais resultados sobre a conciliação do trabalho pago com a vida pessoal/familiar**

Nas páginas da 304 à 325 apresenta-se o que fizeram as mulheres que estavam activas no mercado de trabalho na altura em que foram mães, quantificam-se e caracterizam-se os diversos níveis de necessidade de conciliação que enfrentam as mulheres com trabalho pago, e quantifica-se o impacto da vida pessoal/familiar sobre o trabalho pago das mulheres.



O QUE FIZERAM AS MULHERES NA ALTURA DO NASCIMENTO DOS FILHOS/AS  
 NÍVEIS DE NECESSIDADE DE CONCILIAÇÃO QUE AS MULHERES COM TRABALHO PAGO ENFRENTAM  
 IMPACTO DA VIDA PESSOAL/FAMILIAR SOBRE O TRABALHO PAGO

Página 304  
 Página 312  
 Página 318

### **Atitude relativamente aos direitos de protecção da parentalidade**

Entre as mulheres que têm filhos/as e tinham trabalho pago quando os tiveram, o mais habitual, no que diz respeito ao uso dos direitos de protecção na parentalidade oferecidos, são as mulheres que gozaram de todo o tempo de licença que a lei previa, o que aconteceu em 69% dos casos. As que gozaram de menos tempo do que a lei previa são o caso seguinte mais habitual (21%), e o menos frequente são as mulheres que continuaram a trabalhar assim que lhes foi possível (10%).

Entre as mulheres cujo filho/a mais novo nasceu já com a nova legislação, as que gozaram de todo o tempo que a lei previa são menos do que as que gozaram de todo o tempo que a lei previa com a legislação antiga (55% agora relativamente a 79% no passado).

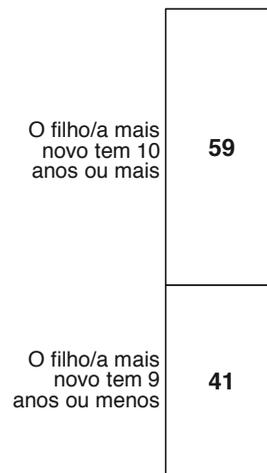
**RELAÇÃO COM O TRABALHO  
PAGO QUANDO TIVERAM OS  
FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria



**IDADE DO FILHO/A MAIS  
NOVO/A**

% de mulheres por categoria

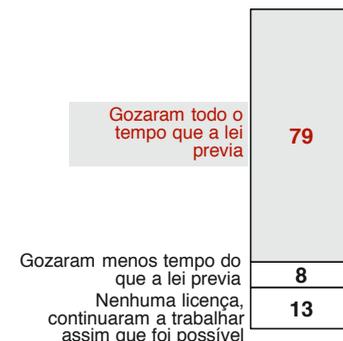


Base: Tinham trabalho pago quando tiveram todos ou alguns dos filhos/as (79%=100%)

Base: O filho/a mais novo/a tem 10 anos ou mais (59%=100%)

**LICENÇA DE PARENTALIDADE QUE GOZARAM**

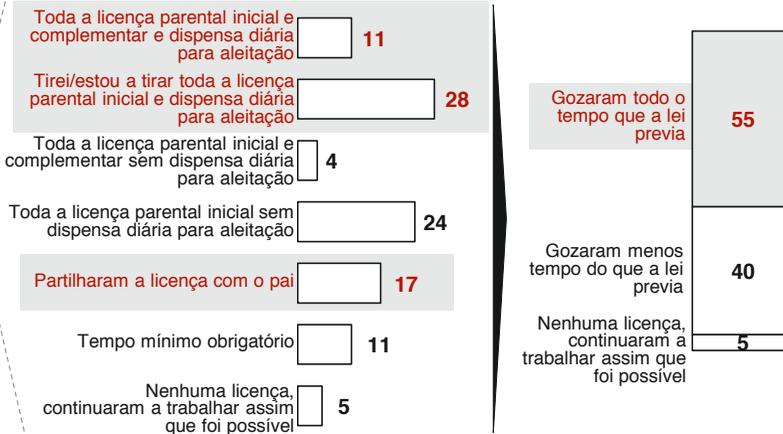
% de mulheres por categoria



Base: O filho/a mais novo/a tem 9 anos ou menos (41%=100%)

**LICENÇA DE PARENTALIDADE / ALEITAÇÃO QUE GOZARAM**

% de mulheres por categoria



**LICENÇA DE PARENTALIDADE /  
ALEITAÇÃO QUE GOZARAM**

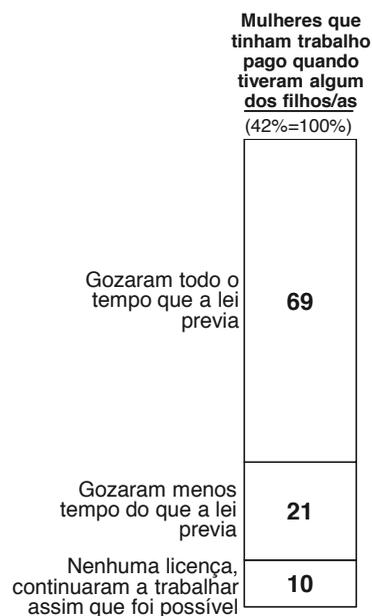
% de mulheres por categoria



### **Atitude relativamente aos direitos de protecção da parentalidade em função de alguns critérios-chave**

Entre as mulheres que têm filhos/as e tinham trabalho pago quando os tiveram, a atitude das mulheres relativamente aos direitos de protecção na parentalidade é sobretudo influenciada pelo grau de centralidade do trabalho pago para as mulheres. Entre as que “trabalhariam mesmo se não precisassem de dinheiro”, atingem o máximo as que não gozaram de nenhuma licença e continuaram a trabalhar assim que foi possível.

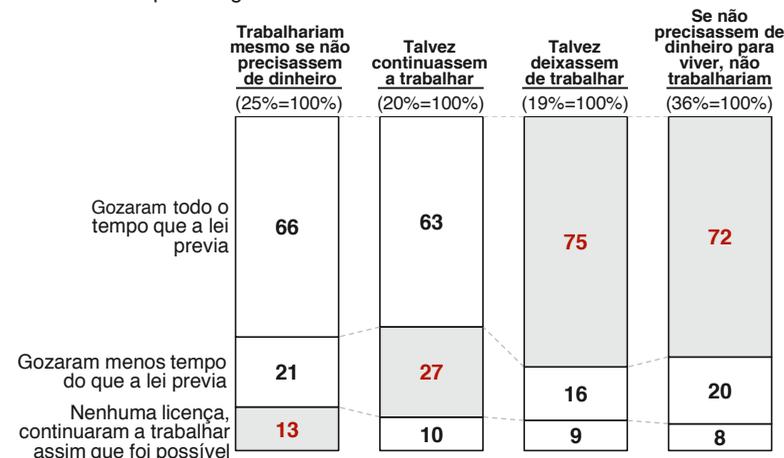
As dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês e o facto de ter amamentado algum filho/a também influem.



Principais diferenças

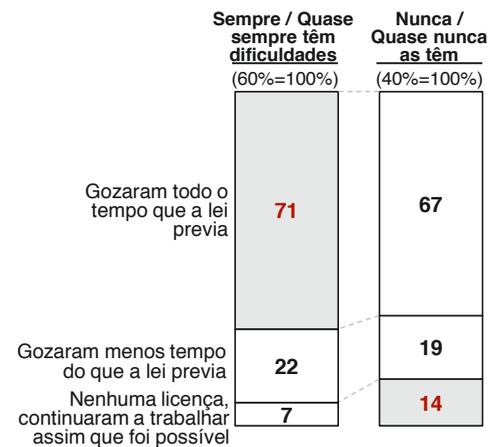
**EM FUNÇÃO DO GRAU DE CENTRALIDADE DO TRABALHO PAGO**

% de mulheres por categoria



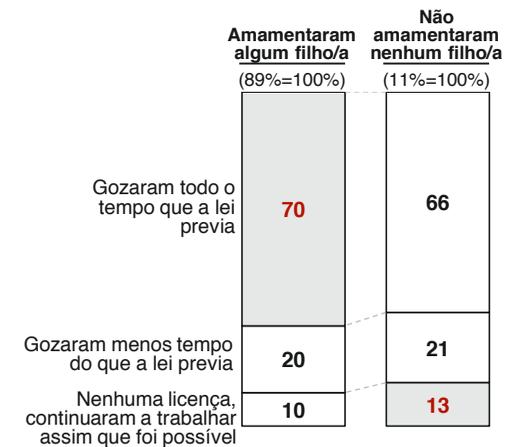
**EM FUNÇÃO DO GRAU DE DIFICULDADE EM FAZER CHEGAR O DINHEIRO ATÉ AO FIM DO MÊS**

% de mulheres por categoria



**EM FUNÇÃO DE SE AMAMENTARAM OS FILHOS/AS**

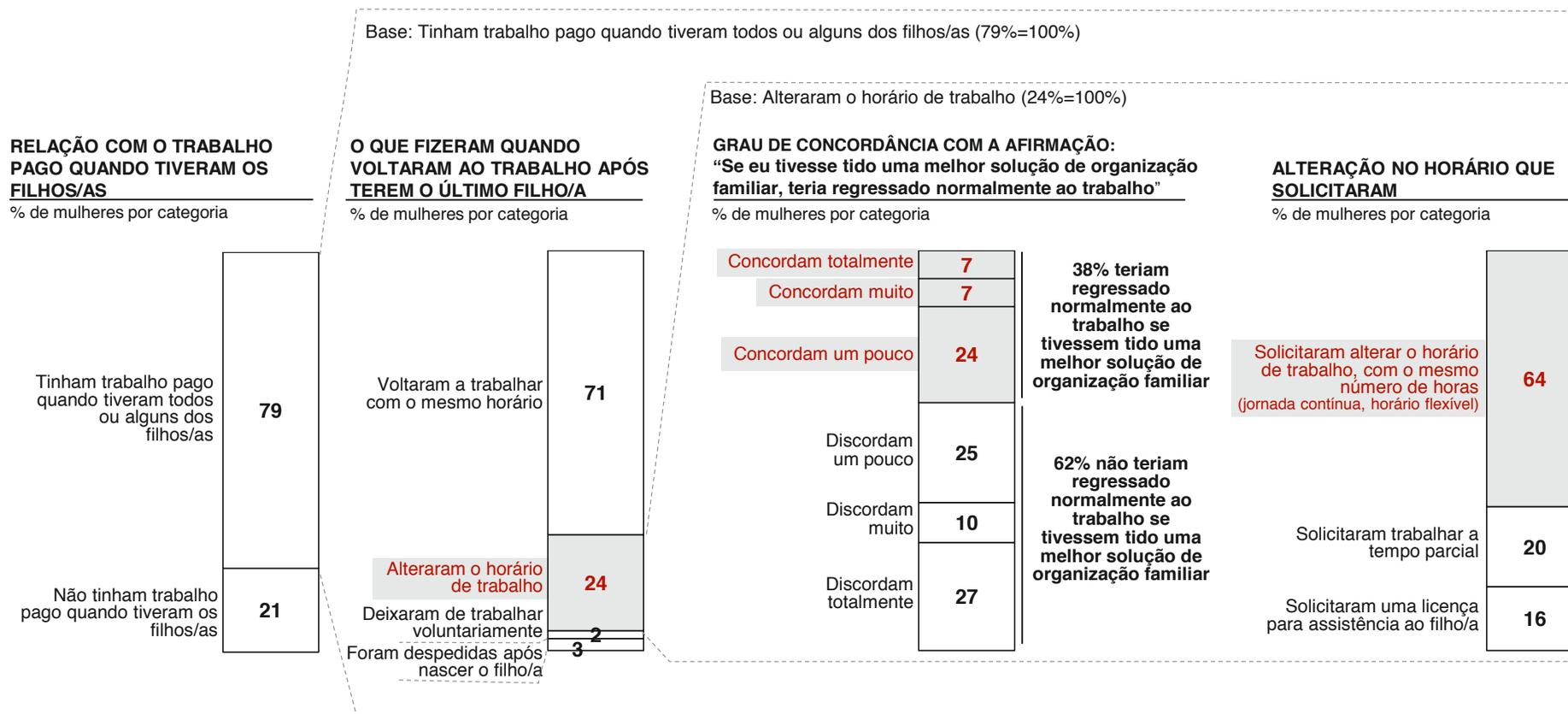
% de mulheres por categoria



### **O que fizeram quando voltaram ao trabalho após terem filhos/as?**

Entre as mulheres que têm filhos/as e tinham trabalho pago quando os tiveram, o mais habitual, no que diz respeito ao que fizeram quando voltaram ao trabalho após ter filhos/as, são as mulheres que voltaram a trabalhar com o mesmo horário, o que aconteceu em 71% dos casos. As que alteraram o horário de trabalho são o caso seguinte mais habitual (24%), e os casos excepcionais são as mulheres que deixaram de trabalhar voluntariamente (2%) ou as que foram despedidas após nascer o/a filho/a (3%).

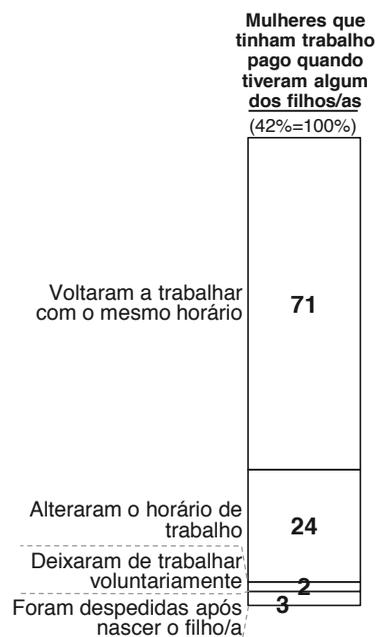
Entre as que alteraram o horário de trabalho, o mais habitual (64%) é terem pedido para alterar o horário, mantendo o número de horas (horário contínuo, horário flexível). As restantes dividem-se em partes quase iguais entre as que pediram para trabalhar a tempo parcial e as que pediram uma licença para assistência ao filho/a (20% e 16%, respectivamente).



### **O que fizeram quando voltaram ao trabalho após terem filhos/as em função de alguns critérios-chave?**

Entre as mulheres que têm filhos/as e tinham trabalho pago quando os tiveram, a atitude das mulheres quando voltaram ao trabalho após ter tido os/as filhos/as é influenciada sobretudo pelo que pensam sobre a maternidade e as crianças. Entre as “pouco orientadas para a maternidade”, atingem o máximo as que voltaram a trabalhar com o mesmo horário.

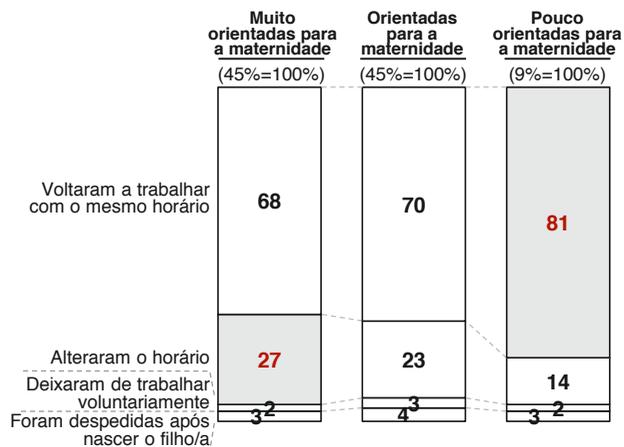
No facto de voltar a trabalhar com o mesmo horário também influem as dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês e o facto de terem amamentado um/a filho/a.



Principais diferenças

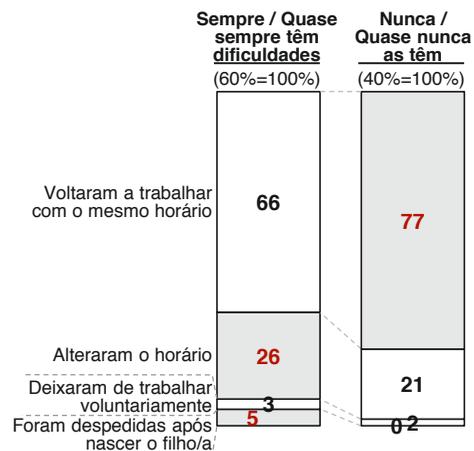
**EM FUNÇÃO DO GRAU DE CENTRALIDADE DA MATERNIDADE**

% de mulheres por categoria



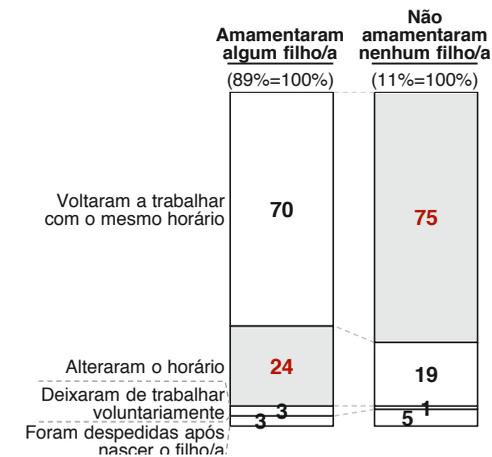
**EM FUNÇÃO DO GRAU DE DIFICULDADE EM FAZER CHEGAR O DINHEIRO ATÉ AO FIM DO MÊS**

% de mulheres por categoria



**EM FUNÇÃO DE SE AMAMENTARAM OS FILHOS/AS**

% de mulheres por categoria



### **Níveis de necessidade de conciliação identificados entre as mulheres com trabalho pago e tempo que dedicam ao trabalho**

Entre as mulheres com trabalho pago, identificaram-se cinco níveis consoante o tempo que, em cada nível, a vida privada lhes exige relativamente à vida laboral e por conseguinte, conforme a dificuldade de conciliação.

- O nível 1 inclui aquelas cuja vida privada apenas exige horas não pagas porque continuam a viver em casa dos pais: destinam 3 horas e 48 minutos, por dia, em média, a tarefas da casa e cuidado de pessoas dependentes. O trabalho pago requer 7 horas e seis minutos, por dia, em média, (é o nível onde é mais baixo). Do total das quase 11 horas de trabalho diário, 65% são remuneradas. A conciliação é simples neste nível.
- O nível 2 inclui aquelas cuja vida privada continua sem exigir demasiadas horas de trabalho não pagas porque vivem sozinhas na sua própria casa: destinam 3 horas e 12 minutos, por dia, em média, a tarefas da casa e cuidado de pessoas dependentes. O trabalho pago requer quase 8 horas, por dia, em média, (é o nível onde é mais elevada). Do total das mais de 11 horas de trabalho diário, 71% são remuneradas. A conciliação continua a ser simples.
- O nível 3 inclui aquelas cuja vida privada começa a exigir um maior número de horas de trabalho não pago porque vivem com o companheiro/a: destinam 4 horas e 18 minutos, por dia, em média,

às tarefas domésticas que partilham com o companheiro/a. Neste nível, o trabalho pago exige mais de 7 horas e meia, por dia, em média. Do total das quase 12 horas de trabalho diário, 64% são remuneradas. A conciliação é possível.

- O nível 4 inclui aquelas cuja vida privada exige muitas horas de trabalhos não pagos porque têm filhos/as, embora já todos sejam maiores: destinam mais de 5 horas, por dia, em média, às tarefas que dedicam à casa familiar e aos filhos/as maiores ou a pessoas dependentes. Neste nível, o trabalho pago requer quase 7 horas e meia, por dia, em média. Do total das quase 13 horas de trabalho diário, 58% são remuneradas. A conciliação volta a ser possível.
- O nível 5 inclui aquelas cuja vida privada exige muitíssimas horas de trabalhos não pagos porque têm algum filho/a menor: destinam mais de 6 horas, por dia, em média, à casa familiar e aos filhos/as ou a outras pessoas dependentes. Neste nível, o trabalho pago requer 7 horas e 18 minutos, por dia, em média. Do total das 13 horas e meia que trabalham por dia, apenas metade são remuneradas. A conciliação é muito complicada.

Por conseguinte, à medida que a vida pessoal das mulheres se complica, não só o número de horas que têm de trabalhar aumenta, como também o peso que sobre o total destas horas representa as que destinam a trabalho não pago.



### **Tempo de que as mulheres dispõem para si próprias em cada um dos cinco níveis de necessidade de conciliação identificados**

À medida que as necessidades de conciliação das mulheres se vão complicando, não só o número de horas de que dispõem para si próprias nos dias úteis diminui como, além disso, aumenta o peso do tempo que, durante estas horas, passam a dormir.

- No nível 1, as mulheres dispõem de 11 horas e 36 minutos, por dia, em média, para si próprias sendo que, à volta de 4 horas e meia, são passadas acordadas e as 7 horas restantes a dormir. Isto significa que, do total de horas que têm para si próprias nos dias úteis, 40% são tempo que passam acordadas.
- No nível 2, as mulheres dispõem do mesmo tempo para si próprias que no nível anterior, e também o distribuem de uma forma muito semelhante. A única diferença é que dormem quase dez minutos menos.
- No nível 3, as mulheres dispõem de 10 horas e 48 minutos, por dia, em média, para si próprias das quais dormem à volta de 7 horas, por dia, em média, e sobra-lhes menos de 4 para estarem acordadas. Isto significa que, do total de horas que têm para si próprias nos dias úteis, estão acordadas um terço (34%).

- No nível 4, as mulheres dispõem de 10 horas, por dia, em média, para si próprias das quais dormem 6 horas e 45 minutos, em média, por dia, e sobra-lhes 3 horas para estar acordadas diariamente. Isto significa que, do total de horas que têm para si próprias nos dias úteis, menos de um terço (31%) é tempo em que estão acordadas.
- No nível 5, as mulheres dispõem de 9 horas, em média, por dia, para si próprias. Dormem menos de 7 horas, em média, por dia, e apenas lhes sobram 2 horas, em média, para estar acordadas o que significa que, do total de horas que têm para si próprias nos dias úteis, só estão acordadas 23% do tempo.



[x:xx] → [horas:minutos]

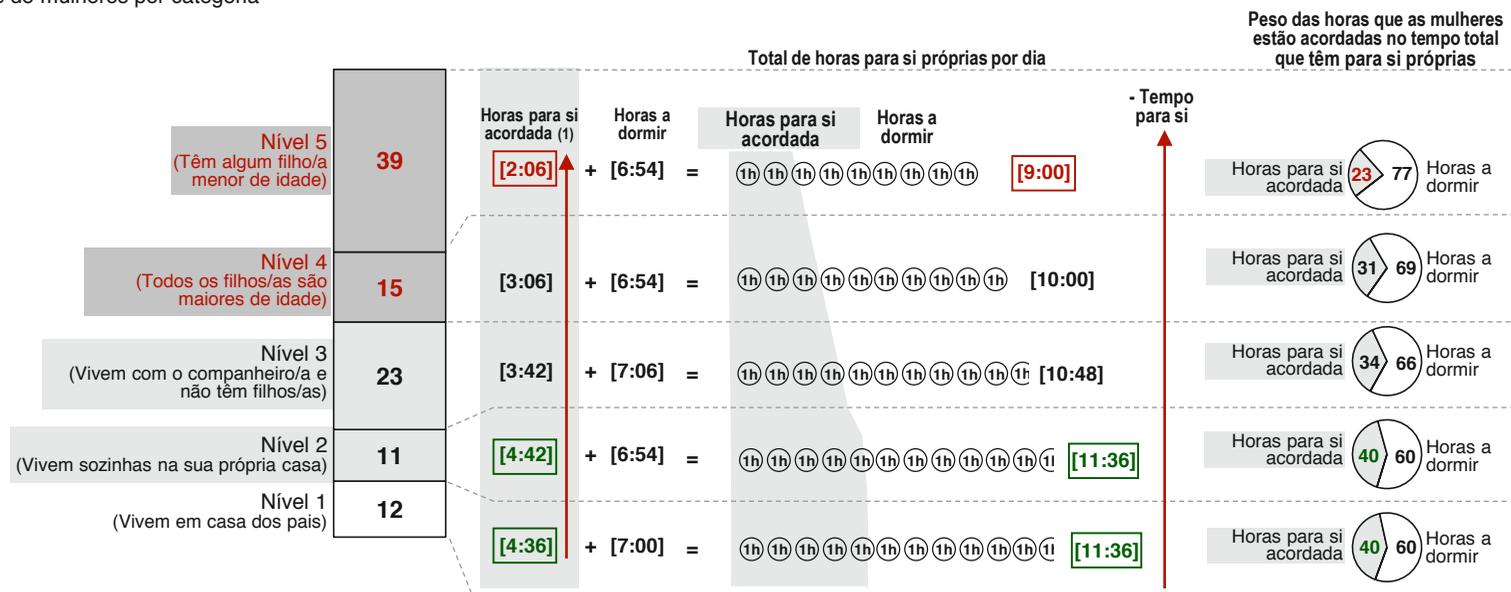
   Situação mais favorável para a mulher

   Situação menos favorável para a mulher

**NÍVEIS DE NECESSIDADE DE CONCILIAÇÃO  
DO TRABALHO COM A VIDA PESSOAL/FAMILIAR**

**TEMPO QUE AS MULHERES TÊM PARA SI PRÓPRIAS NOS DIAS ÚTEIS**

% de mulheres por categoria



(1) Em casa e fora de casa.

### **Equilíbrio entre as horas de trabalho e o tempo de que as mulheres dispõem para si próprias em cada um dos cinco níveis de necessidade de conciliação identificados**

Em três dos cinco níveis de necessidade de conciliação identificados, as mulheres enfrentam uma situação desfavorável entre as horas que dedicam a trabalhar e o tempo de que dispõem para si próprias:

- No nível 5, o saldo entre as horas que as mulheres trabalham e as horas que têm para si próprias é negativo em 4 horas e meia, o que significa que as mulheres cuja vida se encontra neste nível trabalham, diariamente, quase mais 5 horas do que conseguem descansar, quer a dormir quer acordadas.
- No nível 4, o saldo também é negativo, apesar de se reduzir quase a metade no que diz respeito ao nível 5, situando-se em 2 horas e 42 minutos de saldo negativo por dia.
- No nível 3, o saldo continua a ser negativo, mas já só em 1 hora por dia.

Nos outros dois níveis de necessidade de conciliação identificados, as mulheres enfrentam uma situação favorável entre as horas que dedicam a trabalhar e o tempo de que dispõem para si próprias:

- No nível 2, o saldo entre as horas que as mulheres trabalham diariamente e as horas que têm para si próprias é de meia-hora positiva, o que significa que neste nível as mulheres trabalham, diariamente, nos dias úteis, menos 30 minutos do tempo que têm para descansar.
- No nível 1, o saldo é ainda mais favorável: as mulheres trabalham, diariamente, nos dias úteis, menos 42 minutos do tempo que podem descansar.

Por conseguinte, à medida que as necessidades de conciliação se vão complicando, o *gap* que se produz diariamente entre as horas que a mulher trabalha e as horas de que dispõe para fazer as suas coisas e praticar as suas actividades preferidas é cada vez mais desfavorável.



**NÍVEIS DE NECESSIDADE DE CONCILIAÇÃO DO TRABALHO COM A VIDA PESSOAL/FAMILIAR**  
% de mulheres por categoria

		<b>EQUILÍBRIO TRABALHO VS. TEMPO PARA SI PRÓPRIAS</b> [x:xx] → [horas:minutos]	<b>Diferença Descanso vs. Trabalho</b>	<b>Idade média</b>
Nível 5 (Têm algum filho/a menor de idade)	39	Trabalho (pago + não pago) [13:30] > Tempo para si própria [9:00] [-4:30] h 1h 1h 1h 1h	CANSADAS	40 anos
		Trabalho (pago + não pago) [12:42] > Tempo para si própria [10:00] [-2:42] h 1h 1h 1h		54 anos
Nível 4 (Todos os filhos/as são maiores de idade)	15	Trabalho (pago + não pago) [11:54] = Tempo para si própria [10:48] [-1:06] h 1h		37 anos
Nível 3 (Vivem com o companheiro/a e não têm filhos/as)	23	Trabalho (pago + não pago) [11:06] = Tempo para si própria [11:36]	Ⓜ [+0:30]	40 anos
Nível 2 (Vivem sozinhas na sua própria casa)	11	Trabalho (pago + não pago) [10:54] < Tempo para si própria [11:36]	Ⓜ [+0:42]	30 anos
Nível 1 (Vivem em casa dos pais)	12			

### **Varição da exigência do trabalho pago**

Entre as mulheres que têm trabalho pago (71%), identificaram-se três situações em função do nível de exigência em tempo e esforço do trabalho actual relativamente às experiências passadas. O menos habitual, são as mulheres que, no passado, tiveram um trabalho que lhes exigia mais dedicação de tempo ou esforço do que actualmente. As outras duas situações têm proporções semelhantes: as mulheres para as quais a dedicação de tempo ou esforço ao trabalho é actualmente semelhante à que era no passado e a daquelas para quem o trabalho actual está a exigir a máxima dedicação de tempo ou esforço (39% e 37%, respectivamente).

Entre as mulheres que se encontram nalguma destas duas últimas situações, um quarto declarou que no passado recusaram alguma oferta de trabalho mais exigente.

Combinando a situação laboral actual com estes dois critérios de variação da exigência do trabalho pago, classificou-se o conjunto dos 2,7 milhões de mulheres objecto deste estudo em 7 tipos.

**TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DE TRABALHO**

% de mulheres por categoria

	<b>71</b>
<b>Têm trabalho pago</b>	
Desempregadas activamente à procura de emprego	10
Já trabalharam (não estão à procura de emprego)	10
Nunca trabalharam	2
Estão a estudar	7

Base: Têm trabalho pago (71%=100%)

**NÍVEL DE EXIGÊNCIA EM TEMPO E ESFORÇO DO TRABALHO ACTUAL**

% de mulheres por categoria

O trabalho está a exigir a máxima dedicação de tempo ou esforço	37
A dedicação de tempo ou esforço ao trabalho é actualmente semelhante à que era no passado	39
<b>O trabalho actual exige uma dedicação inferior ao passado</b>	<b>24</b>

Base: O trabalho está a exigir a máxima dedicação ou uma dedicação semelhante ao passado (76%=100%)

**RECUSARAM ALGUMA OFERTA DE TRABALHO QUE EXIGIRIA UMA MAIOR DEDICAÇÃO EM TEMPO OU ESFORÇO**

% de mulheres por categoria

Nunca recusaram nenhuma oferta de trabalho mais exigente	75
<b>No passado recusaram alguma oferta de trabalho mais exigente</b>	<b>25</b>

**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO A VARIAÇÃO DA EXIGÊNCIA DO TRABALHO PAGO**

% de mulheres por categoria

Têm trabalho pago com uma dedicação semelhante ou superior ao passado e nunca recusaram nenhuma oferta de trabalho mais exigente	41
<b>No passado recusaram alguma oferta de trabalho mais exigente</b>	<b>13</b>
<b>O trabalho actual exige uma dedicação inferior ao passado</b>	<b>17</b>
Desempregadas activamente à procura de emprego	10
Já trabalharam (não estão à procura de emprego)	10
Nunca trabalharam	2
Estão a estudar	7

### **Quantas mulheres deram prioridade à vida pessoal/familiar relativamente ao trabalho pago?**

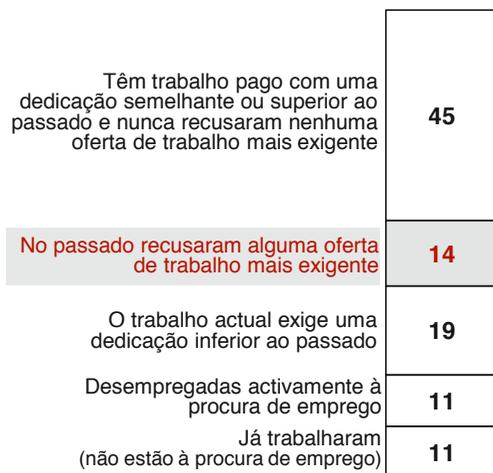
A situação de desequilíbrio permanente e sustentado a que muitas mulheres se expõem, ano após ano, entre as horas que trabalham diariamente e as horas de que dispõem para si próprias e para as suas coisas, sobretudo enquanto algum dos/as filhos/as é pequeno/a, acaba por significar que, das que têm experiência no mercado de trabalho, quase um terço (31%) acaba por adaptar a vida laboral à vida pessoal/familiar.

Entre elas, há três tipos de adaptações: 14% recusaram uma oferta de trabalho mais exigente, 12% puseram um travão e 5% deixaram de estar activas no mercado de trabalho.

Por conseguinte, a grande maioria (84%) das que adaptaram a vida laboral à vida pessoal/familiar puseram algum tipo de travão, e são uma minoria (16%) as que tomaram a decisão mais drástica de deixar o trabalho pago que tinham.

### TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO A VARIAÇÃO DA EXIGÊNCIA DO TRABALHO PAGO

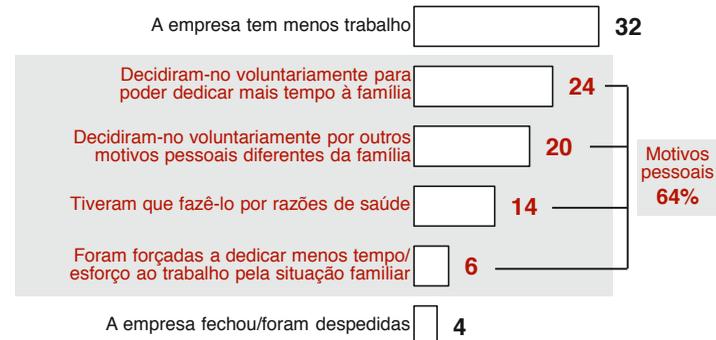
% de mulheres por categoria



Base: O trabalho actual lhe exige uma dedicação inferior ao passado (19%=100%)

#### MOTIVO PRINCIPAL PELO QUAL ESTÁ ACTUALMENTE A DEDICAR MENOS TEMPO OU ESFORÇO AO TRABALHO

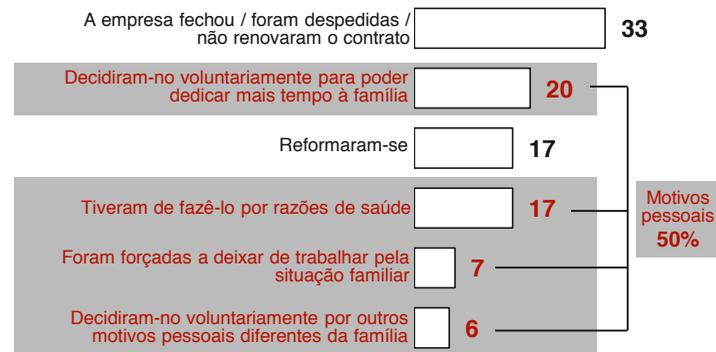
% de mulheres por categoria



Base: Já trabalharam (não estão à procura de emprego) (11%=100%)

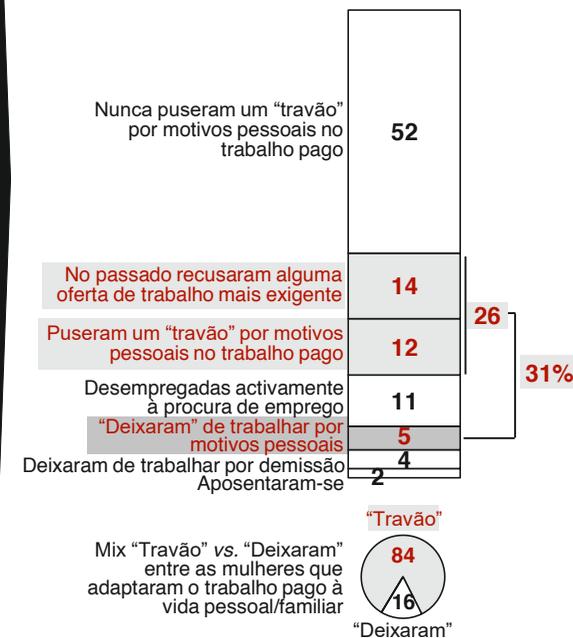
#### MOTIVO PRINCIPAL PELO QUAL DEIXARAM DE TRABALHAR

% de mulheres por categoria



### TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO A PRIORIDADE QUE DERAM À VIDA PESSOAL/FAMILIAR

% de mulheres por categoria



### **Algumas características-chave da vida das mulheres em função da prioridade que deram à vida pessoal/familiar**

As que tomaram a decisão de dar prioridade à vida pessoal/familiar relativamente ao trabalho pago mais tarde são as que optaram por “deixar” o mercado de trabalho aos 40 anos, em média. No extremo oposto, as que tomaram antes a decisão são as que recusaram uma oferta mais exigente, aos 29 anos, em média.

As que mais se arrependem de ter dado prioridade à vida pessoal/familiar relativamente ao trabalho pago são as que deixaram de trabalhar por motivos pessoais: arrependem-se uma em cada três. Entre elas, a centralidade do trabalho pago situa-se muito acima das outras duas. As que menos se arrependem da decisão tomada são as que puseram um travão.

Entre as que “deixaram” de estar activas no mercado de trabalho, há mais mulheres que vivem com o companheiro/a e quase todas têm filhos/as. São as que deixaram os/as filhos/as mais tarde no berçário/creche.

### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DA PRIORIDADE QUE DERAM À VIDA PESSOAL/FAMILIAR

% de mulheres por categoria

Nunca puseram um "travão" por motivos pessoais no trabalho pago	52
No passado recusaram alguma oferta de trabalho mais exigente	14
Puseram um "travão" por motivos pessoais no trabalho pago	12
Desempregadas activamente à procura de emprego	11
"Deixaram" de trabalhar por motivos pessoais	5
Deixaram de trabalhar por demissão	4
Aposentaram-se	2

Valores máximos

Valores mínimos

#### IDADE COM QUE DERAM PRIORIDADE À VIDA PESSOAL

Idade média com que deram prioridade à vida pessoal/familiar relativamente ao trabalho pago

29 anos	38 anos	40 anos
---------	---------	---------

#### ARREPENDEM-SE DE PÔR UM "TRAVÃO" OU DEIXAR DE TRABALHAR

Arrependem-se de ter tomado a decisão  
Não se arrependem

25%	9%	33%
75%	91%	67%

#### GRAU DE CENTRALIDADE DO TRABALHO PAGO

Trabalhariam mesmo se não precisassem de dinheiro  
Se não precisassem de dinheiro talvez continuassem a trabalhar  
Se não precisassem de dinheiro talvez deixassem de trabalhar  
Se não precisassem de dinheiro, não trabalhariam

17%	25%	30%
19%	21%	20%
19%	18%	22%
45%	36%	28%

#### SITUAÇÃO DE CASAL

Vivem com o companheiro/a  
Têm companheiro/a mas não vivem com ele/a  
Não têm companheiro/a

64%	61%	79%
13%	11%	7%
23%	28%	14%

#### NÚMERO DE FILHOS/AS QUE TIVERAM

Tiveram 3 filhos/as ou mais  
Tiveram 2 filhos/as  
Tiveram 1 filho/a  
Não têm filhos/as

4%	11%	22%
22%	24%	31%
23%	29%	30%
51%	36%	17%

#### IDADE DOS FILHOS/AS QUANDO OS/AS DEIXOU PELA 1.ª VEZ NO BERÇÁRIO/CRECHE, INFANTÁRIO OU NA ESCOLA

Base: Têm filhos/as  
Deixaram com menos de 1 ano no berçário/creche  
1 ou 2 anos  
Deixaram com 3 ou mais anos na escola  
Ainda não o/a deixaram

(49%)	(64%)	(83%)
43%	31%	15%
17%	25%	14%
37%	41%	67%
3%	3%	4%

### COMO ADAPTARAM O TRABALHO PAGO À VIDA PESSOAL/FAMILIAR

Recusaram alguma oferta mais exigente (14%=100%)	Puseram um "travão" por motivos pessoais (12%=100%)	"Deixaram" de trabalhar por motivos pessoais (5%=100%)
---	--	---

### **Prioridade que deram à vida pessoal/familiar em função do número de filhos/as que têm e o nível de escolaridade**

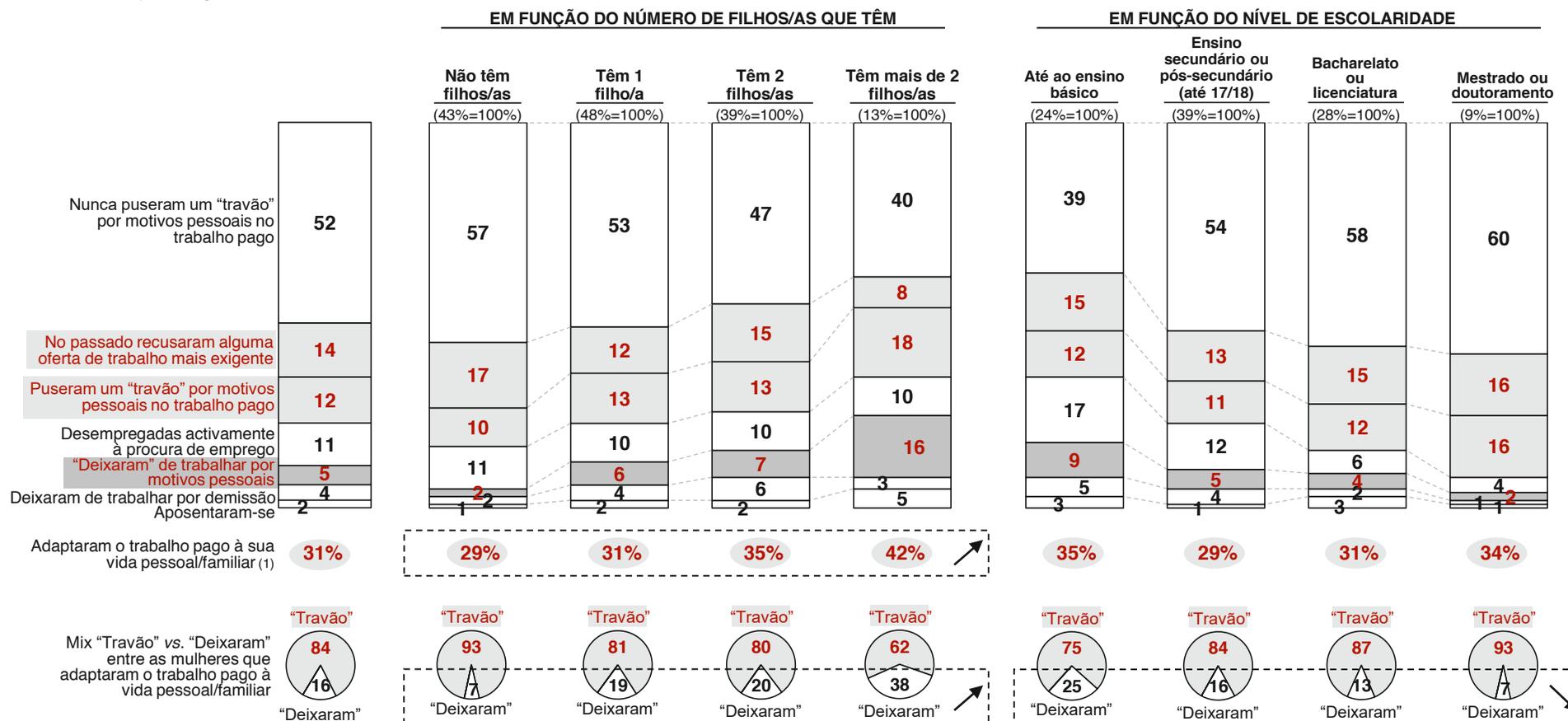
Tanto o nível de escolaridade como a relação com os/as filhos/as são determinantes na tomada da decisão sobre se se dá prioridade ou não à vida pessoal/familiar no âmbito do trabalho pago.

31% das mulheres que adaptaram a vida laboral à vida pessoal/familiar alcançam o valor máximo entre as que têm mais de 2 filhos/as (entre as quais aumenta 11 pontos, situando-se em 42%). E o segundo valor mais elevado (35%) sucede entre as mulheres que têm 2 filhos/as e também entre as que deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico.

A proporção do “travão” relativamente ao “abandono” está também muito influenciada por estes dois critérios: o “abandono” diminui à medida que o nível de escolaridade aumenta, e aumenta com o número de filhos/as que a mulher tem.

## TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO A PRIORIDADE QUE DERAM À VIDA PESSOAL/FAMILIAR

% de mulheres por categoria

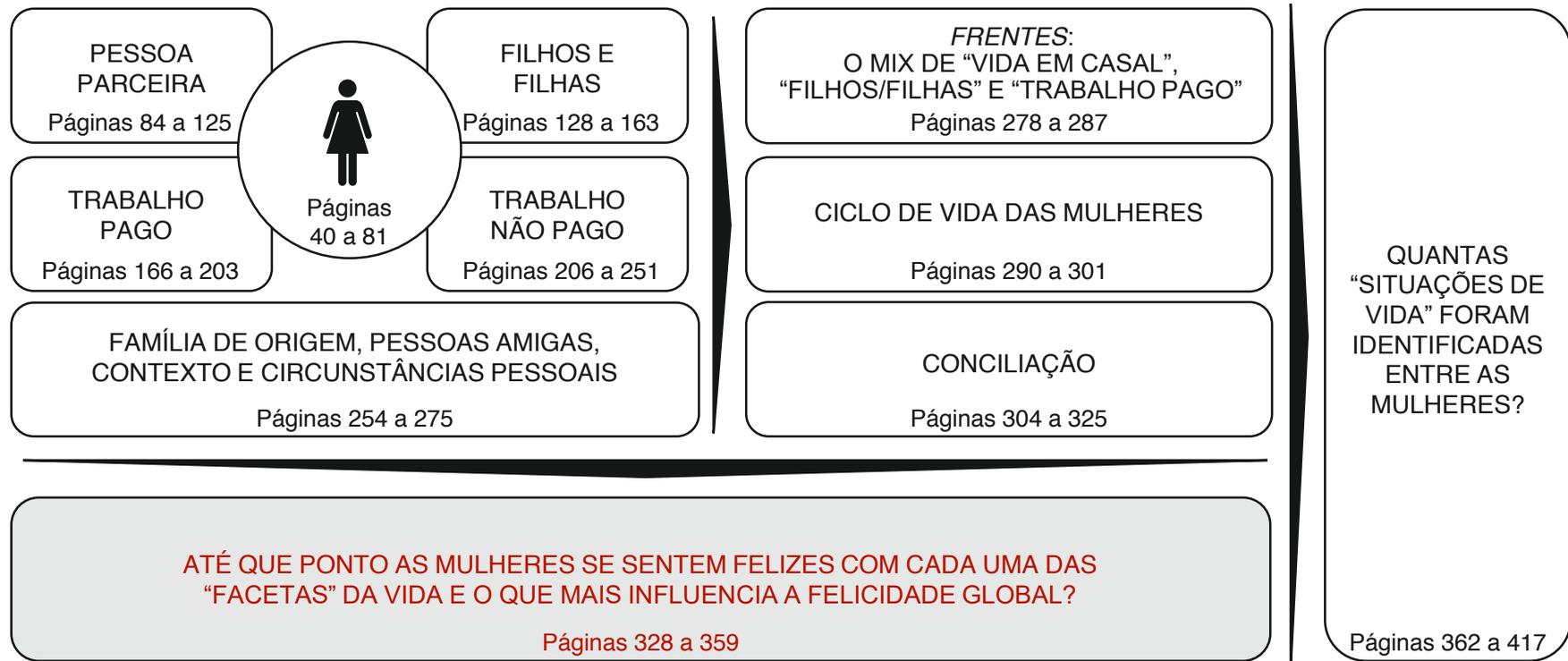


(1) Recusaram alguma oferta mais exigente, puseram um "travão" por motivos pessoais ou "deixaram" de trabalhar por motivos pessoais.

## **Capítulo 10**

### **Principais resultados sobre até que ponto as mulheres se sentem felizes**

Nas páginas da 328 à 359 apresenta-se o nível de felicidade que as mulheres que esta investigação representa declararam relativamente à sua vida em geral e em cada uma das «facetas» que têm na sua vida, e também o resultado que se obteve sobre que «facetas» e que circunstâncias pessoais têm maior capacidade de influenciar como se sentem felizes com a sua vida em geral.



ATÉ QUE PONTO AS MULHERES DECLARAM QUE SE SENTEM FELIZES?  
O QUE INFERIMOS SOBRE A FELICIDADE DAS MULHERES

Página 328  
Página 350

### **Até que ponto se cumpriram as expectativas que tinham relativamente à vida e qual o grau de felicidade com a mesma?**

O mais comum é que os resultados se situem abaixo ou muito abaixo das expectativas: é o que aconteceu a 51% das mulheres. O caso seguinte mais comum são as que consideram que a sua vida está a satisfazer as expectativas que tinham imaginado: é o que acontece a 28% das mulheres. O menos habitual (14%) é o caso das que manifestaram que a sua vida está acima ou muito acima do que tinham imaginado que seria. As restantes 7% não criaram nenhuma expectativa sobre como seria a sua vida.

Quando analisamos a relação que há entre o nível percebido de cumprimento das expectativas e a felicidade declarada com a vida, observa-se que, como era expectável, há uma relação muito clara. Num extremo, as que situam a sua vida muito para além das expectativas declararam uma felicidade muito elevada: 8,4 em média, na escala de 0 a 10 utilizada, onde o 10 equivaleria em sentirem-se muito felizes com a vida e o 0 a não se sentirem nada felizes. No entanto, as que consideram que a sua vida se situa muito abaixo das suas expectativas declararam uma felicidade de 4,1 em média. Analisando a relação entre as duas questões, podemos concluir que o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida situa-se, tal como acontece com o companheiro, em 8, visto que entre as mulheres que declararam que as suas expectativas foram satisfeitas, a felicidade situa-se, em média, em 8,0.

Se, considerando este limiar de felicidade, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com a vida, podemos concluir que menos de metade (47%) se sentem felizes ou muito felizes, duas em cada dez (20%) quase felizes e um terço (33%) sentem-se infelizes com a sua vida.

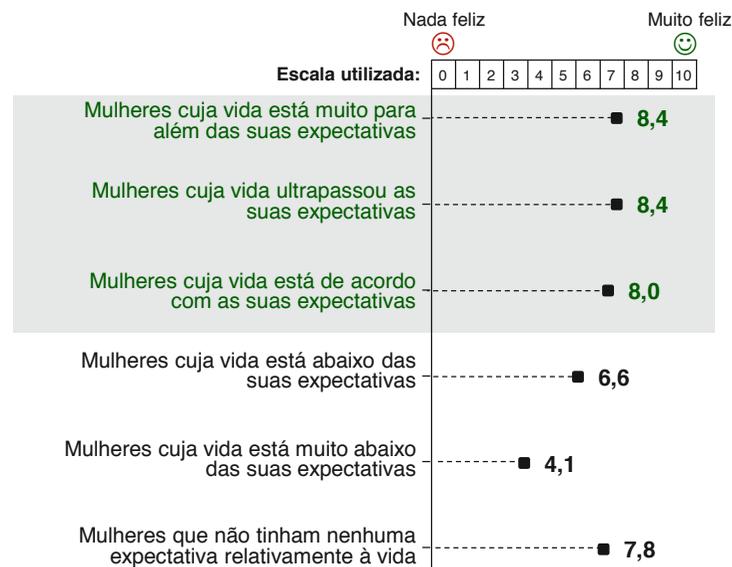
Se compararmos esta tipologia resultante com a do cumprimento de expectativas, é evidente que há mulheres que se sentem felizes ou quase felizes com a sua vida apesar de as expectativas que tinham sobre como seria não se terem cumprido.

### GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS COM A VIDA

% de mulheres por categoria

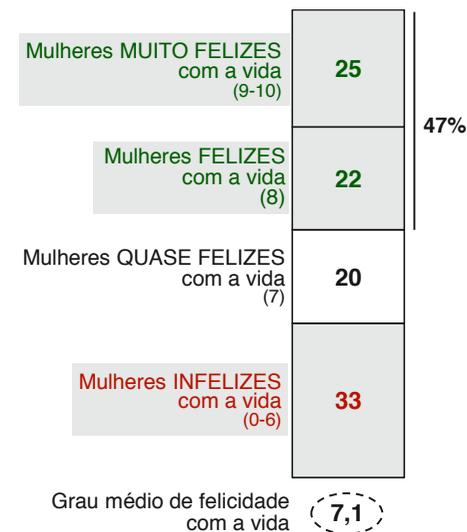


### FELICIDADE MÉDIA COM A VIDA EM FUNÇÃO DO GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS



### TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DO GRAU DE FELICIDADE COM A VIDA

% de mulheres por categoria



Na escala considerada (0 a 10), o limiar da felicidade das mulheres situa-se em 8.

### **Grau de felicidade com os amigos e as amigas**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com os amigos e as amigas, podemos concluir que a grande maioria (74%) se sente feliz ou muito feliz com as amigas. O resto divide-se em partes iguais entre as quase felizes com as amigas e as que se sentem infelizes com elas (13% em cada caso).

No que diz respeito à felicidade com os amigos, a situação é muito parecida.

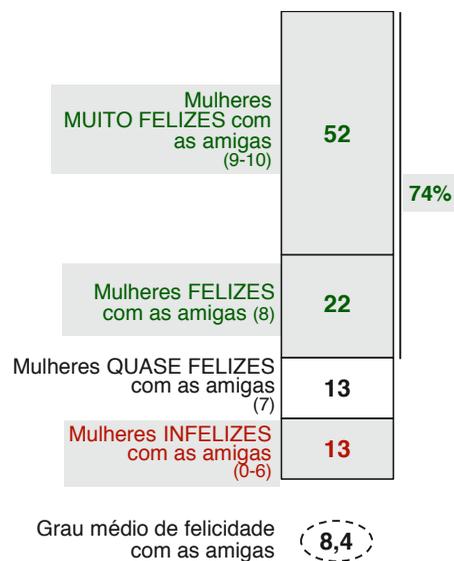
Também nos dois casos há uma relação muito clara entre o número de amigos ou amigas que têm e o grau de felicidade que sentem com eles. Os valores máximos são alcançados entre as que têm mais de cinco amigas e entre as que têm mais de cinco amigos.



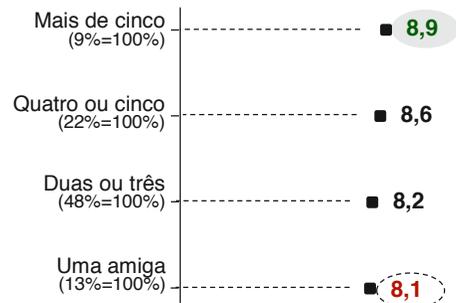
● Valores máximos  
○ Valores mínimos

### GRAU DE FELICIDADE COM AS AMIGAS

% de mulheres por categoria



### GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM AS AMIGAS EM FUNÇÃO DA QUANTIDADE QUE TÊM



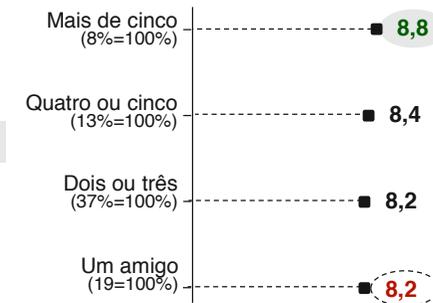
### GRAU DE FELICIDADE COM OS AMIGOS

% de mulheres por categoria



● Valores máximos  
○ Valores mínimos

### GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM OS AMIGOS EM FUNÇÃO DA QUANTIDADE QUE TÊM



### **Grau de felicidade com o aspecto físico**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com o aspecto físico, podemos concluir que as que se sentem felizes ou muito felizes com o aspecto físico são a minoria (26%). O mais habitual é que as mulheres se sintam infelizes com o aspecto físico (56%).

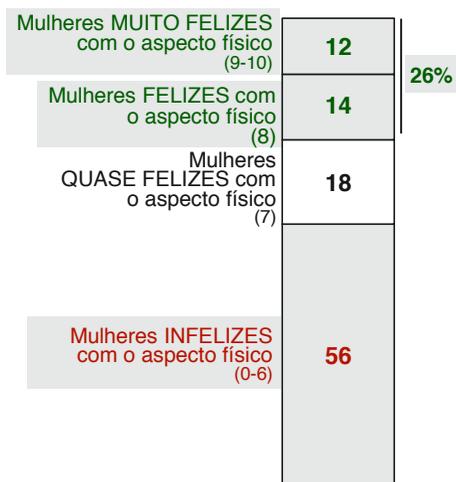
Como era de esperar, há uma relação muito clara entre o índice de massa corporal e o grau de felicidade que sentem com o aspecto físico. Entre as que tiveram um índice de “obesidade”, a felicidade com o aspecto físico tem o seu valor mínimo (4,5, em média) e entre as que se classificam em “peso baixo”, alcançam o seu máximo (7,0).

As mulheres com orientação sexual homossexual sentem-se três décimas mais felizes com o aspecto físico que as heterossexuais. As que se sentem menos felizes são as bissexuais.



### GRAU DE FELICIDADE COM O ASPECTO FÍSICO

% de mulheres por categoria



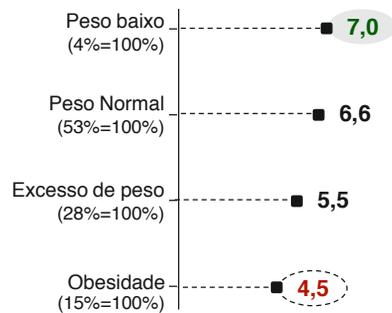
Grau médio de felicidade com o aspecto físico

**6,0**

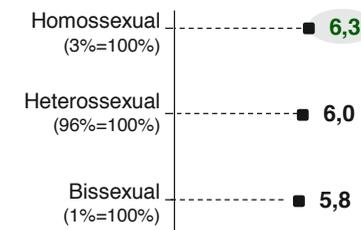
● Valores máximos  
○ Valores mínimos

### GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM O ASPECTO FÍSICO EM FUNÇÃO DE...

#### O ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (1)



#### A ORIENTAÇÃO SEXUAL



(1) Peso (em kg) / Altura<sup>2</sup> (em metros)

### **Grau de felicidade com a saúde**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com a saúde, podemos concluir que há quase a mesma proporção de mulheres que se sentem felizes ou muito felizes com a saúde (41%) do que as que se sentem infelizes (39%).

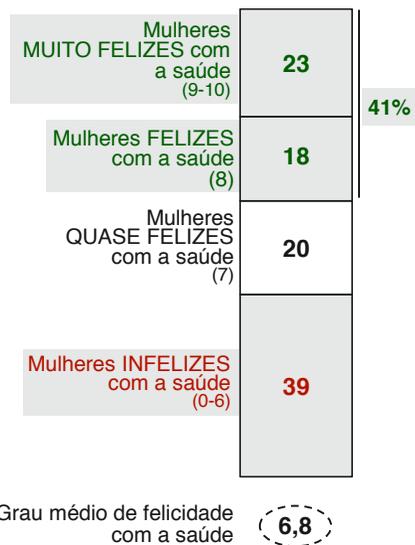
Há muita relação entre a felicidade que sentem com a saúde e o índice de massa corporal. Entre aquelas cujo índice é de “obesidade”, a felicidade com a saúde tem o seu valor mínimo (5,9 em média) e entre as que se classificam em “peso baixo”, alcançam o seu máximo (7,1).

A felicidade que sentem com a saúde também está relacionada com as *frentes* que as mulheres têm na vida. O valor mínimo da felicidade com a saúde dá-se entre as que têm só a *frente* “filhos/as” (5,4).



### GRAU DE FELICIDADE COM A SAÚDE

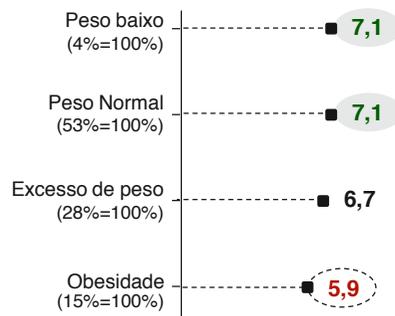
% de mulheres por categoria



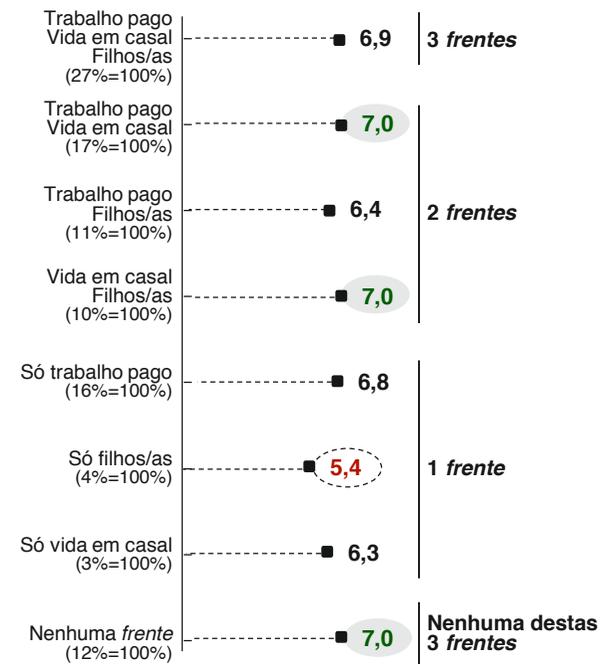
● Valores máximos  
○ Valores mínimos

### GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM A SAÚDE EM FUNÇÃO DE...

#### O ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (1)



#### TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO AS FRENTE QUE TÊM NA VIDA



(1) Peso (em kg) / Altura<sup>2</sup> (em metros)

### **Grau de felicidade com o tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com o tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos, podemos concluir que as que se sentem felizes ou muito felizes são menos de um terço (29%). O mais habitual é que se sintam infelizes com o tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos (50%).

A felicidade que sentem com o tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos está relacionada tanto com o tipo de trabalho que têm, bem como com as *frentes* que têm na vida.

No que diz respeito ao tipo de trabalho que têm: o valor mínimo ocorre entre as “não funcionárias que trabalham na administração pública” e as “empregadas no sector privado ou numa organização da economia social que trabalham num escritório” (6,1, em média, em ambos os casos).

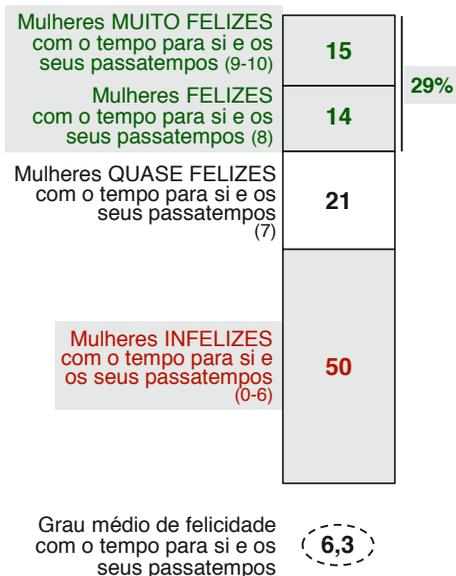
No que diz respeito à tipologia de *frentes*: os valores mínimos da felicidade com o tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos acontecem entre as que têm só a *frente* “filhos/as” (5,9) e as que têm a combinação das duas *frentes* “Trabalho pago” e “filhos/as” (6,1).



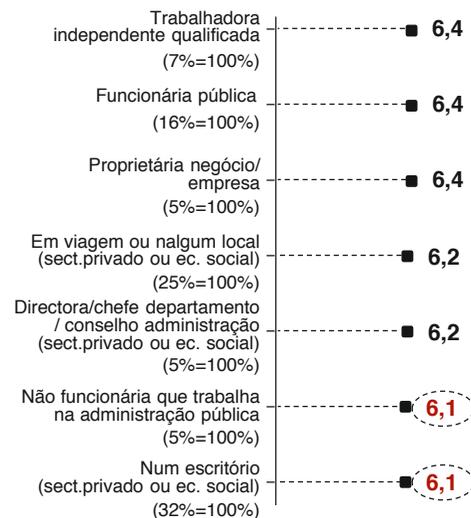
Valores máximos  
Valores mínimos

**GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM O TEMPO PARA SI PRÓPRIAS E PARA PASSATEMPOS EM FUNÇÃO DE...**

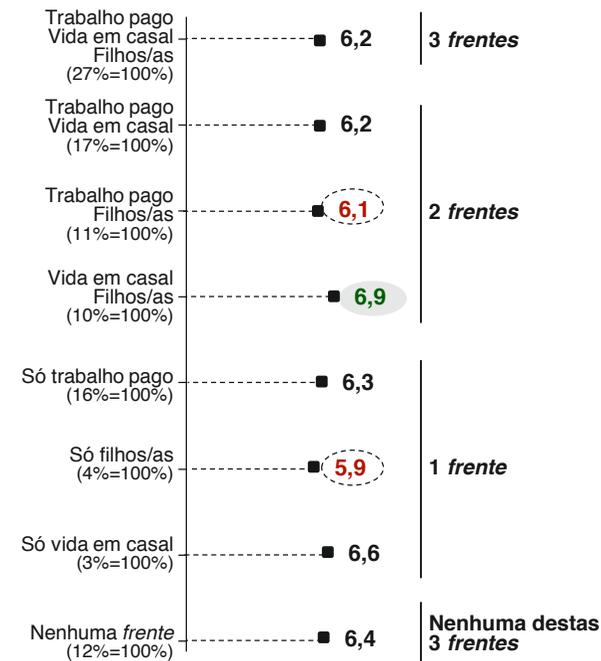
**GRAU DE FELICIDADE COM O TEMPO DE QUE DISPÕEM PARA SI PRÓPRIAS E PARA PASSATEMPOS**  
% de mulheres por categoria



**O TIPO DE TRABALHO QUE TÊM**  
Base: Têm trabalho pago



**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO AS FRENTEZ QUE TÊM NA VIDA**



### **Grau de felicidade com a mãe**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com a mãe, podemos concluir que a grande maioria (66%) se sente feliz ou muito feliz com a mãe. No extremo oposto, as que se sentem infelizes com a mãe são duas em cada dez (21%).

Não há relação entre o grau de felicidade com a mãe e o nível de escolaridade da mãe.

No entanto, a felicidade que sentem com a mãe está relacionada tanto com a estabilidade da relação dos pais como com o tempo que a mãe esteve no mercado de trabalho.

O valor mais reduzido de felicidade com a mãe acontece entre aquelas cujos pais estão separados/divorciados (7,7 em média).

Os valores máximos de felicidade com a mãe dão-se em duas situações extremas relativamente ao trabalho pago da mãe: aquelas em que “a mãe tem trabalho pago actualmente” e aquelas em que “a mãe deixou de trabalhar muito cedo para se dedicar aos cuidados da família” (8,3 e 8,2 em média, respectivamente).



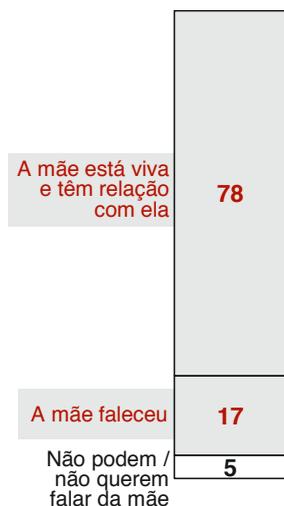
Base: Falaram da mãe (95%=100%)

● Valores máximos  
○ Valores mínimos

**GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM A MÃE EM FUNÇÃO DE...**

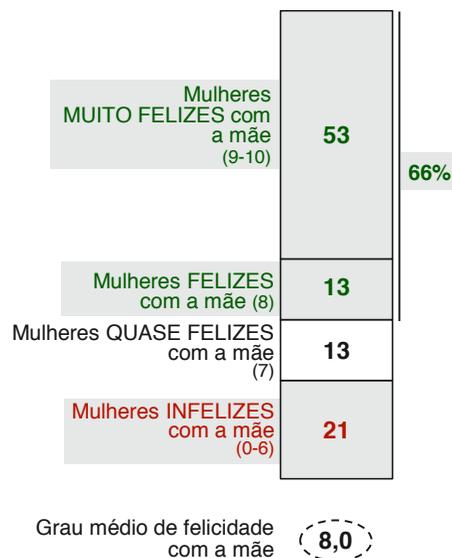
**RELAÇÃO COM A MÃE**

% de mulheres por categoria

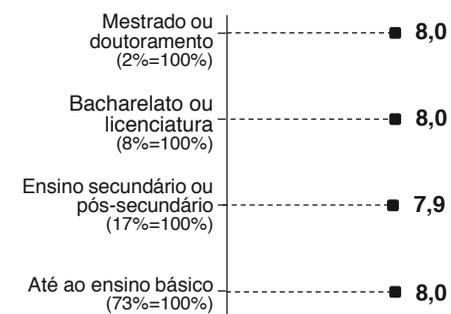


**GRAU DE FELICIDADE COM A MÃE**

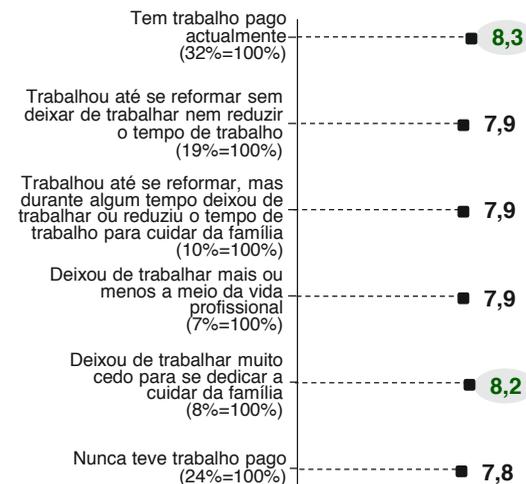
% de mulheres por categoria



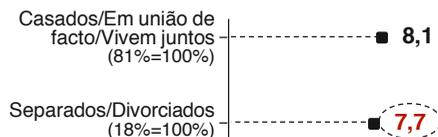
**O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE**



**O TEMPO EM QUE A MÃE ESTEVE NO MERCADO DE TRABALHO**



**A ESTABILIDADE DA RELAÇÃO DOS PAIS**



### **Grau de felicidade com o pai**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com o pai, podemos concluir que a grande maioria (60%) se sente feliz ou muito feliz com o pai. No extremo oposto, as que se sentem infelizes com o pai são mais de um quarto (27%).

A felicidade que sentem com o pai está relacionada tanto com o nível de escolaridade do pai, como com a estabilidade da relação dos pais e o tempo que o pai esteve no mercado de trabalho.

O valor mais reduzido de felicidade com o pai acontece entre aquelas cujos pais estão separados/divorciados (6,1, em média).

Os valores máximos de felicidade com o pai dão-se entre aqueles pais com algum “mestrado ou doutoramento”, e em duas situações relativamente ao trabalho pago do pai: aquelas em que “o pai tem trabalho pago actualmente” e aquelas em que “o pai trabalhou até se reformar, mas durante algum tempo, deixou de trabalhar ou reduziu o tempo de trabalho para cuidar da família” (7,8 e 7,9, em média, respectivamente).



Base: Falaram do pai (92%=100%)

● Valores máximos  
○ Valores mínimos

**GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM O PAI EM FUNÇÃO DE...**

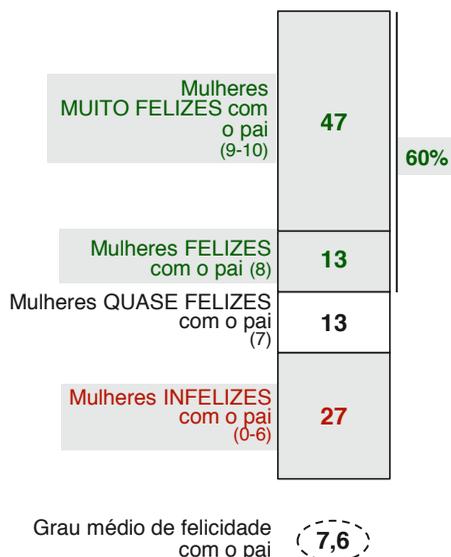
**RELAÇÃO COM O PAI**

% de mulheres por categoria

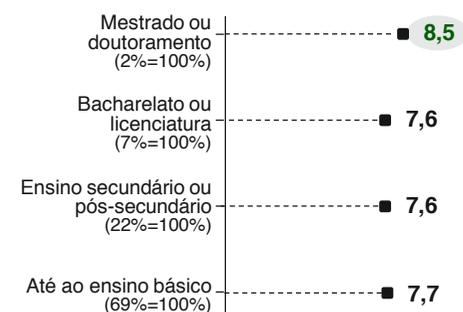


**GRAU DE FELICIDADE COM O PAI**

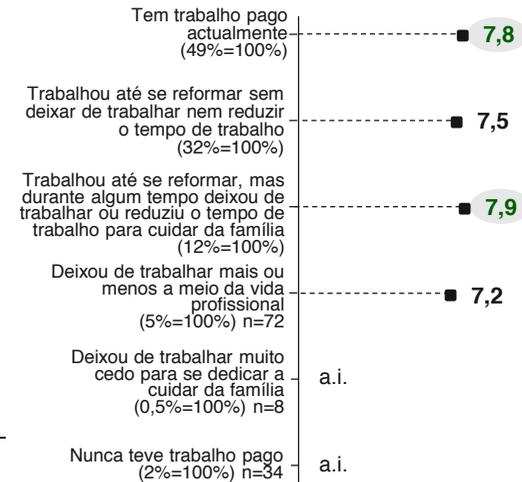
% de mulheres por categoria



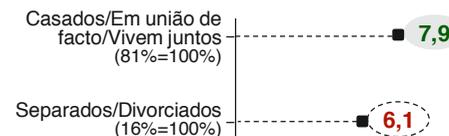
**O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI**



**O TEMPO EM QUE O PAI ESTEVE NO MERCADO DE TRABALHO**



**A ESTABILIDADE DA RELAÇÃO DOS PAIS**



a.i.: amostra insuficiente

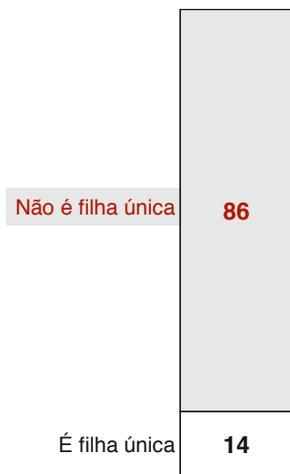
### **Grau de felicidade com os irmãos e as irmãs**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com os irmãos/ãs, podemos concluir que a grande maioria (60%) se sente feliz ou muito feliz com os/as irmãos/ãs. No extremo oposto, as que se sentem infelizes com os/as irmãos/ãs são mais de um quarto (27%).

A felicidade que sentem com os/as irmãos/ãs não está muito relacionada nem com o sexo dos/das irmãos/ãs nem com o número de irmãos/ãs que têm.

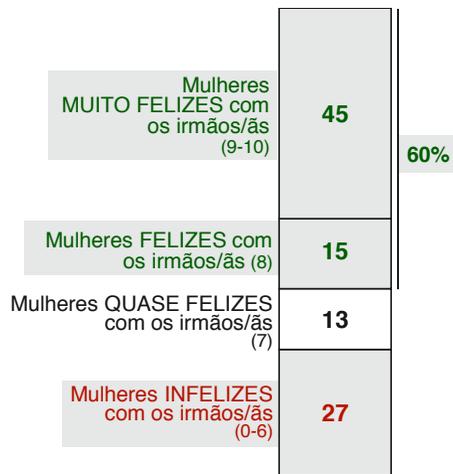


**É FILHA ÚNICA**  
% de mulheres por categoria



Base: Não é filha única (86%=100%)

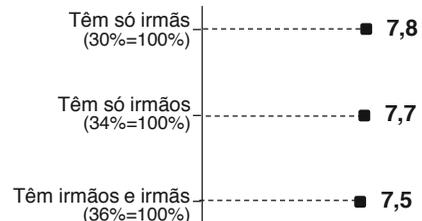
**GRAU DE FELICIDADE COM OS IRMÃOS/IRMÃS**  
% de mulheres por categoria



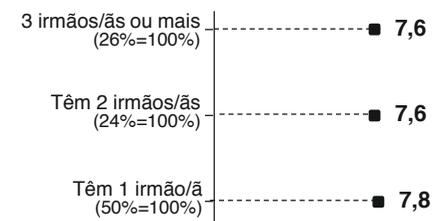
Grau médio de felicidade com os irmãos/ãs **7,7**

**GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM OS IRMÃOS/IRMÃS EM FUNÇÃO DE...**

**O SEXO DOS IRMÃOS**



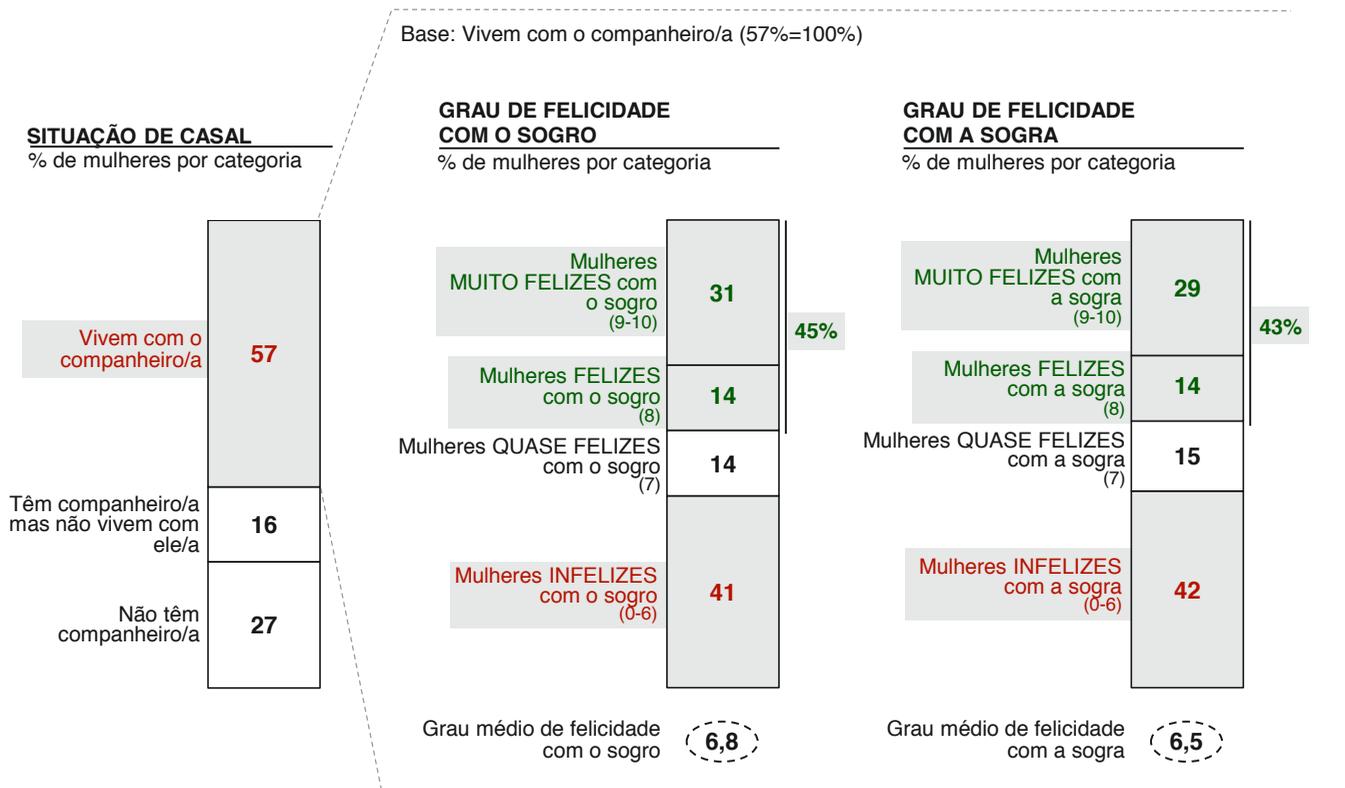
**O NÚMERO DE IRMÃOS/IRMÃS QUE TÊM**



### **Grau de felicidade com o sogro e a sogra**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres que vivem com o/a companheiro/a em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com o sogro, podemos concluir que há quase a mesma proporção de mulheres que se sentem felizes ou muito felizes com o sogro (45%) do que as que se sentem infelizes (41%).

Uma situação quase idêntica é a que sucede com a felicidade das mulheres com a sogra: há quase a mesma proporção de mulheres que se sentem felizes ou muito felizes com a sogra (43%) que aquelas que se sentem infelizes (42%).



**Grau de felicidade com os/as filhos/as que o/a  
companheiro/a tem de relacionamentos anteriores e com os/  
as netos/as**

Se, considerando o limiar entre mulheres felizes e infelizes com a vida, classificarmos todas as mulheres cujo/a companheiro/a tem filhos/as de relacionamentos anteriores em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com os/as filhos/as do companheiro/a, podemos concluir que há mais mulheres que se sentem infelizes (50%) do que as que se sentem felizes ou muito felizes (41%).

No que diz respeito à felicidade com os/as netos/as, quase todas as mulheres que foram avós se sentem muito felizes ou felizes com os/as netos/as (86%).



**O COMPANHEIRO/A TEM FILHOS/AS DE RELACIONAMENTOS ANTERIORES**

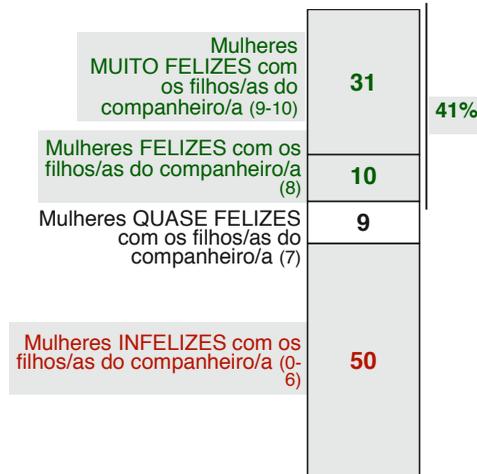
% de mulheres por categoria



Base: O companheiro/a tem filhos/as de relacionamentos anteriores (14%=100%)

**GRAU DE FELICIDADE COM OS FILHOS/AS QUE O COMPANHEIRO/A TEM DE RELACIONAMENTOS ANTERIORES**

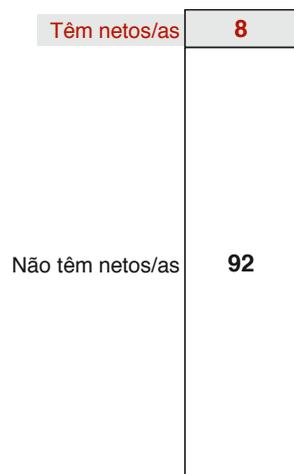
% de mulheres por categoria



Grau médio de felicidade com os filhos/as que o companheiro/a tem de relacionamentos anteriores **5,9**

**TÊM NETOS/AS**

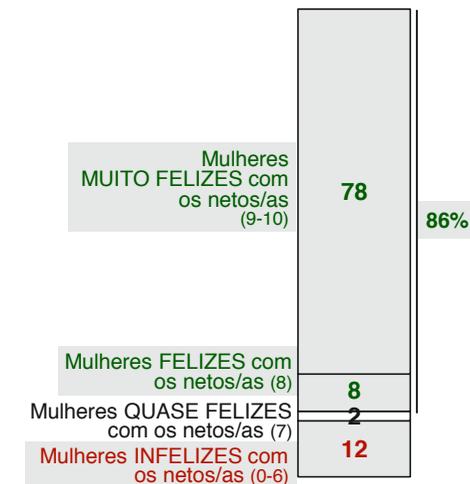
% de mulheres por categoria



Base: Têm netos/as (8%=100%)

**GRAU DE FELICIDADE COM OS NETOS/AS**

% de mulheres por categoria



Grau médio de felicidade com os netos/as **9,0**

### **Ranking de felicidade das mulheres com as «facetas» da vida**

Entre as quinze «facetas» da vida das mulheres que foram analisadas, há seis com as quais as mulheres se sentem, em média, felizes; cinco, em média, com as quais se sentem quase felizes e quatro, em média, com as quais se sentem infelizes.

Em geral, as relações interpessoais são as «facetas» mais valorizadas. Entre as relações interpessoais, só a sogra, o sogro e os/as filhos/as que o/a companheiro/a tem de relacionamentos anteriores tiveram avaliações médias que não se aproximam de 8, isto é, que não alcançam o limiar de felicidade do conjunto das mulheres.

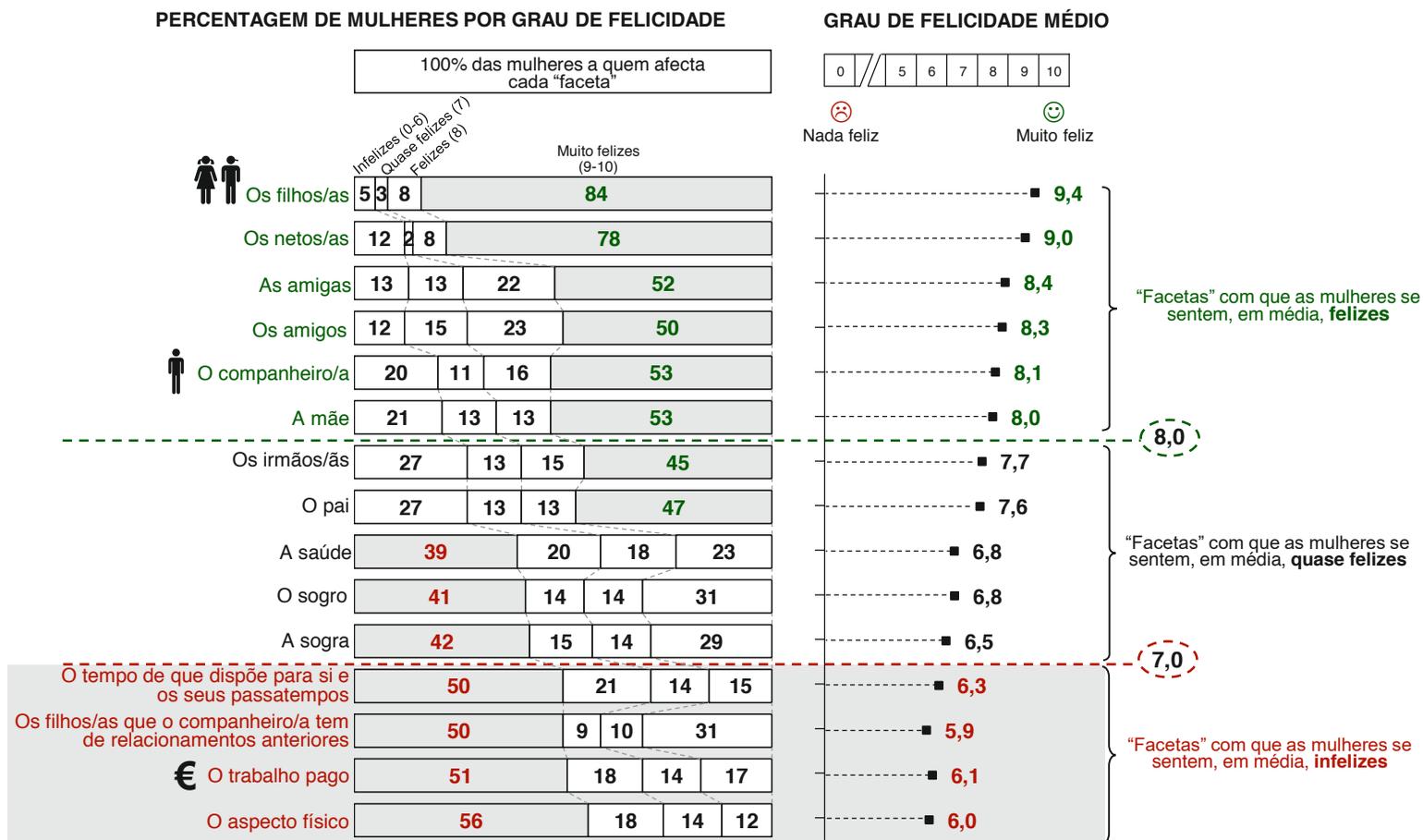
Os/as filhos/as e os/as netos/as são os que ocupam as duas primeiras posições do *ranking* de felicidade, e a grande maioria das mulheres que tiveram filhos/as ou que foram avós declararam os valores de felicidade máximos da escala, 9 ou 10. No extremo oposto, as que tendo sido mães ou avós que se sentem infelizes com os/as filhos/as ou com os/as netos/as são apenas 5% no primeiro caso e mais do dobro (12%) no segundo.

O/a companheiro/a, a mãe, os/as irmãos/ãs e o pai, ocupam as posições 5.<sup>a</sup> à 8.<sup>a</sup>, precisamente a seguir à felicidade das mulheres com as amigas e os amigos. A felicidade, em média, das mulheres com a mãe é 4 décimas superior à felicidade, em média, com o pai.

Das «facetas» analisadas, aquela com que as mulheres se sentem menos felizes é o aspecto físico: 56% declararam valores entre 0 e 6, o que a investigação aponta como clara infelicidade; menos de duas em cada cinco (18%) declararam o valor 7, que apreendemos ser sinónimo de se sentirem quase felizes, e um quarto (26%) referiram valores entre 8 e 10, o que equivale a manifestar que se sentem felizes com o aspecto físico.

Numa situação quase idêntica à do aspecto físico encontra-se o trabalho pago: é a penúltima no *ranking* de felicidade das mulheres com as «facetas» da vida, com mais de metade de mulheres infelizes.

**RANKING DAS "FACETAS" AVALIADAS SOBRE A VIDA DAS MULHERES (1)**



(1) Cada "faceta" foi analisada entre as mulheres por ela afectadas.

### **Síntese do grau de influência do nível de escolaridade na felicidade das mulheres com a vida em geral e com cada uma das «facetas» da vida**

O nível de escolaridade não parece contribuir para aumentar o número das mulheres que se sentem muito felizes com a vida. No entanto, contribui para reduzir as que se sentem infelizes com a vida, enquanto entre as mulheres com um nível de escolaridade inferior, 39% sentem-se infelizes com a vida; entre as que fizeram um mestrado ou doutoramento, as infelizes com a vida diminuem 14 pontos, situando-se em 25%.

No que diz respeito à felicidade das mulheres com as diferentes «facetas» da vida, a grande maioria não parece sentir-se demasiado afectada pelo nível de escolaridade.

No entanto, há cinco «facetas», das consideradas, em que o nível de escolaridade parece contribuir de forma positiva: as mulheres com um nível mais alto de escolaridade sentem-se, em média, um pouco mais felizes do que as menos instruídas com: o “aspecto físico”, a “saúde”, o/a “companheiro/a”, o “trabalho pago” e a “sogra”. No “aspecto físico”, por exemplo, há um *gap* positivo de pouco mais de meio ponto (0,6) entre o nível de felicidade médio das mulheres com um mestrado ou doutoramento relativamente às que deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico.



### ATÉ QUE PONTO DIZEM SENTIR-SE FELIZES COM A VIDA

% de mulheres por categoria

	Até ao ensino básico (23%=100%)	Ensino secundário ou pós-secundário (até 17/18) (38%=100%)	Bacharelato ou licenciatura (30%=100%)	Mestrado ou doutoramento (9%=100%)
Mulheres <b>MUITO FELIZES</b> com a vida (9-10)	26	26	22	29
Mulheres <b>FELIZES</b> com a vida (8)	17	24	23	25
Mulheres <b>QUASE FELIZES</b> com a vida (7)	18	16	24	21
Mulheres <b>INFELIZES</b> com a vida (0-6)	39	34	31	25
Grau médio de felicidade com a vida	6,8	7,0	7,1	7,4

### O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MULHER AFECTA O GRAU DE FELICIDADE COM CADA "FACETA"?

Diferença na felicidade média das mulheres com cada "faceta" entre as que têm mais estudos e as que têm menos (1)

Felicidade com o aspecto físico	Melhora com a instrução	+0,6
Felicidade com a saúde	Melhora com a instrução	+0,5
Felicidade com o <b>COMPANHEIRO/A</b>	Melhora com a instrução	+0,4
Felicidade com o <b>TRABALHO PAGO</b>	Melhora com a instrução	+0,3
Felicidade com a sogra	Melhora com a instrução	+0,3
Felicidade com o tempo de que dispõe para si e os seus passatempos	A instrução não afecta	+0,2
Felicidade com as amigas	A instrução não afecta	+0,1
Felicidade com o pai	A instrução não afecta	+0,0
Felicidade com os amigos	A instrução não afecta	+0,0
Felicidade com os irmãos/ãs	A instrução não afecta	0,0
Felicidade com a mãe	A instrução não afecta	0,0
Felicidade com os <b>FILHOS/AS</b>	A instrução não afecta	-0,2
Felicidade com o sogro	A instrução não afecta	-0,2

(1) Diferenças medidas numa escala de 0 a 10. Cada "faceta" foi analisada entre as mulheres por ela afectadas. Não se inclui a felicidade com os netos/as e a felicidade com os filhos/as que o companheiro/a tem de relacionamentos anteriores pelo reduzido número de mulheres afectadas.

### **Síntese do grau de influência da idade na felicidade das mulheres com a vida em geral e com cada uma das «facetas» da vida**

A faixa etária que parece ser menos complicada para as mulheres são os anos que decorrem entre os 28 e os 34 anos. Entre estas idades, não só se maximiza a proporção das que manifestaram sentir-se muito felizes com a vida (28%) como também se alcança o nível mais reduzido no que diz respeito às que se sentem infelizes com a vida (31%).

No que se refere às diferentes «facetas» da vida, a grande maioria não parece sentir-se demasiado afectada pelo passar dos anos.

Só há três «facetas», das consideradas, em que o passar do tempo parece contribuir de forma positiva: o “trabalho pago”, o “tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos” e o “aspecto físico”. Nas três, as mulheres e sentem-se, em média, um pouco mais felizes na faixa dos 50 anos ou mais do que as mais jovens. No “trabalho pago”, por exemplo, regista-se um *gap* positivo de pouco mais de meio ponto (0,6) entre o nível de felicidade médio das mulheres com mais idade relativamente às mais jovens.

No extremo oposto, há cinco «facetas» em que o passar dos anos parece contribuir no sentido negativo. No/a “companheiro/a”, na “mãe” e nos/as “irmãos/ãs”, por exemplo, produz-se um *gap* negativo de quase um ponto na felicidade das mulheres com mais idade relativamente às mais jovens.



### ATÉ QUE PONTO DIZEM SENTIR-SE FELIZES COM A VIDA

% de mulheres por categoria

	De 18 a 27 anos (20%=100%)	De 28 a 34 anos (15%=100%)	De 35 a 49 anos (41%=100%)	De 50 a 64 anos (24%=100%)
Mulheres <b>MUITO FELIZES</b> com a vida (9-10)	25	28	25	25
Mulheres <b>FELIZES</b> com a vida (8)	20	21	22	24
Mulheres <b>QUASE FELIZES</b> com a vida (7)	20	20	20	17
Mulheres <b>INFELIZES</b> com a vida (0-6)	35	31	33	34
Grau médio de felicidade com a vida	6,9	7,2	7,0	7,0

### A IDADE DA MULHER AFECTA O GRAU DE FELICIDADE COM CADA "FACETA"?

Diferença na felicidade média das mulheres com cada "faceta" entre as mais idosas e as mais jovens (1)

Felicidade com o <b>TRABALHO PAGO</b>	Melhora com a idade	+0,6
Felicidade com o tempo de que dispõe para si e os seus passatempos	Melhora com a idade	+0,4
Felicidade com o aspecto físico	Melhora com a idade	+0,3
Felicidade com o sogro	A idade não afecta	+0,1
Felicidade com os amigos	A idade não afecta	-0,2
Felicidade com o pai	A idade não afecta	-0,2
Felicidade com a saúde	A idade não afecta	-0,2
Felicidade com os <b>FILHOS/AS</b>	A idade não afecta	-0,2
Felicidade com a sogra	Piora com a idade	-0,3
Felicidade com as amigas	Piora com a idade	-0,4
Felicidade com os irmãos/ãs	Piora com a idade	-0,7
Felicidade com a mãe	Piora com a idade	-0,8
Felicidade com o <b>COMPANHEIRO/A</b>	Piora com a idade	-0,9

(1) Diferenças medidas numa escaleta de 0 a 10. Cada "faceta" foi analisada entre as mulheres por ela afectadas. Não se inclui a felicidade com os netos/as e a felicidade com os filhos/as que o companheiro/a tem de relacionamentos anteriores pelo reduzido número de mulheres afectadas.

### Em que «facetas» da vida e com que intensidade evolui a felicidade das mulheres ao longo do ciclo de vida?

Na faixa etária entre os 18 e os 27 anos, as mulheres sentem-se felizes com quase metade das «facetas» que afectam a sua vida: o/a “companheiro/a”, as “amigas”, os “amigos”, a “mãe” e os/as “irmãos/ãs”. Sentem-se quase felizes com dois: o “pai” e o “sogro” e infelizes com cinco, em ordem de infelicidade: a “saúde”, a “sogra”, “o tempo para si próprias e para passatempos”, o “trabalho pago” e o “aspecto físico”.

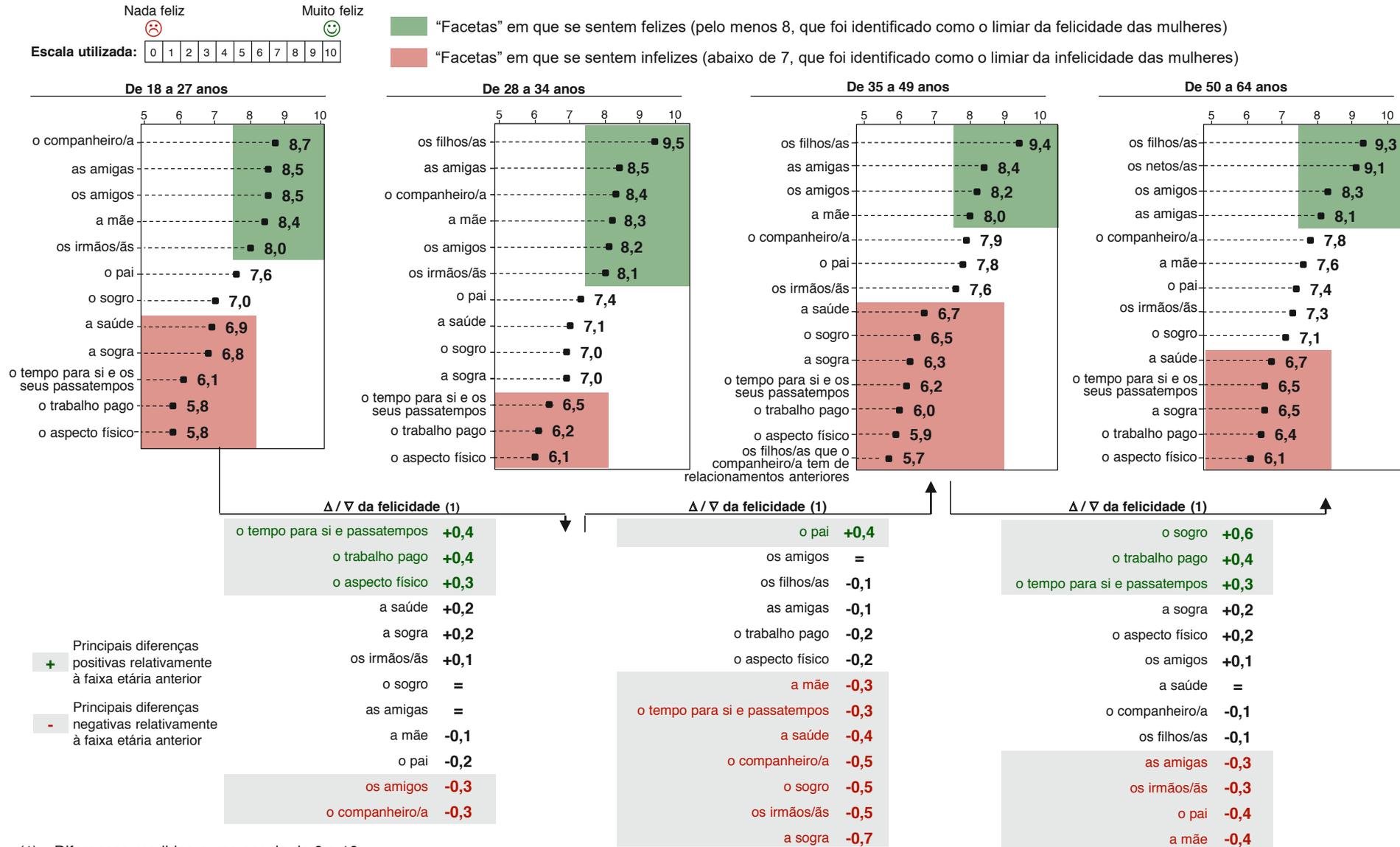
Ao passar à faixa etária seguinte, entre os 28 e os 34 anos, os/as “filhos/as” roubam ao/a “companheiro/a” a primeira posição do *ranking* de felicidade, pondo em relevo que é a faceta da vida com que as mulheres se sentem mais felizes (a 1 ponto de diferença relativamente às “amigas” que são a mais valorizada logo a seguir). Esta é a faixa etária em que o número de «facetas» com as quais as mulheres não se sentem felizes é mais reduzido. Relativamente às da faixa etária anterior, as principais diferenças encontram-se no “tempo para si próprias e para passatempos”, no “trabalho pago” e no “aspecto físico”, que são as «facetas» que mais melhoram, e com o/a “companheiro/a” e “os amigos” que são as «facetas» em que a felicidade mais piora.

Ao passar à faixa etária seguinte, a das que têm de 35 a 49 anos, a felicidade diminui em quase todas as «facetas», e as principais quedas na felicidade são registadas na “sogra” e no “sogro”, nos “irmãos/ãs” e no/a “companheiro/a”. No entanto, o *ranking* de «facetas»

de acordo com a felicidade mantém-se muito parecido com o da faixa etária anterior, sendo o/a “companheiro/a” a que tem pior pontuação dado que não só a felicidade diminui em 5 décimas como também da terceira posição passa a ocupar a quinta. Nesta faixa etária, o habitual é que as mulheres se sintam felizes apenas com quatro «facetas» da sua vida: os/as “filhos/as”, “as “amigas”, os “amigos” e a “mãe”. A altura em que as mulheres passam a fazer parte desta terceira fase do ciclo de vida, parece ser o mais complexo para as mulheres.

Ao saltar a barreira dos 50 anos, o efeito é o contrário ao que sucedia ao entrar na etapa anterior, dado que a felicidade aumenta ou se mantém na maioria das «facetas». As principais melhorias ocorrem com o “sogro”, o “tempo que a mulher tem para si própria e para passatempos” e o “trabalho pago”. Nesta faixa etária, o habitual é que as mulheres se sintam felizes, para além das três «facetas» com as quais já se sentiam felizes na faixa etária anterior, com “os/as netos/as”, quando são avós.

O “companheiro/a” e a “mãe” são as únicas «facetas» que, com a idade, mudam de *status*: nas primeiras faixas etárias situam-se na área de conforto (a verde no gráfico) e depois passam à zona intermédia (a branco no gráfico).



### **Factores em que se podem sintetizar as «facetas» da vida das mulheres consoante a influência que têm na felicidade com a vida em geral**

A sintetização em factores das «facetas» da vida das mulheres analisadas nesta investigação foi realizada através da técnica de análise multivariável chamada “Análise Factorial de Componentes Principais”.

Considerada a reduzida proporção das mulheres objecto deste estudo afectadas por duas das «facetas» analisadas, foram deixadas fora desta análise tanto a felicidade com os/as “netos/as” como a felicidade com os/as “filhos/as que o casal tem de relações anteriores”.

Das várias soluções de factores identificadas no processo de análise realizado, a solução em sete factores foi a que se considerou mais adequada. Na prática, isto significa que, das «facetas» da vida analisadas na investigação, não são as treze iniciais mas apenas sete as que influem na felicidade das mulheres. Isto é assim dado que várias das «facetas» iniciais parecem estar em sintonia no sentido de que se uma mulher declarou sentir-se feliz ou infeliz com uma delas, é comum ter declarado sentir-se igualmente feliz ou infeliz com a outra ou com as outras «facetas» com as quais está correlacionada.

Os factores multifaceta são quatro: um deles inclui as três «facetas» relacionadas com a “família de origem” (o pai, a mãe e as irmãs ou irmãos); outro destes factores inclui as duas «facetas» relacionadas com os progenitores do/da companheiro/a com quem a mulher vive, (o sogro e a sogra); outro é composto pelas duas únicas «facetas» de carácter físico consideradas na investigação (a saúde e o aspecto físico) e o tempo de que dispõem para si próprias e para passatempos; o último factor multifaceta refere-se ao círculo de amizades das mulheres (as amigas e os amigos).

Por conseguinte, os únicos factores compostos por uma única “faceta” das inicialmente consideradas na investigação, dado que tal “faceta” não mostra relação com nenhuma outra, são três: o “trabalho pago”, os/as “filhos/as” e o/a “companheiro/a”.

**MATRIZ DE CORRELAÇÕES ENTRE AS 13 “FACETAS” EM QUE FOI AVALIADO O GRAU DE FELICIDADE DAS MULHERES E OS 7 FACTORES IDENTIFICADOS (1)**

Correlação da felicidade “com a mãe” com o Factor 1	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6	Factor 7
Felicidade com a relação com a mãe	0,80	0,11	0,11	0,15	0,04	0,19	0,05
Felicidade com a relação com o pai	0,75	0,13	0,19	0,19	0,08	-0,09	0,18
Felicidade com a relação com os irmãos/ãs	0,74	0,10	0,11	0,24	0,05	0,16	0,00
Felicidade com o aspecto físico	0,09	0,85	0,17	0,06	0,01	0,01	0,13
Felicidade com a saúde	0,19	0,78	0,20	0,09	0,06	0,13	-0,12
Felicidade com o tempo para si e os seus passatempos	0,07	0,73	0,03	0,15	0,29	0,01	0,26
Felicidade com a relação com o sogro	0,17	0,16	0,88	0,19	0,06	0,08	0,10
Felicidade com a relação com a sogra	0,19	0,20	0,88	0,09	0,07	0,00	0,17
Felicidade com as amigas	0,23	0,12	0,12	0,85	0,09	0,11	0,11
Felicidade com os amigos	0,31	0,13	0,18	0,80	0,04	0,12	0,08
Felicidade com o <b>TRABALHO PAGO</b>	0,11	0,20	0,09	0,09	0,95	0,04	0,06
Felicidade com os <b>FILHOS/AS</b>	0,19	0,10	0,06	0,18	0,04	0,93	0,12
Felicidade com o <b>COMPANHEIRO/A</b>	0,15	0,16	0,25	0,16	0,08	0,14	0,88

**7 FACTORES RELEVANTES NA AVALIAÇÃO DA FELICIDADE**

**FAMÍLIA DE ORIGEM**

**ASPECTO FÍSICO E BEM-ESTAR**

**SOGROS**

**AMIGAS E AMIGOS**

**TRABALHO PAGO**

**FILHAS/FILHOS**

**COMPANHEIRO/A**

(1) Factores identificados através de um processo de Análise factorial de componentes principais. Foram excluídas desta análise a felicidade com os netos/as e a felicidade com os filhos/as que o companheiro/a tem de relacionamentos anteriores pelo reduzido número de mulheres afectadas.

### **Cenários em que se maximiza ou se minimiza a felicidade das mulheres com a vida**

Para identificar em que cenários a felicidade das mulheres com a vida se maximiza e em quais se minimiza recorreremos ao método de análise multivariável denominado AID (Automatic Interaction Detector).

Tendo em vista os resultados, podemos concluir que, entre todas as «facetas» da vida das mulheres e os restantes critérios de classificação de que dispúnhamos na investigação:

- O/A “companheiro/a” é o que mais afecta a felicidade das mulheres com a sua vida. Ter um/a companheiro/a com quem se sentem infelizes afecta mais negativamente a sua felicidade com a vida do que não ter companheiro/a (rouba quase um ponto de felicidade com a vida). No outro extremo, ter um/a companheiro/a com o/a qual se sentem muito felizes afecta a felicidade das mulheres com a sua vida de forma muito positiva (alcança 8,2, em média).
- Num segundo nível, o aspecto que mais capacidade tem de influenciar a felicidade das mulheres com a sua vida, difere dependendo de a mulher ter ou não companheiro/a e de se se sentem felizes com o companheiro, as que o têm. Em três dos quatro cenários identificados no primeiro nível, a felicidade com o “aspecto físico/bem-estar/tempo para si próprias e para passatempos” é o segundo mais determinante. A única excepção são as mulheres que se sentem felizes ou quase felizes com o/a companheiro/a, entre as quais o segundo com maior influência é a “família de origem”.

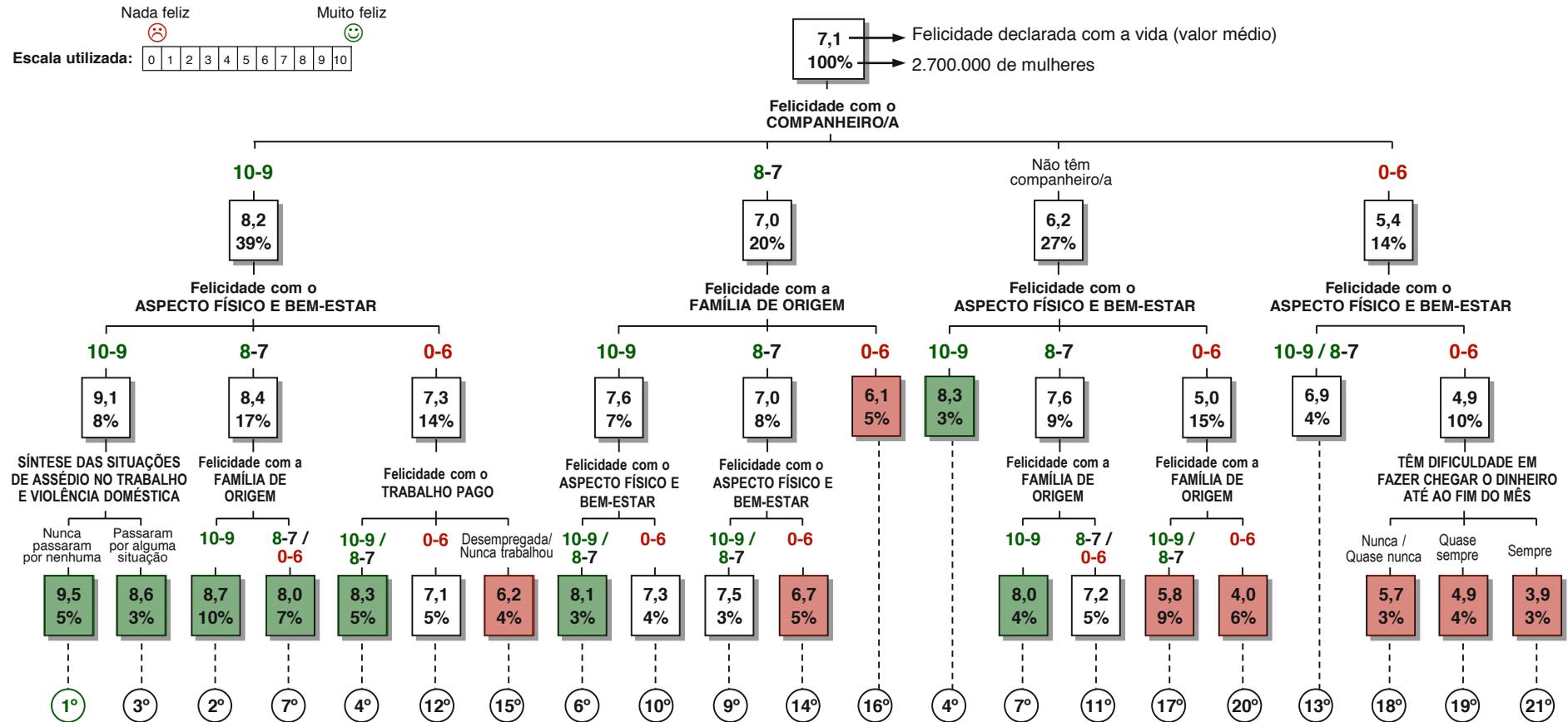
- As «facetas» e características da vida das mulheres que têm maior capacidade de influenciar num terceiro nível também são diferentes em cada um dos cenários identificados no nível anterior.

Da árvore de segmentação resultante desta análise também podemos concluir que, entre os 21 cenários de vida identificados, há 8 em que as mulheres se sentem felizes com a sua vida, 5 em que se sentem quase felizes e 8 em que se sentem infelizes com a vida. Entre eles:

- As mais felizes com a vida são as mulheres que se sentem muito felizes com duas «facetas» da sua vida (o/a “companheiro/a” e o “aspecto físico/bem-estar/tempo para si próprias e para passatempos”) e que nunca passaram por nenhuma situação de assédio no trabalho nem de violência doméstica/de género. São 5% e a sua felicidade com a vida é 9,5, em média.
- As menos felizes com a vida são as mulheres que se sentem infelizes com as mesmas duas «facetas» da sua vida (o/a “companheiro/a” e o “aspecto físico/bem-estar/tempo para si próprias e para passatempos”) e que têm sempre dificuldades em fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês. São 3% e a sua infelicidade com a vida é de 3,9, em média.

- Situações em que as mulheres se sentem felizes com a vida (pelo menos 8, que foi identificado como o limiar da felicidade das mulheres)
- Situações em que as mulheres se sentem infelizes com a vida (abaixo de 7, que foi identificado como o limiar da infelicidade das mulheres)

### ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DA FELICIDADE DAS MULHERES COM A VIDA (1)

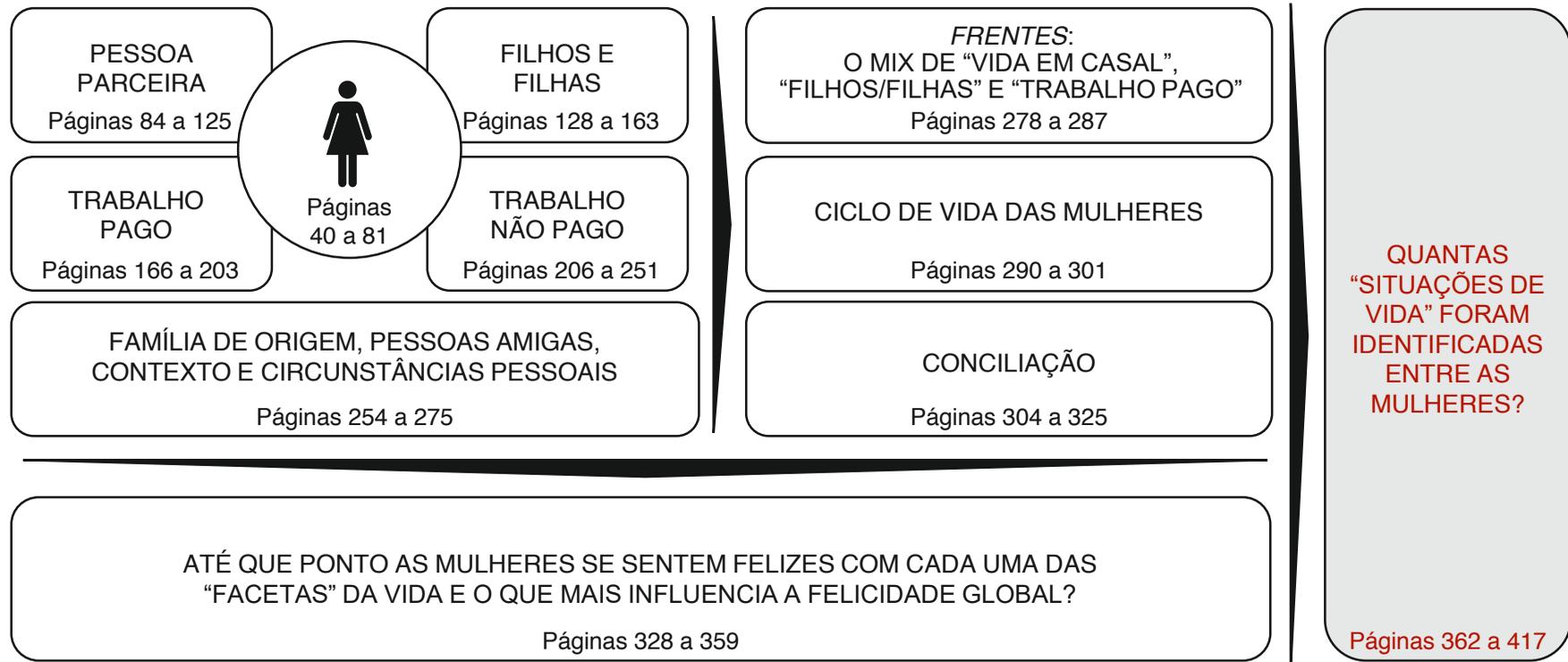


(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 inquiridos).

## **Capítulo 11**

### **Principais resultados sobre as “situações de vida” identificadas entre as mulheres**

Nas páginas da 362 à 417 definem-se as “situações de vida” que se identificaram entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa. Além disso, para cada uma das “situações de vida” identificadas apresenta-se a proporção que têm e o que caracteriza as mulheres que se encontram em tal situação no que diz respeito a quem são, o que pensam e como se sentem.



“SITUAÇÕES DE VIDA” IDENTIFICADAS E O QUE MAIS AS DIFERENCIA  
DETALHE DE QUEM SÃO, O QUE PENSAM E COMO SE SENTEM EM CADA “SITUAÇÃO DE VIDA”

Página 362  
Página 384

## **Quantas situações de vida foram identificadas entre os 2,7 milhões de mulheres que esta investigação representa?**

Apesar de, no limite, cada mulher ser um mundo, pretendia-se identificar tipos de mulheres que representem situações de vida que sejam o mais semelhantes possível entre as mulheres que pertencem a um determinado tipo e o mais diferentes possível entre a situação em que se encontra a vida das mulheres que pertencem a um tipo relativamente à das restantes.

Para tal, utilizou-se um método de análise multivariável chamado “*Cluster Não Hierárquico*” em que o ponto de partida foram todos os critérios de que dispomos nesta investigação sobre quem são as mulheres, o que pensam e como se sentem. Ao todo, foram utilizados 48 critérios de segmentação.

Com base na posição que cada uma das 2428 mulheres entrevistadas ocupa em cada nível de cada um destes 48 critérios, efectuou-se um processo de segmentação entre 5 e 10 tipos.

Com base nos resultados de cada uma destas soluções de segmentação, a equipa que participou na investigação considerou que a solução em 8 tipos é a que melhor sintetiza as diferentes situações que as mulheres podem enfrentar ao longo da vida.

QUANTAS SITUAÇÕES DE VIDA HÁ ENTRE AS MULHERES?



PROCESSO REALIZADO PARA IDENTIFICAR QUANTAS SITUAÇÕES DE VIDA DISTINTAS HÁ ENTRE AS MULHERES (1)

% de mulheres em cada situação de cada solução

	100%									
5 situações de vida	10%	11%	29%	18%	32%					
6 situações de vida	9%	10%	26%	17%	21%	17%				
7 situações de vida	20%	9%	19%	9%	13%	14%	16%			
8 situações de vida	9%	16%	12%	11%	13%	18%	11%	10%		
9 situações de vida	22%	6%	14%	7%	12%	10%	8%	8%	13%	
10 situações de vida	9%	10%	15%	9%	8%	9%	14%	11%	7%	8%

(1) Em cada solução, a tipologia foi obtida através de uma Análise *cluster* (não hierárquico) com centros de gravidade livres com base na totalidade dos critérios disponíveis no estudo relativamente a: quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres.

### O que mais diferencia as mulheres que estão a viver cada uma das oito situações de vida identificadas

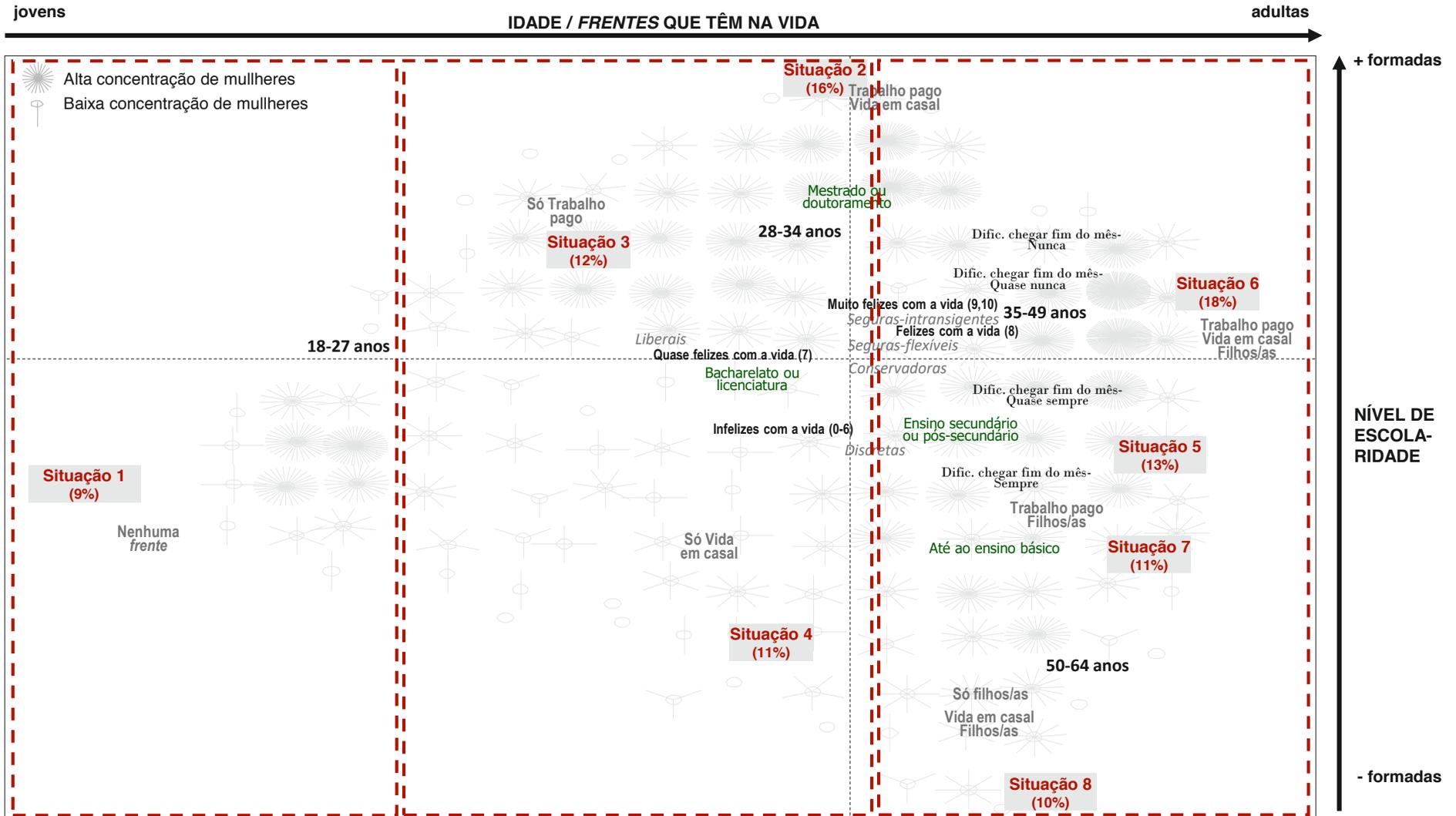
O que mais diferencia as oito situações de vida identificadas é, em primeiro lugar, a idade (eixo horizontal) e em segundo lugar o nível de escolaridade (eixo vertical).

De igual modo, pode-se observar que a idade está muito relacionada com as *frentes* que as mulheres vão incorporando na sua vida; e o nível de escolaridade está relacionado, por um lado, com as dificuldades que as mulheres declaram ter para fazer o dinheiro chegar ao fim do mês e, por outro, com alguns tipos de formas de ser e atitudes perante a vida.

Analisando a proximidade entre a posição que ocupam no espaço cada um dos níveis das variáveis que são mais diferenciadoras entre os 48 critérios de segmentação considerados como ponto de partida desta análise, pode-se concluir que:

- Das oito situações identificadas, a que se encontra mais próxima das mulheres que estão na primeira etapa da sua vida adulta, dos 18 aos 27 anos, é a situação 1. Esta situação está, além disso, muito próxima das mulheres que não incorporaram “nenhuma *frente*” à sua vida.
- As três situações que melhor representam as mulheres que se encontram na segunda etapa da sua vida adulta, as dos 28 aos 34 anos, são a 3, a 2 e a 4. A “situação 3” está também muito próxima das que incorporaram só a *frente* “trabalho pago”. A “situação 2” ocupa quase a mesma posição que as que têm na sua vida duas das *frentes*, a do “trabalho pago” e a da “vida em casal”. A “situação 4” situa-se perto das que têm só a *frente* “vida em casa”.
- A partir dos 35 anos, as situações de vida são mais variadas, dado que as mulheres se distribuem entre quatro delas. Duas ocupam uma posição que está muito próxima das que têm as três *frentes* na sua vida: a 6 e a 5. O que diferencia as mulheres que se encontram nestas duas situações não é só o nível de escolaridade mas também as suas formas de ser e atitudes perante a vida e as dificuldades que têm para fazer chegar o dinheiro até ao fim do mês. A “situação 7” ocupa quase a mesma posição que as mulheres que têm na sua vida as duas *frentes* de “filhos/as” e “trabalho pago” e a “situação 8” está muito perto das mulheres que têm na sua vida só a *frente* “filhos/as” ou as duas *frentes* de “filhos/as” e “vida em casal”. Estas duas últimas situações são aquelas em que as mulheres têm um nível de escolaridade inferior.

POSIÇÃO QUE OCUPA CADA VARIÁVEL NO ESPAÇO DE DUAS DIMENSÕES IDENTIFICADO (1)



(1) Método de análise: Análise de homogeneidade.

### Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 1: “Tudo pela frente”

Esta situação foi assim chamada porque inclui as mulheres mais jovens cuja vida está ainda a começar a ser construída no que diz respeito às decisões-chave. Dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nesta situação são 9 %.

Estas são as características básicas que definem as “Tudo pela frente” e a vida que estão a viver:

- São as mais jovens. Quase todas têm entre 18 e 27 anos. Em média, têm 23 anos.
- Dois terços estão a estudar, portanto, quase todas continuam a morar em casa dos pais e as restantes num apartamento de estudantes. Acham que irão sair de casa dos pais aos 26 anos, em média.
- Ainda não acrescentaram *frentes* às suas vidas e, portanto, é a situação da vida em que dispõem de mais tempo para si próprias e para as suas coisas.
- O número de boas amigas e amigos situa-se num dos valores mais elevados: 6, em média.
- Metade tem companheiro/a, mas não vivem juntos.
- Nenhuma tem filhos/as, mais a grande maioria (79%) declarou que gostaria de tê-los mais para a frente. Consideram que a idade ideal para ser mãe é, em média, aos 28 anos.
- É a situação em que se maximiza a proporção das que têm formas de ser e atitudes perante a vida do tipo das “Liberais” (33%).

- Têm um estilo de vida muito saudável: a grande maioria (74%) pratica alguma actividade física de forma regular ou ocasional, não fuma (88%) e costuma consumir bebidas alcoólicas menos de uma vez por semana (75%).
- É a situação de vida em que as mulheres conseguem dormir mais horas: em média, pouco mais que 7 horas por dia de segunda a sexta-feira.
- Entre elas, maximiza-se a proporção das agnósticas ou ateias: são um terço.
- Apesar de se ocuparem de poucas *frentes*, esta parece ser uma situação complicada para as mulheres visto que a proporção das que declararam não se sentirem felizes com a vida ultrapassa a do conjunto das mulheres (40% relativamente a 33%). Em média, a felicidade com a vida é de 6,8, uma das situações de vida em que as mulheres se sentem menos felizes com a vida.



**“TUDO PELA FRENTE”**

## Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 2: “Tu e eu podemos”

Esta situação foi designada assim porque as mulheres que a compõem, além de terem trabalho pago, o que lhes confere independência económica, estão quase todas a viver com o/a companheiro/a. Esta é a segunda situação mais recorrente: dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nela são 16 %.

Estas são as características básicas que definem as “Tu e eu podemos” e a vida que estão a viver:

- Excepto o facto de que todas têm menos de 50 anos, a idade não é uma questão demasiado determinante nesta situação dado que, até aos 49 incluem-se mulheres de todas as idades. Em média, têm 32 anos.
- É a situação em que há mais mulheres com um mestrado ou doutoramento (17%) e uma das três com o maior número de graduadas (46%).
- Todas têm trabalho pago. Dividem-se quase em partes iguais entre as que o têm há menos de 1 ano e as que o têm há mais de 1 e há menos de 5 anos. É a situação em que mais mulheres valorizam o facto de o emprego lhes permitir desenvolver uma carreira profissional.
- Além da *frente* “trabalho pago”, também incluem na vida um/a companheiro/a com quem vivem, a maioria na sua própria casa, o que significa que terão de se ocupar, juntamente com o/a companheiro/a, das tarefas não pagas resultantes da higiene e manutenção da casa onde vivem.

- A maioria (71%) não formalizou a relação com o/a companheiro/a.
- São, juntamente com as que estão a viver na situação de “Eu posso”, as que, nos dias úteis, estão menos tempo em casa acordadas. Fora de casa passam, em média, 11 horas e 36 minutos.
- Nenhuma foi mãe mas a grande maioria (71%) diz que algum dia gostaria de ter filhos/as.
- Apesar de ser uma das duas situações em que mais mulheres vivem noutra cidade/localidade diferente da da família (39%), este facto não parece representar, pelo menos nesta fase da vida, nenhum problema.
- É uma das duas situações em que as mulheres têm menos dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês. Declaram que gastam, em média, 79% dos rendimentos familiares.
- Quase um terço declararam que a vida se encontra dentro das expectativas que elas criaram e 21% disseram que ultrapassa mesmo as expectativas. Isto significa que mais de metade (55%) declarou que se sente feliz com a vida. A felicidade média com a vida alcança, entre as mulheres que estão a viver nesta situação, o terceiro valor mais elevado: 7,6, em média.



**“TU E EU PODEMOS”**

### Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 3: “Eu posso”

Esta situação foi chamada assim porque as mulheres que a compõem costumam ter na vida só a *frente* “trabalho pago”, o que lhes confere independência económica. Dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nesta situação são 12 %.

Estas são as características básicas que definem as “Eu posso” e a vida que estão a viver:

- Estas mulheres têm muitas semelhanças com as que estão na situação de “Tu e eu podemos” no que diz respeito à idade, ao nível de estudos, ao tempo que costumam passar fora de casa e também ao facto de não terem filhos/as.
- A principal diferença relativamente às “Tu e eu podemos” radica no facto de que as “Eu posso” não costumam ter companheiro/a e, se têm, não vivem juntos/as.
- Outras questões que as diferenciam das “Tu e eu podemos”:
  - Há um pouco menos na faixa etária das mais jovens, a favor das que têm entre 35 e 49 anos o que situa a idade média em 34 anos (dois acima das “Tu e eu podemos”).
  - Apesar de actualmente não terem companheiro/a, metade já viveu nalguma altura do passado com algum/ma companheiro/a.
  - A situação económica é menos robusta que a das “Tu e eu podemos”, não porque tenham rendimentos mensais inferiores mas porque só têm um ordenado.

- Quase metade ainda não pôde ganhar independência e, portanto, continua a viver em casa dos pais e, por conseguinte, na mesma cidade/localidade que eles.
- Para elas, o trabalho pago é mais central: 52% declararam, de certeza ou talvez, que trabalhariam mesmo que não precisassem de dinheiro.
- É a situação em que há mais mulheres que declararam que nunca quiseram ter filhos/as (21%).
- Esta é uma das situações em que mais mulheres declararam que a vida está abaixo ou muito abaixo das suas expectativas (62%). Por conseguinte, a felicidade média com a vida alcança, entre as mulheres que estão a viver nesta situação, um dos valores mais baixos: 6,6, em média.



**“EU POSSO”**

### Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 4: “Resignadas”

Esta situação foi assim designada porque inclui mulheres cuja vida está muito marcada pela frustração de não conseguir um trabalho pago, apesar de ainda terem tempo pela frente para remediar esta circunstância. Dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nesta situação são 11 %.

Estas são as características básicas que definem as “Resignadas” e a vida que estão a viver:

- A idade não é uma questão determinante nesta situação dado que nela se incluem mulheres de todas as idades entre os 18 e os 64 anos. Em média, têm 39 anos.
- É uma das situações em que há mais mulheres que deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico e, portanto, uma das três com o menor número de graduadas (21%).
- É a situação em que há mais mulheres sem carta de condução (37%).
- É a situação com a maior proporção de mulheres que estão desempregadas e activamente à procura de emprego (64%). E também aquela em que se alcança o valor máximo das que deixaram de trabalhar para dar prioridade à vida familiar (17%).
- São as que mais gostam das tarefas domésticas: metade são “Fãs das tarefas domésticas” e as restantes são quase todas “Tolerantes”.
- Mais de metade (59%) vive com o/a companheiro/a, a grande maioria sem ter formalizado a relação. Em 22% dos casos, o/a companheiro/a está desempregado/a, tal como ela. É uma das situações onde mais mulheres se arrependem da relação de casal (13%).

- Mais de metade (53%) tem filhos/as e as que não os/as têm dividem-se em partes iguais entre as que os gostariam de ter, as que nunca quiseram ter filhos/as, e aquelas que gostariam de ter tido filhos/as mas consideram que já não vão a tempo. As que têm filhos/as são as que se sentem mais realizadas com a maternidade (91%).
- É a situação vital em que as mulheres dispõem de mais tempo em casa acordadas: em média, 10 horas por dia de 2.ª a 6.ª feira.
- As mulheres que se incluem nesta situação são as que mais referiram ter sofrido tanto situações de assédio no trabalho como violência doméstica e de género.
- Juntamente com as “Esgotadas” é a situação em que mais anti-depressivos consomem: 22% com frequência e 5% de uma a três vezes por mês.
- A felicidade média com a vida das mulheres que se encontram nesta situação é a segunda mais baixa: 6,4, em média. (4 décimas abaixo da felicidade média das “Tudo pela frente”).



**“RESIGNADAS”**

### Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 5: “Em luta”

Esta situação foi assim chamada porque inclui mulheres que enfrentam sérias dificuldades para conseguir lidar com a *frente* “trabalho pago” e a *frente* “filhos/as”, vivam ou não com o/a companheiro/a. Dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nesta situação são 13 %.

Estas são as características básicas que definem as “Em luta” e a vida que estão a viver:

- A grande maioria tem entre 35 e 49 anos (63%). Das restantes, as que têm menos de 35 anos são quase o triplo das que têm 50 ou mais anos (10%). Em média, têm 40 anos.
  - É a situação em que há mais mulheres que deixaram de estudar quando concluíram o ensino básico (50%) e, portanto, onde há o menor número de graduadas (12%).
  - É a situação em que mais mulheres têm excesso de peso, das quais 25% se situam no extremo da obesidade.
  - É a situação em que se maximiza a proporção das que têm formas de ser e atitudes perante a vida do tipo das “Reservadas” (32%).
  - No que diz respeito às *frentes* que têm na vida, a grande maioria (60%) tem as 3 *frentes* (“trabalho pago”, “companheiro/a com quem vivem” e “filhos/as”) e 29% têm a *frente* “trabalho pago” e a *frente* “filhos/as”.
  - É a situação em que mais mulheres declararam que se sentem demasiado cansadas: 19% sempre e 68% quase sempre. Em média, apenas dispõem de 2 horas por dia para si próprias e para os seus passatempos.
- São as que tiveram mais experiências no mercado de trabalho (em média, 5,3) e por conseguinte as que estão há menos tempo no emprego actual: 31% há menos de 1 ano. Dois terços delas têm rendimentos mensais líquidos de até 680 €. É a situação com mais empregadas que têm um vínculo contratual não estável.
  - É uma das situações em que mais mulheres declararam que se não precisassem de dinheiro, não trabalhariam (43%). O emprego ideal delas reduz-se a: “bom salário” e “que permita conciliar com a vida familiar”.
  - É a situação em que as mulheres têm mais dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês. Declararam que gastam, em média, 93% dos rendimentos familiares.
  - Não gostam demasiado das tarefas domésticas: metade são “Tolerantes com as tarefas domésticas” e um terço são “Anti”.
  - Esta é uma das situações em que mais mulheres declararam que a vida está abaixo ou muito abaixo das suas expectativas (65%). A felicidade média com a vida alcança, entre as mulheres que estão a viver nesta situação, o mesmo valor que entre as “Tudo pela *frente*”: 6,8, em média.



**“EM LUTA”**

### Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 6: “Tudo sob controlo”

Esta situação foi assim designada porque inclui mulheres que conseguem lidar sem grandes dificuldades com a *frente* “trabalho pago” e a *frente* “filhos/as”, vivam ou não com o/a companheiro/a. Esta é a situação mais recorrente: dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nela são 18 %.

Estas são as características básicas que definem as “Tudo sob controlo” e a vida que estão a viver:

- Em termos de idade, têm muitas semelhanças com as “Em luta”. Quase todas têm entre 35 e 49 anos (80%). Em média, têm 41 anos.
- No entanto, contrariamente às “Em luta”, esta é uma das situações em que há maior número de graduadas (49%).
- É a situação em que se maximiza a proporção das que têm formas de ser e atitudes perante a vida do tipo das seguras, das quais: 28% são “Seguras-intolerantes” e 20% “Seguras-tolerantes”.
- No que diz respeito às *frentes* que têm na vida, quase todas (78%) têm as 3 *frentes* (“trabalho pago”, “companheiro/a com quem vivem” e “filhos/as”) e 16% têm a *frente* “trabalho pago” e a *frente* “filhos/as”.
- É, juntamente com as “Em luta”, a situação em que as mulheres dispõem de menos tempo para si próprias e para os seus passatempos: em média, apenas 2 horas e 24 minutos por dia, nos dias úteis. E também é uma das situações em que têm menos tempo para dormir: não chega a 7 horas, em média, por dia.
- É a situação em que há mais filhos/as únicos/as (56%).

- No que diz respeito ao trabalho pago, como o seu nível de formação é muito elevado, é uma das situações em que as mulheres têm rendimentos mais elevados. Também é uma das situações em que mais mulheres têm flexibilidade para trabalhar a partir de casa. Nesta situação, dá-se o valor máximo de mulheres que recusaram alguma oferta de trabalho mais exigente ou que puseram um “travão” no trabalho pago por motivos pessoais/familiares (37%).
- Entre as que vivem com o companheiro/a, o mais habitual é que ela ganhe menos do que ele (62% dos casos).
- É uma das duas situações em que as mulheres têm menos dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês. Declararam que gastam, em média, 84% dos rendimentos familiares. Entre elas, 21% têm ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas.
- Juntamente com as “Tudo pela *frente*”, é a situação em que menos se medicam: 61% nunca tomaram antidepressivos e 51% nunca tomaram medicamentos para a ansiedade ou para distúrbios do sono.
- Quase um terço declararam que a sua vida está dentro das expectativas que elas criaram e 23% referiram que ultrapassa mesmo as expectativas. Isto significa que quase dois terços (61%) declaram que se sentem felizes ou muito felizes com a vida. A felicidade média com a vida alcança entre as mulheres que estão a viver nesta situação, o segundo valor mais elevado: 7,8, em média.



**“TUDO SOB CONTROLO”**

## Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 7: “Realizadas”

Esta situação foi designada assim porque inclui mulheres que, tendo ultrapassado as duas primeiras fases do seu ciclo de vida, se sentem felizes ou muito felizes com a vida que construíram. Dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nesta situação são 11%.

Estas são as características básicas que definem as “Realizadas” e a vida que estão a viver:

- É uma das duas situações que inclui mulheres com mais idade. Quase todas têm entre 50 e 64 anos (90%). Em média, têm 55 anos.
- O nível de escolaridade não é uma questão determinante nesta situação dado que nela se incluem mulheres de todos os níveis.
- As *frentes* que têm as mulheres cuja vida se encontra nesta situação, também não são uma questão determinante dado que nela há mulheres com diferentes combinações de *frentes*. O único ponto comum é que praticamente todas têm duas *frentes* ou as três.
- No que diz respeito à *frente* “filhos/as” (que afecta 61%), quase metade têm dois. Os/As filhos/as são todos maiores. Só metade tem ainda algum/a filho/a a viver em casa.
- No que diz respeito à *frente* “trabalho pago” (que afecta 85%), é a situação em que as mulheres têm os rendimentos mensais líquidos mais elevados. Nesta situação, alcança-se o máximo de trabalhadoras independentes qualificadas (10%) e também de proprietárias de um negócio/empresa (14%). Também é a situação em que trabalham mais horas por semana, em que mais mulheres costumam viajar por motivos de trabalho e têm flexibilidade para trabalhar a partir de casa. No emprego ideal valorizaram outras questões para além do “salário” e “que permita conciliar a vida laboral com a familiar”.

- Juntamente com as “Tudo sob controlo”, é a situação em que se maximiza a proporção das que têm formas de ser e atitudes perante a vida do tipo das seguras, das quais: 33% são “Seguras-intolerantes” e 16% “Seguras-tolerantes”.
- São as que levam o ritmo de vida mais frenético, visto ser a situação em que há mais: praticantes frequentes de desporto/actividade física (77%), grandes leitoras ou leitoras médias (67%) e as que tem um círculo de amizades mais amplo (em média, têm 6,5 amigas ou amigos). Também é uma das situações em que há maiores fumadoras (13%) e onde há mais consumidoras frequentes de alguma bebida alcoólica.
- Juntamente com a outra situação das mulheres com mais idade (as “Esgotadas”), e as “Em luta”, é uma das situações em que mais mulheres têm excesso de peso (58%).
- Tal como as “Tudo sob controlo”, é uma das duas situações em que as mulheres têm menos dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês. Declararam que gastam, em média, 81% dos rendimentos familiares. Entre elas, 23% contam com ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas.
- No que diz respeito ao/à companheiro/a, são as que se sentem mais realizadas com a relação de casal (81%). A frequência com que, os dois sozinhos, fazem actividades de lazer é muito semelhante à dos casais mais jovens: 20% vão tomar uma bebida, almoçar, jantar, etc. com o/a companheiro/a, sozinhos, mais de 1 vez por semana, e 11% vão ao cinema, teatro, museu, etc., mais de uma vez por semana.
- A felicidade média com a vida alcança, entre as mulheres que estão a viver nesta situação, o valor mais elevado: 8,5, em média. Entre elas também se consegue o valor máximo de felicidade em 12 das 13 «facetas» avaliadas sobre a vida das mulheres.



**“REALIZADAS”**

### Quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres cuja vida se encontra na situação 8: “Esgotadas”

Esta situação foi assim chamada porque inclui mulheres muito marcadas pelo facto de que não só não conseguiram satisfazer as suas expectativas relativamente à vida mas, além disso, a maioria tem pouco tempo para remediar esta circunstância. Dos quase 2,7 milhões de mulheres que este estudo representa, as que estão a viver nesta situação são 10 %.

Estas são as características básicas que definem as “Esgotadas” e a vida que estão a viver:

- Em termos de idade, têm muitas semelhanças com as “Realizadas”. Nesta situação, todas as mulheres têm entre 50 e 64 anos. Em média, têm 57 anos.
- Entre as “Esgotadas” há 40% de mulheres que terminaram de estudar quando acabaram o ensino básico (o dobro das “Realizadas”).
- As *frentes* que têm as mulheres cuja vida se encontra nesta situação, não são uma questão determinante dado que nela há mulheres com todas as combinações possíveis de *frentes*. As duas com maior peso são: “filhos/as e trabalho pago” e “filhos/as e vida em casal”.
- No que diz respeito à *frente* “filhos/as” (que afecta 86%), bem como no caso das “Realizadas”, são todos maiores. Só metade é que ainda tem algum/a filho/a a viver em casa.
- No que diz respeito à *frente* “trabalho pago” (que afecta 46%), o mais diferenciador é que mais de um terço (37%) são funcionárias

públicas. É a situação em que mais mulheres reconhecem que se não precisassem de dinheiro, não trabalhariam (47%).

- No que respeita às formas de ser e atitudes perante vida, concentram-se em dois tipos: “Conservadoras” (31%) e “Reservadas” (30%).
- É a situação em que há mais mulheres que tiveram netos/as (32%) e também a situação em que mais mulheres têm o pai ou a mãe dependentes física ou economicamente.
- É uma das situações em que mais mulheres têm excesso de peso (57%), tal como nas “Realizadas” e nas “Em luta”.
- No que diz respeito ao/à companheiro/a, é a situação em que mais mulheres se sentem “enganadas” com a relação de casal (42%).
- No que diz respeito à maternidade, é a situação em que se maximiza o número das “mães arrependidas” (9%) e também o das “mães não realizadas”.
- A felicidade média com a vida alcança, entre as mulheres que estão a viver nesta situação, o valor mais reduzido: 5,9 em média. Entre elas, dá-se o valor mínimo de felicidade em 10 das 13 «facetas» avaliadas sobre a vida das mulheres.
- É a situação em que se alcança o valor mais elevado de mulheres que reconhecem que o grau de cumprimento das expectativas com a vida se situa “abaixo ou muito abaixo” (67%).



**“ESGOTADAS”**

### Até que ponto a felicidade das mulheres com a sua vida é influenciada pela situação de vida em que se encontram?

A partir da situação “Tudo pela frente”, entendemos que o mais comum é:

- Passar a “Eu posso”, se se tem um nível de escolaridade elevado e se incorpora a *frente* “trabalho pago”.
- Passar a “Resignadas”, quando a primeira coisa que se incorpora é a *frente* «vida em casal» e ela não tem um nível de escolaridade elevado ou se o tem, especializou-se nalguma actividade com poucas saídas profissionais.

A partir da situação “Eu posso”, o mais comum é:

- Permanecer nela, se não se incorpora nem a *frente* “vida em casal” nem a *frente* “filhos/as”.
- Passar a “Tu e eu podemos”, quando, além da *frente* “trabalho pago” se incorpora a *frente* “vida em casal”.

A partir da situação “Tu e eu podemos”, o mais comum é:

- Permanecer nela, se não se incorpora a *frente* “filhos/as”.
- Passar a “Tudo sob controlo”, se quando decidem ter filhos/as elas consegue suportar as “três frentes” sem dificuldades aparentes.
- Passar a “Em luta” se quando decidem ter filhos/as elas enfrentam sérias dificuldades para conseguir lidar com as “três frentes” simultaneamente.

A partir da situação “Resignadas”, o mais comum é:

- Permanecer nela, se não conseguem incorporar a *frente* “trabalho pago”, apesar de continuarem a tentar, e a sua relação matrimonial continua a funcionar.
- Passar a “Realizadas”, se se esquecem do trabalho pago e decidem dedicar-se totalmente à família.
- Passar a “Esgotadas” se a sua relação de casal deixou de funcionar e continuam sem conseguir incorporar a *frente* “trabalho pago”.

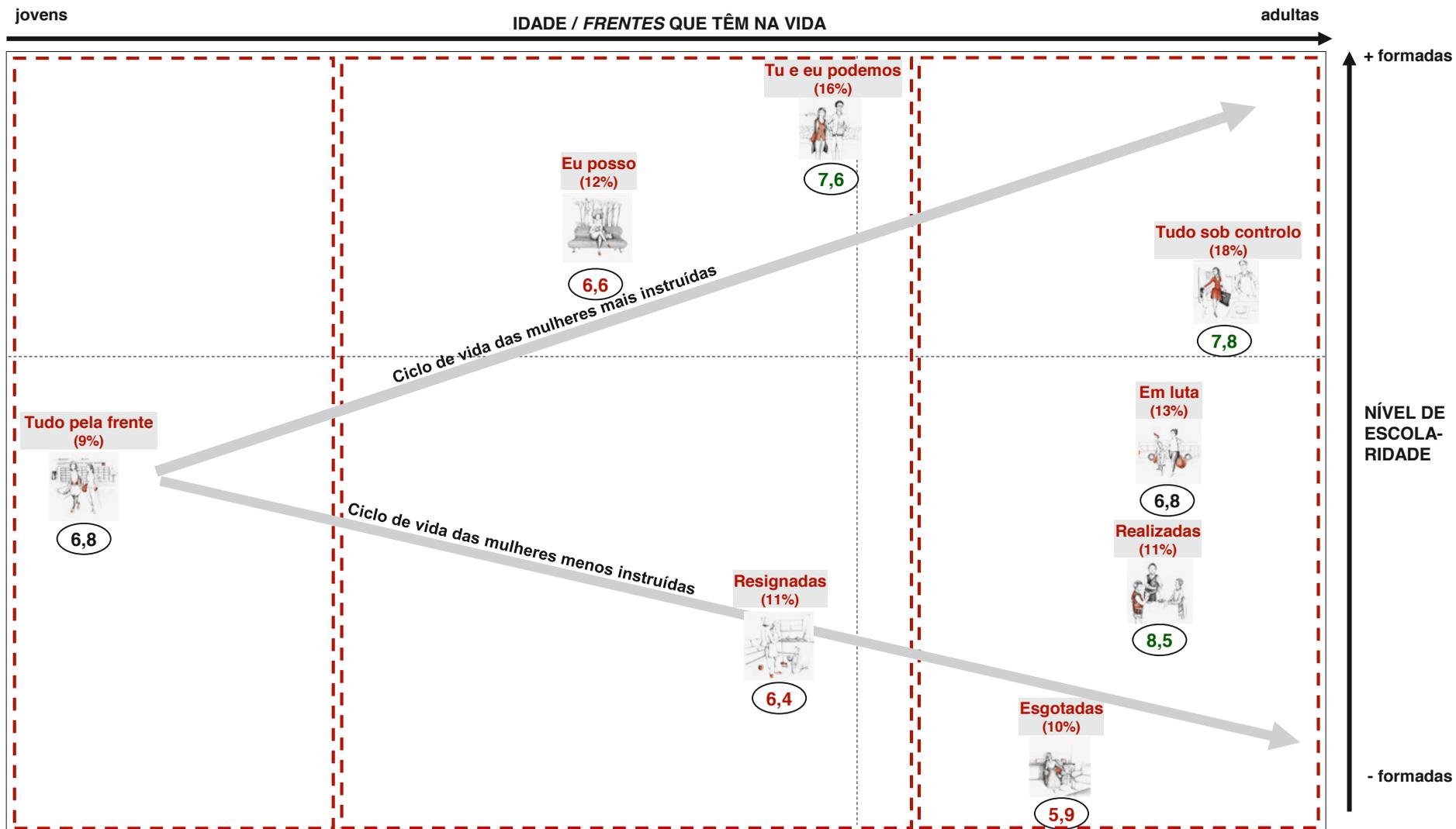
Além destes fluxos, que entendemos que são os mais frequentes, qualquer movimento entre situações, inclusive de retorno, sobretudo a partir dos 35 anos, é uma realidade.

O facto de ir acumulando anos de experiência e, por sua vez, ir acrescentando *frentes* à vida, não é nenhuma garantia de que a felicidade com a vida esteja a aumentar. De facto, o nível de felicidade médio das que se encontram na situação de “Em luta” é exactamente o mesmo que o das que se encontram na estaca zero: “Tudo pela frente”. As situações em que se consegue um nível de felicidade médio que é superior ao das “Tudo pela frente” são, em ordem decrescente: as “Realizadas” (quase dois pontos mais: 1,7), as “Tudo sob controlo” (um ponto mais) e as “Tu e eu podemos” (quase um ponto mais: 0,7).

Na situação de “Esgotadas”, a felicidade das mulheres com a vida toca o fundo (quase um ponto menos que na estaca zero).

(X,X) Grau médio de felicidade com a vida

POSIÇÃO QUE OCUPA CADA SITUAÇÃO DE VIDA NAS DUAS DIMENSÕES IDENTIFICADAS (1)



(1) Método de análise: Análise de homogeneidade.

### Quem são as mulheres que estão a viver cada situação?

As situações estão ordenadas consoante a idade média das mulheres que estão a viver em cada uma delas. A situação das “Tudo pela frente” é a que as mais jovens (quase todas têm menos de 28 anos) estão a viver e a situação das “Esgotadas” é a que as mais velhas (todas ultrapassaram a barreira dos 50) estão a viver.

As três situações em que as mulheres mais jovens estão a viver coincidem com as que têm um nível de escolaridade mais elevado. Das três, entre as “Tu e eu podemos” é onde há mais mulheres com um mestrado ou doutoramento. As que têm a maior proporção de mulheres que deixaram de estudar no ensino básico são as “Em luta”, seguidas a curta distância pelas “Esgotadas” e pelas “Resignadas”.

As “Tudo pela frente” e as “Eu posso” são as que mais residem na cidade/localidade da família, dado que muitas delas vivem ainda em casa dos pais. A outra situação de vida das mulheres mais jovens, “Tu e eu podemos”, diferencia-se das outras duas pelo facto de a maioria estar a viver nas suas casas e mais de um terço (39%) noutra cidade/localidade diferente da da família.

Não há quase diferenças no que diz respeito à região onde residem.

No que se refere à religião, entre as situações com as mulheres mais jovens há menos concentração de católicas que entre as que têm as mulheres mais velhas. Ainda assim, entre as “Tudo pela frente”, as católicas representam 64%.



● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos

○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
IDADE	Mulheres de 50 a 64 anos	24%	0%	0%	0%	16%	10%	5%	90%	100%
	Mulheres de 35 a 49 anos	41%	3%	38%	49%	46%	63%	80%	10%	0%
	Mulheres de 28 a 34 anos	15%	8%	29%	26%	19%	20%	12%	0%	0%
	Mulheres de 18 a 27 anos	20%	89%	33%	25%	19%	7%	3%	0%	0%
	Idade média	40	23	32	34	39	40	41	55	57
NIVEL DE ESCOLARIDADE	Mestrado ou doutoramento	9%	6%	17%	13%	2%	1%	12%	9%	3%
	Bacharelato ou licenciatura	30%	62%	29%	41%	19%	11%	37%	28%	19%
	Ensino secundário ou pós-secundário	38%	26%	36%	37%	40%	38%	43%	42%	37%
	Até ao ensino básico	23%	6%	18%	9%	39%	50%	8%	21%	41%
TÊM CARTA DE CONDUÇÃO	Têm carta de condução	83%	67%	86%	90%	63%	83%	95%	95%	75%
	Não têm carta de condução	17%	33%	14%	10%	37%	17%	5%	5%	25%
RESIDEM NA MESMA CIDADE/ LOCALIDADE QUE A FAMÍLIA	Residem na cidade/localidade da família	68%	85%	61%	76%	67%	66%	63%	69%	61%
	Noutra cidade/localidade distinta	32%	15%	39%	24%	33%	34%	37%	31%	39%
ONDE VIVEM	Na casa delas	73%	3%	82%	46%	67%	84%	93%	95%	91%
	Em casa dos pais	21%	77%	13%	48%	24%	10%	6%	1%	8%
	Apartamento estudantes/com pessoas amigas	3%	15%	2%	3%	2%	0%	0%	2%	0%
	Em casa de um membro da família	3%	5%	3%	3%	7%	6%	1%	2%	1%
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA	Área Metropolitana do Porto	18%	18%	17%	16%	19%	17%	17%	19%	18%
	Resto Norte	18%	24%	16%	19%	13%	18%	18%	27%	14%
	Centro	21%	22%	24%	19%	25%	21%	19%	18%	24%
	Área Metropolitana de Lisboa	27%	24%	29%	32%	27%	23%	28%	20%	34%
	Alentejo / Algarve	11%	8%	9%	11%	9%	14%	13%	11%	7%
	Região Autónoma da Madeira / Açores	5%	4%	5%	3%	7%	7%	5%	5%	3%
RELIGIÃO	Católicas não praticantes	57%	46%	57%	47%	60%	61%	61%	58%	59%
	Católicas praticantes	17%	18%	11%	18%	12%	20%	19%	21%	17%
	Crentes de outras religiões	7%	3%	7%	7%	11%	6%	5%	7%	7%
	Agnósticas	9%	14%	12%	16%	7%	4%	8%	4%	12%
	Ateias	10%	19%	13%	12%	10%	9%	7%	10%	5%

### Formas de ser e atitudes perante a vida das mulheres que estão a viver cada situação

As situações em que estão a viver as mulheres com formas de ser e atitudes perante a vida mais diferente das restantes são cinco:

- Na situação “Tudo pela frente” maximiza-se a proporção do tipo designado como as “Liberais”. Nesta situação, atinge-se o máximo nível de acordo com quatro afirmações: “seria incapaz de perdoar uma infidelidade do meu/minha companheiro/a”; “procuro estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o meu guarda-roupa”; “gosto de ter sonhos eróticos” e “em reuniões sociais, costumo sentir-me insegura”. E atinge-se o nível mínimo de acordo com outras quatro: “não permito que os pequenos inconvenientes da vida me desanimem”, “não entendo o sexo sem amor”, “gosto muito de crianças” e “vivo no presente sem pensar demasiado nem no passado nem no futuro”.
- Na situação “Em luta” minimiza-se a proporção dos dois tipos de mulheres com mais segurança em si próprias e maximizam-se as “Reservadas”. A frase que maior acordo gera nesta situação é: “gosto muito de crianças” (89%). Por outro lado, são as menos “críticas e exigentes consigo próprias”.
- Na situação “Tudo sob controlo” maximiza-se a proporção dos dois tipos com mulheres seguras de si próprias. Para além da segurança, caracteriza-as a sociabilidade: entre elas, atinge o valor máximo a afirmação “nos meus tempos livres, prefiro estar com pessoas amigas do que sozinha”.

- Tal como na situação de “Tudo sob controlo”, entre as “Realizadas” maximiza-se a proporção dos dois tipos com mulheres que têm mais segurança em si próprias. São as mais respeitadoras dos costumes. Entre elas, atingem o valor máximo as que “vivem no presente sem pensar demasiado nem no passado nem no futuro”.
- Na situação “Esgotadas”, as mulheres concentram-se em dois tipos: “Conservadoras” e “Reservadas”. Entre elas, ocorre a percentagem mais elevada das que seriam capazes de perdoar uma infidelidade do/da companheiro/a. São as que menos gostam de ter sonhos eróticos.

As três situações em que se concentra uma parte importante das mulheres que estão na segunda fase do seu ciclo de vida (“Tu eu podemos”, “Eu posso” e “Resignadas”) não se caracterizam por um tipo determinado de formas de ser e atitudes perante a vida, incluindo-se nas mesmas mulheres de todos os tipos.



● Situação vital em que cada afirmação/categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada afirmação/categoria tem os valores mínimos

QUANTAS MULHERES CONCORDAM COM CADA UMA DAS 18 QUESTÕES CONSIDERADAS (muito ou totalmente)

TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
Segurança em si própria	Em reuniões sociais, costumo sentir-me insegura	23%	36%	22%	25%	24%	26%	16%	21%	23%
	Não permito que os pequenos inconvenientes da vida me desanimem	51%	31%	48%	47%	57%	43%	62%	67%	43%
	Consigo quase sempre atingir os objectivos que me proponho alcançar	54%	47%	57%	50%	54%	39%	66%	67%	43%
	Tenho espírito aventureiro	47%	48%	47%	48%	53%	33%	52%	54%	34%
	Sou uma pessoa muito organizada	57%	55%	56%	54%	61%	48%	61%	63%	62%
	Acho que as pessoas devem cumprir as regras, mesmo quando ninguém está a ver	79%	73%	78%	70%	83%	77%	82%	89%	74%
	Mesmo quando discordo de alguém, faço tudo o que for possível para compreender essa pessoa	59%	61%	56%	59%	67%	47%	61%	69%	53%
Tento que a minha alimentação seja saudável e equilibrada	55%	47%	53%	52%	57%	33%	66%	67%	57%	
Intolerância com as infidelidades	Seria incapaz de perdoar uma infidelidade do meu marido/companheiro/a	57%	65%	62%	55%	56%	53%	55%	65%	48%
Respeito dos costumes	Não entendo o sexo sem amor	50%	41%	41%	39%	53%	54%	51%	63%	62%
	Gosto de ter sonhos eróticos	26%	33%	33%	25%	30%	18%	28%	23%	17%
	Sou muito respeitadora dos costumes e das crenças tradicionais	41%	39%	38%	32%	51%	36%	38%	59%	37%
	Gosto muito de crianças	77%	58%	73%	62%	84%	89%	85%	78%	81%
	Costumo ser muito crítica e exigente comigo mesma	68%	72%	69%	70%	67%	55%	73%	75%	62%
Sociabilidade	Procuro estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o meu guarda-roupa	28%	37%	32%	28%	24%	16%	30%	32%	19%
	Tento não chamar a atenção para mim	58%	59%	56%	56%	67%	57%	51%	62%	61%
	Nos meus tempos livres, prefiro estar com pessoas amigas do que sozinha	38%	37%	44%	35%	40%	31%	44%	34%	33%
	Vivo no presente sem pensar demasiado nem no passado nem no futuro	29%	18%	28%	27%	36%	23%	31%	42%	28%
TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO FORMAS DE SER E ATITUDES PERANTE A VIDA	Tipo "Seguras-intolerantes"	24%	17%	27%	22%	27%	14%	28%	33%	15%
	Tipo "Seguras-tolerantes"	15%	10%	15%	18%	19%	10%	20%	16%	12%
	Tipo "Reservadas"	19%	17%	13%	16%	23%	32%	12%	19%	30%
	Tipo "Conservadoras"	24%	23%	22%	22%	16%	26%	27%	27%	31%
	Tipo "Liberais"	18%	33%	23%	22%	15%	18%	13%	5%	12%

### **Frentes e outras cargas que têm as mulheres que estão a viver cada situação**

As três situações das mulheres mais jovens estão muito marcadas por um dos tipos de combinações de *frentes* identificadas, e são:

- “Tudo pela frente”: 92% pertencem ao tipo de “nenhuma *frente*”.
- “Tu e eu podemos”: 87% fazem parte do tipo “trabalho pago”/“vida em casal”.
- “Eu posso”: 92% são apenas do tipo “só trabalho pago”.

As três situações mais heterogéneas no que diz respeito aos tipos de combinações de *frentes* são:

- “Resignadas”: o que as caracteriza é que nenhuma delas tem trabalho pago. Entre elas há quatro tipos de combinações de *frentes* (as quatro sem a *frente* do “trabalho pago”).
- “Realizadas”: entre elas há mulheres de seis dos oito tipos de combinações de *frentes*. Entre elas, atinge-se o máximo de mulheres que declaram que gostariam de ter tido filhos/as mas já não terão.
- “Esgotadas”: entre elas há mulheres de sete dos oito tipos de combinações de *frentes*. Uma característica diferenciadora desta situação é que quase metade não tem companheiro/a (48%).

As duas situações restantes concentram-se em dois tipos de combinações de *frentes*:

- “Em luta”: 60% têm as três *frentes* na vida e 29% “trabalho pago e filhos/as”.
- “Tudo sob controlo”: 79% têm as três *frentes* na vida e 16% “trabalho pago e filhos/as”.

A situação com mais mulheres que na actualidade não têm companheiro/a é a das “Eu posso” (65%). Nesta situação, alcança-se também um dos valores mais elevados de mulheres que nunca viveram com um/a companheiro/a (51%).

Nas duas situações com as mulheres mais velhas, a das “Realizadas” e a das “Esgotadas”, algumas mulheres têm de se encarregar, para além das *frentes* que incluem na vida, dos seus pais, pois alguns são dependentes fisicamente (16% e 30%, respectivamente) ou dos/das netos/as (25% e 32%, respectivamente).



		Total de mulheres (100%=100%)	Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos							Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos	
			Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)	
TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO AS FRENTE QUE TÊM NA VIDA	Trabalho pago / Vida em casal / Filhos/as	27%	0%	0%	0%	0%	60%	79%	36%	15%	
	Trabalho pago / Vida em casal	17%	0%	87%	0%	0%	0%	0%	26%	1%	
	Trabalho pago / Filhos/as	11%	0%	0%	8%	0%	29%	16%	10%	26%	
	Vida em casal / Filhos/as	10%	0%	0%	0%	36%	11%	5%	13%	29%	
	Só trabalho pago	16%	7%	13%	92%	0%	0%	0%	13%	4%	
	Só filhos/as	4%	0%	0%	0%	17%	0%	0%	2%	17%	
	Só vida em casal	3%	1%	0%	0%	24%	0%	0%	0%	0%	
	Nenhuma frente	12%	92%	0%	0%	23%	0%	0%	0%	8%	
TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO A RELAÇÃO COM OS FILHOS/AS	Têm filhos/as	53%	0%	0%	8%	53%	100%	100%	61%	86%	
	Estão grávidas do 1.º filho/a	1%	2%	5%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	
	Gostariam de ter filhos/as	27%	79%	66%	48%	19%	0%	0%	1%	0%	
	Gostariam de ter tido mas sabem que não terão	10%	8%	16%	22%	15%	0%	0%	24%	7%	
	Nunca quiseram ter filhos/as	9%	11%	13%	21%	13%	0%	0%	14%	7%	
TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO A SITUAÇÃO DE RELACIONAMENTO	Vivem com um homem	56%	1%	83%	0%	59%	70%	83%	75%	44%	
	Vivem com uma mulher	1%	0%	4%	0%	1%	1%	1%	1%	1%	
	Têm companheiro mas não vivem com ele	15%	47%	12%	34%	14%	7%	7%	5%	7%	
	Têm companheira mas não vivem com ela	1%	4%	1%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	
	Não têm companheiro/a	27%	48%	0%	65%	25%	22%	9%	19%	48%	
SÍNTESE DA EXPERIÊNCIA DE VIDA EM CASAL	Não vivem (já viveram com >1 companheiro/a)	10%	9%	4%	21%	9%	11%	6%	7%	21%	
	Vivem (não é o 1.º com quem vivem)	21%	0%	32%	0%	31%	33%	26%	27%	5%	
	Não vivem (já viveram com 1 companheiro/a)	14%	7%	4%	28%	13%	17%	6%	10%	30%	
	Vivem (é o 1.º com quem vivem)	36%	1%	55%	0%	31%	37%	58%	50%	40%	
	Nunca viveram com um/a companheiro/a	19%	83%	5%	51%	16%	2%	4%	6%	4%	
TÊM NETOS/AS	Têm netos/as	8%	0%	0%	0%	5%	5%	3%	25%	32%	
	Não têm netos/as	92%	100%	100%	100%	95%	95%	97%	75%	68%	
GRAU DE DEPENDÊNCIA FÍSICA DOS PAIS	Base: O pai e/ou a mãe estão vivos e têm relação com eles (86%)	(86%)	(97%)	(92%)	(94%)	(83%)	(91%)	(95%)	(64%)	(55%)	
	O pai e a mãe são dependentes fisicamente	1%	1%	2%	1%	0%	0%	1%	0%	6%	
	O pai é dependente fisicamente	2%	0%	1%	1%	1%	0%	2%	5%	4%	
	A mãe é dependente fisicamente	5%	1%	1%	5%	10%	4%	2%	11%	20%	
	O pai e a mãe são totalmente independentes fisicamente	92%	98%	96%	93%	89%	96%	95%	84%	70%	

### **Hábitos das mulheres que estão a viver cada situação**

As mulheres mais caseiras são as que estão a viver na situação de “Em luta” e as “Esgotadas”. No extremo oposto, as menos caseiras são as “Eu posso”, seguidas das “Tudo sob controlo”.

Onde há mais grandes fumadoras é entre as “Em luta”, as “Eu posso” e as “Realizadas”. Onde há mais não fumadoras é nos dois extremos: entre as mais jovens (as “Tudo pela frente”) e as mais velhas (as “Esgotadas”).

Há uma clara relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e a idade: entre as mais jovens, as “Tudo pela frente”, encontra-se a maior proporção de não consumidoras de bebidas alcoólicas ou de consumidoras não frequentes e entre as duas situações com mulheres mais velhas encontram-se as consumidoras mais frequentes.

As que praticam de forma mais frequente alguma actividade física/ desporto são as “Eu posso” e as “Realizadas”. E as que o praticam com menos frequência são as “Em luta”.

A situação em que há maiores leitoras coincide com uma daquelas em que se pratica mais desporto ou actividade física: as “Realizadas”. A situação em que há mais mulheres que não lêem livros coincide com aquela em que se pratica menos desporto ou actividade física: as “Em luta”.

Com excepção das “Em luta”, que é a situação com o maior IMC médio, o índice de massa corporal mantém uma estreita relação com a idade da mulher. Entre as jovens, a maioria tem peso normal, e entre as mais velhas, a maioria tem excesso de peso.



		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controle (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO O TEMPO QUE COSTUMAM PASSAR EM CASA NOS DIAS DE DESCANSO</b>	Muito caseiras (entre 76% e 100% do tempo)	35%	35%	31%	26%	35%	55%	25%	38%	49%
	Caseiras (entre 51% e 75% do tempo)	26%	31%	29%	24%	25%	20%	31%	24%	24%
	Pouco caseiras (50% do tempo)	25%	16%	25%	33%	35%	9%	26%	31%	19%
	Nada caseiras (menos de 50% do tempo)	14%	18%	15%	17%	5%	16%	18%	7%	8%
<b>RELAÇÃO COM O TABACO</b>	Grandes fumadoras (>60 cigarros/semana)	11%	4%	10%	15%	11%	16%	9%	13%	6%
	Fumadoras médias (21-60 cigarros/semana)	11%	3%	12%	11%	17%	9%	10%	6%	13%
	Fumadoras ligeiras (até 20 cigarros/semana)	7%	5%	10%	5%	11%	5%	7%	5%	2%
	Não fumadoras	71%	88%	68%	69%	61%	70%	74%	76%	79%
<b>RELAÇÃO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS</b>	Consumidoras frequentes de 2 ou mais tipos de bebidas alcoólicas	21%	9%	22%	26%	19%	12%	23%	30%	26%
	Consumidoras frequentes de 1 tipo de bebida alcoólica	22%	16%	18%	16%	22%	18%	21%	38%	25%
	Consumidoras de 3 ou mais tipos de bebida alcoólica mas nenhum de forma frequente	20%	24%	18%	25%	17%	15%	26%	14%	23%
	Consumidoras de 1 ou 2 tipos de bebida alcoólica mas nenhum de forma frequente	23%	29%	30%	22%	27%	31%	22%	7%	12%
	Não consumidoras de bebidas alcoólicas	14%	22%	12%	11%	15%	24%	8%	11%	14%
<b>RELAÇÃO COM O DESPORTO/ACTIVIDADE FÍSICA</b>	Praticantes frequentes (1 vez/semana ou mais)	53%	53%	50%	63%	55%	16%	59%	77%	51%
	Praticantes ocasionais (1-3 vezes/mês)	13%	21%	11%	11%	11%	17%	13%	5%	13%
	Praticantes esporádicas (<1 vez/mês)	17%	14%	20%	14%	18%	25%	19%	10%	15%
	Não praticam desporto ou actividade física	17%	12%	19%	12%	16%	42%	9%	8%	21%
<b>RELAÇÃO COM A LEITURA</b>	Grandes leitoras (lêem mais de 6 livros/ano)	16%	18%	12%	19%	15%	7%	17%	27%	20%
	Leitoras médias (lêem de 3 a 6 livros/ano)	32%	33%	30%	38%	29%	14%	36%	40%	33%
	Leitoras ligeiras (lêem 1 ou 2 livros/ano)	37%	34%	40%	31%	43%	43%	41%	29%	29%
	Não lêem livros	15%	15%	18%	12%	13%	36%	6%	4%	18%
<b>ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC) (1)</b>	Peso baixo (<18,5)	4%	7%	4%	9%	6%	2%	1%	6%	1%
	Peso normal (18,5-24,9)	53%	71%	60%	57%	51%	38%	64%	36%	42%
	Excesso de peso (25,0-29,9)	28%	14%	24%	22%	27%	35%	25%	40%	38%
	Obesidade (≥ 30,0)	15%	8%	12%	12%	16%	25%	10%	18%	19%
	IMC médio	25,2	23,6	24,7	24,3	25,1	27,1	24,5	26,7	26,4

(1) Peso (em kg) / Altura<sup>2</sup> (em metros).

● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

### Disponibilidade de tempo e toma de medicamentos entre as mulheres que estão a viver cada situação

As que mais declararam sentir-se sempre demasiado cansadas são as “Em luta”. No extremo oposto, as que se sentem menos cansadas são, em primeiro lugar, as “Realizadas” e, em segundo lugar, as “Esgotadas” e as “Eu posso”.

As que, nos dias úteis/de 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> feira:

- Dormem mais horas por dia são as “Tudo pela frente” (além de serem jovens, quase todas têm zero *frentes* na sua vida) e as que dormem menos horas são as “Eu posso” e as “Tudo sob controlo”.
- Têm mais tempo para estar em casa acordadas são as “Resignadas” e as “Esgotadas” (ambas com poucas *frentes*).
- Passam mais tempo fora de casa encontram-se nas duas das situações com as mulheres mais jovens: “Tu e eu podemos” e “Eu posso”. As que passam menos tempo fora de casa coincidem com as que mais tempo estão em casa acordadas.
- Têm mais tempo para si próprias e para passatempos (tanto em casa como fora de casa) são os dois extremos, as “Tudo pela frente” (que além disso, são as que mais dormem) e as “Esgotadas” (que são umas das que estão muito em casa). As que têm menos tempo para si próprias e para os seus passatempos são as “Em luta” e as “Tudo sob controlo” (umas das que menos horas dormem por dia).

As duas situações em que as mulheres têm um círculo de pessoas amigas mais reduzido são as “Em luta” e as “Esgotadas” (em média, tem 3,5 e 4,3 amigas ou amigos). No extremo oposto, as que têm um círculo de pessoas amigas mais recorrente são as “Realizadas” (6,5 amigas ou amigos, em média).

O consumo de medicamentos para a ansiedade ou distúrbios do sono e o de antidepressivos tem um padrão semelhante entre as mulheres que estão a viver cada situação, e observa-se que o consumo dos primeiros é sempre superior ao dos antidepressivos. É entre as três situações de mulheres mais jovens que se alcançam os valores máximos daquelas que nunca os tomaram. Na situação de “Em luta” é onde se alcança o valor mais elevado das que agora não tomam mas no passado já tomaram. Entre as “Resignadas” e as “Esgotadas” é onde há mais consumidoras frequentes de antidepressivos.



		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controle (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
FREQUÊNCIA COM QUE SE SENTEM DEMASIADO CANSADAS	Sentem-se sempre demasiado cansadas	11%	13%	11%	10%	15%	19%	8%	5%	8%
	Quase sempre	60%	61%	61%	57%	58%	68%	62%	49%	56%
	Quase nunca / nunca	29%	26%	28%	33%	27%	13%	30%	46%	36%
DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS DOS DIAS ÚTEIS (horas:minutos)	Tempo a dormir	7:06	7:18	7:06	6:54	7:12	7:00	6:54	7:06	7:12
	Tempo em casa acordada	6:48	7:12	5:18	5:30	10:00	5:54	6:00	6:06	9:42
	Tempo fora de casa	10:06	9:30	11:36	11:36	6:48	11:06	11:06	10:48	7:06
HORAS PARA SI PRÓPRIAS E PARA PASSATEMPOS NOS DIAS ÚTEIS	5:01 / dia ou mais	30%	57%	29%	45%	44%	5%	5%	28%	48%
	De 4:01 a 5:00 / dia	11%	15%	15%	17%	12%	4%	7%	7%	9%
	De 3:01 a 4:00 / dia	16%	12%	20%	15%	13%	14%	13%	25%	16%
	De 2:01 a 3:00 / dia	18%	10%	20%	11%	12%	23%	29%	18%	9%
	De 1:01 a 2:00 / dia	17%	5%	11%	9%	16%	35%	28%	11%	16%
	Até 1 hora/dia	8%	1%	5%	3%	3%	19%	18%	11%	2%
Total tempo médio/dia para si e passatempos	4:06	6:06	4:06	4:48	5:12	2:12	2:24	4:00	5:24	
DIMENSÃO DO CÍRCULO DE PESSOAS AMIGAS	Têm seis ou mais bons amigos/boas amigas	38%	49%	45%	43%	32%	20%	41%	47%	26%
	Quatro ou cinco	26%	24%	27%	31%	25%	25%	29%	26%	24%
	Dois/duas ou três	24%	20%	20%	20%	23%	34%	21%	20%	30%
	Um/a ou nenhum/a	12%	7%	8%	6%	20%	21%	9%	7%	20%
Número médio de bons amigos/boas amigas	5,3	6,0	5,7	5,9	5,1	3,5	5,6	6,5	4,3	
FREQUÊNCIA COM QUE TOMAM MEDICAMENTOS PARA A ANSIEDADE OU DISTÚRBIOS DO SONO	Frequentemente (1 vez/semana ou mais)	22%	12%	16%	17%	31%	19%	16%	32%	41%
	Ocasionalmente (1-3 vezes/mês)	5%	7%	4%	4%	5%	6%	4%	4%	2%
	Esporadicamente (menos de 1 vez/mês)	6%	4%	7%	5%	3%	4%	7%	12%	7%
	Agora não tomam mas no passado tomaram	23%	20%	25%	26%	22%	30%	22%	18%	21%
Nunca tomaram	44%	57%	48%	48%	39%	41%	51%	34%	29%	
FREQUÊNCIA COM QUE TOMAM ANTIDEPRESSIVOS	Frequentemente (1 vez/semana ou mais)	15%	8%	11%	12%	22%	13%	11%	17%	28%
	Ocasionalmente (1-3 vezes/mês)	2%	1%	1%	1%	5%	2%	1%	4%	1%
	Esporadicamente (menos de 1 vez/mês)	1%	1%	3%	1%	1%	1%	1%	2%	2%
	Agora não tomam mas no passado tomaram	25%	12%	20%	20%	28%	36%	26%	27%	29%
	Nunca tomaram	57%	78%	65%	66%	46%	48%	61%	50%	40%

● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos

○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

### **Relação com o trabalho pago das mulheres que estão a viver cada situação**

As três situações que mais se diferenciam do resto no que diz respeito ao trabalho pago são:

- “Tudo pela frente”, visto que dois terços das mulheres que a integram ainda estão a estudar.
- “Resignadas”, dado que 64% estão desempregadas e activamente à procura de emprego e 28% já trabalharam mas agora não estão à procura de emprego.
- “Esgotadas”, visto que mais de um terço (36%) já trabalharam mas agora não.

O número de experiências acumuladas no mercado de trabalho não tem relação com a idade:

- As situações em que as mulheres tiveram um maior número de experiências de trabalho, apesar de não serem das mais velhas, são: as “Resignadas” e as “Em luta”.
- No extremo oposto, as situações que incluem as mulheres que tiveram um menor número de experiências laborais são duas das que têm mais idade: as “Realizadas” e as “Esgotadas”.

A situação em que as mulheres deram, até ao momento, mais prioridade à vida pessoal/familiar relativamente ao trabalho pago são as que se encontram na situação de “Tudo sob controlo”. Entre elas, 37% deram prioridade à vida pessoal/familiar, de alguma das três formas consideradas nesta investigação.

Entre as mulheres que estão activas no mercado de trabalho, a antiguidade no trabalho está relacionada com a idade.

Entre as “Resignadas” que estão desempregadas e activamente à procura de emprego, que são 64%, um pouco mais de um terço (35%) estão desempregadas há mais de um ano. As que estão abrangidas por medidas IEFP- Instituto de Emprego e Formação Profissional são apenas uma em cada dez (13%).

## TRABALHO PAGO

● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos

○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
SITUAÇÃO DE TRABALHO	Têm trabalho pago	71%	7%	100%	100%	0%	90%	95%	85%	47%
	Desempregadas activamente à procura de emprego	10%	11%	0%	0%	64%	3%	1%	0%	12%
	Já trabalharam (não estão à procura de emprego)	10%	3%	0%	0%	28%	6%	4%	13%	36%
	Nunca trabalharam	2%	13%	0%	0%	5%	1%	0%	2%	5%
	Estão a estudar	7%	66%	0%	0%	3%	0%	0%	0%	0%
<b>Base: Têm experiência no mercado de trabalho</b>		<b>(91%)</b>	<b>(23%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(91%)</b>	<b>(99%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(99%)</b>	<b>(95%)</b>
NÚMERO DE EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO QUE TIVERAM	5 experiências de trabalho ou mais	36%	n=60	36%	37%	53%	52%	30%	23%	26%
	3-4 experiências	32%	--	34%	31%	27%	26%	35%	36%	39%
	2 experiências	17%	--	17%	19%	12%	14%	20%	18%	19%
	1 experiência	15%	--	13%	13%	8%	8%	15%	23%	16%
	N.º médio de experiências de trabalho que tiveram	4,5	--	4,4	5,1	5,0	5,3	4,2	4,4	3,8
QUANTAS MULHERES DERM PRIORIDADE À VIDA PESSOAL/FAMILIAR RELATIVAMENTE AO TRABALHO PAGO?	Nunca puseram um "travão" por motivos pessoais	52%	--	65%	67%	0%	63%	61%	64%	30%
	No passado recusaram alguma oferta de trabalho mais exigente	14%	--	23%	22%	0%	14%	19%	8%	6%
	Puseram um "travão" por motivos pessoais (1)	12%	31	12%	11%	0%	14%	16%	15%	14%
	Desempregadas activamente à procura de emprego	11%	--	0%	0%	70%	3%	1%	0%	13%
	"Deixaram" de trabalhar por motivos pessoais (1)	5%	--	0%	0%	17%	5%	2%	6%	13%
	Deixaram de trabalhar por demissão	4%	--	0%	0%	9%	1%	1%	4%	14%
	Aposentaram-se	2%	--	0%	0%	4%	0%	0%	3%	10%
<b>Base: Têm trabalho pago</b>		<b>(71%)</b>	<b>(7%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(89%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(85%)</b>	<b>(46%)</b>
ANTIGUIDADE NO TRABALHO ACTUAL	Mais de 20 anos	14%	n=22	2%	3%	--	6%	15%	46%	45%
	Entre 10 e 20 anos	21%	--	18%	16%	--	18%	34%	16%	13%
	Entre 5 e 10 anos	16%	--	14%	15%	--	16%	18%	15%	23%
	Entre 1 e 5 anos	28%	--	39%	36%	--	29%	23%	19%	10%
	Têm o trabalho actual há menos de 1 ano	20%	--	27%	30%	--	31%	10%	4%	9%
<b>Base: Desempregadas activamente à procura de emprego</b>		<b>(10%)</b>	<b>(11%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(64%)</b>	<b>(3%)</b>	<b>(1%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(12%)</b>
HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ DESEMPREGADA	Menos de 6 meses	28%	n=25	--	--	31%	--	--	--	n=12
	Entre 6 meses e 1 ano	18%	--	--	--	21%	--	--	--	--
	Mais de 1 ano	38%	--	--	--	35%	--	--	--	--
	Está em formação profissional (IEFP)	16%	--	--	--	13%	--	--	--	--

(1) Inclui: Decidi-o voluntariamente para poder dedicar mais tempo à família, por outros motivos pessoais, tive de fazê-lo por razões de saúde ou porque a situação familiar assim o exigia.

### Como é o trabalho pago das mulheres que estão a viver cada situação?

No que diz respeito àquilo em que trabalham, as principais diferenças são:

- A situação laboral menos estável é a das mulheres que estão a viver na situação “Em luta”: 46% estão empregadas com vínculo contratual não estável. O tipo de trabalho mais habitual entre elas é estar empregada numa empresa do sector privado ou numa organização da economia social, nalgum local (ex.: loja, cabeleireiro, bar, etc.) ou andar em viagem.
- As empregadas no tipo de trabalho que mais se verifica entre as mulheres, as empregadas numa empresa do sector privado ou numa organização da economia social que trabalham num escritório, alcançam o seu valor mais elevado entre as “Eu posso” e as “Tudo sob controlo”.
- Entre as “Realizadas”, maximiza-se o número das “trabalhadoras independentes qualificadas” e as “proprietárias de um negócio/empresa”.
- Entre as “Esgotadas”, maximiza-se o número das “Funcionárias públicas”.

As situações em que as mulheres destinam um maior número de horas ao trabalho pago são as “Eu posso” e as “Realizadas”. Estas duas situações coincidem com aquelas em que há mais mulheres que costumam viajar por motivos de trabalho (20% e 22%, respectivamente).

As situações em que há mais mulheres com flexibilidade para trabalhar a partir de casa são as “Tudo sob controlo” e as “Realizadas”. Estas duas situações coincidem com aquelas em que as mulheres têm os rendimentos mensais mais elevados.

## TRABALHO PAGO

● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos

○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>Base: Têm trabalho pago</b>		<b>(71%)</b>	<b>(7%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(89%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(85%)</b>	<b>(46%)</b>
<b>EM QUE TRABALHAM</b>	Empregada escritório sector privado ou econ. social	32%	n=22 --	33%	39%	--	32%	37%	19%	19%
	Empregada em viagem/local sect. privado ou ec. social	25%	--	29%	24%	--	41%	13%	21%	25%
	Funcionária pública	16%	--	10%	13%	--	7%	20%	25%	37%
	Trabalhadora independente qualificada	7%	--	7%	9%	--	3%	5%	10%	5%
	Directora/chefe depart. sector privado ou econ. social	5%	--	7%	4%	--	3%	8%	4%	0%
	Proprietária de um negócio/empresa	5%	--	3%	5%	--	4%	4%	14%	5%
	Não funcionária que trabalha na administração pública	5%	--	5%	4%	--	3%	6%	3%	7%
	Serviço doméstico	3%	--	4%	1%	--	5%	5%	2%	1%
Trabalho artesanal/manual por conta própria	2%	--	2%	1%	--	2%	2%	2%	1%	
<b>ESTABILIDADE DO VÍNCULO CONTRATUAL</b>	Base: Empregadas	(86%)	(100%)	(88%)	(85%)	(0%)	(91%)	(89%)	(74%)	(89%)
	Empregadas com vínculo contratual estável	70%	--	59%	61%	--	54%	85%	88%	85%
	Empregadas com vínculo contratual não estável	30%	--	41%	39%	--	46%	15%	12%	15%
<b>NÚMERO DE HORAS QUE TRABALHAM POR SEMANA</b>	Mais de 40 horas por semana	26%	--	28%	32%	--	26%	20%	32%	17%
	40 horas por semana	41%	--	43%	37%	--	42%	42%	35%	51%
	De 31 a 39 horas por semana	18%	--	12%	14%	--	16%	24%	24%	21%
	Até 30 horas por semana	15%	--	17%	17%	--	16%	14%	9%	11%
N.º médio de horas que trabalham	38,4	--	38,0	38,5	--	38,1	38,1	40,2	38,2	
<b>VIAGENS POR TRABALHO</b>	Costumam viajar por motivos de trabalho	15%	--	16%	20%	--	4%	16%	22%	6%
	Não costumam viajar por trabalho	85%	--	84%	80%	--	96%	84%	78%	94%
<b>FLEXIBILIDADE NO TRABALHO</b>	Têm flexibilidade para trabalhar a partir de casa	20%	--	21%	19%	--	11%	24%	31%	14%
	Não têm	80%	--	79%	81%	--	89%	76%	69%	86%
<b>RENDIMENTOS MENSAIS LÍQUIDOS</b>	Mais de 1.820 € / mês	4%	--	2%	2%	--	0%	6%	8%	5%
	De 1.361 a 1.820 € / mês	6%	--	4%	4%	--	1%	9%	10%	11%
	De 1.126 a 1.360 € / mês	8%	--	7%	9%	--	2%	12%	14%	9%
	De 901 a 1.125 € / mês	15%	--	16%	15%	--	9%	17%	20%	8%
	De 681 a 900 € / mês	26%	--	28%	24%	--	24%	31%	22%	25%
	Até 680 € / mês	41%	--	43%	46%	--	64%	25%	26%	42%
<b>REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO</b>	Estão a beneficiar de alguma redução do tempo de trabalho para cuidar da família	5%	--	7%	3%	--	4%	6%	5%	4%
	Não estão a beneficiar de nenhuma redução	95%	--	93%	97%	--	96%	94%	95%	96%

### **Quem é o companheiro das mulheres que estão a viver cada situação?**

A duração da relação com o companheiro está muito relacionada com a idade da mulher: na situação das “Tu e eu podemos”, a maioria tem relacionamentos de 10 anos no máximo, enquanto na situação das “Esgotadas” quase todas têm relacionamentos de mais de 20 anos.

As situações em que é menos frequente que, para os dois, seja a primeira experiência de vida em casal são: as “Em luta” (em 38% dos casos os dois têm experiências prévias de vida em casal) e as “Resignadas” (em 18% dos casos é a primeira experiência para ele mas não para ela).

No que respeita a de quem são os/as filhos/as, as situações mais complexas dão-se entre as que estão a viver na situação de “Em luta” (30% têm pelo menos um/a filho/a em comum), nas “Resignadas” (24% nenhum dos/das filhos/as que têm é de ambos) e nas “Realizadas” (22% nenhum/uma dos/das filhos/as que têm é de ambos).

A máxima assimetria entre a idade dela e a dele dá-se na situação das “Esgotadas”: em 72% dos casos ela tem 2 ou mais anos a menos que o/a companheiro/a. Entre as “Realizadas” alcança-se a maior proporção de casos em que ela tem pelo menos mais 2 anos do que ele (25%). E, entre as “Tudo sob controlo”, atinge-se o valor mais elevado em que ela e ele têm a mesma idade ou 1 ano de diferença.

A máxima assimetria no nível de escolaridade ocorre, a favor delas, em duas situações: “Em luta” e “Realizadas” e, a favor deles, entre as “Resignadas”.

A máxima assimetria no que diz respeito ao que cada membro do casal ganha dá-se na situação das “Tudo sob controlo” (em 52% dos casos, ela ganha menos do que ele). As duas situações em que a proporção das que ganham mais do que ele aumenta relativamente à média são: as “Tu e eu podemos” e as “Realizadas”.



● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos

○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>Base: Vivem com um homem</b>		<b>(56%)</b>	<b>(1%)</b>	<b>(83%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(59%)</b>	<b>(70%)</b>	<b>(83%)</b>	<b>(75%)</b>	<b>(44%)</b>
			n=4							n=61
<b>DURAÇÃO DA RELAÇÃO</b>	Mais de 20 anos	31%	--	10%	--	19%	26%	23%	61%	95%
	De 10 a 20 anos	28%	--	19%	--	26%	35%	49%	14%	0%
	De 5 a 10 anos	21%	--	29%	--	31%	20%	18%	19%	1%
	Menos de 5 anos	20%	--	42%	--	24%	19%	10%	6%	4%
<b>GRAU DE FORMALIZAÇÃO DA RELAÇÃO</b>	Casados pela igreja	37%	--	18%	--	19%	37%	49%	48%	52%
	Casados pelo civil	19%	--	11%	--	21%	15%	20%	25%	41%
	União de facto formalizada / não formalizada	44%	--	71%	--	60%	48%	31%	27%	7%
<b>N.º DE COMPANHEIROS/ AS COM QUE VIVEU CADA MEMBRO DO CASAL</b>	Para os dois é a 1.ª experiência de vida em casal	57%	--	52%	--	44%	49%	63%	58%	88%
	1.ª experiência para ela mas não para ele	7%	--	13%	--	7%	4%	7%	8%	3%
	1.ª experiência para ele mas não para ela	10%	--	11%	--	18%	9%	6%	9%	5%
	Os dois têm experiências prévias de vida em casal	26%	--	24%	--	31%	38%	24%	25%	4%
<b>QUANTOS CASAIS TÊM FILHOS/AS E DE QUEM SÃO</b>	Todos os filhos/as são de ambos os membros do casal	49%	--	0%	--	40%	62%	79%	44%	86%
	Têm pelo menos um filho/a em comum	10%	--	0%	--	7%	30%	11%	4%	8%
	Nenhum dos filhos/as que têm é de ambos	13%	--	14%	--	24%	8%	10%	22%	4%
	Nem ela nem ele têm filhos/as	28%	--	86%	--	29%	0%	0%	30%	2%
<b>ASSIMETRIA DA IDADE ENTRE ELA E ELE</b>	Ela tem pelo menos mais 2 anos do que ele	18%	--	18%	--	19%	21%	13%	25%	10%
	Têm a mesma idade ou 1 ano de diferença	31%	--	33%	--	26%	31%	39%	23%	18%
	Ela tem entre 2 e 5 anos menos que ele	32%	--	28%	--	32%	28%	34%	31%	48%
	Ela tem 6 ou mais anos menos que ele	19%	--	21%	--	23%	20%	14%	21%	24%
<b>ASSIMETRIA DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE ENTRE ELA E ELE</b>	Ela tem um nível de escolaridade superior	44%	--	40%	--	36%	50%	45%	49%	38%
	Ela e ele têm o mesmo nível de escolaridade	38%	--	42%	--	37%	32%	36%	41%	41%
	Ela tem um nível de escolaridade inferior	18%	--	18%	--	27%	18%	19%	10%	21%
<b>COMPARAÇÃO ENTRE O QUE GANHA CADA UM DOS MEMBROS DO CASAL</b>	Ela ganha menos do que ele	46%	--	47%	--	44%	48%	52%	44%	22%
	Ela ganha o mesmo que ele	27%	--	28%	--	16%	38%	26%	25%	15%
	Ela ganha mais do que ele	15%	--	20%	--	13%	9%	15%	21%	4%
	Ela ou ele têm rendimentos variáveis	5%	--	5%	--	5%	3%	6%	1%	12%
	Nenhum dos dois tem trabalho pago	7%	--	0%	--	22%	2%	1%	9%	47%

### **Hábitos do casal relativos às mulheres que estão a viver em cada situação**

As situações em que o casal partilha sozinho actividades de lazer com maior frequência são as três que incluem as mulheres mais jovens: “Tudo pela *frente*”, “Tu e eu podemos” e “Eu posso”.

No extremo oposto, as mulheres que menos tempo partilham com o/a companheiro/a, sozinhos, são as que estão a viver na situação das “Resignadas”, “Em luta” e “Esgotadas”.

Entre as “Realizadas”, há uma parte (cerca de uma em cada dez) que costuma realizar as três actividades de lazer consideradas com o companheiro/a, sozinhos, de forma habitual (mais de 1 vez/semana) ou semanal (todas ou quase todas as semanas).

As “Tudo sob controlo” comportam-se como a média das mulheres no que respeita aos hábitos de lazer que partilham com o/a companheiro/a.

Não há uma relação muito clara entre a situação de vida em que se encontra a mulher e a vida sexual do casal. As situações em que a percentagem das que pertencem ao Tipo 5 estrelas se maximiza são duas das que incluem as mulheres mais jovens: “Tu e eu podemos” e “Eu posso”. As situações em que mais mulheres preferiram não responder às questões relativas à vida sexual são as “Tudo pela *frente*” e as “Esgotadas”.



● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>Base: Têm companheiro</b>		<b>(71%)</b>	<b>(48%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(34%)</b>	<b>(73%)</b>	<b>(77%)</b>	<b>(90%)</b>	<b>(80%)</b>	<b>(51%)</b>
<b>FREQUÊNCIA COM QUE VÃO TOMAR UM COPO, ALMOÇAR, JANTAR, ... COM O COMPANHEIRO SOZINHOS</b>	Habitual (Mais de 1 vez/semana)	15%	27%	19%	26%	11%	7%	11%	20%	5%
	Semanal (todas ou quase todas as semanas)	35%	57%	47%	45%	31%	20%	25%	37%	30%
	Mensal	17%	10%	15%	13%	20%	20%	21%	15%	17%
	Bimensal	10%	4%	8%	5%	9%	9%	14%	13%	17%
	Esporádico	14%	1%	7%	8%	17%	23%	19%	10%	22%
Nunca ou quase nunca	9%	1%	4%	3%	12%	21%	10%	5%	9%	
<b>FREQUÊNCIA COM QUE VÃO AO CINEMA, TEATRO, MUSEU, ... COM O COMPANHEIRO SOZINHOS</b>	Habitual (Mais de 1 vez/semana)	4%	5%	5%	8%	1%	0%	2%	11%	2%
	Semanal (todas ou quase todas as semanas)	20%	40%	31%	38%	15%	10%	12%	20%	10%
	Mensal	17%	30%	23%	20%	14%	12%	15%	13%	11%
	Bimensal	11%	9%	11%	13%	10%	6%	14%	11%	17%
	Esporádico	23%	8%	17%	7%	24%	25%	33%	26%	26%
Nunca ou quase nunca	25%	8%	13%	14%	36%	47%	24%	19%	34%	
<b>FREQUÊNCIA COM QUE FAZEM UMA ESCAPADINHA / VIAGEM COM O COMPANHEIRO SOZINHOS</b>	Habitual (Mais de 1 vez/semana)	1%	1%	2%	2%	1%	0%	0%	4%	0%
	Semanal (todas ou quase todas as semanas)	4%	7%	4%	8%	3%	2%	2%	9%	1%
	Mensal	8%	12%	8%	20%	5%	8%	5%	7%	5%
	Bimensal	9%	7%	15%	13%	5%	4%	7%	11%	4%
	Esporádico	49%	51%	54%	43%	37%	35%	53%	61%	55%
Nunca ou quase nunca	29%	22%	17%	14%	49%	51%	33%	8%	35%	
<b>TIPOLOGIA DE CASAIS SEGUNDO A SUA VIDA SEXUAL</b>	Tipo Sexo 5 estrelas	24%	16%	29%	29%	27%	26%	25%	22%	6%
	Tipo Sexo 3 estrelas	31%	29%	34%	25%	30%	26%	36%	31%	21%
	Tipo Sexo 2 estrelas	7%	5%	6%	5%	10%	6%	6%	8%	7%
	Tipo Sexo 1 estrela	10%	10%	6%	12%	6%	17%	9%	10%	23%
	Sem Sexo	3%	5%	2%	3%	1%	4%	2%	5%	3%
	Não sabem/Não respondem	25%	35%	23%	26%	26%	21%	22%	24%	40%
Frequência média com que têm relações (vezes/semana)		1,8	1,7	1,9	1,9	1,9	1,7	1,8	1,8	1,2
N.º médio de orgasmos (em cada 10)		7,2	6,6	7,5	7,7	7,5	7,4	7,6	6,5	5,4

### **Como são os/as filhos/as das mulheres que estão a viver cada situação?**

No que respeita ao número de filhos/as que têm: nas situações das “Resignadas” e das “Tudo sob controlo” é onde é mais habitual ter um filho único ou uma filha única (mais de metade tem só um/a); as “Realizadas” são as que costumam ter mais filhos/as.

Excepto para as “Resignadas” entre as quais há filhos/as de todas as idades, nas restantes situações, a idade dos/das filhos/as está muito relacionada com a idade das mulheres que se encontram nessa situação. Também o está o facto de os/as filhos/as viverem em casa dos pais.

As situações em que se maximiza a percentagem de mães que pensam que algum/a dos/das filhos/as não é feliz são as “Resignadas” e as “Esgotadas” (10% e 15%, respectivamente).

No que diz respeito ao grau de dificuldade sentida no cuidado dos/das filhos/as, as situações em que há mais mulheres que pensam que algum/a filho/a foi difícil de criar são em primeiro lugar as “Em luta” (31%) e, a seguir, as “Resignadas” (24%). A situação em que há mais mulheres a referir que a dificuldade sentida no cuidado dos/das filhos/as foi como imaginavam ou menor é a das “Realizadas” (79%).

As duas situações em que as mulheres se informam com maior frequência acerca da criação dos/das filhos/as são as “Resignadas” e as “Tudo sob controlo”.

As “Tudo sob controlo” são também as que mais fizeram algum curso de preparação para o parto (48%).



● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>Base: Têm filhos/as</b>		<b>(53%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(8%)</b>	<b>(53%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(61%)</b>	<b>(86%)</b>
n=28										
<b>NÚMERO DE FILHOS/AS QUE TIVERAM</b>	Tiveram 3 filhos/as ou mais	13%	--	--	--	17%	17%	6%	14%	14%
	Tiveram 2 filhos/as	39%	--	--	--	31%	40%	38%	47%	44%
	Tiveram 1 filho/a	48%	--	--	--	52%	43%	56%	39%	42%
<b>IDADE DOS FILHOS/AS</b>	Pelo menos um filho/a tem 5 anos ou menos	25%	--	--	--	30%	45%	32%	0%	0%
	Algum tem entre 6 e 14 e nenhum tem 5 ou menos	31%	--	--	--	35%	39%	44%	3%	5%
	Algum tem entre 15 e 18 e nenhum tem 5 ou menos	11%	--	--	--	16%	9%	18%	6%	1%
	Todos têm 19 anos ou mais e algum vive em casa	16%	--	--	--	6%	5%	4%	40%	45%
	Todos têm 19 anos ou mais e nenhum vive em casa	17%	--	--	--	13%	2%	2%	51%	49%
<b>QUANTOS FILHOS/AS VIVEM EM CASA</b>	Todos os filhos/as vivem em casa	71%	--	--	--	74%	81%	95%	32%	29%
	Alguns dos filhos/as vivem em casa	12%	--	--	--	13%	17%	3%	17%	22%
	Nenhum dos filhos/as vive em casa	17%	--	--	--	13%	2%	2%	51%	49%
<b>FELICIDADE DOS FILHOS/AS</b>	Algum dos filhos/as não é feliz	7%	--	--	--	10%	4%	6%	5%	15%
	Percebem que todos os filhos/as são felizes	93%	--	--	--	90%	96%	94%	95%	85%
<b>GRAU DE DIFICULDADE SENTIDA NO CUIDADO DOS FILHOS/AS</b>	Algum filho/a difícil de criar	19%	--	--	--	24%	31%	16%	7%	18%
	É mais difícil do que imaginavam apesar de todos terem sido fáceis de criar	19%	--	--	--	20%	18%	20%	14%	21%
	É como imaginavam ou mais fácil	62%	--	--	--	56%	51%	64%	79%	61%
<b>FREQUÊNCIA COM QUE SE INFORMAM/INFORMAVAM SOBRE A CRIAÇÃO DOS FILHOS/AS</b>	Frequentemente (1 vez/semana ou mais)	58%	--	--	--	65%	51%	66%	62%	45%
	Ocasionalmente (1 a 3 vezes/mês)	17%	--	--	--	16%	21%	17%	10%	16%
	Esporadicamente (Menos de 1 vez/mês)	25%	--	--	--	6%	15%	13%	6%	14%
	Nunca se informam	13%	--	--	--	13%	13%	4%	22%	25%
<b>REALIZAÇÃO DE CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA O PARTO</b>	Fizeram algum curso de preparação para o parto	36%	--	--	--	32%	35%	48%	26%	19%
	Não fizeram nenhum curso	64%	--	--	--	68%	65%	52%	74%	81%
<b>AJUDA QUE TÊM OU TIVERAM PARA O CUIDADO DOS FILHOS/AS</b>	Têm/tiveram ajuda regular remunerada com os filhos/as	14%	--	--	--	9%	7%	8%	35%	28%
	Têm/tiveram ajuda regular de familiares	47%	--	--	--	37%	49%	52%	41%	41%
	Não têm/tiveram ajuda regular com os filhos/as	39%	--	--	--	54%	44%	40%	24%	31%

### **Em que nível de necessidade de conciliação se encontram as mulheres que estão a viver cada situação, que dificuldades têm para conciliar e o que valorizam no trabalho pago?**

Segundo o nível de necessidade de conciliação do trabalho pago com a vida pessoal/familiar, as situações em que as mulheres estão activas no mercado de trabalho podem classificar-se em quatro tipos:

- As duas situações que enfrentam sérias dificuldades para conciliar a vida familiar e o trabalho pago visto que quase todas (91%) se encontram no nível 5: “Em luta” e “Tudo sob controlo”.
- As duas situações em que a conciliação volta a ser possível pois muitas mulheres estão no nível 4: as “Realizadas” e as “Esgotadas”.
- A situação em que a conciliação é possível dado que se concentram no nível 3: as “Tu e eu podemos”.
- A situação em que conciliar é mais fácil pois ainda estão no nível 1 ou no 2: as “Eu posso”.

Entre as duas situações que se enfrentam as do nível 5, para aquelas cuja vida está “Em luta” é muito mais complicado devido às condições laborais do trabalho pago e, portanto, entre elas maximizam-se as que declararam que se não precisassem de dinheiro, não trabalhariam. O emprego ideal destas está muito mais concentrado que noutras situações em: um “bom salário” e que “lhe permita conciliar”.

Quando as mulheres passam ao nível 4, isto é, na situação em que as “Realizadas” e as “Esgotadas” estão a viver, no emprego ideal os aspectos que lhes “permita valorizar-se e desenvolver-se como pessoa” e “que se divirta a fazer esse trabalho” ganham relevância relativamente aos outros níveis.



● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>Base: Têm trabalho pago</b>		<b>(71%)</b>	<b>(7%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(89%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(85%)</b>	<b>(46%)</b>
			n=22							
<b>NÍVEIS DE NECESSIDADE DE CONCILIAÇÃO DO TRABALHO COM A VIDA FAMILIAR</b>	Nível 5 (Têm algum filho/a menor de idade)	39%	--	0%	6%	--	91%	91%	5%	10%
	Nível 4 (Todos os filhos/as são maiores de idade)	15%	--	0%	2%	--	9%	9%	49%	78%
	Nível 3 (Vivem com o companheiro/a e não têm filhos/as)	23%	--	87%	0%	--	0%	0%	31%	3%
	Nível 2 (Vivem sozinhas na sua própria casa)	11%	--	4%	43%	--	0%	0%	13%	7%
	Nível 1 (Vivem em casa dos pais)	12%	--	9%	49%	--	0%	0%	3%	2%
<b>GRAU PERCEBIDO DE INTERFERÊNCIA DO TRABALHO PAGO</b>	<b>A dedicação exigida pelo emprego actual ...</b>									
	... permite-lhe conciliar	72%	--	71%	69%	--	66%	76%	79%	80%
	... dificulta conciliar	22%	--	25%	25%	--	28%	20%	12%	14%
	... torna praticamente inviável a conciliação	6%	--	4%	6%	--	6%	4%	9%	6%
<b>GRAU DE CENTRALIDADE DO TRABALHO PAGO</b>	Trabalhariam mesmo se não precisassem de dinheiro	23%	--	23%	28%	--	12%	25%	28%	15%
	Se não precisassem talvez continuassem a trabalhar	20%	--	22%	24%	--	22%	19%	12%	16%
	Se não precisassem talvez deixassem de trabalhar	21%	--	18%	18%	--	23%	21%	23%	22%
	Se não precisassem de dinheiro, não trabalhariam	36%	--	37%	30%	--	43%	35%	37%	47%
<b>EMPREGO IDEAL (Peso sobre 100 de cada aspecto)</b>	Que tenha um bom salário	460	--	464	429	--	563	440	404	453
	Que lhe permita conciliar o trabalho com a vida privada	370	--	387	253	--	440	473	324	183
	Que possa valorizar-se e desenvolver-se como pessoa	282	--	285	314	--	197	241	378	354
	Que se divirta a fazer esse trabalho	260	--	223	278	--	242	235	306	363
	Que lhe ofereça estabilidade contratual/ emprego	162	--	153	211	--	159	147	148	169
	Que lhe permita desenvolver uma carreira profissional	160	--	208	193	--	126	154	116	100
	Que esteja perto de casa / demore pouco a chegar	119	--	115	111	--	135	114	81	214
Que os valores da empresa estejam próximos dos seus	84	--	61	112	--	31	95	140	63	
<b>Base: Têm trabalho pago e vivem com um homem que também trabalha</b>		<b>(39%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(78%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(53%)</b>	<b>(75%)</b>	<b>(48%)</b>	<b>(11%)</b>
			n=26							
<b>HORÁRIO DE TRABALHO DO CASAL</b>	Os dois têm um horário que lhes permite conciliar o trabalho pago com a vida familiar	57%	--	57%	--	--	47%	57%	70%	--
	Só ela tem um horário que lhe permite conciliá-los	15%	--	14%	--	--	18%	19%	5%	--
	Só ele tem um horário que lhe permite conciliá-los	15%	--	17%	--	--	22%	11%	10%	--
	Os dois têm um horário que torna praticamente inviável a conciliação	13%	--	12%	--	--	13%	13%	15%	--

### **Parte do trabalho não pago e das despesas familiares suportadas pelas mulheres que estão a viver cada situação**

As duas situações em que se conta com mais ajuda remunerada para as tarefas domésticas são as “Tudo sob controlo” e as “Realizadas”. As duas situações em que se tem menos ajuda são as “Em luta” e as “Resignadas”.

No que diz respeito à partilha entre a mãe e o pai dos cuidados e da educação dos/das filhos/as, as situações mais desequilibradas são as mesmas em que se tem menos ajuda remunerada, as “Resignadas” e as “Em luta”: a mãe encarrega-se cinco vezes mais que o pai na primeira situação (84% relativamente a 16%) e quatro vezes mais na segunda (80% relativamente a 20%). Nas outras três situações, a mãe encarrega-se o triplo das vezes que o pai.

No que se refere à partilha entre a mulher e o companheiro das tarefas domésticas, a situação mais desequilibrada é a das “Esgotadas” (elas fazem 82%) e as menos desequilibradas são a das “Tu e eu podemos” e a das “Tudo sob controlo” (elas fazem 71%). Contudo, nestas situações a mulher ainda faz quase o triplo do/a companheiro/a.

Quando as tarefas domésticas e os cuidados e educação dos/das filhos/as, quando os têm, são tidos em consideração no seu conjunto, vemos que as situações em que há mais mulheres a fazer sozinhas todo o trabalho não pago da família são as “Esgotadas” (50%), as “Em luta” (44%) e as “Resignadas” (40%).

Quando a contribuição em tempo de cada membro do casal é comparada com o contributo em dinheiro, a situação das “Esgotadas” e das “Em luta” torna-se ainda mais desequilibrada visto que, em 60% dos casais, elas contribuem com o mesmo ou mais do que eles para as despesas da família.

● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>TEM AJUDA REMUNERADA</b>	Têm ajuda remunerada para as tarefas domésticas	15%	15%	15%	16%	4%	3%	21%	23%	15%
	Não têm ajuda remunerada	85%	85%	85%	84%	96%	97%	79%	77%	85%
<b>Base: Tem filhos/as</b>		<b>(53%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(8%)</b>	<b>(53%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(61%)</b>	<b>(86%)</b>
<b>DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS/AS NO CASAL</b>	Mulheres SOZINHAS nas tarefas dos filhos/as (Ela encarrega-se 9 ou 10 vezes em cada 10)	30%	--	--	--	47%	34%	26%	23%	19%
	Casais ASSIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se 7 ou 8 vezes em cada 10)	35%	--	--	--	29%	36%	34%	36%	44%
	Casais SIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se de 0 a 6 vezes em cada 10)	35%	--	--	--	24%	30%	40%	41%	37%
	% média de vezes que realiza as tarefas...   A mulher	78%	--	--	--	84%	80%	75%	74%	75%
	O homem	22%	--	--	--	16%	20%	25%	26%	25%
<b>Base: Vivem com um homem</b>		<b>(56%)</b>	<b>(1%)</b>	<b>(83%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(59%)</b>	<b>(70%)</b>	<b>(83%)</b>	<b>(75%)</b>	<b>(44%)</b>
<b>DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS NO CASAL</b>	Mulheres SOZINHAS nas tarefas domésticas (Ela encarrega-se 9 ou 10 vezes em cada 10)	31%	--	20%	--	41%	44%	25%	30%	50%
	Casais ASSIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se 7 ou 8 vezes em cada 10)	39%	--	41%	--	39%	31%	43%	41%	35%
	Casais SIMÉTRICOS na partilha (Ela encarrega-se de 0 a 6 vezes em cada 10)	30%	--	39%	--	20%	25%	32%	29%	15%
	% média de vezes que realiza as tarefas...   A mulher	74%	--	71%	--	79%	78%	71%	74%	82%
	O homem	23%	--	26%	--	20%	21%	24%	22%	15%
A ajuda remunerada	3%	--	3%	--	1%	1%	5%	4%	3%	
<b>SÍNTESE DA CONTRIBUIÇÃO DE CADA MEMBRO DO CASAL EM TEMPO</b>	Ela faz SOZINHA todo o trabalho não pago	33%	--	20%	--	41%	49%	28%	33%	53%
	Ela faz MAIS trabalho não pago do que ele	42%	--	41%	--	38%	36%	47%	43%	40%
	Ele e ela fazem O MESMO trabalho não pago	23%	--	37%	--	21%	9%	25%	22%	7%
	Ele faz mais trabalho não pago do que ela	2%	--	2%	--	0%	6%	0%	2%	0%
<b>SÍNTESE DA CONTRIBUIÇÃO DE CADA MEMBRO DO CASAL EM DINHEIRO</b>	Ela paga SOZINHA as despesas familiares	4%	--	2%	--	2%	6%	2%	2%	3%
	Ela contribui com MAIS dinheiro do que ele para as despesas da família	14%	--	15%	--	5%	14%	15%	17%	23%
	Ela e ele contribuem com O MESMO	50%	--	62%	--	37%	40%	50%	49%	34%
	Ele contribui com mais dinheiro do que ela para as despesas da família	32%	--	21%	--	56%	40%	33%	32%	40%

### **Violência/assédio experimentados e situação económica das mulheres que estão a viver cada situação**

As mulheres que estão a viver na situação das “Realizadas” são as que em menor proporção tiveram que enfrentar a violência doméstica e de género ou o assédio no trabalho. No extremo oposto, a situação em que mais mulheres as experimentaram são as que estão a viver na situação das “Resignadas”.

A situação em que as mulheres têm mais dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês são as “Em luta”. Nesta situação, declararam que gastam, em média, 93% dos rendimentos familiares. No extremo oposto, a situação em que as mulheres têm menos dificuldades em fazer o dinheiro chegar até ao fim do mês são as “Tu e eu podemos”. Nesta situação, declararam que gastam, em média, 79% dos rendimentos familiares.

As situações seguintes em que se consegue fazer chegar melhor o dinheiro até ao fim do mês são as “Tudo sob controlo” e as “Realizadas”. As mulheres que integram estas duas situações são também as que têm um maior número de pais e mães totalmente independentes do ponto de vista económico.

Entre as “Esgotadas”, dispara o número de mulheres que declararam que o pai ou a mãe precisa de ajuda económica de forma regular ou pontualmente.

● Situação vital em que cada categoria tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria tem os valores mínimos

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)								
<b>TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÉNERO QUE SOFRERAM</b>	Sofreram violência física e/ou sexual	17%	20%	17%	21%	20%	19%	13%	20%								
	Sofreram violência psicológica (não física/sexual)	19%	17%	17%	21%	25%	22%	14%	21%								
	Nunca sofreram nenhum tipo de violência doméstica	59%	61%	59%	53%	47%	52%	69%	53%								
	Preferem não responder	5%	2%	7%	5%	8%	7%	4%	6%								
<b>Base: Têm experiência no mercado de trabalho</b>		<b>(91%)</b>	<b>(23%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(91%)</b>	<b>(99%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(95%)</b>								
<b>SÍNTESE DAS SITUAÇÕES DE ASSÉDIO NO TRABALHO</b>	Situações de assédio <b>moral e sexual</b>	9%	n=60	9%	9%	14%	8%	9%	2%	12%							
	Situações de assédio <b>sexual</b>	7%	--	7%	6%	5%	8%	6%	5%	8%							
	Situações de assédio <b>moral</b>	26%	--	30%	30%	33%	29%	25%	15%	23%							
	Nunca passaram por nenhuma destas situações	53%	--	49%	51%	38%	51%	55%	77%	55%							
Preferem não responder	5%	--	5%	4%	10%	4%	5%	1%	2%								
<b>Base: Vivem na casa delas</b>		<b>(73%)</b>	<b>(3%)</b>	<b>(82%)</b>	<b>(46%)</b>	<b>(67%)</b>	<b>(84%)</b>	<b>(93%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(91%)</b>							
<b>PERCENTAGEM DOS RENDIMENTOS FAMILIARES QUE GASTAM</b>	Gastam menos de 60% dos rendimentos	12%	n=10	19%	6%	16%	3%	11%	19%	3%							
	Entre 61% e 70%	7%	--	13%	7%	3%	3%	7%	4%	11%							
	Entre 71% e 80%	22%	--	23%	20%	23%	9%	28%	32%	12%							
	Entre 81% e 90%	20%	--	19%	20%	13%	20%	23%	19%	24%							
	Entre 91% e 99%	13%	--	7%	10%	15%	21%	12%	11%	20%							
	100% dos rendimentos	26%	--	19%	37%	30%	44%	19%	15%	30%							
% média que gastam	85%	--	79%	88%	83%	93%	84%	81%	89%								
<b>TÊM DIFICULDADE EM FAZER CHEGAR O DINHEIRO ATÉ AO FIM DO MÊS</b>	Nunca	12%	44	20%	60	8%	38	6%	30	2%	13	16%	53	17%	65	8%	35
	Quase nunca	32%	--	40%	30%	24%	30%	11%	13	37%	53	48%	65	27%	35		
	Quase sempre	40%	--	31%	37%	50%	56%	36%	28%	46%							
	Sempre	16%	--	9%	25%	20%	31%	11%	7%	19%							
<b>Base: O pai e/ou a mãe estão vivos e têm relação com eles</b>		<b>(86%)</b>	<b>(97%)</b>	<b>(92%)</b>	<b>(94%)</b>	<b>(83%)</b>	<b>(91%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(64%)</b>	<b>(55%)</b>							
<b>GRAU DE DEPENDÊNCIA ECONÓMICA DOS PAIS</b>	Algum dos dois precisa <b>regularmente</b> de ajuda	7%	6%	6%	9%	6%	8%	3%	3%	23%							
	Algum dos dois precisa <b>pontualmente</b> de ajuda	11%	14%	7%	13%	11%	13%	7%	8%	17%							
	O pai e a mãe são totalmente independentes economicamente	75%	67%	77%	71%	73%	68%	87%	89%	58%							
	Pai e mãe têm situações económicas distintas	7%	13%	10%	7%	10%	11%	3%	0%	2%							

### **Até que ponto se sentem felizes as mulheres que estão a viver cada situação?**

O grau de cumprimento das expectativas com a vida é muito diferente entre as situações identificadas: aquelas entre as quais as expectativas foram muito para além do que esperavam ou foram ultrapassadas maximizam-se entre as “Tu e eu podemos” e as “Tudo sob controlo”. No extremo oposto, há três situações em que a maioria das mulheres se situa no cenário das que a vida está abaixo ou muito abaixo das expectativas: “Eu posso”, “Em luta” e “Esgotadas”.

A situação em que as mulheres se sentem mais felizes com a vida são as “Realizadas”. Entre elas, não só se alcança o valor mais elevado da felicidade média com a vida (8,5) como também se consegue o valor médio mais elevado em 11 das 13 «facetas» da vida das mulheres consideradas.

No extremo oposto, as “Esgotadas” são as que se sentem menos felizes com a vida (5,9, em média). É entre elas que se dá o valor mais reduzido da felicidade em 9 das 13 «facetas» consideradas.

As “Tudo pela frente” que têm companheiro/a sentem-se bastante realizadas com a relação de casal. Entre elas, atinge-se o valor máximo de felicidade com a relação de casal.

As situações em que mais mulheres se arrependem da sua relação de casal são as “Eu posso” e as “Resignadas” (13% em ambas as situações).

A situação em que há mais mães que se arrependem de ter tido filhos/as são as “Esgotadas”. No extremo oposto, a situação em que há mais mães realizadas com a maternidade são as “Resignadas”, as “Realizadas” e as “Tudo sob controlo”.

Nada feliz ☹️                      Muito feliz 😊

Escola utilizada: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

		Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS COM A VIDA</b>	Muito para além/ultrapassou as expectativas	14%	14%	21%	12%	14%	7%	23%	15%	5%
	De acordo com as expectativas	28%	29%	30%	23%	25%	23%	29%	37%	21%
	Abaixo/muito abaixo das expectativas	51%	48%	43%	62%	54%	65%	39%	34%	67%
	Não tinha nenhuma expectativa	7%	9%	6%	3%	7%	5%	9%	14%	7%
<b>TIPOLOGIA DE MULHERES EM FUNÇÃO DO GRAU DE FELICIDADE COM A VIDA</b>	Muito felizes com a vida	25%	19%	30%	18%	22%	17%	35%	51%	0%
	Felizes com a vida	22%	17%	25%	17%	17%	14%	26%	33%	25%
	Quase felizes com a vida	20%	24%	18%	24%	17%	20%	21%	12%	20%
	Infelizes com a vida	33%	40%	27%	41%	44%	49%	18%	4%	55%
	Grau médio de felicidade com a vida	7,1	6,8	7,6	6,6	6,4	6,8	7,8	8,5	5,9
<b>GRAU DE FELICIDADE MÉDIO COM AS "FACETAS" AVALIADAS SOBRE A VIDA DAS MULHERES (1)</b>	Os filhos/as	9,4	--	--	--	9,6	9,3	9,5	9,7	8,9
	As amigas	8,4	8,4	8,5	8,2	8,2	8,1	8,6	8,9	7,5
	Os amigos	8,3	8,4	8,5	8,0	8,2	7,9	8,5	8,8	7,8
	O companheiro/a	8,1	8,6	8,3	8,1	8,2	7,6	8,2	8,3	7,1
	A mãe	8,0	8,3	8,5	7,8	8,0	7,7	8,1	8,6	6,8
	Os irmãos/ãs	7,7	7,8	8,1	7,6	7,4	7,2	8,0	8,3	6,5
	O pai	7,6	7,5	7,7	7,1	7,7	7,1	8,0	8,4	6,9
	A saúde	6,8	7,0	6,8	6,9	6,5	6,2	7,1	7,6	5,8
	O sogro	6,8	--	7,0	--	6,7	6,2	6,8	7,3	6,7
	A sogra	6,5	--	6,7	--	6,6	5,5	6,7	7,1	6,0
	O tempo para si e os seus passatempos	6,3	6,1	6,2	6,3	6,7	5,6	6,4	7,3	5,9
	O trabalho pago	6,1	--	6,2	5,8	--	5,5	6,4	6,8	5,2
	O aspecto físico	6,0	5,6	6,1	6,2	6,2	5,1	6,3	6,8	5,5
<b>Base: Têm companheiro</b>		<b>(71%)</b>	<b>(48%)</b>	<b>(95%)</b>	<b>(34%)</b>	<b>(73%)</b>	<b>(77%)</b>	<b>(90%)</b>	<b>(80%)</b>	<b>(51%)</b>
<b>GRAU DE REALIZAÇÃO COM A RELAÇÃO DE CASAL</b>	"Arrependem-se" da relação de casal	7%	8%	7%	13%	13%	6%	6%	4%	9%
	Sentem-se "enganadas" com a relação de casal	20%	10%	16%	22%	13%	30%	18%	15%	42%
	Sentem-se "realizadas" com a relação de casal	73%	82%	77%	65%	74%	64%	76%	81%	49%
<b>Base: Têm filhos/as</b>		<b>(53%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(0%)</b>	<b>(8%)</b>	<b>(53%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(100%)</b>	<b>(61%)</b>	<b>(86%)</b>
<b>GRAU DE REALIZAÇÃO COM A MATERNIDADE</b>	Mães "arrependidas"	5%	--	--	n=28 --	2%	4%	4%	2%	9%
	Mães "não realizadas"	13%	--	--	--	7%	15%	10%	10%	24%
	Mães "realizadas"	82%	--	--	--	91%	81%	86%	88%	67%

(1) Cada "faceta" foi analisada entre as mulheres por ela afectadas.

## O que pensam da maternidade as mulheres que estão a viver cada situação?

As situações com uma posição mais extrema relativamente à maternidade são:

- As “Em luta”, que são as mais orientadas para a maternidade. Quase todas declararam que gostam muito de crianças e que ser mãe é o que de melhor pode acontecer a uma mulher.
- As “Tudo pela frente” e as “Eu posso”, que são as menos orientadas para a maternidade.

A situação em que mais mulheres concordam com a afirmação “Os pais e as mães deveriam lembrar os/as filhos/as que pensem bem antes de ter crianças, porque a maternidade/paternidade é para toda a vida” são as “Resignadas” e a situação onde menos concordam são as “Tudo sob controlo”.

A situação com maior número de mulheres que concordam com o facto de que “seria uma boa ideia se, antes de ter o/a primeiro filho/a, se pudesse assistir a aulas onde seriam dadas as recomendações de base” é a das “Tudo pela frente”.

Entre as “Esgotadas”, alcança-se o valor mais elevado de acordo com quatro das oito afirmações consideradas. E entre as “Em luta”, dá-se o valor mais baixo de acordo com quatro das oito.

● Situação vital em que cada categoria/afirmação tem os valores máximos  
○ Situação vital em que cada categoria/afirmação tem os valores mínimos

**TIPOLOGIA DE MULHERES SEGUNDO O GRAU DE CENTRALIDADE DA MATERNIDADE**

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
Muito orientadas para a maternidade	34%	21%	30%	12%	39%	50%	42%	39%	35%
Orientadas para a maternidade	44%	40%	42%	48%	41%	42%	46%	41%	48%
Pouco orientadas para a maternidade	22%	39%	28%	40%	20%	8%	12%	20%	17%

**PERCENTAGEM DE MULHERES QUE CONCORDAM “MUITO” OU “TOTALMENTE” COM CADA AFIRMAÇÃO**

Escala utilizada:

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
---------------------	----------------	-------------------	-------------------	----------------	---------------------

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
Gosto muito de crianças	77%	58%	73%	62%	84%	89%	85%	78%	81%
Ser mãe é o que de melhor pode acontecer a uma mulher	71%	54%	63%	48%	70%	90%	83%	73%	76%
Os pais e as mães deveriam lembrar aos filhos/às filhas que pensem bem antes de ter crianças, porque a maternidade/paternidade é para a vida toda	68%	71%	70%	64%	75%	71%	60%	69%	68%
Nas famílias actuais os pais e as mães têm muita dificuldade em dizer NÃO aos filhos/às filhas, pelo que os filhos/as filhas acabam por acreditar que os seus “desejos” são os seus “direitos”	66%	64%	74%	68%	70%	57%	55%	70%	73%
A qualidade do tempo que se dedica aos filhos/às filhas é muito mais importante do que a quantidade de tempo que lhes é dedicada	65%	54%	64%	62%	65%	59%	72%	71%	69%
Os pais e as mães devem assegurar aos filhos/às filhas, no mínimo, o mesmo nível de condições que os seus próprios pais lhes proporcionaram	54%	50%	53%	49%	59%	50%	55%	60%	59%
É preferível ter um filho/uma filha com mais oportunidades e menos restrições do que ter mais filhos/as	45%	46%	52%	46%	49%	36%	38%	45%	52%
Educar filhos/as é muito complicado, pelo que seria uma boa ideia se, antes de ter o primeiro filho/a primeira filha, se pudesse assistir a aulas nas quais fossem dadas as recomendações de base	38%	50%	44%	36%	38%	31%	34%	38%	41%

### **O que pensam das tarefas domésticas, da mulher no mercado de trabalho e das relações homem-mulher, as mulheres que estão a viver cada situação?**

As duas situações em que a percentagem das “fãs das tarefas domésticas” é mais elevada é entre as “Resignadas” e as “Realizadas”. No extremo oposto, as situações em que a percentagem das “antitarefa domésticas” atinge o seu valor máximo são as “Eu posso” e as “Em luta”.

A situação em que há menos mulheres que concordam muito ou totalmente com as afirmações relativas à mulher e ao trabalho é a das mulheres mais jovens que ainda não se incorporaram no mercado de trabalho: as “Tudo pela frente”. No extremo oposto, a situação em que há mais mulheres a concordar com estas afirmações são as “Realizadas”.

A situação em que se atinge o máximo de mulheres que concordam muito ou totalmente com a afirmação de que “Ser dona de casa é tão gratificante como ter um emprego” é a das “Resignadas”.

Nas quatro afirmações avaliadas no estudo sobre as relações homem-mulher, as mulheres mais jovens são mais optimistas do que as mais velhas relativamente ao papel dos homens:

- As que mais concordam com a afirmação “De uma forma geral, os pais são capazes de cuidar dos/das filhos/as tão bem como as mães”, são duas das situações das mulheres que não têm filhos/as: as “Tudo pela frente” e as “Tu e eu podemos”. No extremo oposto, as que menos concordam são as que estão a viver na situação “Em luta”.

- As que menos concordam com a afirmação “Muitos homens utilizam o seu papel de contribuinte principal para o orçamento familiar como alibi para não participar nas tarefas domésticas nem no cuidado de filhos/as ou de pessoas idosas da família” são as “Tu e eu podemos” e as que mais concordam, as “Eu posso”.
- As que menos concordam com a afirmação “a maior parte dos homens não aceita muito bem que a companheira contribua com mais dinheiro do que ele para o orçamento familiar” são as “Tudo pela frente” e as “Tu e eu podemos” e as que mais concordam, as “Em luta” e as “Esgotadas”.
- As que menos concordam com a afirmação “nas discussões do casal, as mulheres costumam ceder mais do que os homens” são as “Tudo pela frente” e as “Tu e eu podemos” e as que mais concordam, as “Realizadas”.

● Situação vital em que cada categoria/afirmação tem os valores máximos

○ Situação vital em que cada categoria/afirmação tem os valores mínimos

### ATITUDE PERANTE AS TAREFAS DOMÉSTICAS

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
Fãs das tarefas domésticas	30%	29%	21%	28%	49%	20%	26%	43%	31%
Tolerantes com as tarefas domésticas	48%	51%	60%	42%	42%	49%	48%	36%	49%
Antitarefa domésticas	22%	20%	19%	30%	9%	31%	26%	21%	20%

### PERCENTAGEM DE MULHERES QUE CONCORDAM “MUITO” OU “TOTALMENTE”

Escala utilizada:

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
---------------------	----------------	-------------------	-------------------	----------------	---------------------

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
<b>COM CADA AFIRMAÇÃO SOBRE A MULHER E O TRABALHO:</b>									
As mulheres têm dificuldades em progredir hierarquicamente porque a maioria das empresas são dirigidas por homens e estes preferem promover outro homem	54%	52%	47%	51%	48%	54%	59%	57%	61%
Uma legislação laboral como a actual, que protege as mulheres mais do que os homens, acaba por prejudicar as mulheres, porque menos entidades empregadoras as contratam (1)	28%	22%	28%	23%	32%	30%	26%	33%	29%
Ser dona de casa/doméstica é tão gratificante como ter um emprego	25%	19%	31%	25%	33%	26%	26%	25%	11%
Não há mais mulheres em cargos de direcção de topo porque a maior parte das mulheres não está disposta a renunciar a uma parte significativa da sua vida pessoal	21%	13%	21%	19%	22%	27%	24%	25%	15%
Os/as filhos/as das mulheres que trabalham são pior cuidados/as do que os/as filhos/as das mulheres que não trabalham	8%	6%	6%	7%	11%	5%	4%	15%	12%
<b>COM CADA AFIRMAÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES MULHER-HOMEM:</b>									
De uma forma geral, os pais são capazes de cuidar dos/as filhos/as tão bem como as mães	60%	69%	70%	62%	62%	44%	56%	66%	53%
Muitos homens utilizam o papel de contribuinte principal para o orçamento familiar como álibi para não participar nas tarefas domésticas nem no cuidado de filhos/as ou de pessoas idosas da família	37%	37%	28%	44%	39%	40%	33%	39%	40%
A maior parte dos homens não aceita muito bem que a companheira contribua com mais dinheiro do que ele para o orçamento familiar	33%	29%	28%	35%	32%	38%	32%	33%	43%
Nas discussões do casal, as mulheres costumam ceder mais do que os homens	31%	19%	25%	31%	36%	37%	27%	41%	34%

(1) Por vias de políticas de parentalidade.

**Até que ponto reflectem sobre a vida e concordam com os conselhos analisados as mulheres que estão a viver cada situação?**

As mais reflexivas, pois a maioria já tinha pensado em muitas das perguntas que lhe foram colocadas na investigação, são as que estão a viver nas situações: “Eu posso” e “Tudo sob controlo”. No extremo oposto, as menos reflexivas, pois a maioria nunca tinha feito anteriormente estas perguntas a si próprias, são: as “Tudo pela frente” e as “Em luta”. Nas restantes situações, as mulheres dividem-se em duas partes iguais entre ambas as opções.

As situações em que há mais mulheres que pensam que os conselhos analisados são muito bons conselhos são as duas situações onde há mulheres mais jovens: “Tudo pela frente” e “Tu e eu podemos”.

A única excepção é o conselho relativo a “As supermulheres”: a situação em que o conselho é mais valorizado é entre as “Tudo sob controlo”.

A situação em que há menos mulheres que pensam que os conselhos analisados são muito bons conselhos são duas: “Em luta” (as que têm a maior proporção de mulheres que deixaram de estudar no ensino básico) e as “Esgotadas” (as que se sentem menos felizes com a vida).

 Situação vital em que cada categoria/afirmação tem os valores máximos  
 Situação vital em que cada categoria/afirmação tem os valores mínimos

### PERCENTAGEM DE MULHERES QUE CONCORDAM COM CADA AFIRMAÇÃO

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
Este inquérito fez-me pensar sobre muitas perguntas que nunca me tinha colocado anteriormente	53%		51%		51%			52%	52%
Eu já tinha pensado sobre a maioria das perguntas aqui consideradas	47%		49%		49%			48%	48%

### PERCENTAGEM DE MULHERES QUE CONSIDERAM QUE CADA UM DOS 7 CONSELHOS AVALIADOS É UM “MUITO BOM CONSELHO”

**Escala utilizada:**

Muito mau conselho	Mau conselho	Bom conselho	<b>Muito bom conselho</b>
--------------------	--------------	--------------	---------------------------

	Total de mulheres (100%=100%)	Tudo pela frente (9%=100%)	Tu e eu podemos (16%=100%)	Eu posso (12%=100%)	Resignadas (11%=100%)	Em luta (13%=100%)	Tudo sob controlo (18%=100%)	Realizadas (11%=100%)	Esgotadas (10%=100%)
Não acumules erros: se a tua relação não está bem, não tentes ter um filho/uma filha para resolver o problema	61%		63%	65%	60%	60%	63%	61%	
Nunca deixes de ter vida própria: dedica sempre “algum tempo” àquilo que realmente gostas de fazer	52%	53%		50%	51%		55%	51%	50%
Nunca dês a tua relação de casal como “garantida”: tenta esforçar-te todos os dias como fazias no início	45%	51%		44%	42%	38%	49%	41%	
Antes de dar um passo decisivo com o teu companheiro, fala com ele dos assuntos que para ti são relevantes. Não assumas que concordará contigo quando chegar a altura	39%		45%	43%	35%		38%		
Lembra-te que as supermulheres não existem. Não é possível ser a mãe perfeita, esposa perfeita, amante perfeita, filha perfeita e, ainda, conseguir o trabalho dos teus sonhos. Decide aquilo a que vais dar prioridade e sê coerente	33%	31%	34%		35%	30%		36%	37%
Se tens filhos/as, lembra-te que o pai existia antes deles/delas. Cuida também dele	32%	35%		35%	29%		31%	33%	25%
Se o teu trabalho é muito importante para ti e decides ter filhos/as, organiza a tu a vida familiar e a tua casa de forma coerente antes de os/as ter	24%		27%	27%	23%		22%	29%	19%

## Coordenação

### **SAGNIER, Laura**

Nasceu em Barcelona em 1966. É licenciada em Ciências Económicas e Empresariais pela Universidade de Barcelona. Tem 30 anos de experiência em *market intelligence*, tanto ao nível empresarial como no campo do ensino. Juntou-se à equipa da PRM Market Intelligence ainda como estudante e, mais tarde, ocupou a posição de sócia-directora durante seis anos. Tem dirigido projectos numa grande variedade de sectores, tanto em Portugal, como em mais de 20 países da Europa, América do Norte, América do Sul, Ásia e África.

### **MORELL, Alex**

Nasceu em Lleida em 1972. É licenciado em Psicologia e Sociologia pela Universidade de Barcelona e pós-graduado em *International Marketing* pela INSEAD Business School. Tem 20 anos de experiência em *market intelligence*, tanto profissionalmente como no campo do ensino. É o actual sócio-director da PRM, desde 2015.

## Consultoras da PRM

### **MESA, Marta**

Nasceu em Barcelona em 1972. É mestre em Ciências Empresariais e licenciada em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade de Barcelona. É professora de *market research* em cursos e mestrados da Universidade de Barcelona e da Universidade Aberta da Catalunha (UOC). Faz parte da PRM há 23 anos e actualmente é chefe de projectos sénior.

### **BAUMBERGER, Beatrice**

Nasceu em Miami, Estados Unidos da América, em 1995. É licenciada em Ciências da Engenharia Biomédica com especialização em inovação tecnológica pela Boston University. Faz parte da equipa da PRM há um ano e actualmente é consultora júnior.

## Analistas da PRM

### **MORCILLO, Raúl**

Nasceu em Barcelona em 1976. É mestre em Estatística pela Universidade de Barcelona e licenciado em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade Aberta da Catalunha (UOC). Faz parte da equipa da PRM há 15 anos.

### **TORRES, Emilio**

Nasceu em Barcelona em 1981. É mestre em Estatística pela Universidade de Barcelona e licenciado em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade Aberta da Catalunha (UOC). Faz parte da equipa da PRM há 9 anos.

## Equipa de produção da PRM

### **TORRES, Susana**

Nasceu em Barcelona em 1975. Técnica Especialista pelo IES Provençana. Faz parte da equipa da PRM há 20 anos.

### **YANGUAS, Gloria**

Nasceu em Barcelona em 1977. É licenciada em Tradução e Interpretação pela Universidade Autónoma de Barcelona e pós-graduada em Direcção de Marketing e Investigação do Consumidor pela Universidade Aberta da Catalunha (UOC). Faz parte da equipa da PRM há 18 anos.

## Consultoras científicas

### **PERISTA, Heloísa**

É socióloga, doutorada pela Universidade de Leeds, e investigadora sénior no CESIS. Temáticas como a igualdade de género no trabalho e no emprego, bem como a articulação entre trabalho pago e não pago de cuidado, na perspectiva do uso do tempo das mulheres e dos homens, assumem especial destaque no âmbito da sua actividade de investigação, com uma experiência de mais de três décadas. É docente e formadora no domínio da Igualdade de Género em inúmeros cursos pós-graduados. Como perita, tem colaborado com os mecanismos oficiais para a igualdade em Portugal e com agências europeias, como o EIGE, a Eurofound e a FRA.

### **CASACA, Sara Falcão**

Acompanhou, como consultora científica, a fase de *design* da amostra, bem como a validação do questionário a aplicar. Professora associada com agregação no ISEG-ULisboa, coordena o projeto Women on Boards: An Integrative Approach (financiado pela FCT e MCTES). Doutorada em Sociologia Económica e das Organizações, é investigadora do SOCIUS/CSG, onde coordena a linha de investigação Organizações, Trabalho, Emprego e Género. Coordenou o projecto “Break Even” (2014-2016), destinado a promover a igualdade de género nas empresas. Foi presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, em 2010. Tem colaborado como perita em Igualdade de Género com os mecanismos oficiais para a Igualdade e agências nacionais, europeias e internacionais.

## Fundação Francisco Manuel dos Santos Estudos Publicados

### Economia

#### O Cadastro e a Propriedade Rústica em Portugal

Coordenado por Rodrigo Sarmento de Beires; 2013.

#### Custos e preços na Saúde: passado, presente e futuro

Coordenado por Carlos Costa; 2013.

#### 25 anos de Portugal Europeu: a economia, a sociedade e os fundos estruturais

Coordenado por Augusto Mateus; 2013.

#### Que economia queremos?

Coordenado por João Ferrão; 2014.

#### A economia do futuro: a visão de cidadãos, empresários e autarcas

Coordenado por João Ferrão; 2014.

#### Três décadas de Portugal Europeu: balanço e perspectivas

Coordenado por Augusto Mateus; 2015.

#### Empresas privadas e municípios: dinâmicas e desempenhos

Coordenado por José Tavares; 2016.

#### Investimento em infra-estruturas em Portugal

Coordenado por Alfredo Marvão Pereira; 2016.

#### Benefícios do Ensino Superior

Coordenado por Hugo Figueiredo e Miguel Portela; 2017.

#### Diversificação e crescimento da economia portuguesa

Coordenado por Leonor Sopas; 2018.

#### Dinâmica empresarial e desigualdade

Coordenado por Rui Baptista; 2018.

#### Encerramento de multinacionais: o capital que fica

Coordenado por Pedro de Faria; 2018.

### Instituições

#### Droga e Propinas: avaliações de impacto legislativo

Coordenado por Ricardo Gonçalves; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: a citação do réu no processo civil

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: factos e números

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: gestão processual e oralidade

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: meios de resolução alternativa de litígios

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: novo modelo processual

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: o sistema judiciário

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: produção de prova

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: recuperação do IVA

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Justiça Económica em Portugal: síntese e propostas

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

#### Segredo de Justiça

Coordenado por Fernando Gascón Inchausti; 2013.

#### Feitura das Leis: Portugal e a Europa

Coordenado por João Caupers, Marta Tavares de Almeida e Pierre Guibentif; 2014.

#### Portugal nas decisões europeias

Coordenado por Alexander Trechsel, Richard Rose; 2014.

#### Valores, Qualidade Institucional e Desenvolvimento em Portugal

Coordenado por Alejandro Portes e M. Margarida Marques; 2015.

#### O Ministério Público na Europa

Coordenado por José Martín Pastor, Pedro Garcia Marques e Luís Eloy Azevedo; 2015.

#### Juízes na Europa: formação, selecção, promoção e avaliação

Coordenado por Carlos Gómez Ligüerre; 2015.

#### Limitação de mandatos: o impacto nas finanças locais e na participação eleitoral

Coordenado por Francisco Veiga e Linda Veiga; 2017.

#### O Estado por dentro: uma etnografia do poder e da administração pública em Portugal

Coordenado por Daniel Seabra Lopes; 2017.

#### O impacto económico dos fundos europeus: a experiência dos municípios portugueses

Coordenado por José Tavares; 2017.

#### Orçamento, economia e democracia: uma proposta de arquitetura institucional

Coordenado por Abel M. Mateus; 2018.

## Sociedade

### Como se aprende a ler?

Coordenado por Isabel Leite; 2010.

### Fazer contas ensina a pensar?

Coordenado por António Bivar; 2010.

### Desigualdade económica em Portugal

Coordenado por Carlos Farinha Rodrigues; 2012.

### Projeções 2030 e o futuro

Coordenado por Maria Filomena Mendes e Maria João Valente Rosa; 2012.

### Envelhecimento activo em Portugal: trabalho, reforma, lazer e redes sociais

Coordenado por Manuel Villaverde Cabral; 2013.

### Escolas para o século XXI: liberdade e autonomia na educação

Coordenado por Alexandre Homem Cristo; 2013.

### Informação e Saúde

Rita Espanha; 2013.

### Informação e Saúde

Coordenado por Rita Espanha; 2013.

### Literatura e ensino do português

Coordenado por José Cardoso Bernardes e Rui Afonso Mateus; 2013.

### Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida

Coordenado por Manuel Villaverde Cabral; 2013

### Que ciência se aprende na escola?

Coordenado por Margarida Afonso; 2013.

### Inquérito à Fecundidade 2013

INE e FFMS; 2014.

### A Ciência na Educação Pré-Escolar

Coordenado por Maria Lúcia Santos, Maria Filomena Gaspar, Sofia Saraiva Santos; 2014.

### Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa (1950-2011): evolução e perspectivas

Coordenado por Mário Leston Bandeira; 2014.

### Ensino da leitura no 1.º ciclo do ensino básico: crenças, conhecimentos e formação dos professores

Coordenado por João A. Lopes; 2014.

### Ciência e Tecnologia em Portugal: Métricas e impacto (1995-2012)

Coordenado por Armando Vieira e Carlos Fiolhais; 2014.

### Mortalidade Infantil em Portugal: evolução dos indicadores e factores associados de 1988 a 2008

Coordenado por Xavier Barreto e José Pedro Correia; 2014.

### Os tempos na escola: estudo comparativo da carga horária em Portugal e noutros países

Coordenado por Maria Isabel Festas; 2014.

### Cultura científica em Portugal

Coordenado por António Granado e José Vítor Malheiros; 2015.

### O multimédia no ensino das ciências

Coordenado por João Paiva; 2015.

### O quinto compromisso: desenvolvimento de um sistema de garantia de desempenho educativo em Portugal

Coordenado por Margaret E. Raymond; 2015.

### Desigualdade do rendimento e pobreza em Portugal: as consequências sociais do programa de ajustamento

Coordenado por Carlos Farinha Rodrigues; 2016.

### Determinantes da fecundidade em Portugal

Coordenado por Maria Filomena Mendes; 2016.

### Será a repetição de ano benéfica para os alunos?

Coordenado por Luís Catela Nunes; 2016.

### Justiça entre gerações: perspectivas interdisciplinares

Coordenado por Jorge Pereira da Silva e Gonçalo Almeida Ribeiro; 2017.

### Migrações e sustentabilidade demográfica: perspectivas de evolução da sociedade e economia portuguesas

Coordenado por João Peixoto; 2017.

### Mobilidade social em Portugal

Coordenado por Teresa Bago d'Uva; 2017.

### Porque melhoraram os resultados do PISA em Portugal? Estudo longitudinal e comparado (2000-2015)

Coordenado por Anália Torres; 2018.

### Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu

Coordenado por Anália Torres; 2018.

### As mulheres em Portugal, hoje: quem são, o que pensam e como se sentem

Coordenado por Laura Sagnier e Alex Morell; 2019.



**FUNDAÇÃO**  
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS